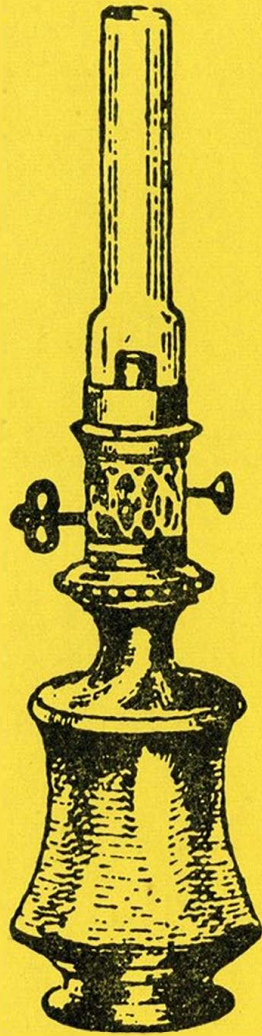
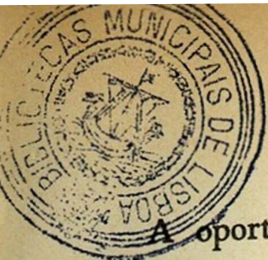


ALMANAQUE

setembro 1960







15.FEV.1961

A oportunidade, a justeza, a adesão às circunstâncias das aberturas de ALMANAQUE por mais de uma vez nos foram referidas mesmo por aqueles que eventualmente discordaram da sua substância. Isto agrada-nos mas produz uma falsa impressão: a de que os redactores de ALMANAQUE mantêm a sua inteligente perspicácia desperta e atenta sobre o que se passa no mundo e esperam até à véspera da publicação de cada número pesando dentro de si os argumentos que os levam a escolher por fim a abertura indicada para o dia, até para a hora, em que ALMANAQUE chega às mãos dos seus leitores.

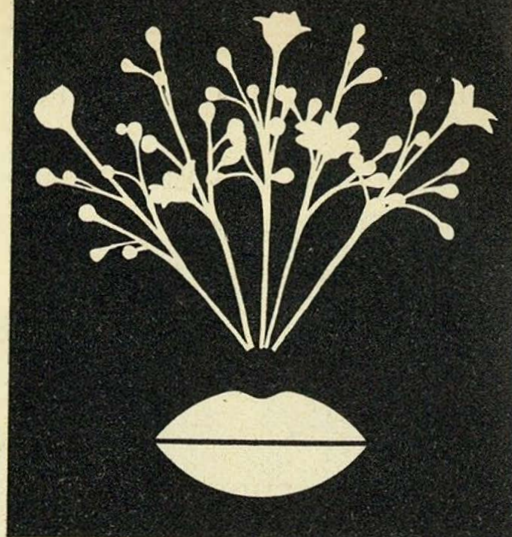
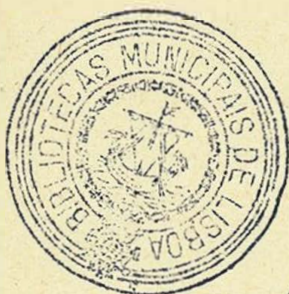
Pura ilusão. Sobre o mundo a inteligente perspicácia dos redactores de ALMANAQUE não se exerce com mais atenção que a de um sonolento agulheiro em dia de tragédia ferroviária. Com respeito ao dia e à hora, as exigências tipográficas obrigam-nos a preparar com tal antecedência os seus artigos que pode bem acontecer que por vezes os escrevam dirigindo-se no seu íntimo a leitores que à data da publicação já tenham morrido.

Como é isto possível? Num mundo tão rápido em que a balbúrdia de acontecimentos consecutivos e espalhados aos quatro ventos «font d'une morte recente une vieille nouvelle» como é possível que a dois meses de intervalo (e sem o socorro de pitonisas) os artigos de ALMANAQUE se mantenham actuais, não andando os seus redactores adiante do seu tempo como o andaram Sócrates, Thomas More ou Bernard Shaw?

É que os velhos problemas humanos continuam os mesmos e são esses que fundamentalmente prendem a nossa atenção. Bem nos rala a nós um antibiótico a mais, ou um novo foguetão no espaço, ou ainda outro Estado em grosseiros alardes de independência recente. Tanto se nos dá como se nos deu. E, graças a Deus que assim é. Assim podem os redactores de ALMANAQUE escrever com dois meses de antecedência coisas actuais passados dois decénios — pois se dirigem a essa bem-aventurada intemporalidade da alma portuguesa.



setembro / 60



ABERTURA	1	
CALENDARIO	6	
OS DESTINOS DO MÊS	10	o que tem de ser tem muita força
EFEMÉRIDES	17	o que passou para a história
PESCA	21	
ACTUALIDADES	24	o que não passa à história
FLORICULTURA	34	
FLOS-SANCTORUM	39	S. Cosme e S. Damião
OS AMANTES DE VENEZA	43	Musset e Georges Sand
O ANIMAL DO MÊS	48	A toupeira
EM PLENA ERA ATÓMICA	51	os esquimós continuam a viver na idade da pedra
DESESPERO	56	conto cor-de-rosa por Marcelle Chaumont
O HOMEM MAIS CÔRAJOSO	60	da Grã-Bretanha
A FRANÇA E O AMOR	63	ou o amor e a França
O FILME DO MÊS	68	O Grito
OS GRANDES CONTISTAS	76	A morte de Hori por Georges Sarkozi
UMA NOVA EXPRESSÃO	78	a guerra C. B. R.
PORTUGAL	84	visto de fora
REVOLTA NA BOUNTY	87	

SAIBA SER FEIA	90	confidências de uma mulher inteligente
BOÉMIA DE OUTROS TEMPOS	95	os cafés do século passado por Lourenço Rodrigues
AUTOMOBILISMO	99	por Luís de Sttau Monteiro
HISTÓRIA TRÁGICA	106	dum inventor sem diploma
ARMAZÉM DAS LETRAS	112	& Diversos o conto do mês: Jantar de festa por Matilde Rosa Araújo o livro do mês alguns americanos em Paris
SURPRISE-PARTY	121	Aperitivos para todos os gostos Culinária Brenda Lee O que pouca gente sabe de Cantinflas Os malefícios do tabaco O trabalho do português que descansa O crime ao alcance de todos Brigitte Bardot vista ao microscópio A morte de Dillinger Passatempos Anedotas

ALMANAQUE

Director: J. A. de Figueiredo Magalhães
 • Orientador gráfico: Sebastião Rodrigues •
 Editor e proprietário: Grupo de Publicações
 Periódicas • Redacção e Administração: Rua
 da Misericórdia, 125-1." • Expediente e con-
 tabilidade: Rua da Misericórdia, 67-2." •
 Telefones: 3 18 92/3 • Composto e impresso
 na Casa Portuguesa, Rua das Gáveas, 109
 • Revista mensal • Cada volume: 15\$00 •
 Assinatura semestral: 75\$00 • Anual: 145\$00



setembro / 60



Durante o mês de Setembro o Sol encontra-se no signo zodiacal da Virgem até ao dia 23; neste dia à 1 h o Sol entra no signo da Balança e neste momento começa o Outono.

Durante este mês o dia diminui 1 h 12 m.

O dia 1 dura 13 h 1 m; o dia 15, 12 h 27 m; o dia 30, 11 h 49 m.

1

1 — Quinta-feira. — S. Gil.
— Feiras: Almeida; Aldeia Nova (Serpa); Amareleja (Moura); Bar S. Miguel (Vila do Bispo); Cuba; Rio Maior; Santa Clara-a-Velha (Odemira); S. João da Pesqueira; Vila Nova de Milfontes.

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 0.02 | HORA 12.40
ALT. 3.14 | ALT. 3.30

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 6.10 | HORA 18.52
ALT. 1.22 | ALT. 1.08

2

2 — Sexta-feira. — Santo Estêvão. — Feira: Belmonte.

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 1.20 | HORA 13.48
ALT. 3.30 | ALT. 3.55

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 7.17 | HORA 19.54
ALT. 1.04 | ALT. 0.84

3

3 — Sábado. — Santa Eufémia. — Feiras: Valpaços; Cuba; Espírito Santo (Mértola); Safara (Moura).

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 2.20 | HORA 14.40
ALT. 3.53 | ALT. 3.82

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 8.03 | HORA 20.33
ALT. 0.81 | ALT. 0.59

4

4 — Domingo. — Santa Rosália. — Feiras: Alcanena; Alportel; Amoreira (Óbidos); Anção; Caparica; Comenda; Fojo; Montemor-o-Novo; Vinhais.

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 3.10 | HORA 15.29
ALT. 3.76 | ALT. 4.04

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 8.48 | HORA 21.22
ALT. 6.59 | ALT. 0.41

5

5 — Segunda-feira. — Santa Ida. — Feiras: Lixa; Vila Nova de Gaia; Luz (Carnide); Oleiros. — Lua Cheia às 11 h 19 m.

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 3.51 | HORA 16.20
ALT. 3.93 | ALT. 4.20

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 9.41 | HORA 22.09
ALT. 0.43 | ALT. 0.32

6

6 — Terça-feira. — Santa Eva. — Feiras: Arganil; Pedrógão Pequeno; Raposeira (Vila do Bispo).

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 4.40	HORA 17.00
ALT. 4.03	ALT. 4.25

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 10.22	HORA 22.57
ALT. 0.38	ALT. 0.31

7

7 — Quarta-feira. — Santa Regina. — Feiras: Arco da Calheta; Montemor-o-Velho; Odeleite (Castro Marim); Paiva (Castelo de Paiva); Verride; Zebreira (Idanha-a-Nova).

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.28	HORA 17.41
ALT. 4.04	ALT. 4.20

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 11.02	HORA 23.32
ALT. 0.36	ALT. 0.39

8

8 — Quinta-feira. — Natividade de Nossa Senhora. — Feiras: Azinhoso; Barbacena; Misericórdia (Braga); Moita dos Ferreiros; Montemor-o-Velho; Moura; Orca-Fundão; R. de Couros; S. Tiago do Cacém; Sobreira Formosa.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 6.01	HORA 18.24
ALT. 3.97	ALT. 4.04

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 11.41	HORA —
ALT. 0.46	ALT. —

9

9 — Sexta-feira. — S. Gregório.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 6.43	HORA 19.06
ALT. 3.82	ALT. 3.81

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 0.11	HORA 12.24
ALT. 0.57	ALT. 0.63

10

10 — Sábado. — S. Nicolau Tolentino. — Feiras: Moita; Aldeia da Foz; Chacim; Crato; Odiaxere; Tor. Viseu.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 7.25	HORA 19.50
ALT. 3.60	ALT. 3.54

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 0.47	HORA 13.02
ALT. 0.78	ALT. 0.86

11

11 — Domingo. — S. Proto. — Feiras: Azaruja; Caneças (Loures); Corte do Pinto; Estói; Sobral de Monte Agraço; Santa Cita; Torre de Moncorvo.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 8.10	HORA 20.39
ALT. 3.38	ALT. 3.25

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 1.30	HORA 13.50
ALT. 1.04	ALT. 1.12

12

12 — Segunda-feira. — Santo Nome de Maria. — Feiras: Covilhã. Quarto Minguante às 22 h 20 m.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.02	HORA 21.33
ALT. 3.16	ALT. 3.00

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 2.16	HORA 14.42
ALT. 1.30	ALT. 1.38

13

13 — Terça-feira. — S. Filipe. — Feiras: Beringel; Alcoutim; Envendos; Lardosa; Odemira; Portalegre; Vila do Bispo.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 10.02	HORA 22.43
ALT. 2.98	ALT. 2.84

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 3.12	HORA 16.00
ALT. 1.52	ALT. 1.58

14

14 — Quarta-feira. — Exaltação da Santa Cruz. — Feiras: Mourão; Paraíso (Castelo de Paiva); Salir.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 11.12	HORA —
ALT. 2.91	ALT. —

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 4.30	HORA 17.37
ALT. 1.67	ALT. 1.64

15

15 — Quinta-feira. — Nossa Senhora das Dores. — Feiras: Belver; Fremeda; Mogadouro; Penedono; S. Marcos da Serra; Sabugal.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 0.11	HORA 12.34
ALT. 2.81	ALT. 2.96

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.51	HORA 18.40
ALT. 1.65	ALT. 1.54

16

16 — Sexta-feira. — Santa Edite. — Feiras: Celorico da Beira; S. Bartolomeu (Castro Marim).

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 1.18	HORA 13.37
ALT. 2.90	ALT. 3.10

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 6.51	HORA 19.30
ALT. 1.52	ALT. 1.37

17

17 — Sábado. — S. Pedro Arbuês. — Feiras: Alte; Arronches; S. Vic. da Beira.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 2.04	HORA 14.20
ALT. 3.07	ALT. 3.30

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 7.41	HORA 20.07
ALT. 1.34	ALT. 1.18

18

18 — Domingo. — Santa Sofia. — Feiras: Ferreira do Alentejo; S. Teotónio; Tunes; Benavente; Cabeção (Mora); Cercal (S. Tiago do Cacém); Vendas Novas.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 2.50	HORA 15.00
ALT. 3.26	ALT. 3.48

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 8.21	HORA 20.42
ALT. 1.12	ALT. 0.96

19

19 — Segunda-feira. — Santa Constância. — Feiras: Ponte de Lima; Soure.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 3.21	HORA 15.34
ALT. 3.44	ALT. 3.65

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.00	HORA 21.19
ALT. 0.92	ALT. 0.78

20

20 — Terça-feira. — Santa Cândida. — Feiras: Buçaco; Elvas; Mértola; S. Bartolomeu de Messines. — Lua Nova às 23 h 13 m.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 3.56	HORA 16.02
ALT. 3.60	ALT. 3.79

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.30	HORA 21.52
ALT. 0.73	ALT. 0.62

21

21 — Quarta-feira. — S. Mateus. — Feiras: Cabeceiras do Basto; Fratel; Lourinhã; Penamacor.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 4.24	HORA 16.38
ALT. 3.74	ALT. 3.88

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 10.00	HORA 22.21
ALT. 0.59	ALT. 0.50

22

22 — Quinta-feira. — S. Maurício. — Feiras: Montalegre

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.00	HORA 17.12
ALT. 3.80	ALT. 3.91

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 10.32	HORA 23.00
ALT. 0.49	ALT. 0.45

23

23 — Sexta-feira. — S. Lino. — Feira: Nossa Senhora de Aires.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.31	HORA 17.49
ALT. 3.82	ALT. 3.87

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 11.11	HORA 23.33
ALT. 0.47	ALT. 0.49

24

24 — Sábado. — Nossa Senhora das Mercês. — Feira: Vila Pouca de Aguiar.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 6.08	HORA 18.26
ALT. 3.77	ALT. 3.78

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 11.56	HORA —
ALT. 0.53	ALT. —

25

25 — Domingo. — Santa Auréia. — Feiras: Almodôvar; Aljezur; Ermidas-Gare; Póvoa de Varzim; Sonega; Viana do Alentejo; Algoz.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 6.41	HORA 19.07
ALT. 3.68	ALT. 3.62

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 0.17	HORA 12.38
ALT. 0.60	ALT. 0.66

26

26 — Segunda-feira. — Santa Justina. — Feiras: Alvega; Requerido da Ponte.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 7.30	HORA 19.56
ALT. 3.54	ALT. 3.43

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 1.00	HORA 13.21
ALT. 0.80	ALT. 0.86

27

27 — Terça-feira. — S. Cosme e Damião.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 8.26	HORA 21.01
ALT. 3.37	ALT. 3.23

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 1.42	HORA 14.20
ALT. 1.03	ALT. 1.08

28

28 — Quarta-feira. — Santa Clementina. — Feiras: Escaramão do Sorzelo; Ferreira do Zêzere; Fornos (Castelo de Paiva); Lourosa (Feira); Olhão; Ourique; Resende. — Quarto Crescente à 1 h 13 m.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.30	HORA 22.20
ALT. 3.24	ALT. 3.10

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 2.50	HORA 15.40
ALT. 1.26	ALT. 1.26

29

29 — Quinta-feira. — S. Miguel Arcanjo. — Feiras: Coruche; Idanha-a-Nova; Penela; Runa; S. Teotónio; Sousel; Tarouca; Tortosendo; Vila Nova de Foz Côa.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 10.51	HORA 23.41
ALT. 3.20	ALT. 3.13

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 4.16	HORA 17.10
ALT. 1.40	ALT. 1.28

30

30 — Sexta-feira. — S. Jerónimo. — Feira: Grândola.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA —	HORA 12.20
ALT. —	ALT. 3.32

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.33	HORA 18.31
ALT. 1.35	ALT. 1.13

31





os destinos do Mês

o signo da virgem

pelo Prof. Carlos Radini

O sexto signo do Zodíaco é o da Virgem. Segundo a mitologia é representado por Tétis, filha de Urano e de Titeia, irmã de Saturno. Foi colocada na roda zodiacal por Júpiter para representar a pureza, a maturidade e a justiça celeste (as leis religiosas). Veio à Terra para ensinar os seres humanos, mas teve de regressar ao Olimpo pois que os homens tornaram a sua permanência entre eles impossível.

Representa a noção da maternidade imposta aos povos sem esquecer a pureza de sentimentos.

Embora pareça paradoxo o signo da Virgem indica sempre criação, abundância nas colheitas e vida. Evoca os frutos da Terra e dá aos nascidos sob a sua égide o sentido da produção e da realização. Avisa no entanto que se não devem ultrapassar determinados limites por falsos pudores ou ambições desmedidas e, uma vez, que atinjam um nível razoável no que respeita à perfeição humana devem dominar a sua tendência para criticar os seus semelhantes.

No tempo dos hebreus era atribuído à tribo de Naphtali.

O início do signo verifica-se a 23/24 de Agosto e termina a 22/23 de Setembro. É governado por Mercúrio tem Vénus em Queda e Júpiter em Exílio.

O primeiro decanato vai de 23/24 de Agosto ao 1.º de Setembro e é governado pelo Sol, segundo os antigos ou por Mercúrio de acordo com a moderna astrologia.

O 2.º decanato começa a 2 de Setembro terminando a 11 do mesmo mês. Segundo a concepção dos antigos está dependente de Vénus; a moderna astrologia fá-lo depender de Saturno.

O 3.º decanato corresponde ao período de 12 a 22/23 de Setembro por Mercúrio conforme os antigos ou por Vénus segundo a moderna astrologia.

Virgem é um signo feminino, duplo, volátil e simultaneamente fértil pois que representa também a noção da fertilidade.

CORRESPONDÊNCIAS:

Cores: Cinzento, azul-pálido e tons neutros semelhantes.

Pedras preciosas: Jaspe, cornalina, jacinto e ágata.

Metal: Platina e prata.

Perfume: Jacinto e canela.

Flores: Acácia, miosótis e margaridas.

Animais: Gato, macaco, andorinha, raposa e formiga.

Números favoráveis: 3, 5, 6, 20.

Dias favoráveis: Quarta-feira.

Dias desfavoráveis: Quinta e Sexta-feira.

Os indivíduos nascidos no signo da Virgem influenciados por Mercúrio apresentam a cabeça em forma de triângulo, queixo enérgico e pontiagudo, olhos pretos ou verdes, às vezes com reflexos de aço. Geralmente são

pouco altos mas bem proporcionados, nariz longo e correcto com uma pequena depressão ao centro. A voz é fraca ou aguda. Temperamento nervoso e vivo mas de boas maneiras.

Quando houver cruzamento com qualquer outro planeta estas características alteram-se e verifica-se: Rosto oval ou rectangular, altura média ou por vezes um pouco exagerada.

QUALIDADES E DEFEITOS

O signo de Virgem indica caridade, prudência, um pouco de irritação por vezes, mas também um espírito indulgente. Outras vezes os indivíduos têm tendência para a preguiça, egoísmo ou também cepticismo e castidade.

Os homens têm o sentido da ordem bastante desenvolvido e gostam de cuidar tudo o que estiver danificado. Por exemplo restaurar algo que necessite precisão e paciência. Salientam-se como diplomatas, jornalistas, buscas científicas ou técnicas, contabilidade e todos os cargos de utilidade corrente.

HOMENS DO SIGNO DE VIRGEM

Os homens nascidos sob o signo de Virgem são por natureza cépticos e profundamente críticos. Dotados de espírito analítico e de sentido prático, têm um egoísmo curioso que se esconde através de atitudes simples, amáveis e prudentes.

De natureza onde se salienta o espírito de justiça e a honestidade, são no entanto bastante irritáveis e nos assuntos que lhes dizem respeito há uma nítida falta de «contrôle» e de concentração. Daí resulta uma real desorganização.

MULHERES DO SIGNO DE VIRGEM

A mulher que nasce sob a influência total deste signo é boa dona de casa, calma, perfeita mãe de família. Tem acentuadas tendências místicas e contemplativas. Simples, metódica, gosta de elaborar colecções. Felizes dada a sua simplicidade, não se conformam facilmente com os inesperados golpes da vida. No entanto a sua ambição é mínima.

De um modo geral são simpáticas e têm grande tacto social. No entanto ignoram de um modo geral as grandes paixões.

CRIANÇA DE VIRGEM

De natureza fria e reservada, espírito crítico muito acentuado, o bebé de Virgem surpreende muitas vezes os seus pais. É difícil contactar com estas crianças, pois que dum maneira geral desconhecem mais facilmente o factor emocional em favor dum sensibilidade puramente nervosa ou sentimental.

Os seus orientadores deverão ser pacientes e responder às suas perguntas sem nervosismo pois que necessitam dum ambiente calmo. São de aconselhar os exercícios físicos e uma boa higiene intelectual.

DECANATOS

1.º decanato — De 23/24 de Agosto a 1 de Setembro.

Natureza tímida, paciente e calma. Sentido de harmonia. Tendência para a vida sedentária. Idades mais importantes: 21 — 31 — 41 e 50 anos.

2.º decanato — De 2 a 11 de Setembro.

Natureza engenhosa mas com tendência para a preguiça. Prodigalidade.

Espírito crítico e simultaneamente sensitivo.

Idades mais importantes: 21 — 30 — 31 — 41 — 50 e 57 anos.

3.º decanato — De 12 a 22/23 de Setembro.

Natureza modesta. Habilidade para trabalhos manuais e técnicos. Carácter activo um pouco frívolo. Tendência para protelar assuntos mesmo os mais importantes.

Idades mais importantes: 16 — 21 — 24 — 30 — 31 — 33 — 41 e 50 anos.

astrologia

PREVISÕES PARA OUTUBRO

A influência da luação anuncia para este mês, em todo o sector mundial pequenas lutas, revoltas contra a autoridade, agricultura mal sucedida, temporais e pequenos desastres. Desta forma o mês de Outubro apresenta-se instável e sobretudo devido ao eclipse de Setembro os assuntos internacionais sofrerão qualquer distúrbio.

Os países mais afectados pelas condições planetárias são: Algéria, Holanda, Escócia, Portugal, Sahará, Ásia Menor, Normandia, Suíça, Grécia, Turquia e Brasil.

SIGNO DE AQUARIO

Contratos ou acordos dependentes de parentes ou amigos

As condições planetárias favorecem as relações com desconhecidos e as pequenas via-

gens. É possível que alguém das suas relações, do qual depende certo problema, lhe dê a devida assistência e se resolva a questão.

Deve evitar assuntos susceptíveis de criar atritos. Qualquer factor imprevisto dar-lhe-á ocasião de resolver certas questões familiares.

SIGNO DE PEIXES

Perspectivas favoráveis a negócios e especulações

Os assuntos de ordem comercial serão favoravelmente solucionados. Neptuno e Vénus dar-lhe-ão facilidades de deslocações ao estrangeiro.

Cuidado com resoluções intempestivas

Devido à localização variável de Mercúrio

as condições astrológicas não são das mais felizes. Assim deve evitar tomar qualquer atitude demasiado intempestiva, pois poder-se-á dar o caso de lhe ser impossível manter uma atitude.

Pondere bem os seus assuntos, pois a partir do dia 22 as condições planetárias tornar-se-ão mais favoráveis.

SIGNO DE CARNEIRO

Torne-se dinâmico e verá resolvidos os seus problemas

O período que vai de 6 a 20 de Outubro permite-lhe encontrar uma solução ideal para os seus problemas profissionais e familiares, sobretudo se empregar toda a sua boa vontade e diligência.

SIGNO DE TOURO

Excessos prejudiciais

Os excessos de divertimentos e de trabalho podem ocasionar dificuldades de saúde.

Amores inquietos

Embora frágeis é possível que lhe surjam quaisquer complicações de ordem sentimental.

SIGNO DE GÊMEOS

No decorrer do mês e antes do dia 28 o planeta Mercúrio ajudá-lo-á nos assuntos profissionais e nas suas resoluções de ordem comercial. Seja, no entanto, prudente.

Qualquer oportunidade imprevista beneficiará os seus problemas financeiros.

SIGNO DE CARANGUEJO

Favorável ao trabalho e a pequenas transacções

Este mês poderá reservar-lhe agradáveis surpresas se não acontecer deixar-se adormecer no sonho e na vida imaginativa, sobretudo no seu dia a dia profissional.

Deve actuar com prudência e estudar os assuntos detalhadamente antes de agir.

Cuidado com as complicações

Marte e Saturno na posição actual do seu signo indicam que o seu sistema nervoso não trabalha muito normalmente. Por isso aconselhamo-lo a ter calma pois é possível que um assunto simples e nada complicado, lhe pareça a si difícil.

SIGNO DE LEÃO

Possíveis ganhos, mas prudência!

Terá, no decorrer do mês de Outubro oportunidade para realizar quaisquer negócios muito convenientes. Para que tal facto se efectue, aconselhamos prudência e sobretudo iniciativa.

Negócios de coração...

O orgulho e as demasiadas susceptibilidades ocasionarão atritos que só dificilmente resolverá. No entanto se tiver em conta tais problemas é possível que tudo decorra normalmente. Cuidado com as meias palavras... É preferível esclarecer os assuntos do que fechar-se num mutismo desagradável.

SIGNO DE VIRGEM

A posição de Mercúrio em assuntos particulares é favorável. Quanto a negócios o problema é já mais complicado. Em relação a possíveis ganhos em negócios há boas perspectivas.

Será bom evitar quer o excesso de confiança quer as hesitações.

SIGNO DE BALANÇA

Saturno atravessando uma boa zona permite-lhe estabelecer contratos ou acordos, (incluindo casamento), de forma favorável. No entanto continue a actuar calmamente, não negligenciando as obrigações.

Amores favorecidos

Vénus que governa o seu signo permite-lhe um ambiente favorável em questões senti-

mentais até ao dia 22. Se agir cuidadosamente obterá os resultados que deseja.

SIGNO DE ESCORPIAO

Viagens são de aconselhar... e muito possíveis...

Os assuntos relacionados com o estrangeiro são favorecidos por Marte. Porém, Urano, o planeta dos imprevistos, aconselha prudência.

Correspondência feliz

Nesta época os assuntos particulares e intelectuais tratados por correspondência terão resultados felizes. Também os assuntos de ordem artística e social decorrerão em bom ambiente.

SIGNO DE SAGITARIO

Dinamismo favorecido no trabalho

Até ao dia 26 o trabalho diário, terá um justo louvor se continuar a cumprir com o seu dever. Se tiver um lugar de direcção, tudo o que empreender terá bons resultados;

se for prudente e usar de discrição obterá dos seus superiores largas vantagens que há muito deseja.

Amizades duvidosas

Não deve confiar demasiado nas amizades recentes e pouco consolidadas. Até mesmo com as antigas seja prudente.

SIGNO DE CAPRICORNIO

Circunstâncias desfavoráveis

Uma série de circunstâncias desagradáveis poderão complicar os seus assuntos do dia a dia. Desta maneira o seu dinamismo poderá comprometer a sua vida devido a causas estranhas à sua vontade.

A dar-se este caso deverá dominar-se e aguardar melhor oportunidade para conseguir o que deseja e lhe deve ser concedido de direito.

Socialmente favorável

No sector social e mundano as condições planetárias são favoráveis principalmente até ao dia 26. Quanto a assuntos de carácter particular a partir dessa data poderá resolvê-los pois são favorecidos.

quirologia

O ANELAR, O DEDO DO SOL OU DE APOLO

A Quirologia nada tem em comum com a Astrologia. Punhamos de parte, portanto todas as considerações e interpretações astrológicas. No entanto, nada nos pode impedir de concordar plenamente com a escolha feliz de «Sol» para o nome do dedo anelar.

Na verdade existe uma semelhança quase

AS MAOS FALAM...

pelo **prof. Carlos Radini**

total entre os efeitos do Sol no Universo e os do anelar no ser humano.

O anelar, com os atributos de arte, de sensibilidade e de idealismo age no homem como o Sol sobre o mundo.

Sem Sol, tudo seria insípido, incolor e a vida impossível.

Sem arte, sem sensibilidade e sem idealismo, a vida humana tornar-se-ia monótona e sem atractivos, impossível de ser vivida.

ATRIBUTOS ARTÍSTICOS

Para proceder metódicamente, frisemos desde já que o dedo do Sol, revela o gosto e o amor a tudo o que pode ser fino, belo, e agradável; isto é: Arte.

Mas é necessário analisar a palavra artista e atribuir-lhe um sentido mais lato: Assim incluir-se-á nela o amor pelas coisas belas, a inclinação para uma vida luxuosa, tendência para a dissipação, facilidade de adaptação, desejo de celebridade, etc., etc.

ATRIBUTOS DE SORTE

Olhemos o dedo do Sol e o seu monte (principalmente o monte).

Visto superficialmente, crê-se serem a sorte e o espírito artístico de natureza e origem diferentes. No entanto ao aprofundarmos a questão concluiremos estarem, pelo contrário, intimamente ligados.

Estes elementos psicológicos ajudarão um indivíduo a elevar-se, servindo-lhe de mola real para o impulsionar na sua ascensão, causa principal na localização simultânea dos índices de espírito artístico e de sorte sobre o mesmo dedo e seu monte.

TEMPERATURA E QUALIDADES DO ANELAR

Para sermos um pouco mais completos na descrição do anelar, são necessários determinados pormenores:

O dedo do Sol é o mais quente de todos os dedos, tal como o Sol é por excelência o aquecimento da Terra.

No que respeita a doença, é de conhecimento corrente, o caso do reumático. Enquanto os outros dedos se encontram deformados ou mesmo tortos, o anelar mantém-se quase sem alteração.

Os antigos acreditavam que este dedo possuía um poder místico de cura, sobretudo quando tinha o anel de casamento.

A causa desta crença reside no facto de os farmacêuticos mexerem os medicamentos apenas com este dedo.

Tal crença era de tal modo profunda, que por vezes se acreditava numa cura, apenas porque se pousava este dedo no local afectado.

ANELAR COMPRIDO

O anelar comprido, quando em proporção com o mínimo, tiver uma acentuada diferença, é de bom agouro. Evidentemente, pressupõe-se que não possui os defeitos que assinalaremos em seguida.

A pessoa com um anelar comprido terá acentuadamente tendências para tudo o que é belo, fino, agradável e luxuoso.

Será um indivíduo generoso e gastador. Procurará ser célebre e brilhar no seu ambiente.

Um espírito observador notará que os indivíduos com um dedo anelar comprido, sentem muitas vezes a necessidade de tocar esse no polegar da mesma mão.

Tal gesto indica reflexão.

ANELAR MÉDIO

Aquele que possuir um anelar médio, isto é, não ultrapassando o comprimento do mínimo, não terá certamente a mesma requintada sensibilidade artística do indivíduo possuidor de um anelar longo.

É antes indício de um espírito objectivista, que sabe o que quer e não pretende perder tempo com imaginações... De preferência, interessam-se apenas por aquilo que lhes parece ter resultados imediatos.

ANELAR CURTO

A anelar curto denuncia um espírito prático, nada imaginativo, concreto. É desnecessário acentuar que tais indivíduos nunca terão sensibilidade artística inspiração e espírito idealista.

Terão antes instintos vulgares, pouco sentido das conveniências e por vezes são um pouco ordinários.

ANELAR GROSSO

Uma pessoa que possua um anelar grosso é essencialmente materialista.

Mesmo que esse anelar, além de grosso seja comprido (o que denuncia interesse pelo belo e artístico), tal interesse apenas se verificará devido aos ganhos materiais daí tirados.

Tal interesse pela arte apenas lhe satisfaz a vaidade e a bolsa.

Quando acontece o anelar ser tão grosso

como qualquer outro dedo, é prenúncio de falta de sensibilidade artística plenamente vivida.

ANELAR FINO

O anelar fino revelará uma sensibilidade artística do mais elevado grau.

O anelar fino, se é simultaneamente liso, maleável e comprido, indica um espírito artista e idealista.

Também denuncia, igualmente, espontaneidade e inspiração tal como facilidade de adaptação e de assimilação.

ANELAR FLEXÍVEL

Indica assimilação e adaptação fáceis.

ANELAR INFLEXÍVEL

Denota um espírito concentrado de difícil sentido de adaptação. São geralmente indivíduos fiéis nas suas amizades mas rancorosos quando ofendidos.

ANELAR LISO

Mesmo que este seja longo, fino e maleável é importantíssimo para que se verifique a existência dum espírito artístico que o anelar se apresente liso.

Denota, além disso uma imaginação fértil e simultaneamente equilibrada. Os indivíduos com estas características são geralmente inclinados a bem apreciar tudo o que é belo, elegante e elevado.

ANELAR NODOSO

Contrariamente, ao que se julga, um anelar nodoso não denuncia infalivelmente falta de sentido artístico.

No entanto, verifica-se geralmente que estes indivíduos, têm de um modo geral, falta de espontaneidade e à vontade social.

Serão metódicos, ordenados nos seus empreendimentos. No que respeita a assuntos de arte, tratá-los-ão como se fossem ciências.

FALANGES DO ANELAR

As revelações respeitantes às falanges do anelar terão forçosamente uma íntima ligação com os atributos deste dedo.

Ver-se-á a tendência para a arte, nas suas mais variadas ramificações: pintura, música, literatura, etc.; mas também até que ponto o indivíduo é subjugado pela vaidade, prazeres sensuais, materiais, etc.

TERCEIRA FALANGE

Quando **comprida**, a falange indica um desejo irresistível de publicidade pessoal, logo vaidade.

Revela também avidez. Quer avidez pelas posições sociais elevadas, quer pela riqueza própria dita.

Se no seu conjunto o dedo é artista, o indivíduo alcançará certamente uma alta posição.

Curta indica a ausência de vaidade e desinteresse quase total pelas aparentes vitórias sociais.

Grossa denota um acentuado materialismo.

Seca revela um artista com um sentido muito apegado às realidades.

SEGUNDA FALANGE

Comprida revela talento e originalidade. Não se ocupa de arte apenas considerada original pela sua superficialidade.

Curta o seu possuidor em questões artísticas nunca passará da mediocridade. Quando muito poderá imitar ou finalizar obras alheias.

Espessa falta de originalidade. Não tem facilidade de criação.

Seca revela que o seu possuidor, além de intelectual terá sobretudo, acentuadas tendências para assuntos de ordem prática, aliado a uma sensibilidade do tipo concreto.

PRIMEIRA FALANGE

Comprida quando assim é a primeira falange do anelar, tal facto é indício de finura de espírito, um amor à arte fortemente acentuado e facilmente realizável.

Curta poderá denunciar um espírito amante de arte mas nunca com possibilidades criativas.

Espessa o seu possuidor será mais sensual que sensível. Dará preferência principalmente ao «agradável».

Seca é prova de que o seu possuidor terá acentuadamente um espírito sensível e imaginativo com capacidades críticas e criadoras.

setembro através dos tempos

GREGÓRIO, O GRANDE É CONSAGRADO PAPA

3 de Setembro de 590, Gregório, o Grande foi um dos maiores obreiros da autoridade espiritual e temporal do papado. Oriundo de uma ilustre família romana e muitíssimo culto, Gregório sentiu-se atraído pela vida contemplativa, retirou-se do mundo e fundou numerosos mosteiros. Eleito Papa contra a sua vontade, aplicou as riquezas da igreja no alívio das misérias e na defesa militar da cidade. Músico distinto, instaurou o canto gregoriano (como mais tarde se lhe chamou). O seu papel foi imenso no esforço para cristianizar os bárbaros e os pagãos. Distinguiu-se também pela maneira como defendia os fracos contra os poderosos (conforme poderá ler-se na sua correspondência, que é de resto de uma importância fundamental para o conhecimento da sua época). Leia-se, a título de exemplo, este trecho de uma carta em que ele recomenda o ex-pretor da Sicília a Leontius, que o estava a julgar: «Vossa Excelência deve recordar-se de que nunca lhe pedi nada que não estivesse dentro dos limites da justiça.

...Quem vem a ser o homem pelo qual vos peço, como procedeu, é uma coisa que nunca procurei saber. Mas o que eu sei muitíssimo bem é que, embora ele tenha roubado os dinheiros públicos, a justiça deveria ter-se exercido sobre os seus bens, mas nunca sob a sua pessoa tirando-lhe a liberdade.

Esse ultraje à liberdade não é apenas uma ofensa a Deus e à vossa própria dignidade, é também um ultraje ao nosso país e ao imperador. A grande diferença entre os reis bárbaros e os imperadores romanos consiste em que os reis bárbaros são senhores de escravos, **domini servorum sunt**, e o imperador dos romanos é senhor de homens livres, **dominus liberorum**.

Eis a razão por que em todos os vossos actos deveis observar a justiça e respeitar a liberdade humana».

CONQUISTA DE SILVES AOS MOUROS

3 de Setembro de 1189. «Esta luta de todos os dias, estes vãos esforços da valente guarnição muçulmana para salvar a capital de Chenchir eram os clarões derradeiros da lâmpada que se extinguiu. Renderem-se ou perecerem de sede com todos os habitantes que sobreviviam, eis a alternativa que lhes restava. Tratou-se da rendição. No dia 1 de Setembro os sarracenos começaram a chamar dos muros e torres alguns oficiais do rei de Portugal para lhes proporem as condições de entrega. Eram elas de quem cria possível encobrir a extremidade em que a povoação estava. Pretendiam que os deixassem sair com todos os bens imóveis, entregando aos conquistadores aquelas ruínas da almedina e da alcáçova. Acedeu Sancho à proposta, mas os trânsfugas da cidade que de instante a instantes cresciam de número pintavam por tal

arte as agonias da sede, o terror que incutiam as minas, a desesperança, enfim, dos habitantes, que os cruzados, apesar de todas as diligências do rei recusaram concordar com aquelas estipulações. Como de cristãos que diziam combater pela glória e engrandecimento da própria crença esta resistência dos estrangeiros, que podia talvez prolongar os horrores da guerra, era uma detestável cobiça. Considerados, porém, como mercenários que vendiam o sangue e a vida para satisfazerem a ânsia de rapina, justo era que recebessem a sua paga. Foi a esta luz que Sancho encarou o negócio. Generoso para com os vencidos, intentou remir o saque de Silves oferecendo aos cruzados dez mil morabitinos ou áureos, soma que por fim fez subir à de vinte mil. Recusaram eles pertinazmente com o pretexto de que, sendo necessário ir buscar o dinheiro a Coimbra, ou pelo menos a Évora, retardariam a viagem. Constrangido pelas promessas feitas em Lisboa aos seus aliados, o rei cedeu, concedendo-se apenas aos habitantes de Silves o não saírem inteiramente nus. A 3 de Setembro abriram-se, enfim, as portas da cidade rendida, e os sitiadores puderam ver por seus olhos qual era a horrível situação dos cercados. O chefe sarraceno, cujo verdadeiro nome não é fácil descobrir no de Albaíno que lhe dá o historiador cristão nosso guia nesta narrativa (mas que provavelmente era o caide Abdullah, ou Abu Abdullah, filho ou neto de um anterior wali de Silves), saiu a cavalo da cidade à frente de grande parte dos muçulmanos, os quais, cobertos de pobres trajos que indicavam tristeza e cativo, iam peregrinos buscar asilo aos muros de Sevilha.

O respeito ao valor desgraçado não pôde conter a feroz bruteza dos cruzados, que ainda naquele transe espancavam e despiam os vencidos. Irritado já pela ambição dos estrangeiros, a cólera do rei de Portugal subiu ao extremo à vista de tal espectáculo, e os portugueses estiveram a ponto de virem às mãos com os seus aliados. À noite estes ocuparam sós a cidade, e fecharam-se as portas para que não saíssem durante as trevas os restantes moradores. As cenas que aí se passariam fáceis são de adivinhar. Os muçulmanos ficaram encerrados nas casas, e muitos, desprezadas as mais solenes promessas, foram postos a tormentos para confessarem onde havia que saquear. A luz da manhã mostrou aos

olhos daquela turba de salteadores quais tinham sido as vítimas da sua barbaridade. Era gente quase moribunda, cujas faces tingia palidez mortal e que mal podiam mover-se, caminhando muitos de rastos. Nas ruas jazia grande número de pessoas, umas seminuas, outras já mortas, e o cheiro dos cadáveres de pessoas e de animais era intolerável. Dos prisioneiros cristãos, que subiam a quatrocentos e cinquenta ao principiar o cerco, só duzentos sobreviviam, e esse a ponto de expirar. Enfim, da numerosa população de Silves restavam apenas quinze a dezasseis mil almas.

O doloroso quadro que tinham ante os olhos abrandou, enfim, um pouco esses duros corações. Conduzido o resto dos moradores para fora das portas, os cruzados abstiveram-se das violências até aí perpetradas. O receio da cólera de Sancho I, já irado contra eles, contribuiu, porventura para essa moderação; mas nem por isso a discórdia entre o príncipe português e os estrangeiros deixou de aumentar, posto que por diverso motivo. Durante o cerco, segundo parece, as tropas portuguesas, cuja constância no assédio a esperança da pilhagem não alimentava, tinham mais de uma vez querido que o campo se levantasse; nem isto era de admirar; visto que também mais de uma vez os cruzados, que contavam com o saque de Silves, haviam desanimado. Para conter, pois, a soldadesca tinha-se-lhe prometido certa porção do esbulho, cedendo nesta parte as tropas estrangeiras dos anteriores ajustes. Vimos que o próprio rei, constrangido pela falta de vitualhas, resolvera por fim abrir mão da empresa, e assim, quando se tratou da divisão do despojo, escolheu para os seus os mantimentos, de que havia grande quantidade na povoação tomada. Como os cruzados tinham sido os que se aquartelaram dentro dos muros e viam que os víveres não lhes cabiam em sorte, começaram a roubá-los e a vendê-los às escondidas pelo arraial dos portugueses. Queixou-se altamente o rei deste proceder; porque, desbaratadas assim as provisões, ver-se-ia na dura necessidade de abandonar a povoação que tanto custara a conquistar. Longe, porém, de se coibir com as queixas do rei, aquele tropel desenfreado passou a saquear a cidade, sem esperar ordem dos seus chefes. Era uma verdadeira anarquia, à qual Sancho I, cuja indignação subira de ponto, pôs termo, mandando ocupar Silves

por tropas portuguesas e expulsar dali os cruzados que, descontentes, a 7 de Setembro, voltaram de novo à sua armada e, descendo o rio, vieram lançar ferro perto da barra. Aí, enquanto concertavam alguns navios e dividiam o produto de três dias de saque, ainda tentaram obter mais alguma coisa do seu aliado, invocando ora a generosidade deste, ora a sua religião; nada, todavia, alcançaram. Chegando o negócio quase a rompimento, é assaz provável que Sancho passasse as metas da moderação e que, se de um lado tinha havido violência e rapina, também não fosse inteiramente digno de louvor o procedimento da outra parte. Passados, enfim, doze dias os cruzados saíram do porto de Silves, acusando Sancho e os portugueses de não terem nem combatido nem trabalhado durante o cerco, e de os haverem defraudado do que lhes pertencia. Estas acusações, a primeira das quais se repetiu na Europa, estão desmentidas pela narrativa de um daqueles mesmos que contribuíram para as espalhar, convencendo-se de falsa ou pelo menos de exageradíssima a queixa contra a avareza e deslealdade de Sancho, à vista dos ricos despojos que os estrangeiros levavam; despojos que, fazendo esfriar o entusiasmo de muitos pela liberdade dos santos lugares, os induziram a ir gozar na pátria o fruto da expedição contra os sarracenos da Espanha.» (Alexandre Herculano, **História de Portugal**).

A INVASÃO DA POLÓNIA

1 de Setembro de 1939. Às 4.45 horas o couraçado alemão «Schleswig-Holstein» inicia o bombardeamento da fortaleza de Dantzig.

Às 5.30 horas a aviação alemã de bombardeamento entra em acção. Semeia de bombas explosivas e incendiárias as concentrações de tropas, os campos de aviação, as estações de caminho de ferro e linhas de comunicação, as fábricas e até as pequenas cidades e aldeias sem valor militar. Ficaram destruídas entre outras as seguintes cidades: Augustowo, Zambrow, Kutno, Cracóvia, Grodno, Katowice. A intenção dos bombardeamentos é dupla: evitar a mobilização e aterrorizar as populações.

Às 6 horas da madrugada as **Panzerdivisionen** (divisões motorizadas) e a infantaria, apoiadas pela artilharia pesada e média, atravessam a fronteira polaca. No mesmo ins-

tante o **Gauleiter** de Dantzig, M. Forster, envia um telegrama a Hitler anunciando-lhe a integração da sua cidade no Grande Reich Alemão.



NASCIMENTO DE CÉSAR BÓRGIA

17 de Setembro de 1475. Filho do Papa Alexandre VI e irmão de Lucrecia, César Borgia notabilizou-se pela falta de escrúpulos que revelou nas suas actividades políticas. Como diz o embaixador de Veneza, Paulo Capello, «todas as noites apareciam em Roma quatro ou cinco homens assassinados, bispos, prelados e outros, de tal sorte que a cidade inteira tremia e ninguém estava seguro de não vir a ser apunhalado pelo duque (César)». No entanto, César Borgia governava com o objectivo de alcançar a prosperidade e a paz. Grande parte dos tiranetes que mandou assassinar eram mais odiosos do que ele e esmagavam da forma mais desumana as populações. César Borgia gozava da simpatia dos humildes e dos desprotegidos). «O defeito de César é», segundo Burckhardt, «o defeito fundamental do carácter italiano do renascimento: o individualismo insofrido. Mas

será preciso dizer que esse defeito foi, por outro lado, a condição da grandeza italiana de quatrocentos e de quinhentos? O indivíduo sentia-se independente do Estado, que era — na maior parte dos casos — tirânico e ilegítimo. César, como tantos outros, assumiu a defesa dos seus próprios direitos (ou do que considerava os seus próprios direitos) e entrou no caminho irremediável do egoísmo e da ausência de escrúpulos».

DESCOBRIMENTO DO OCEANO PACÍFICO

25 de Setembro de 1513. «Vasco Núñez de Balboa era um homem que não sabia estar parado; e decidiu-se a ir descobrir o mar do Sul não fosse dar-se o caso de outro se adiantar a ele na realização daquela famosa empresa, e desse modo se propunha congraçar o ânimo desavindo de El-Rei...

...Os nossos (cento e noventa espanhóis e alguns indígenas) avançaram então à força de braços e de facas, por montes e serras e rios. Balboa chegou enfim a Cuareca, e Torrecha, o senhor da terra, saiu-lhe ao encontro com muita gente armada, pronta a defender-se daqueles estrangeiros barbudos. Como ouvisse dizer que eram cristãos que vinham da Espanha e que andavam pregando a nova religião e buscando ouro e que iam para o mar do Sul, mandou dizer-lhes que voltassem para trás... E como os espanhóis insistissem,

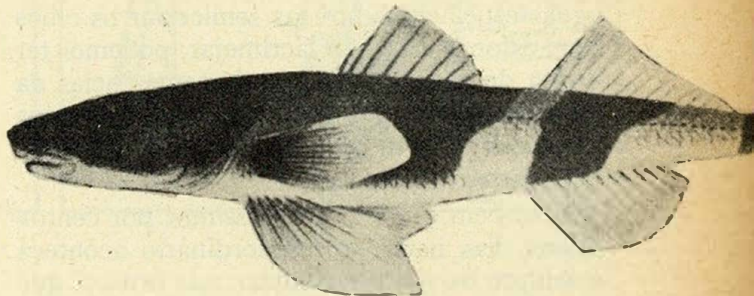
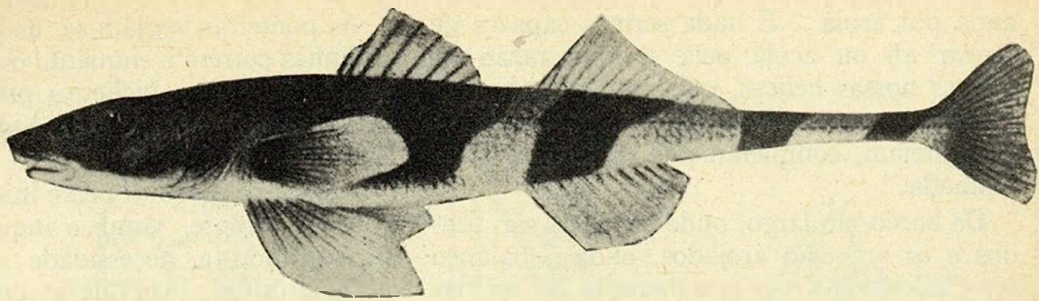
pelejou animosamente. Mas ao cabo da luta morreu com mais seiscentos dos seus. Os outros fugiram a bom correr, pensando que as escopetas eram trovões e raios as balas: espantados de ver tantos mortos em tão pouco tempo e de ver os corpos, uns sem braços, outros sem pernas, outros ainda horrivelmente dilacerados...

Deixou Balboa ali em Cuareca os enfermos e os cansados e com sessenta e sete que estavam de saúde subiu a uma grande serra de cujo cimo se descobre o mar austral, ao que diziam os guias. Mas pouco antes de chegar ao cimo mandou parar o esquadrão e trepou sozinho o resto. Olhou para o sul, viu o mar, pôs os joelhos em terra e louvou o Senhor, que lhe fazia uma tal mercê. Chamou os companheiros, mostrou-lhes o mar e disse-lhes: «Vedes ali, amigos, o que tanto procurávamos? Agradeçamos a Deus, que tamanha honra guardou para nós. Oremos para que nos ajude a conquistar esta terra e este novo mar que acabamos de descobrir e que nenhum cristão jamais viu... Com o favor de Cristo sereis os mais ricos espanhóis que pelas Índias passaram...». (López de Gomara, *Historia General de las Indias*, publicada em 1552).

A 29 de Setembro Balboa entrou na água até aos joelhos e, na presença de um escrivão e de testemunhas, brandiu a sua espada e tomou posse do oceano Pacífico em nome de Espanha!



PESCA



SETEMBRO E A PESCA

Setembro como mês de pescaria, tem regra geral duas caras completamente diferentes.

Nos primeiros dias pouco se distingue do calmo e modorrento Agosto.

O calor, se bem que com ligeiras moderações, mantém-se cansativo e arreliante convidando o pescador muito mais ao banho refrescante que à agitada movimentação da «faina».

No mar tudo é estagnação e pasmaceira. Às rochas limosas e marisqueiras, pasto de sargos, russadas e tainhas, campo de caça de bailas e robalos, ocorre diariamente um interminável cortejo de comilões.

Mais perto ou mais longe, consoante as solicitações da fome, as transferências da água e a força do mar assim se quedam por vezes sem se atreverem deliberadamente a iniciar o apetecido festim.

É a altura propícia de atraí-los com os variadíssimos engodos mais ou menos excitantes pondo-os em ponto de rebuçado para pegar no isco que hábilmente se lhes apresenta.

E às vezes... (nestas andanças da pesca há horas do diabo...) às vezes acontece que de mistura com essa arraia-miúda se apresenta algum famélico «grão-senhor» (comilão como todos os «grão-senhores») que se atira ao isco e nos faz viver belos momentos de luta e de emoção.

Um robalão, uma dourada, um pargo, uma anchova ou até mesmo uma corvina são acidentes que por vezes acontecem nesses prosaicos pesqueiros mais feitos para a «bóia» e para o «sentir» do que para quaisquer outras andanças.

Nas praias já o caso muda de figura. Um lançamento feliz pode colocar a isca ao alcance de algum respeitável caçador, dourada ou corvina, que apanhados em aparelhagem média, poderão dar jus a meia dúzia de olímpicas fotografias.

É aqui que os «ases da sarrafada», aqueles para quem o pescar se limita ao «atira e põe-te à espera» com o seu famoso 0,60, mais próprio para estender roupa do que para qualquer outra coisa, e uma cana que parece feita por medida para saltar à vara, passam por vezes dias e dias a fio dando azo a que os «mirones» possam dizer, com mal contido desdém: «para esta coisa da pesca o que é preciso é ter paciência».

Para os lançados, ligeiro, médio ou pesado, os princípios de Setembro podem sem favor considerar-se francamente desfavoráveis.

Na maior parte das costas o limo solto, grande e miúdo, é uma praga que muitas pragas faz rogar àqueles em quem a ligeireza da língua ultrapassa por vezes a barreira da decência.

E creiam que chega a fazer raiva sentirmos que o peixe anda ali. Vermos que o peixe

anda por acolá... E nada sermos capazes de pescar ali ou acolá pela simples razão de que as nossas hélices, colheres, «devons» ou quaisquer outras ferragens não giram nem zaragateiam, completamente tolhidas pela li-malhada.

De barco, ao largo, onde os mares são fundos e os ares são arejados, onde o balanço mole adormenta e a reverberação do sol nas águas espelhentas nos faz semicerrar os olhos num esforço para não lacrimejar, podemos ter a dita de ver, sem grandes benemerências da sorte, esqualos e espadins, espadartes e atuns pavoneando-se indolentes nas ondulações calmas desses dias de calor.

E se bem que em «muitíssimos por cento» desses dias nada de extraordinário aconteça é sempre de tentar, «tentar» tais brutos, que poderão tornar-se na causa de uma perda de voz, de uma gaguez precoce, de um ataque cardíaco, ou até mesmo de uma notícia mais ou menos estropiada em dois ou três jornais diários em que as adjectivações serão usadas à larguinha.

Mas quer na rocha, quer nas praias, quer ao largo, sem preocupações de nos intrujarmos a nós mesmos, o que é bem pior do que exagerar o tamanho dos peixes, teremos muitas das vezes por acabar concordando que o melhor da pesca geralmente foi a banhoca, o almocinho ou a deliciosa caldeirada... feita com peixe comprado.

No rio este panorama piscatório é trinta mil vezes pior.

Geralmente as águas correm num fio e pescar em fios de água é quase criminoso.

É quase tão criminoso mesmo como deitar embude, trovisco ou bombas à água.

Nos rios de maior caudal a pesca só rende de manhãzinha e ao cair da tarde, pois durante o correr do dia torna-se quase sempre necessário ter grande espírito de sacrifício para aguentar as deprimentes quenturas do sol.

A segunda cara de Setembro é uma cara bem diferente. Uma cara prazenteira, alegre, que chega mesmo até a rir às gargalhadas.

As «brincadeiras equinociais» fazem lembrar águas e tempos, convidando peixes e pescadores a entrar numa dança que se poderá prolongar por muitos meses fora.

Tudo mexe minha gente! — O mar em ondas largas vindas dos longes traz-nos promessas de imprevisíveis abundâncias.

As ponteiras vergam-se, as bóias afundam, as linhas correm e enquanto os carretos cham os camaroeiros e bicheiros preparam-se para um condigno acolhimento à presa que estre-bucha.

Aproando ao sul o peixe inicia a sua romagem de sempre, voraz e inquieto como que pressentindo a necessidade de se fornecer para os difíceis dias que se avizinham.

É nesta quadra que se prendem com maior frequência os grandes robalos de enormes bocarras e apetites devoradores, as belas douradas, lutadoras indómitas e infatigáveis, os magníficos cações das épicas fiadas... e muito principalmente montes e montes de sargaria que em quaisquer anzóis que topa se enforca descuidada.

É nesta quadra que os homens do «Surf onde quer que calhe» farão a sua larga sementeira de chumbadas, enriquecendo com o seu involuntário altruísmo as águas territoriais, deste ocidental rincão.

No rio, se bem que menos radical, a mudança também se faz sentir.

Mas aí mais do que no mar torna-se necessário que chova. Mas que chova razoavelmente de forma a engrossar as águas convidando os peixes aos festins que das margens lhes chegam em constantes desafios à sua gula desperta.

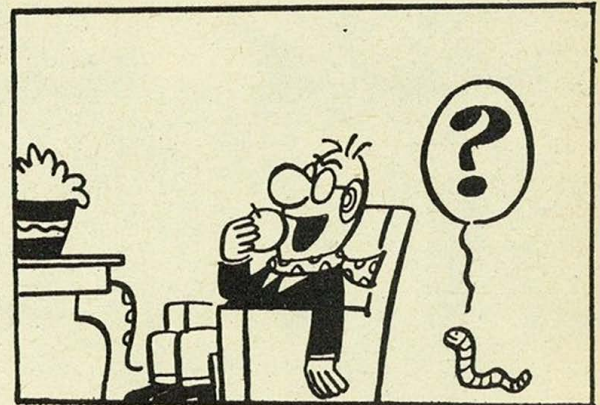
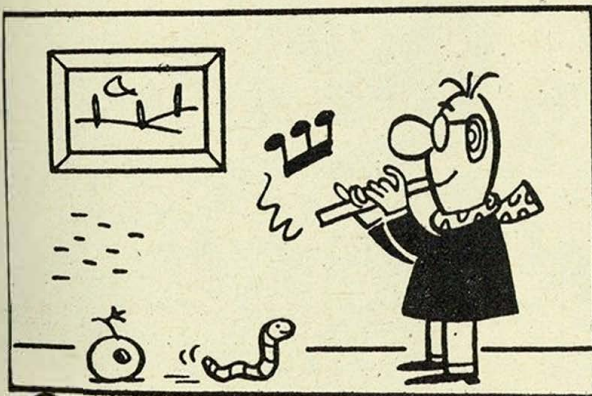
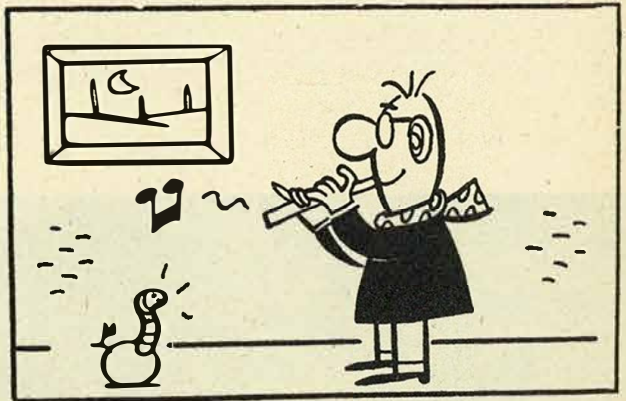
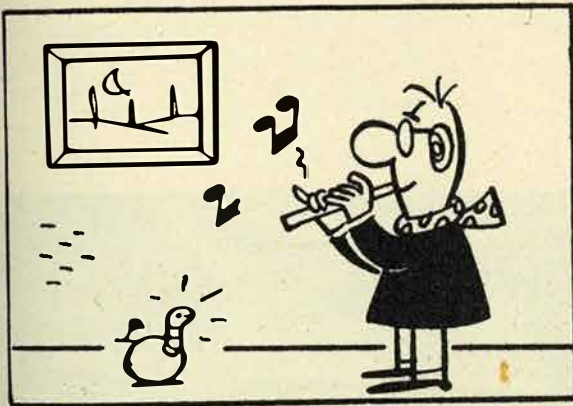
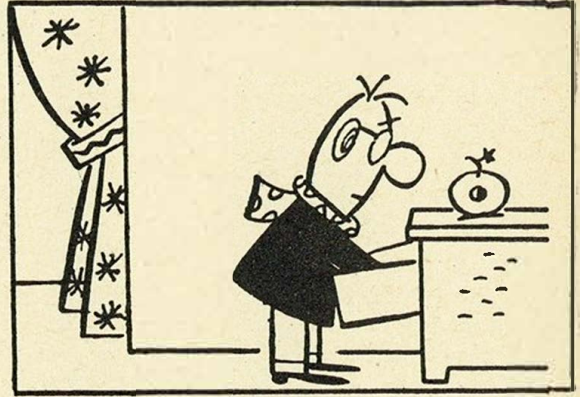
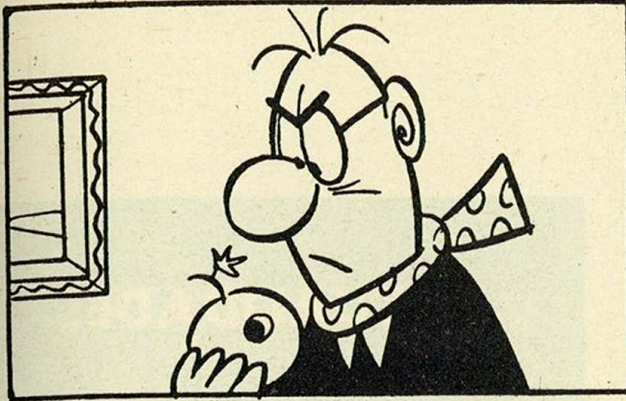
Cravadas sem dó nem piedade as minhocas dançarão a sua rumba fatal seduzindo sem rebuço desde os mais tenros inocentinhos aos mais avisados matusalens das tribos cipri-nídeas.

Quanto às trutas poderemos voltar então a pensar nelas, passadas que forem as primeiras turvações.

Moscas afogadas cinzentas com tons de pedrez claro ou escuro, de preferência, e castanhas para certos casos poderão proporcionar aos cultores da «mais difícil das artes» inigualáveis sensações.

Ao lançado ligeiro as pequenas amostrinhas girando tentadoras, com reflexos dourados, prateados ou multicores, continuarão a ser as preferidas para convencer as Donas Sarpintadas.

Das minhocas e minhoqueiras, em andanças de trutas, achamos melhor não se falar, pois que delas e deles, se bem que por vezes operosos, como dos tristes nunca reza a história.



ACTUALIDADES



«Miss Nymphette» 1960, eleita em Saint Tropez. Chama-se Sylvia Sorrente tem 19 anos e, parece que, vai dedicar-se ao cinema

Uma ideia revolucionária dos treinos de futebol está sendo posta em prática pelo Arsenal de Londres. Cada jogador está equipado com um pequeno receptor colocado debaixo do braço que envia um pequeno auscultador ao pavilhão da orelha. Do limite do terreno o treinador dá as suas ordens. O método, dizem os seus entusiastas, permite estabelecer um muito maior «contrôle» sobre os jogadores e elucidá-los constantemente sobre a sua posição, a dos companheiros e adversários, e a da bola. À esquerda da foto, de pé, vê-se George Swindin, treinador do Arsenal



ACTUALIDADES

Este é o novo traje de noite dos oficiais do corpo feminino do Exército Inglês. Na foto, a Major A. Crofton W.R.A.C., vestindo o traje. A jaqueta é verde com bandas de veludo da mesma cor e o vestido de brocado branco e ouro

Georgina Caroz Turtle, que, até há cerca de um mês era, oficialmente, um homem, recebeu agora um certificado que lhe permite alterar no cartão de identidade, o sexo de masculino para feminino. Georgina, que vive em Hone, Sussex, foi, durante 37 anos George Edwin Turtle, dentista em Croydon, chegando a ter sido oficial da Marinha Inglesa. Depois de consultar um especialista de renome submeteu-se a uma operação plástica; mas encontrou dificuldades quando o Arquivo de Identificação se recusou a alterar-lhe a certidão de idade. Perante as declarações sob palavra de honra, de um sexologista, um cirurgião, e de seu próprio pai, as autoridades convenceram-se finalmente. E a 5 de Julho enviaram a Georgina o certificado respectivo







Mil convidados assistiram ao Baile de Gala da Cruz Vermelha Monagasca que foi levado a efeito pelo Sporting de Verão de Monte-Carlo. A ele assistiu a ex-imperatriz Soraya que tinha à sua esquerda o príncipe Carracciola, presidente do Automóvel Club italiano

Patrice Lumumba foi recebido em Marrocos por Maomed V, que o condecorou com o Grande Cordão da Ordem do Trono

ACTUALIDADES

Júlio César, de Shakespeare foi levado à cena em trajos modernos, sem alteração no texto, por um grupo de jovens amadores ingleses dos 15 aos 21 anos. Na fotografia a cena célebre do assassinato de César



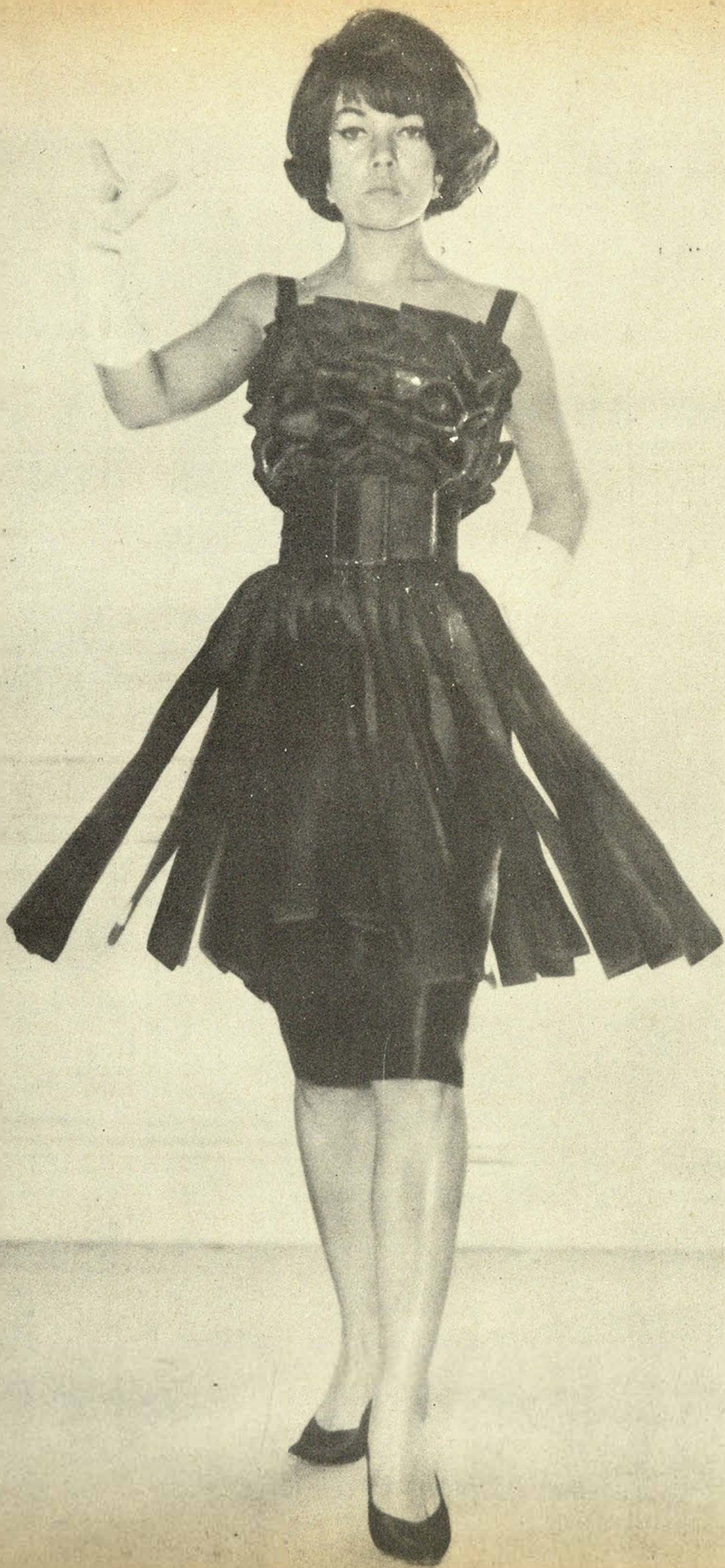


MODELOS PARA O OUTONO

«Beijo de fada», fato de «cocktail», corpo e saia em fitas de setim negro. Cintura alta do mesmo cetim

(criação de Jean Patou)

«Études» fato-casaco comprido para a manhã em tweed bege. Gorro do mesmo tecido



**Moishe Tshombe discursando.
A África começa a conhecer os
primeiros tribunos negros**



Os campistas de Trouville têm agora um parque infantil onde deixar as crianças. Supomos que o campismo tem em vista uma maior comunhão com a natureza. Ora, à medida, que o progresso avança os campistas vão levando para o campo o que constitui a sua comodidade na cidade. E teremos ainda cidades-campistas. Será então a altura de plantar alguns gerâneos nos nossos terceiros andares

ACTUALIDADES

Chuvas de Verão. Em Brooklyn, Nova Iorque, as ruas transformaram-se em verdadeiros rios





floricultura

ARRANJOS MODERNOS

Julguei interessante comunicar-lhes a minha convicção de que a «moda» em qualquer ramo de arte, está intimamente ligada à história e à economia da sua época. Os hábitos e as necessidades de cada um dependem de ambas e se as causas nem sempre são aparentes, nem por isso deixam de existir.

Todos os estilos foram modernos no seu tempo e provavelmente considerados tão revolucionários então como consideramos hoje aquilo a que chamamos estilo moderno.

O Marquês de Pombal foi moderníssimo, por exemplo, ao mandar alargar as ruas de Lisboa, soterradas debaixo dos escombros causados pelo terramoto de 1755.

Cada época tem a sua maneira de viver e as suas manifestações particulares em matéria de arte.

A Arquitectura e a decoração adaptam-se inevitavelmente às necessidades e às exigências de momento e naturalmente procuram fórmulas novas para interpretar os temas eternos. Se assim não fosse viveríamos ainda em cavernas. Com a deficiência de auxílio doméstico, com a progressão cultural da mu-

lher e a necessidade de trabalhar que por vezes a afasta longas horas de casa, certos detalhes caseiros tiveram de ser abandonados ou limitados.

Tende-se hoje para uma grande sobriedade — ia quase a dizer austeridade — em matéria de decoração interior. Mas é um erro pensar que esta simplicidade aparente é fácil de atingir e que com a simples ausência de móveis ou de adornos, se consegue ter uma casa de estilo moderno.

Justamente porque cada objecto, é por assim dizer, individual, esse objecto tem de ser perfeito em si e perfeito para o fim a que se destina, seja ele de ordem utilitária ou de ordem decorativa.

Com um pouco de geito podem misturar-se móveis antigos de várias épocas ou mesmo sem qualquer época definida, introduzir-se uma «graça» romântica num ambiente de estilo e brincar-se com arranjos de flores mais ou menos fantasistas formando-se um conjunto agradável e cheio de conforto. Mas é preciso muito mais do que «geito» para colocar uma imagem carcomida do séc. XV num ambiente puramente moderno e para compreender relação existente entre três lírios

esguios armados em leque, e o biombo lacado, que lhes serve de fundo.

Julga-se na nossa terra, duma maneira geral, que o estilo moderno consiste em grandes janelas sobre o bulício das ruas em pinturas vivas nas paredes e em móveis de tola com pernas de palito recobertas de fórmica. Podem também servir como adorno quaisquer jarras de faiança pintalgadas e um candeeiro em forma de túlipas invertidas iluminando a reprodução de um quadro abstracto ou, pior ainda, de um desenho chinês. Como flores? Um ramo de misturas de tons quanto mais variados, melhor, e se couberem no gargalo da jarra, meia dúzia de folhas secas a dar-lhe volume.

Eu, porém, considero que arranjar flores em salas modernas, é um dos maiores emprehendimentos que uma mulher pode tomar para si em assuntos decorativos.

Na decoração moderna há duas tendências dominantes, a meu ver. Uma tem a sua inspiração nos países do norte, em que a «madeira» empregada como «pièce de resistance» sempre magnífica é tratada e preparada especialmente para o fim a que se destina; móveis, paredes, fogões... Vêm de lá também, com os aços polidos e os cöbres inoxidáveis que misturam com as madeiras, os cristais mais estudados de forma e os tecidos mais originaes, em que centenas de técnicas rivalizam. Todo o material que empregam é bom, é rico — e é caro.

A outra inspiração a que me referi, vem do oriente: os longos móveis escuros, polidos como espelhos, os biombos lacados tanto em voga, as porcelanas de forma estilizada e quase inverosímeis de leveza, as sedas brilhantes e macias! Tudo isto tem um sabor oriental, muito a propósito quando se quer criar um ambiente de serena dignidade.

Ora nós temos de estudar com cuidado a ideia que orientou a decoração de uma sala moderna, para que um arranjo de flores mal pensado ou mal colocado não destoe do seu espirito e lhe não faça perder o sentido.

Não é fácil descrever um ramo de flores «por escrito», nem dar ideia sem ter diante dos olhos a matéria viva que se vai trabalhar. Tentei dar por isso às minhas leitoras umas imagens, que lhe dessem uma ideia dos arranjos de flores de cada época, para que cada uma, estudando a sua casa e a sua

preferência, possa escolher o seu género e a sua maneira.

A parte técnica que será o fecho deste artigo é muito simples. Os utensílios precisos são poucos e baratos, o sistema de orientar o ramo de flores em si, fácilimo.

O que é difícil é «visualizar» de antemão o arranjo completo e no seu lugar.

Temos que tomar em conta tudo o que vai rodear, o estilo da decoração, o ambiente da sala, o fundo que lhe destinamos.

Lembrei-me então de apelar para a sua imaginação tentando dar-lhe uma «impressão» da minha maneira de ver um hipotético arranjo de flores numa hipotética sala de estilo moderno.

Imaginem uma janela imensa, debruçada sobre o mar, e paralela a uns metros de distância, uma longa parede caiada, sem adorno, onde se reflectem, todos os momentos de beleza transitória de um dia de verão: Desenham-se ali, em luz e em movimento, as chispas metálicas das ondas banhadas pela luz da manhã. Doira-se uniforme ao sol do meio-dia. Perpassam por ela, em vagas sombras grisalhas, as nuvens do entardecer, os bandos de gaviotas regressando à terra. Mais tarde cerradas as cortinas, toca-se o mistério da noite, adoçado pela luminosidade ténue que vem das chamas da lareira ou que vem dos candeeiros velados. Suponham que uma nesga estreita corre ao longo desta parede onde esteja colocada, mas sem a interromper, a tela natural feita pela parede, uma peça qualquer de decoração — um barco, uma estatueta — qualquer coisa cuja linha destaque contra a brancura da parede. Que flores poderíamos nós pôr sobre a mesa, que não amortecesse a poesia desse quadro vivo?

Nenhumas, durante o verão.

Chegados, porém, o Outono ou o Inverno, com a sua luz triste de eterno anoitecer, a parede torna-se muda e fria. Passa a ser um espaço despido e indiferente. Nessa altura um arranjo de flores não só tem razão de ser como é indispensável — mas terá de ter um sentido de produzir um efeito. O de «aquecer» a sala, de lhe dar vida de transpor para a parede inerte o movimento e o calor de uma chama a arder.

Escolhamos então uma braseira ou um facho de cobre — um alguidar de barro se nada melhor tivermos — e ponhamo-lhe dentro um

Meu arranjo de flores em «palmito» na Igreja do Mosteiro de Alcobaça quando da visita a Portugal da Rainha Isabel II de Inglaterra. O arranjo foi feito com cravos de 8 tons em degradé do grenat ao rosa pálido e tinha 1 metro de altura por 0,50 de largo. (Na base). Inspirado nos palmitos do Norte

amontoado de flores de tons berrantes, misturadas com folhas já requemadas ou com algas cor do mar — num ramo quase selvagem, de ritmo estridente e inquieto.

Para o substituir, usaremos um búzio grande, de onde saia, transbordando em catadupas até ao chão, uma imensidade de chagas, escarlates como o fogo e doiradas como o sol, como uma vaga irreprímível de cor e de luz.

Deixemo-nos de estudos simétricos e contidos, de realizações de intenção artística, visível. Queremos apenas dar uma sensação de calor e de vida intensa e teremos a satisfação de ver que a sala ficou «cheia» de repente sem que o seu espírito tivesse sido alterado. Será a nossa vez, de criarmos nós, pela nossa imaginação e com as nossas mãos, um pouco de beleza, sem competição, que a natureza criara há meses.

Se a sala a arranjar pertencer a uma casa de campo o problema é ainda maior, porque a natureza entra-nos pelas janelas, quase sem transição, com o encanto que lhe é próprio e com o qual não podemos competir. Como poderíamos nós concorrer com a serena tranquilidade de um pinhal prateado pelo orvalho da manhã, com a violência de um rio a espumar sobre pedregulhos negros, com a miragem de uma seara doirada ou com o lirismo cantante da fonte que refresca o pomar ao pôr do sol?

Numa sala deste género nunca deverá um arranjo de flores ser a nota dominante, mas apenas um eco do que vai lá fora; quanto mais simples e desprezioso for o arranjo melhor. Um copo de vidro, com rosas da trepadeira que cobre o muro, uma caneca com

dálías do canteiro, meia dúzia de lilases cortados pela fresca, um ramo de flores bravas apanhadas durante o passeio, será mais do que suficiente para continuar a alegria e a doçura do que se nos depara em frente.

O mesmo não direi, se se tratar de uma sala da cidade. Ali sim: ali um arranjo «estudado» vem a propósito. Se a sala tiver um ambiente que em qualquer detalhe nos lembre o Oriente, o problema não é difícil de resolver. Um só arranjo, colocado sobre uma mesa baixa será suficiente. Deveremos escolher uma taça rasa, de porcelana negra, branca ou «celadon». Com um espeto de arame no fundo da vasilha seguraremos as duas ou três flores escolhidas entre as que têm certo sabor oriental: lírios, jarros, peónias, gladiolos (para arranjos relativamente altos) camélias, para arranjos baixos.

Os arranjos maiores nunca deverão ter mais de 30-40 centímetros de altura — e as flores devem ser dispostas em arvelos, formando, com folhas de lírio, um leque meio aberto, um pouco espalmado. Na base, para tapar os pés das flores e dar volume ao ramo, disporemos umas folhas grandes, de jarros ou de begónias, por exemplo.

Não há qualquer regra especial para os arranjos de flores em salas contemporâneas que não tenham um espírito nitidamente oriental e dependem estes arranjos inteiramente do gosto individual de quem os faz.

Limitar-me-ei por isso a recomendar um certo cuidado na jarra que se escolher e a aconselhar certa sobriedade de forma, a fim de que o seu efeito de «desequilíbrio» venha da intensidade da cor e do movimento das flores escolhidas.



PORTUGAL

Devem ter notado que me não referi nunca a Portugal nos artigos passados. Não o podia fazer com sinceridade, em relação às escolas que influenciaram o mundo em matéria de arranjos de flores, ou mesmo nos arranjos de flores nas casas particulares que, até há 20 ou 25 anos eram inexistentes.

Eu sou do tempo em que só as casas de jantar tinham a honra de uma tentativa artística, nos centros de mesa, e, em geral, com desastroso resultado.

Vivia-se no escritório e as salas abriam-se, quase apenas em dias de festa, ou em dias de luto. Quando havia visitas, punham as criadas umas vassouras sobre o piano, das flores menos caras da estação.

Eu sou ainda do tempo em que só em aldeias longínquas se podiam descobrir às vezes, quase tornados em selva, velhos jardins abandonados em que as sebes de buxo espigado guardavam vestígios de intrincados desenhos antigos; em que os tufos de rosas-musgo, meio selvagens, abafavam os de malvaíscos e de lilases; em que a hera se enroscava pelos troncos carcomidos das árvores, os malmequeres e os lírios transbordavam dos canteiros irregulares, as ravinas e as violetas espreitavam por entre ortigas, os jasmims, as glícínias e as sardinheiras se entrelaçavam sobre os muros a cair. E em que o cheiro intenso dos goivos se misturava ao da malva-rosa, ao do alecrim e ao das laranjeiras em flor.

E tão ilógica é a natureza humana que eu, que devo ter visto alguns dos mais ricos e dos mais cuidados jardins da Europa, guardo uma saudade infinita desses matagais em flor, que ao entardecer se enchiam de uma poesia indiscreta e nos lembram bem que noutros tempos, mulheres, que, como eles, pertenciam há muito tempo ao passado, os tinham imaginado e cuidado e neles tinham encontrado muitas alegrias e, quem sabe? Algumas consolações.

Deixei-me vencer pela inevitável pieguice portuguesa relembrando coisas que nenhuma de vocês tem idade de ter visto. Mas confesso que nunca senti, em nenhum dos inúmeros jardins modernos, arranjos *soi-disant* à inglesa, com magotes de arbustos sem sentido a espreitar por relvados de grama, a emoção que estas recordações me trazem; nem nenhum ramo de flores, por mais pensado e artístico que seja, me dará nunca a sensação de frescura e de acolhimento que eu sentia ao olhar e ao cheirar os enormes ramos de beladonas, que a minha avó, de quem herdei a minha paixão por flores, punha, no Verão, na entrada empedrada da sua casa de província.

Não posso, porém, deixar em branco as duas ou três coisas raras que Portugal deu ao mundo e que lhe são particulares: os palmitos das igrejas do Norte; os ramalhetes cónicos das romarias e os tapetes de pétalas de flores, que reproduzem nos seus desenhos simétricos, no detalhe e na cor — mas em matéria viva — os mais raros e preciosos tapetes persas.

Há uma tal originalidade nestas várias manifestações de Arte Popular, um sentido tão equilibrado no matizar das cores, um tão grande amor posto no arranjo dos arcos das procissões, tanta graça nos ramitos de flores do campo com que enfeitam os arreios das mulas em dia de espiga, tão grande individualidade no desenho dos açafates nas «festas» e bailaricos — que eu não posso deixar de pensar que há no povo português, um potencial artístico imenso que quase não é conhecido e que ainda está quase por explorar.

E penso, também, que nós, os da nossa classe, que temos tão grande e por vezes tão indiscriminada tendência para aceitar tudo o que nos vem do estrangeiro, poderíamos estudar melhor as possibilidades do nosso País e inspirar-nos de vez em quando no que nos ensinam os nossos.

LÚCIA DE STTAU MONTEIRO





flos-sanctorum

História da vida e martírio dos gloriosos S. Cosme e S. Damião, segundo a escreve Adon, bispo treverense

S. Cosme e S. Damião foram irmãos e naturais da cidade de Egeas. Sua mãe foi cristianíssima, chamada Teodora. Aprenderam a arte da medicina, e tanta graça receberam do Espírito Santo que não só saravam as enfermidades dos homens mas também dos animais. Não aceitavam paga, nem coisa alguma pela cura e saúde que davam. Uma dona chamada Palladia tinha gasto com médicos quanto tinha; e, ouvindo a fama destes santos varões, veio a eles e, pedindo-lhe saúde, eles a deram perfeitamente sã: e vendo-se ela com saúde, levou escondidamente um presente e o dava a S. Damião, mas, não o querendo ele receber, obrigou-o ela com grandes rogos e encarecimentos, pedindo-lhe por Deus que o aceitasse por lhe dar gosto, e ele o recebeu, não vencido da cobiça da coisa, mas por satisfazer à sua devoção e por não parecer que desprezava o nome santo com que o conjurou. Sabendo isto S. Cosme, seu irmão, scandalizou-se muito disso, e mandou que não enterrassem o corpo de S. Damião com o seu pelo tal caso. Porém, naquela noite apareceu a S. Cosme o Senhor, e desculpou a S. Damião do presente que tomara.

Ouvindo o procônsul Lísias sua fama, os mandou vir perante si, e perguntou-lhes de que terra eram, e se eram servos ou livres. E lhe responderam S. Cosme e S. Damião: «A nós chamam Cosme e Damião, e somos irmãos, e temos outros três irmãos, a um chamam Antime, ao outro Leôncio, e ao outro Eutrópio, somos da terra de Arábia, e entre

cristãos não há diferença dos livres aos servos». Mandou-lhes logo o procônsul Lísias que trouxessem seus irmãos, e sacrificassem todos os ídolos. Vindo seus irmãos, e desprezando todos o sacrifício dos ídolos, os mandou atormentar muito àsperamente nas mãos e nos pés: e fazendo eles escárnio dos tormentos, mandou o procônsul atá-los todos em uma cadeia, e lançá-los no mar. Veio o Anjo do Senhor e os livrou. Vendo isto os soldados o disseram ao presidente, e o procônsul os mandou vir diante de si, e disse-lhes: «Pelos grandes deuses que vos digo que venceis com feitiços: pois que desprezais tormentos, e mortificais o mar, ensinai-me estes vossos malefícios, e eu vos seguirei, e serei companheiro nas vossas obras. Responderam os Santos: nós somos cristãos, não sabemos feitiçarias, e no nome de Cristo desprezamos todos os malefícios. Vieram logo dois demónios, que feriram muito gravemente o procônsul no rosto, e ele começou a gritar e a dizer: «Rogo-vos homens de bem, que rogueis por mim ao vosso Deus». E orando por ele se foram os demónios, e, idos os espíritos maus, disse o procônsul aos Santos: «Não vedes como se assanhavam contra mim os deuses, cuidando que os queria deixar? Eu vos digo que não consentirei mais que blasfemeis deles».

Logo mandou acender grande fogo e lançá-los dentro; mas, orando os Santos, o fogo perdeu sua virtude, e saltou a labareda e queimou muitos dos que estavam presentes.

Atónito e espantado o presidente das coisas

que via acontecer com os Santos mártires, atribuindo tudo à arte mágica, os mandou outra vez pendurar no ecúleo e atormentar. Mas vendo-os muito alegres e contentes, e que podiam mais do que os tormentos, mandou levar ao cárcere os outros três irmãos, e mandou crucificar os gloriosos mártires S. Cosme e S. Damião, e estendidos nas cruces, os mandou apedrejar, e fazendo-o assim o povo, voltavam as pedras contra os que as lançavam; e escalavravam e feriam muitos deles. Vendo isto o tirano, cheio de ira, mandou tirar do cárcere os outros três irmãos, e pô-los ao pé das cruces de S. Cosme e S. Damião, e mandou que catorze soldados os asseitassem nas cruces, onde estavam, mas as setas voltavam para trás e feriram e mataram muitos dos infiéis.

Vendo-se o presidente em tudo vencido, e confuso, tomando por isso muito grande tristeza, mandou degolar todos os cinco irmãos, e foram mártires S. Cosme e S. Damião, Antimo, Leôncio e Eutrópio, a 27 do mês de Setembro no tempo do imperador Diocleciano, ano da Encarnação de nosso Salvador 288.

Lembrando-se os cristãos do que mandara S. Cosme, que não enterrassem o corpo de S. Damião na mesma sepultura, e duvidando do que fariam, os tirou o Senhor desta dúvida, porque veio um camelo, o qual fora curado por S. Cosme, fazendo o sinal da cruz em um pé que tinha quebrado: e falou em voz humana, e disse-lhes que os enterrassem

ambos juntos: e desta maneira tirou o camelo a dúvida em que estavam, e pela Divina Providência pagou a cura do seu pé, e foi agradecido da sua saúde, que tinha recebido: e vendo os cristãos tamanha maravilha enterraram com muita alegria a ambos em um sepulcro. Não havia ninguém que lhes não chamasse guardadores: todos choravam sua ausência. Não havia ninguém que não tivesse por muito grande perda a morte e apartamento de S. Cosme e S. Damião. Toda a multidão dos que por eles foram curados fazia muito grande pranto: os que por eles foram ensinados choravam sem consolação.

Os mancebos se vestiam de dó, e os homens e mulheres pranteavam com grandes gemidos sua morte.

Um lavrador dormindo em um campo, aberta a boca depois de cansado de segar, veio uma cobra e lhe entrou pela boca no ventre, e acordando se foi para casa não sentindo coisa alguma, e à tarde o começou a atormentar grandemente, e ele dava muitos grandes gritos, e chamava em sua ajuda a S. Cosme e S. Damião, e crescendo a dor foi à igreja dos Santos mártires, e adormeceu súbitamente, e a cobra saiu pela boca, como entrara.

Indo um homem longe de sua casa, encomendou sua mulher a esses Santos mártires, lhe desse os tais sinais. E o demónio sabendo os sinais, que o marido lhe dera, tomou forma humana, e veio à mulher, e disse-lhe: «Teu marido me manda de tal ci-

dade para que te vás comigo para onde ele está, e me deu estes sinais, para que me cresses». Ouvindo ela isto, teve receio de ir com ele, e disse-lhe: «Eu bem conheço o sinal; mas porque ele me deixou encomendada aos Santos mártires Cosme e Damião, jura-me sobre o seu altar que me levarás segura e em paz»; e o demónio jurou como ela pedia, e se foi com ele, e chegando a um lugar deserto, quis o espírito maligno derrubá-la da besta em que ia, e matá-la. Sentindo ela isso, disse a grandes vozes: «Senhor Deus dos Santos Cosme e Damião, ajudai-me: e vós, mártires gloriosos, sede em minha ajuda porque eu vos creio a vós; e portanto vim confiada com este homem». Vieram logo os Santos mártires Cosme e Damião com grande multidão de anjos, vestidos todos de branco; e o demónio desapareceu, e disseram os Santos mártires à mulher: «Nós somos Cosme e Damião, e porque creste no juramento feito sobre o vosso altar, te viemos socorrer e livrar», com o que voltou para casa.

O papa Félix VIII edificou em Roma uma igreja à honra de S. Cosme e S. Damião, e estava nela um homem que servia a estes Santos mártires, e lhe nasceu um cancro em

uma perna, que lha comia toda, e estando ele uma noite dormindo, apareceram-lhe os Santos mártires Cosme e Damião e traziam mezinhas e ferros, e disse um ao outro: «Donde tomaremos carne para esta perna, porque cortemos a podre e ponhamos outra sã em seu lugar?». Respondeu o outro, e disse: «No adro da igreja de S. Pedro ad Vincula enterraram hoje um negro; dali poderemos tirar carne para suprir o que falta a esta: e foi logo um deles à cova do negro, e tirou-lhe a perna, e a trouxe, e cortaram a perna enferma ao doente, e puseram em seu lugar a perna do negro, e untaram-lhe com mezinha que traziam, e levaram a perna doente do enfermo, e a puseram ao negro.

Acordando o enfermo, e não sentindo dor, chegou a mão à perna, e não achou nela alguma chaga, e acendeu candeia, e não achando mal algum, começou a duvidar se era aquele, ou se era outro em seu lugar, e tornando em si, saltou com grande alegria fora do leito, e começou a contar a todos o que vira em sonhos, e foram com grande pressa à sepultura do preto, e acharam-lhe posta a perna doente, e que os Santos mártires tiraram ao enfermo.





OS AMANTES
DE VENEZA

Musset e Georges Sand

Entre os convidados havia uma única mulher, Georges Sand, já famosa como escritora, mas conhecida nos meios literários graças à sua ligação com Jules Sandeau e ao seu estranho modo de vestir.

Nessa noite, porém, Georges Sand não usava fatos masculinos. Envergava uma túnica turca bordada a ouro. Entrou na sala de jantar pelo braço de Gustave Planche. Musset mais **dandy** do que nunca na sua sobrecasaca com gola de veludo e nas suas calças azuis, inclinou-se para o dono da casa:

— É a famosa **Madame** Dudevant? Que idade tem ela?

— Vinte e nove, julgo eu...

E maliciosamente acrescentou:

— Vou sentar-te à direita dela.

Como habitualmente Musset foi brilhante. Georges Sand passou a noite a rir-se com as histórias que Alfred lhe contava. Tornaram-se amigos. Combinavam coisas loucas, tais como: trepar às torres de Notre-Dame, partir para uma floresta longínqua, visitar Roma, Veneza... E enquanto ela fumava a sua longa boquilha de cerejeira da Bósnia, ele observava-a ternamente, encantado com as volutas azuis e brancas que se desprendiam do cigarro.

Certa noite Georges ofereceu um jantar. Musset não apareceu. Esquecera-se, decerto. Assim, depois de esperarem cerca de uma

hora, os convivas sentaram-se à mesa. Entre eles estava Sainte-Beuve.

Servia-os uma criada que imediatamente chamou as atenções pela falta de prática que demonstrava. Dava cotoveladas nos convivas, e acabou por se sentar nos joelhos de Lermnier, despejando-lhe uma garrafa de água pela cabeça abaixo. Indignação geral e, por fim, a criada tirou a cabeleira. Era Musset, feliz como uma criança...

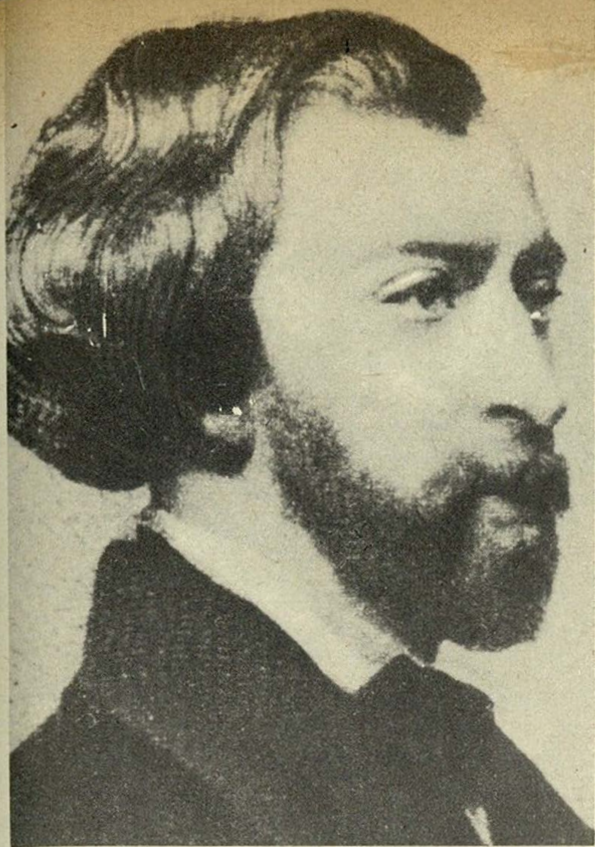
VIAGEM À ITÁLIA

Os sonhos dos poetas realizam-se por vezes. Por uma noite brumosa e glacial de Dezembro, Georges e Musset partiram para a Itália.

A viagem começou mal. À saída, o pesado carro em que seguiam bateu no portão e por um pouco que se virava. Era um presságio? Chegaram enfiam a Lião e apanharam um barco que descia o Ródano e que os levou até ao Mediterrâneo. No convés estava um homem corpulento embrulhado num manto. Reconheceram-no: era Stendhal, o cônsul da França em Civitavecchia que se dirigia para o seu posto.

— A Itália? Veneza? A Arte italiana? Vão ficar desiludidos com tudo isso — disse Stendhal — ilusões e nada mais!

Musset sorriu. Ele conhecia muito bem o humor de Stendhal.



Quanto a Georges ficou a'borrecida, chocada, com o ceptimismo e a ironia do autor da **Cartuxa de Parma**. Essa viagem na companhia de Stendhal desagradava-lhe e foi com grande alívio que dele se separou em Marselha.

Livorno, Pisa, Florença... Ficaram alguns dias na capital da Toscana sem se decidirem sobre o objectivo da viagem: Roma ou Veneza: seria a cidade dos doges que serviria de cenário àquela aventura. Mas quem sabe? Se Roma fosse a cidade escolhida talvez as coisas tivessem corrido de maneira diferente?

Esgotada por aquela viagem interminável, Georges tremia de febre quando a diligência austríaca chegou à cidade dos canais. Musset ocupou-se de tudo, procurou um barqueiro, carregou as bagagens. Na noite fria a gôndola negra deslizava na água esverdeada. Ali estavam eles na cidade tantas vezes sonhada!

De súbito, Georges tocou no braço de Musset, tão esgotado como ela:

— Olha! A Lua nasce para nos receber!

Alguns instantes depois os jovens amantes desembarcavam diante do Albergo Reale Danieli, magnífico palácio transformado em hotel, cujas janelas góticas davam para o Canal-Grande e para o San Giorgio. Apesar do frio eles abriram as janelas para sentir o cheiro adocicado da Laguna, o cheiro desagradável e verde de Veneza. Até àquela noite Musset respirara-o apenas nos seus poemas.

O MAIS BELO DOS SONHOS

No dia seguinte quando as canções dos gondoleiros os acordaram, Musset levantou-se, encantado, e gritou:

— É belo como o mais belo dos sonhos! Eis enfim a Itália que desde Génova eu procurava e que sempre se me escapava das mãos!

Georges não respondeu. Estava doente. Abatida pela febre ela não pôde sair do seu leito e «o mais belo dos sonhos» iniciou-se por um apelo angustiado aos médicos!

Porque foi em Veneza que o drama explodiu. Georges ficava na cama e Musset, entregue a si mesmo, recomeçou a sua vida de libertino. Os cafés da Praça de São Marcos recordavam-lhe o seu **boulevard**, obrigavam-no a deixar o quarto de Georges, empestado pelo cheiro dos remédios. Dentro em breve ele conhecia todos os bares de São Marcos e todas as dançarinas do Teatro La Fenice.

Ciumenta, desesperada pelas fugas do companheiro, ela pretendeu várias vezes acabar a sua ligação com Musset, mas ele conseguia sempre iludi-la com as mais variadas desculpas. Entretanto ela melhorou um pouco, puderam enfim dar longos passeios, passar longas horas no Café Florian. Musset enchia de notas um caderninho que levava: apontamentos para futuros poemas, receitas de cozinha, palavras caracteristicamente venezianas.



A trégua foi de curta duração. As disputas entre eles recomeçaram e, desta vez, foi Musset que caiu à cama com crises alucina-tórias.

Aterrada, Georges chamou o médico que a havia tratado nas semanas anteriores: Pagello.

Pagello era jovem, tinha largos ombros, conversava pouco. Ele surge entre Musset e Georges no preciso momento em que as relações entre estes tinham atingido uma situação desesperada. Contudo, tanto Pagello como ela trataram do enfermo com verdadeira emoção. As crises dele sucediam-se, Georges e Pagello passavam a noite à cabeceira do doente. Sòzinha numa cidade que detestava, Georges escrevia a Buloz: «Sinto-me desesperada, morta de fadiga, sofrendo horrivelmente e sem saber porque espero!». Um único apoio lhe resta: Pagello que resume para ela todas as seduções do «estran-geiro».

O quarto de Musset tem um pé direito muito baixo. Dava para uma antecâmara mais arejada e era aí que o médico e Georges Sand passavam o tempo para velar Musset enquanto ele dormia. E assim ficavam longas horas lado a lado. O veneziano que inicialmente procurara ajudar Georges Sand acabou por se apaixonar por ela. Im-

plora, ajoelha-se-lhe aos pés, chora! E Sand que de início o repelira com horror deixa-se a pouco e pouco convencer.

O ESPELHO

Com o tempo Musset acalmou. Passava os dias inteiros mergulhado em sonolência. E, certo dia, meio acordado, abriu os olhos. Georges e Pagello não podiam ser vistos porque se encontravam na antecâmara. Mas, de súbito, ele olha para um espelho. Traiçoeiramente este revela-lhe o que se passa e Musset solta um grito e desmaia. No dia seguinte Georges é obrigada a confessar-lhe a verdade. Musset escolhe então a atitude romântica que de costume impõe às suas personagens: decide apagar-se, fugir dessa Veneza maldita logo que as suas forças o permitam. Mais ainda: considera-se o verdadeiro culpado, chora de desespero, abençoa o novo amor de Georges.

Regressa a Paris e escreve numerosas cartas à futura apaixonada de Chopin: cartas em que se misturam estranhamente a paixão, o arrependimento e os remorsos. «A posteridade — escreve-lhe — repetirá os nossos nomes como repete os nomes de Romeu e de Julieta, de Heloísa e Abelardo».

Quando Sand chega a Paris acompanhada por Pagello as coisas parecem recompor-se. O médico veneziano percebe que o seu reinado está no fim e regressa a Itália. Musset conquista de novo a sua apaixonada. Mas a felicidade estava perdida. A vida entre eles transformou-se numa terrível tortura e eles acabaram por se separar definitivamente.

«DOU-VOS O MEU CORAÇÃO»

Mas toda a gente o acolhia de braços abertos e ele recomeça a sua anterior vida, queimando a sua juventude, deitando-se tarde, bebendo muito. Amando também algumas mulheres.

Certa noite estreia-se em Paris uma actriz: chama-se Allan Depréaux e Musset elogia-a em *La Revue*. Dias mais tarde encontram-se os dois numa festa. Ela é a rainha da noite. Como um conviva lhe elogiasse o anel ela põe-no em leilão. Só Musset nada oferece. Allan pergunta-lhe então:

— Senhor Musset, não me ofereceis nada?

— Dou-vos o meu coração — respondeu ele.

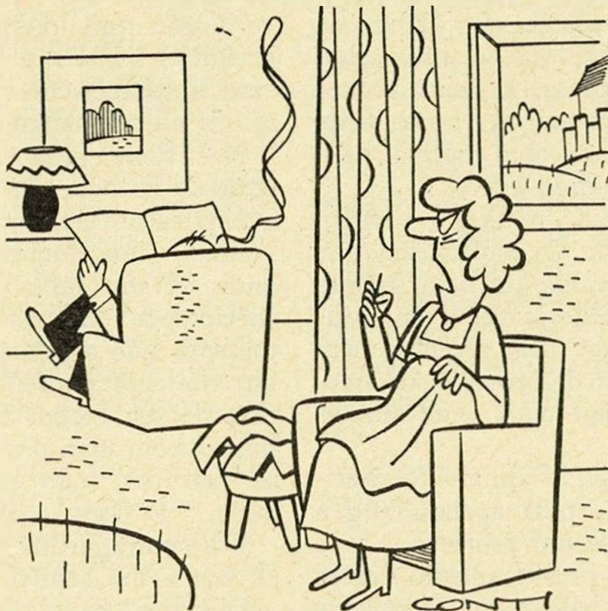
— Muito bem. O anel é vosso...

Da admiração ao amor vai apenas um passo. Eles deram esse passo.

Foi a última aventura sentimental de Musset e — quem sabe? — a mais infeliz. Ele amava Allan Depréaux, mas torturava-a. Como em Veneza as crises de nervos eram cada vez mais numerosas. Entre dois ataques ele atirava-se aos pés da infeliz e implorava-lhe perdão. «É terrível ser amada por ele — escreve a actriz a uma das suas amigas —. Nunca vi maiores contrastes numa só pessoa, há nele dois seres antagónicos que mutuamente se torturam!».

Até que a morte o libertou. Começara por se queixar duma grande fadiga, chamara o irmão, permanecera grande parte do tempo em silêncio. Depois disse: «Dormir... Enfim, vou finalmente dormir...!».

Foi o próprio irmão que lhe fechou os olhos.



— E pensar eu que não quiseste que fossemos ao cinema com o pretexto de que querias fazer-me companhia!

o animal do mês

A TOUPEIRA

Desde longa data que a toupeira tem fama de animal mágico e que a imaginação dos homens lhe atribui virtudes terapêuticas de primeira ordem. Esculápio, herói místico que os gregos sagraram Deus da Medicina, era em realidade um deus-toupeira. O seu nome, segundo a opinião de dois filólogos belgas, Henry Grégoire e Roger Joossens, têm a mesma raiz linguística que o daquele animal.

O naturalista romano Plínio, o Antigo, garante-nos que as cinzas da toupeira curam as escrófulas, que o seu sangue acalma os loucos e que a terra das toupeiras aplicada sobre os tumores tem efeitos radicais. Os sábios da Idade Média afirmavam que o animal largava um fluído miraculoso. E quem tivesse a sorte de enganar uma toupeira numa noite de Lua cheia herdava um dom especial para curar os doentes em estado grave.

Ao leitor do séc. XX, irónico e céptico, estas coisas fazem sorrir. Os naturalistas que estudaram a toupeira rasgaram para sempre o véu de poesia e de mistério que a envolvia. Mas as suas revelações mais recentes nem por isso se apresentam desprovidas de interesse. Quem sabe? São mais interessantes ainda...

A toupeira que chega a atingir 15 centímetros de comprimento pesa apenas 80 g e está feita como se fosse um projectil.

O corpo colocado no prolongamento exacto do focinho, é quase cilíndrico. Pormenor curioso: os pêlos que a cobrem são perpendiculares à pele. Isso significa que quer a toupeira avance ou recue, nunca se despen-

teia... Quase não tem orelhas. Dir-se-ia que na sua concepção tudo foi sacrificado ao aerodinamismo... Os únicos apêndices que parecem contradizer esse aerodinamismo são as patas e a cauda. Mas as patas têm uma força prodigiosa.

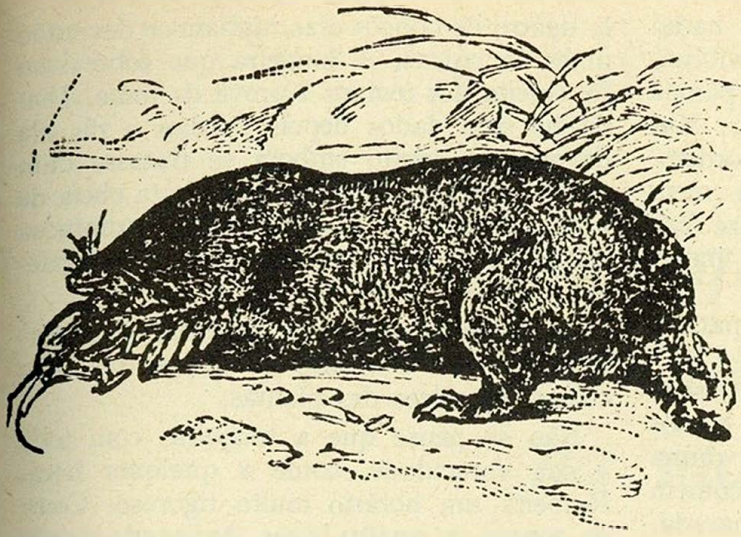
A toupeira é cega ou não? Os naturalistas ficam perplexos... E têm opiniões diversas.

O animal possui dois olhos minúsculos, muitas vezes mal conformados e cobertos de uma teia esbranquiçada. No entanto desde o século passado, existe a opinião de que ela distingue a luz da obscuridade. E tem-se verificado que, posta à superfície, ela foge sempre dos homens, como se os visse. E procura imediatamente um buraco como se receasse algum perigo.

Mas René Jodet, biologista da Universidade de Rennes, descobriu recentemente que a explicação era outra. Quando se deixa à vontade uma toupeira numa sala obscura onde há um tubo de vidro iluminado ela precipita-se para esse tubo. Explicação: a toupeira não procura a escuridão mas sim, um contacto periférico sobre toda a superfície do seu corpo. Podemos iluminar o seu buraco com uma poderosa lâmpada. Ela não se perturba, não parece mesmo dar por nada... É cega — concluiu René Jodet.

Em contrapartida ela tem um olfacto, um ouvido e um sentido táctil prodigiosos.

O animal capta as mais subtis vibrações graças aos pêlos que lhe cobrem o corpo. Quieta no seu buraco, como uma aranha no centro da sua teia, a toupeira apreende



os mais discretos e longínquos movimentos acontecidos na sua rede de galerias. Só os insectos que não emitem nenhum som e não produzem qualquer cheiro lhe passam despercebidos.

De resto, tudo na toupeira parece ser realizado em vista duma vida exclusivamente subterrânea. A toupeira está em terra como o peixe na água.

Ela abre galerias à média de 12 a 15 m por hora!

E na época em que o amor as estimula são capazes de abrir túneis percorrendo 50 m por hora!

Este trabalho não é feito por puro desporto, claro está. O sistema de galerias que a toupeira constrói correspondem a um plano rigoroso. No centro dos seus domínios há uma caverna que é uma autêntica praça forte com o tamanho duma bola de futebol e cujo tecto aguenta perfeitamente o peso dum homem e é impermeável à água.

O que mais intrigou os primeiros investigadores foi o facto dessa praça forte ser envolvida por uma série de galerias circulares e concêntricas. Terão elas uma função de ventiladores?

Dessa praça forte sai uma autêntica teia de corredores subterrâneos. Embora as toupeiras sejam animais solitários e terrivelmente ciosos da sua independência, muitas vezes as suas galerias privadas cruzam-se umas com as outras.

E assim, para economizar tempo, vários vizinhos servem-se dos corredores uns dos

outros. Desse modo acontece que algumas galerias são tão frequentadas como as grandes avenidas duma grande cidade.

Essas artérias rasgam as terras por toda a parte e não se detêm perante nenhum obstáculo. O mais que podem fazer é contorná-lo.

O sentido de orientação das toupeiras é prodigioso.

Se, por acaso, uma inundação, uma charrua, ou a mão do homem lhe obstruem um ou vários túneis, ela constrói imediatamente as galerias necessárias para da forma mais directa alcançar a praça forte. Como se orientam elas debaixo da terra sem qualquer ponto de referência? Mistério.

O animal pode deslocar-se nos seus corredores à velocidade de mais dum metro por segundo. E — conforme o observou René Jodet em tubos de vidro — ela utiliza a cauda como *trodley*. Ela ergue-a de modo que a extremidade contacta sempre com o tecto da galeria. Se, por acaso, ela descobre uma descontinuidade nesse tecto, pára imediatamente e explora os arredores com minúcia.

A toupeira interrompe a sua existência solitária em meados de Fevereiro. Então os machos procuram uma companheira. Em seguida sequestram-na no fundo duma galeria e defendem-na furiosamente contra qualquer pretendente. Muitas vezes travam-se combates terríveis que terminam com a morte dum dos antagonistas. E isso debaixo

dos nossos pés, sem nós darmos por nada! O vencedor come geralmente a sua vítima.

Por vezes a fêmea é tomada de pânico perante tal crueldade e procura fugir. Mas de nada vale. O marido mete-a na ordem.

Cinco semanas depois nasce uma meia dúzia de toupeirinhas. Ao fim de quinze dias cresceram o dobro e ao fim de dois meses entram na fase adulta.

E a pouco e pouco esses jovens partem para a conquista do mundo.

Porque constróem as toupeiras as suas minas? Porque se alimentam com os bichos que vivem na terra. E são dotadas duma incrível voracidade. Basta dizer que comem todos os dias oitenta gramas de bicharada, isto é o equivalente ao seu peso. O leitor já imaginou um homem de oitenta quilos a ingerir todos os dias oitenta quilos de carne, de peixe, de legumes...?

É evidente que um tal apetite não pode ser satisfeito pelo acaso. Por isso a toupeira apreende os mais pequenos movimentos, os mais pequenos cheiros que se desenvolvem nas suas vizinhanças. Mal pressente qualquer coisa avança freneticamente...

Experiências várias revelam que uma toupeira descobre facilmente a presença duma minhoca imóvel separada dela por uma parede de sete centímetros de argila. Coisa curiosa! A minhoca parece perceber que está a ser procurada e tenta imediatamente alcançar a superfície!

As minhocas são o seu prato favorito. Mas à falta delas a toupeira contenta-se com formigas, arganases e cobras...! Mas tem sempre o cuidado de sacudir a terra das suas vítimas. Porque a toupeira é um bicho asseado, não gosta de comer terra. Bem basta ter de viver nela!

Um fisiologista do século XIX, Pierre Flourens, realizou em 1.828 várias experiências que demonstram eloquentemente a ferocidade das toupeiras. Fechou dez numa sala

e, dentro de poucos dias, tinham-se devorado umas às outras. A toupeira que sobreviveu foi sujeita uns tempos à prova da fome. Tendo-lhe sido dados depois pardais e rãs ela devorou-os, muito embora se tratasse dum manjar inédito. Dias depois embora cheia de fome, recusou-se a comer uma sumptuosa salada de alface, couves, nabos, etc. Preferiu morrer!

As toupeiras são, pois, essencialmente carnívoras e, ao contrário do que se crê, não comem as raízes das plantas.

Não se pense que a toupeira, com toda a sua voracidade, come a qualquer hora. Respeita um horário muito rigoroso. Come de quatro em quatro horas, dedicando a cada refeição cerca de vinte minutos. Nos intervalos repousa e digere. Repare-se, de resto, que não há noite para a toupeira e que o seu ritmo durante as vinte e quatro horas é sempre o mesmo.

Por outro lado a toupeira é previdente. Não caça apenas quando tem fome. Sempre que encontra uma minhoca apanha-a e põe-na na dispensa...

Desde a antiguidade que a toupeira tem sido considerada como um inimigo da agricultura. Em princípio, esta crença é falsa. De facto, as toupeiras comem os animais daninhos e além disso arejam a terra, lavram-na até, como se fossem uma charrua. Mas é claro que se no jardim houver uma dezena de toupeiras, o caso muda de figura. Os prejuízos que causam podem ser superiores às vantagens.

Nestas condições o grande inimigo da toupeira é o homem. É certo que as doninhas se apanham a dormir podem atacá-la. E as víboras. As aves de rapina se a apanham com o focinho de fora também a atacam. Os corvos chegam mesmo a desenterrá-las... Mas tudo isso não é nada ao pé do que podem fazer os homens!



EM PLENA ERA ATÓMICA

*os esquimós
continuam a viver
na idade da pedra*



Como é possível que num país como o Canadá, numa época em que se investiram milhões de dólares na exploração dos vastos recursos do Ártico, os esquimós continuem a viver na Idade da Pedra? Como é possível que menos de um esquimó em cada quinze saiba ler e escrever quando o analfabetismo é praticamente inexistente no Alasca e na Gronelândia? Como é possível que uma em cada cinco crianças esquimós não ultrapassem os doze meses de idade e que o índice de tuberculose no Ártico seja o mais elevado do Canadá e que a média de vida dos esquimós não exceda os trinta anos?

Estas são algumas das perguntas formuladas por muitos canadianos. E a reunião anual da «Associação de Protecção aos Esquimós» que recentemente se realizou em Ottawa chamou a atenção para aqueles graves problemas. A essa reunião assistiu o Primeiro-Ministro, John Diefenbaker, e, pela primeira vez, estiveram presentes três esquimós que, vestidos à moda ocidental, expuseram as suas queixas e trocaram opiniões com as autoridades civis e religiosas.

É certo que o problema não é fácil de resolver: os dez mil esquimós canadianos estão dispersos por uma área de 16.000 quilómetros do litoral ártico, desde o Lavrador até ao Alasca e deslocam-se constantemente em busca de sustento.

A superfície do território, a diminuição dos recursos animais, as comunicações difíceis, tudo isso contribuiu para tornar muito dura a vida dos esquimós. E, no entanto, surge imediatamente esta pergunta: como é possível que os esquimós do Alasca tenham um nível de vida mais avançado?

UM POVO ESQUECIDO

Note-se que até uma época bastante recente os esquimós permaneceram pura e simplesmente esquecidos e foram vítimas das transformações económicas operadas pela civilização moderna. Os esquimós nunca tiveram vida fácil. Um médico que perguntou de certa vez a um velho caçador esquimó como tinha sido possível que a sua raça tivesse sobrevivido, recebeu a seguinte resposta:

Quando eu era pequeno os esquimós tinham uma lança. Como tinham fome arriscavam-se a ir aos locais onde viviam os

ursos. Quando finalmente um esquimó se encontrava com um urso, urso e esquimó olhavam um para o outro e pensavam:

«Bom, pelo menos um de nós já tem hoje almoço.»

Apesar de tudo, esse esquimó era feliz e independente. Mas a imprevidência dos brancos fez dos seus descendentes uns mendigos inquietos quanto ao futuro. Antes, os esquimós viviam exclusivamente da caça e da pesca, satisfeitos ou supostamente satisfeitos com esse modo de vida invariável. Mas as armas de fogo, o comércio de peles, o aparecimento da tuberculose e de outras doenças que a influência da nossa civilização lhes forneceu, destruíram os fundamentos em que assentava a vida esquimó. Por exemplo: os brancos venderam-lhes armas de fogo mas não os avisaram de que deveriam poupar os seus recursos. Ignorantes, os esquimós mataram quase todos os caribus que lhes passavam ao alcance dum tiro e pagam agora o preço dessa rapta. A diminuição dos preços das peles, representou igualmente, um rude golpe para os esquimós.

Assim, por um lado os esquimós passaram a ter mais necessidades (necessidades essas que a civilização lhes suscitara) mas, por outro lado não têm o dinheiro suficiente... deste modo a civilização moderna reduziu-os a uma situação de miséria.

Não é de admirar que muitos canadianos se indignem com esse estado de coisas. Recentemente, a revista **Week-End Magazine** com uma tiragem de quase dois milhões de exemplares publicou um artigo em que se afirma categoricamente: «Alguns canadianos julgam, que os esquimós são felizes. Se por felicidade se entende ignorância, doença, escravatura económica, então é verdade: eles são felizes».

Um representante dos esquimós afirmou:

«Há cerca de dez anos que temos direito de voto mas não temos nenhum conhecimento dos problemas políticos. É necessário que nos dêem a cultura sem a qual esse direito de voto é totalmente inútil.»

E assim se explica que os esquimós reclamem a multiplicação de escolas no Ártico. E exigem também melhores abrigos. No tempo em que ainda havia muitos caribus os esquimós podiam fazer com a pele daqueles animais tendas perfeitamente habitáveis. Mas os caribus foram dizimados e a



Quando os trenós são substituídos pelos tractores...

vida dos esquimós transformou-se num lento suicídio.

Problema complicado, naturalmente. No Ártico não há indústrias suficientes para tantos braços. Fatalmente, muitos esquimós, à falta de emprego, terão de viver na ociosidade (a menos que abandonem o Ártico, solução difícil de aceitar).

Ora como hão-de os esquimós desempregados pagar as casas que o Governo lhes der? As casas pré-fabricadas são baratas, mas exigem aquecimento. E o carvão é caríssimo...

ADAPTAÇÃO A UMA NOVA FORMA DE ADAPTAÇÃO

Seja como for, o problema mais difícil, é o da adaptação dos esquimós a uma nova forma de existência. Afinal eles não estão habituados a viver em casas, não estão habituados à alimentação dos civilizados... Assim, estão a criar-se centros de adaptação. Dado que os esquimós não poderão sobreviver com os seus velhos métodos de existência, é preciso que eles aceitem outros métodos. E coisas

novas estão a surgir nas suas aldeias: padarias, talhos, lavandarias... Por outro lado o Governo fomenta a constituição de cooperativas comerciais, o que permitirá aos esquimós participarem mais activamente no desenvolvimento económico da região.

Trata-se de cooperativas de pesca do bacalhau, de caça às focas, de exploração de madeiras, etc.

OS ESQUIMÓS E A CULTURA OCIDENTAL

Um problema muito discutido tem sido este: deverão os esquimós ser absorvidos pela civilização branca ou será preferível que, no interesse deles próprios, se conservem entregues às suas velhas tradições e segregados portanto dos brancos?

A absorção dos esquimós pela cultura ocidental — dizem os defensores desta tese — contribuirá para uma melhor compreensão recíproca, compreensão que presentemente é bastante deficiente. Além disso, é impossível parar o progresso — acrescentam. Manter os



Como em toda a parte os meninos esquimós aproveitam os dias de Primavera para brincarem à porta de suas casas. Mas a Primavera Nórdica não tem flores mas neve — a mesma neve do Inverno...

esquimós no tipo de vida actual significa, por força, mantê-los na dependência dos brancos, mantê-los numa espécie de escravatura. Os partidários da segregação deploram a má influência dos brancos e salientam que estes levam com a sua civilização uma série de vícios completamente desconhecidos dos esquimós.

De um modo geral, os sociólogos estão de acordo em considerar que em certas regiões os esquimós entraram em relações com os brancos duma forma demasiado rápida.

O bispo Marc Lacroix acusa a nossa civilização de ser excessivamente materialista, de se preocupar demasiado com os valores económicos. Com todas as suas virtudes e todos os seus defeitos — continua o bispo — esta civilização apresenta-se aos olhos dos esquimós como um ideal a imitar. «Para a civilização ocidental — acrescenta ele — o dinheiro parece ser o motor fundamental de toda a actividade e o valor do homem mede-se em dólares. Poucas pessoas se dão conta de que estas coisas vão directas ao coração ingénuo dos esquimós».

QUAL É A OPINIÃO DOS ESQUIMÓS?

A realidade concreta é que recentemente, pela primeira vez na história do Canadá, se divorciou um casal de esquimós.

O alcoolismo, vício que era completamente desconhecido no Ártico, converteu-se em coisa corrente. Diga-se o mesmo acerca da prostituição.

A delinquência juvenil cresce de dia para dia e assume aspectos gravíssimos.

Mas pergunta-se: qual é a opinião dos esquimós?

— A única solução — afirma Abraham Ogpik, um dos seus representantes — consiste na integração. Nós não desejamos, de modo nenhum, voltar aos velhos costumes.

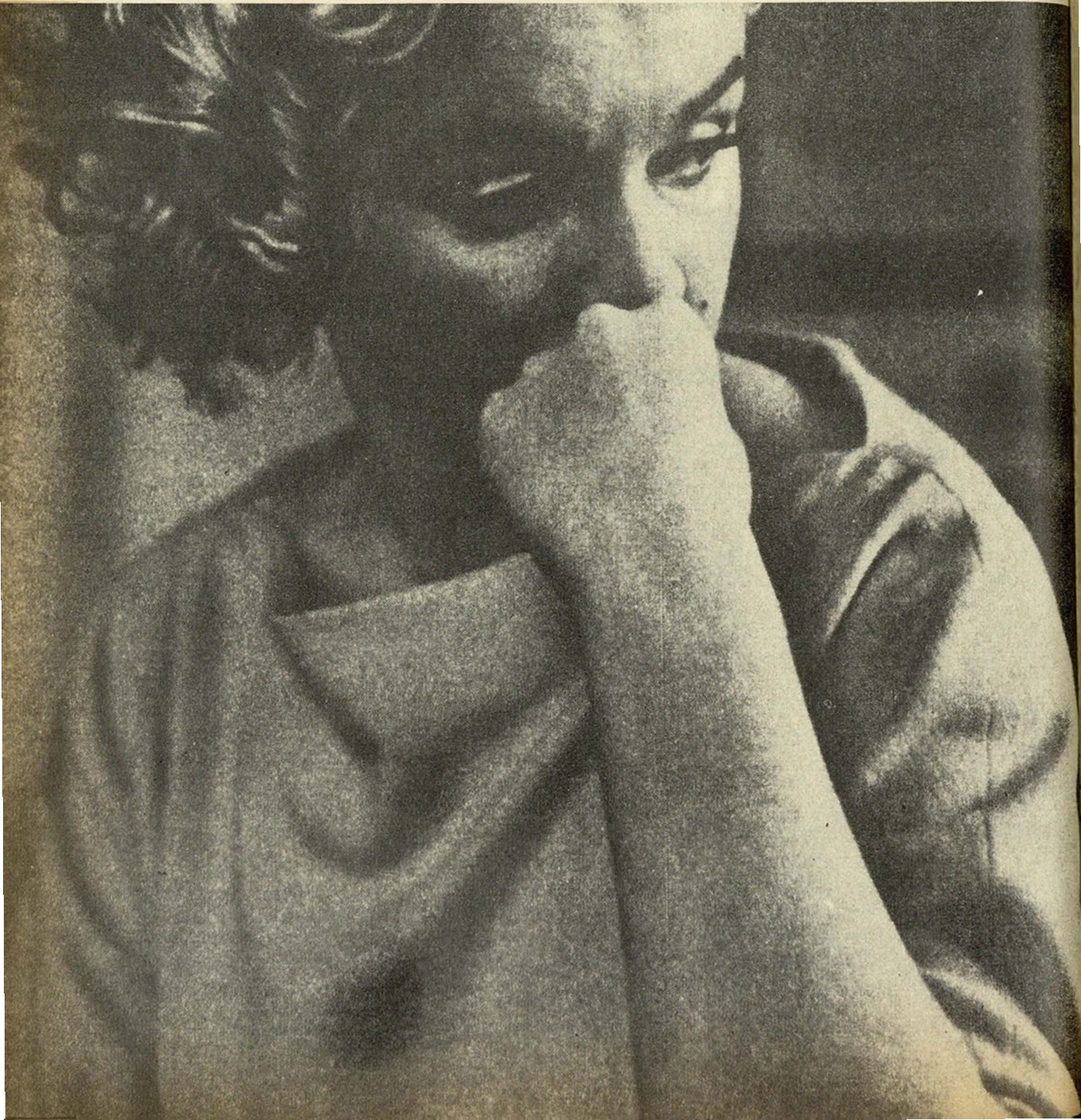
Mas essa integração não poderá provocar o desaparecimento da raça esquimó?

A esta pergunta responde outro representante daquele povo nórdico:

— O que tiver de ser será. Se a raça esquimó estiver destinada a desaparecer nada a poderá salvar.

Mas, como prova das dificuldades a vencer, vale talvez a pena contar a história dum esquimó que durante a sua estadia num hospital prometera levar para a sua casa os métodos de higiene que acabara de aprender. Ele cumpriu a promessa, a sua casa e a sua família tornaram-se modelos de limpeza. Resultado: foram todos condenados ao ostracismo pelos outros esquimós... Mais tarde desistiram da limpeza. «Antes vivermos sujos mas felizes, do que limpos e desprezados!», comentaram.

DESESPERO



por Marcelle Chaumont

Apesar da angústia que esmagava Françoise ela não pôde resistir ao almoço que a hospedeira lhe pôs na frente. E enquanto comia percebeu que o avião começava a descer. Dentro de uma, duas horas, chegaria ao hospital. Quem encontraria? O marido? O cunhado? Pior ainda (se é que ela tinha coragem de olhar para a realidade de frente): quem desejava encontrar? Decerto Pierre, o marido... Todavia!...

Esses dias longínquos em que se apaixonara por Philippe, o mais velho dos irmãos Lusseaud, acudiram-lhe à memória. Nesse tempo ainda não conhecia Pierre. De resto, era sempre Philippe que desempenhava os primeiros papéis. Conquistador nato, ele tinha uma maneira muito especial de olhar para as pessoas com um ar negligente e superior. Os 18 anos de Françoise ficaram encantados. Ela era uma rapariga ingénua, sem experiência. Philippe foi o seu primeiro amigo, o seu primeiro amor.

Reverendo o passado ela verifica que Philippe era um amoroso hábil. Ele soubera fasciná-la. Mas fora Françoise tão idiota que se deixasse ir até às últimas consequências do amor? Na sua ingénua candura, Françoise imaginara-o pronto a casar com ela. Mas ele rira-se. E esse riso dilacerara-lhe o coração.

Um ano mais tarde conhecera Pierre, o irmão de Philippe.

Mas Pierre era muito mais ponderado, muito mais sério. Inicialmente Françoise fora atraída pela semelhança dele com o irmão. Os mesmos olhos negros, os mesmos cabelos castanhos, as mesmas mãos elegantes. Mas essa semelhança era puramente física. Quanto ao resto, Pierre era completamente diferente.

Tinha um ar tranquilo, reservado, sensível e sério. Pierre apaixonou-se por Françoise com o mesmo amor fegoso e alegre que ela sentira por Philippe. E quais eram os sentimentos dela por Pierre? Agora ela não sabia. Considerara-o irresistível. Mas amara-o verdadeiramente como esposa? Oito anos mais tarde, naquele avião que seguia velozmente para Berlim, Françoise ainda não sabia responder.

Tinham sido felizes, como poderia negá-lo? Mas quando Philippe os visitava ela sentia-se perturbada.

Bruscamente, uma semana antes, aquela história terrível! Philippe e Pierre partiam de avião no dia seguinte para uma viagem de negócios à Grécia.

Pierre sugerira que Philippe passasse a última noite em casa deles para facilitar a partida na manhã seguinte.

Jantaram juntos os três: uma família aparentemente unida! No fim do jantar Pierre retirara-se porque tinha umas últimas coisas a tratar. E de repente ela achou-se nos braços de Philippe!

— Françoise, minha feiticeira! — dissera ele com o tom irónico que lhe era característico —. Puseste esse vestido branco de propósito para me provocar? Sabes muito bem a impressão que me causas...

Françoise não dizia uma palavra.

— Pensando bem eu devia ter casado contigo... Que bonita esposa tu serias!

Nesse instante ouviram um grito abafado e passos rápidos que desciam as escadas.

Françoise libertou-se dos braços de Philippe.

— És ignóbil! — disse.

Mais tarde quando Pierre entrara no quarto

onde ela o esperava não conseguiu que ele a deixasse explicar-se. Não lhe permitia que acabasse uma única frase. Depois fora dormir no quarto de hóspedes e fechara a porta à chave para que Françoise não pudesse abri-la. Na madrugada do dia seguinte não ousara aparecer-lhe. Sabia qual era o receio de Pierre: este supunha que Philippe e ela se tinham continuado a amar depois do casamento. E sentia-se enganado. Quais seriam as relações dos dois irmãos durante a viagem?

Mas à tarde, abrindo o jornal, lera a notícia dum desastre de avião. O avião onde eles seguiam...

Françoise telefonou várias vezes para a Companhia Aérea. Mas a resposta era sempre a mesma: de positivo nada ainda se sabia.

Os dias passaram-se lentos e inúteis. Nada se sabia acerca dos possíveis sobreviventes. Quando muito determinara-se a montanha onde o avião havia desaparecido. Mas era uma montanha quase inacessível e não fora ainda possível mandar socorros.

Agora a hospedeira dizia: «Vamos descer, apertem os cintos». Françoise não sabia alemão mas compreendera o significado daquelas palavras. Em todo o caso — sem saber porquê — as palavras que lhe ocupavam o espírito eram outras: «Amo-te, Francesca». Porque era assim que Pierre a tratava nos momentos de ternura: «Francesca, Francesca, Francesca...».

No aeroporto estava o cônsul da França.

— Tenho uma boa notícia a dar-lhe. O seu marido vai muito melhor...

— O meu marido? Sempre é o meu marido? — Interrompeu-o ela.

O cônsul pareceu admirado.

— Não compreendo... Não é com **Madame** Lusseau que eu estou a falar?

— Sim, mas havia dois Lusseau no avião. O meu marido e o meu cunhado.

— Ah! Receio que... — Não continuou a frase.

O coração de Françoise deixou de bater.

— Eu não sabia... — Explicou o cônsul.

— Posso vê-lo? — Perguntou ela entre lágrimas.

— Sim. — Respondeu o cônsul. — Mas tem a cara ligada, eu não pude ver-lhe as feições.

— Em todo o caso para si deve ser fácil reconhecê-lo, não?

— Decerto...

Meia hora depois Françoise encontrava-se em frente da cama de Lusseau.

— Pierre? És tu...? — Aproximou-se dele. Via-lhe apenas os olhos, uns olhos brilhantes, mas mudos. De quem eram eles?

Sobre o lençol branco estava poisada a mão dele, meia envolta em ligaduras mas com os dedos a descoberto.

— Querido! — murmurou ela, afagando-lhe a mão.

Naqueles olhos negros brilhou finalmente um raio de luz.

As horas passaram. Françoise continuava sentada perto dele. Lusseau (qual deles?) permanecia quase sempre inconsciente, vencido pelos narcóticos que lhe acalmavam as dores. À parte um ou outro passeio ao jardim ela passou todo o tempo ao pé dele. E não conseguia afastar os olhos daquela mão branca que quase se confundia com os lençóis. É certo que essa mão não tinha aliança. Mas poderia concluir que se tratava da mão de Philippe? Ah, os dois irmãos tinham as mãos tão parecidas! Não era possível, de resto, que a aliança tivesse caído durante o desastre?

No dia seguinte, enquanto Lusseau dormia (e desta vez serenamente) Françoise entretinha-se a riscar com um lápis as folhas dum caderninho que tirara da mala.

De súbito Françoise sentiu sobre a nuca o peso dos olhos dele...

Levantou a cabeça, interrogativa. Lusseau esboçou um gesto. Pedia-lhe o caderno. Com uma doçura infinita, Françoise estendeu-lho e ajeitou-lhe os dedos anquilosados ao lápis. Laboriosamente a mão de Lusseau começou a escrever. Perturbada, Françoise leu: «Amar-te-ei sempre».

«Mas quem és tu? Quem és tu?» — gritava ela no fundo mais íntimo do coração —. E bruscamente Françoise compreendeu que ele ignorava a incerteza em que vivia. Quem era ele? Pierre perdoando-lhe todo o mal que lhe havia feito naquela noite? Ou Philippe que se queria assegurar de que ela lhe continuava a pertencer? Desesperada Françoise quis escrever qualquer coisa, mas nesse instante o ferido recaiu numa inconsciência absoluta. Depois chegaram os enfermeiros que iam renovar os pensos do ferido.

No corredor, encostada a uma parede, Françoise lembrou-se de perguntar uma coisa

que nunca lhe ocorrera: «Como haviam sabido que ele era Lusseau? E como era possível que soubessem apenas isso sem saber o resto do nome?». A enfermeira respondeu-lhe mostrando um isqueiro onde estava escrito apenas Lusseau.

As lágrimas encheram os olhos, encheram o rosto de Françoise. Para ela aquele isqueiro dizia algo de mais do que apenas Lusseau. Para ela aquele isqueiro respondia a todas as dúvidas, falava por mil bocas. Pois não era verdade que pertencia a Philippe?

— Estava num bolso — respondeu a enfermeira.

Ah, mas afinal que demonstrava ele? Não era possível que, momentos antes do desastre, Philippe o tivesse emprestado a Pierre

e que este, distraidamente, o tivesse posto no bolso?

Bem sabia Françoise que essa hipótese era improvável! Sentando-se de novo ao pé do ferido desfez-se em lágrimas.

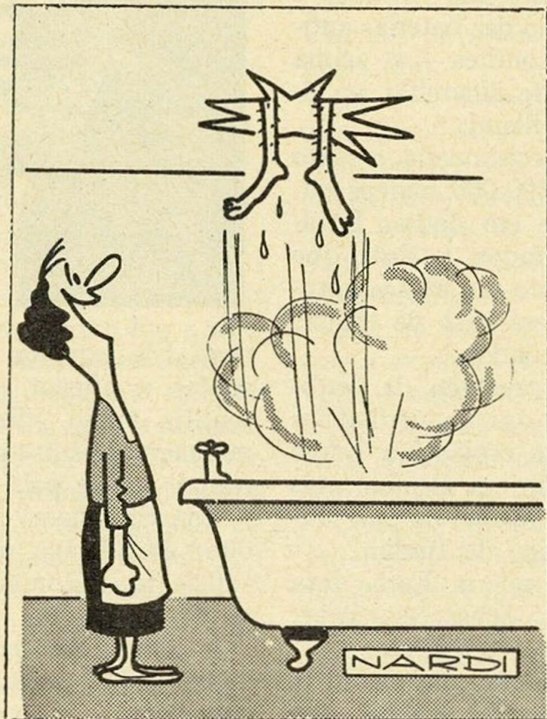
— O Philippe — disse inesperadamente — perdoa-me... Mas é mais forte do que eu... Não posso mais... Para mim Pierre era tudo! Amava-o tanto!

Viu então que os dedos de Lusseau se agitavam, pediam qualquer coisa.

Colocando cuidadosamente o lápis entre os dedos do enfermo, Françoise esperou. Que poderia ele escrever?

Fechou os olhos e quando os abriu pôde ler: «Francesca».

— Pierre! — limitou-se a murmurar.



— Vou arranjar-te um pouco de água fria enquanto voltas para baixo!

o homem mais corajoso da

O barão von Grunen aproximou-se de Fritz Graumann e levou-o até ao jardim. Sentaram-se num banco em silêncio e em silêncio o Loire que preguiçosamente corria a dois quilómetros de distância.

— Fritz — disse-lhe momentos depois o barão. — Eis aqui o contrato. Leia-o com atenção.

O outro desdobrou o papel e percorreu o texto com os olhos. Estava tudo perfeitamente explicado. Fritz comprometia-se a realizar em Inglaterra uma série de missões: devia informar o alto comando alemão dos movimentos de tropas aliadas, das entradas e saídas de navios, da posição das baterias anti-aéreas dos arredores de Londres — e, acima de tudo, tinha a missão de dinamitar as fábricas de aviões De Havilland.

«O abaixo assinado — continuava o texto — receberá a soma de 100.000 marcos ou, se preferir, o equivalente em divisas britânicas». Esta cláusula agradou a Fritz que sorriu de satisfação. O resto era menos agradável: salientava-se que em caso de traição Fritz Graumann seria fuzilado.

E, para completa compreensão da história, deve acrescentar-se que o verdadeiro nome daquele candidato a espião era Eddie Chapman e que Eddie não era alemão, mas pura e simplesmente um cidadão de Sua Majestade Britânica ao serviço de Berlim.

Pouco tempo antes da guerra Eddie fora preso pela Polícia inglesa. Acusações várias: desertor, arrombamento de cofres, etc.

Quando os alemães se instalaram nas ilhas anglo-normandas assumiram a direcção dos serviços prisionais. Certo dia o comandante em chefe das tropas de ocupação em Jersey, o general von Stülpnazel teve uma curiosa surpresa: um dos detidos de direito comum pediu-lhe que o admitisse na espionagem



nazi. Ele explicou que «tendo umas velhas contas a ajustar com a Grã-Bretanha» se sentiria muito feliz por trabalhar mediante remuneração substancial — bem entendido — contra aquele país.

Von Stülpnazel mandou chamar o indivíduo: este falava um alemão medíocre mas suficiente. Foi então sujeito a um interrogatório cerrado.

— Julgo que poderemos empregá-lo em missões de sabotagem — declarou enfim o alemão.

Dias depois Eddie Chapman era transferido para França. Encarcerado no forte de Romainville foi sujeito a novos interrogatórios. Ele insistia sempre no seu ódio à Inglaterra e à sociedade que fora responsável pelas

grã-BRETANHA

suas desgraças. Não escondeu as suas condenações e confessou que desejava juntar um bom pecúlio para a velhice.

Os alemães compreenderam imediatamente o partido que podiam tirar dum tal agente. Enviaram-no a von Grunen, professor de espionagem. Este, ensinou-lhe pois, todos os segredos da arte.

Em Dezembro de 1942 Eddie Chapman abandonou as margens do Loire e seguiu para Paris. Foi conduzido imediatamente ao gabinete de von Runstedt.

— Heil Hitler! meu general! Eis aqui o homem que vamos lançar de pára-quedas sobre a Inglaterra.

Von Runstedt fez algumas perguntas ao novo agente e declarou-se satisfeito.

No dia seguinte Eddie dirigia-se ao aeródromo, vestindo um fato inglês. Antes de levantar voo, von Grunen deu-lhe um maço de notas e um comprimido de veneno.

— No caso de o apanharem... — murmurou ele discretamente — vale mais acabar imediatamente. — Depois apertou-lhe a mão com força: — Boa sorte! **Aufwiedersehen!**

Uma hora depois, instalado na carlinga dum Junker, Eddie sobrevoava a Inglaterra. Foi dado o sinal de mergulhar e o pára-quedista lançou-se no vazio. Aterrou num campo lavrado. Á sorte acompanhava-o: a noite estava muito escura, ninguém o poderia ter visto. Escondeu o pára-quedas numa cova e munido duma mala procurou a estrada e caminhou ao acaso.

O piloto conduziu-o com precisão. Eddie descera muito perto da estação de Littleport. Ganhou Londres rapidamente e procurou os espiões seus colegas. Estes não fizeram quaisquer perguntas, conforme é de uso. Graças aos documentos perfeitamente em ordem ele instalou-se num modesto hotel da capital.

De tempos a tempos e sempre de sítios diferentes ele transmitia pela rádio algumas informações aos seus amigos do continente.

Acompanhado por antigo camarada a quem ele prometeu uma grossa maquia fez uma visita às fábricas De Havilland. Estudou as horas de entrada e de saída dos operários, interessou-se pelo ritmo dos turnos da noite. Certa noite levou a sua audácia até ao ponto de subir a um muro para melhor investigar.

Uma tarde, vestido com um fato de macaco, um perigoso carregamento de explosivos num transformador. Momentos mais tarde uma grande explosão atroou os ares. Um dos pavilhões da fábrica acabava de ir pelos ares.

Os dois homens regressaram a Londres sem dificuldade. Nessa mesma tarde, Eddie comunicou o seu triunfo aos alemães. Eles, encantados, enviaram-lhe os parabéns.

Os serviços de espionagem nazis sentir-se-iam menos felizes se soubessem que o seu novo agente, em vez de trabalhar para ele, estava ao serviço da espionagem britânica e que a explosão de parte das fábricas De Havilland tinha sido combinada com as autoridades inglesas e era o preço caro, mas útil, para convencer o inimigo da sinceridade dos sentimentos de Chapman.

O antigo arrombador de cofres era, afinal, um excelente patriota. Ele fora condenado justamente à prisão e procurava agora reabilitar-se a seus próprios olhos e aos olhos dos seus compatriotas.

Assim esse grande actor iniciou um gigantesco bluff. E desempenhou o seu papel admiravelmente. Aprendeu a gritar com uma voz forte **Heil Hitler!** e a ouvir sem pestanejar as piores injúrias acerca da sua pátria. Conseguiu fazer-se passar por um traidor ávido de dinheiro.

Esse homem corajoso arriscava a cabeça: supôs-se descoberto mais do que uma vez e teve de servir-se de todo o seu sangue-frio para não deixar que adivinhassem o terror que o invadia quando na frente dos desconfiados oficiais alemães.

Desembarcado em Inglaterra ele apresentara o seu caso aos membros do **Intelligence Service**. Os oficiais ingleses acreditaram nele e pediram-lhe que transmitisse aos alemães informações verdadeiras, embora de importância secundária. Além disso montaram com ele o golpe das fábricas De Havilland. O essencial era demonstrar aos alemães a boa-fé e o valor do seu agente.

Depois, Eddie foi chamado a Paris. Ai o seu primeiro cuidado foi reclamar o dinheiro que lhe haviam prometido. Além disso deu numerosas informações dos armamentos ingleses.

A partir desse dia Eddie foi considerado um agente de primeira ordem. O seu professor, von Grunen conseguiu que lhe fosse dada a nacionalidade alemã e que fosse inscrito nos quadros da Wehrmacht. Mas isso era pouco: Eddie foi condecorado com a cruz de ferro...

Em Berlim estudou o plano para uma nova acção de sabotagem em Inglaterra. Desta vez exigiu uma soma enorme: 500.000 marcos. Os chefes hesitaram, mas acabaram por aceitar o pedido.

Pretendiam que Eddie Chapman obtivesse

fotografias e planos das armas secretas anti-submarinas utilizadas pela armada britânica. Ao mesmo tempo pediam-lhe que soubesse alguma coisa sobre os aviões tele-guiados em experiências na Grã-Bretanha. Entretanto informava-se de uma porção de coisas em Berlim para levar aos seus compatriotas: notícias sobre as bombas voadoras, etc.

Entretanto os aliados desembarcavam na Normandia e a partida do espião foi várias vezes adiada por falta de aviões: por fim, lá partiu.

Instalado de novo em Londres mandou para os alemães informações mais ou menos verdadeiras sobre as instalações de radar. Depois as suas transmissões. De resto, o avanço aliado destruiu a máquina dos serviços secretos nazis e Eddie raras vezes recebia notícias de Berlim.

O epílogo da história — desenrolado já quando a guerra havia terminado — tem qualquer coisa de cómico. Eddie Chapman, considerado por vários jornais como o «homem mais corajoso da Grã-Bretanha» teve de comparecer perante os tribunais e foi multado em setenta e cinco libras de multa.

Que se passara? Lembranças do seu passado de arrombador de cofres? Não. Ele era acusado de ter divulgado na Imprensa vários pormenores referentes à sua acção durante a guerra.

Mesmo em época de paz o **Intelligence Service** recusa-se a divulgar os seus segredos...



A FRANÇA E O AMOR

ou o amor e a França



**«Vieilles vagues = Nouvelles Vagues...
d'amour»**

«Sem o amor de minha mulher, estaria perdido...» — escreve um jovem francês.

«Como cidadão sou infeliz, mas, como homem, sou o mais feliz de todos porque tenho uma situação que me interessa e, sobretudo, uma mulher extraordinária...» — escreve um outro jovem francês.

«Amo a minha mulher e não faço projectos sem a consultar. Julgo que «o casal» é uma realidade apaixonante. A fidelidade é essencial mas é necessário compreendê-la positivamente e não, apenas, no sentido comum dos «esposos se não enganarem» — diz um professor de Filosofia com 30 anos de idade.

«O amor? — nada há de mais maravilhoso. Ainda não fiz nada de importante na vida mas, se não fosse o amor, ainda teria feito menos». É assim que se exprime um rapaz que inicia a sua vida.

Um outro jovem, com 30 anos de idade, diz: «O casal é uma força desde que dê origem a um entendimento sexual perfeito e a uma maneira comum de encarar a vida e os seus problemas. Desde que o amor existe o problema da fidelidade não tem razão de ser».

É assim que fala a juventude francesa para quem o amor dá à vida o sentido que lhe falta e para quem a fidelidade é uma necessidade indiscutível.

A França não é Saint Germain-des-Près e Saint Tropez. Pode mesmo dizer-se que Saint Germain-des-Près e Saint Tropez não são, em nada, representativos da França.

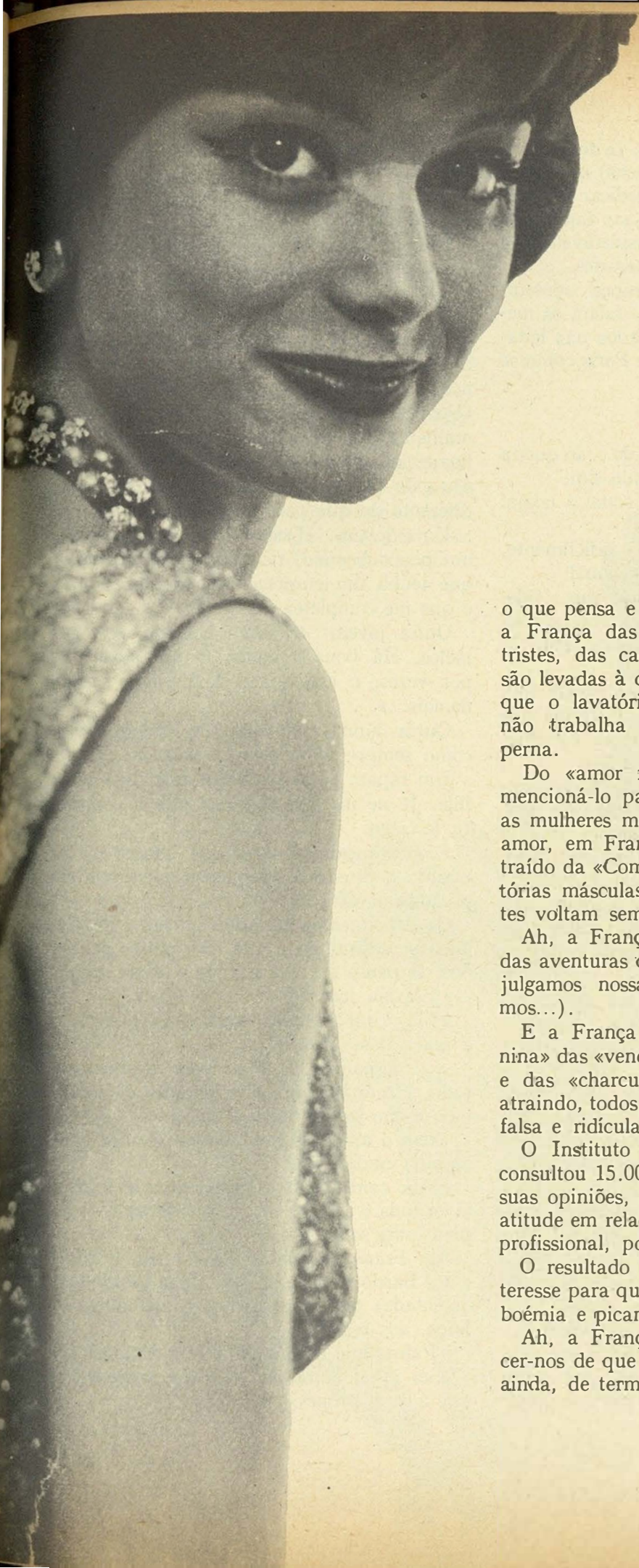
Nós, os estrangeiros, temos a tendência para julgar a França por Paris — essa cidade que atrai os velhinhos de todo o mundo e que vive há anos, dum prestígio intelectual que a Imprensa cozinha e que apenas subsiste porque nos não damos ao cuidado de o examinar...

Mas a França é maior do que Paris, do que os americanos de Paris, do que os franceses americanizados de Paris, do que as «meninas novas» que os velhinhos levam a Paris e do que as provincianas de todo o mundo que lá vão, todos os anos, ver «as luzes da cidade»...

É nesse hábito, isto é, dos estrangeiros que anualmente vão a essa cidade tomar o seu «banhinho de deslumbramento» e refrescar a alma com a duvidosa civilização dos «boulevards», julgar a França inteira pelos meninos de blusão de coiro que passeiam no «boulevard» S. Michèl e pelas meninas «engraçadas» que julgam o mundo sentadas nas mesinhas do Deux Magots...

É lá regressamos a Lisboa, com uma visão caleidoscópica duma França inexistente que classificamos de «moderna», «desempoeirada», «avançada», etc...

É claro que a França não é nada disso, é claro que voltamos de Paris sem sabermos



o que pensa e o que é a França verdadeira, a França das aldeias pobres, das cidades tristes, das casas em que as visitas nunca são levadas à casa de banho para não verem que o lavatório está partido, o autoclismo não trabalha e a banheira não tem uma perna.

Do «amor francês» nem se fala. Basta mencioná-lo para que os homens sorrissem e as mulheres mudem de assunto... Temos do amor, em França, um conceito turístico extraído da «Comédie», dos «strips» e das «histórias másculas» com que os nossos viajantes voltam sempre do estrangeiro...

Ah, a França! (E sorrimos com saudade das aventuras que nunca lá tivemos mas que julgamos nossa obrigação fingir que tivemos...).

E a França burguesa, a França «pequena» das «vendeuses», das donas das pensões e das «charcuteries» de aldeia, lá nos vai atraindo, todos os anos, através dessa imagem falsa e ridícula que dela temos...

O Instituto Francês de Opinião Pública consultou 15.000 jovens franceses acerca das suas opiniões, das suas esperanças e da sua atitude em relação aos problemas da sua vida profissional, política e social.

O resultado do Inquérito tem o maior interesse para quem sonha com a velha França boémia e picante do tempo do Eça...

Ah, a França! (E vá lá alguém convencer-nos de que a velha França morreu, antes ainda, de termos nascido...).

69% dos jovens consultados (e foram, repete-se, consultados 15.000 jovens) entendem que as mulheres se devem dedicar **exclusivamente** às suas casas e às suas famílias... esta percentagem aumenta consideravelmente quando os consultados são operários...

Que tal? Onde está a França «desempoeirada» e «moderna» de que falam os meninos e as meninas que, sentados nas leitarias dos seus bairros, falam de Paris como se de Pasargada se tratasse?

— Cheguei agora de Paris...

— E que tal?

— Estupendo, filho, estupendo... só queria voltar... e hei-de voltar... aquilo sim!

— Não é um povo burguês como o nosso! (gargalhadas).

No que diz respeito ao amor, dificilmente, a França poderia ser mais tradicional.

82% dos franceses consideram que a fidelidade conjugal é necessária, moral e imprescindível mas... mas que se aplica tanto às mulheres como aos homens...

Que dizem a isto os D. Juans do Chiado, do Areeiro e da Rua de Santa Catarina que voltam anualmente de Paris com os olhos em alvo e as alminhas aos coices?

Que diz a isto a nossa juventude «evoluída»? É claro que os franceses não são unânimes. Um cantoneiro, por exemplo, revelou sentimentos dignos dum bom português: «No que diz respeito à fidelidade sou, como toda a gente, um egoísta: quero que a minha mulher me seja fiel mas, por mim, gostaria de dar umas facadinhas no matrimónio de vez em quando...».

A maioria, porém, a grande maioria, pensa da mesma forma: Um jovem de 23 anos: «O amor total é essencial e é por isso que a fidelidade é imprescindível...».

Uma rapariga com 26 anos: «Não gosto dos rapazes da minha idade. Prefiro os homens mais velhos e, da fidelidade, só penso uma coisa: sem ela não há amor possível...».

Um operário do S. N. C. F. — «O amor faz parte da minha razão de viver e a fidelidade é-lhe essencial. Nunca tolerarei o contrário».

Ah, França! (Quem diria que a Nouvelle Vague, é como todas as outras vagas?).

O francês médio vive entre dois pólos. Por um lado o seu instinto recusa-se a aceitar a independência da mulher mas, por outro lado, pretende que esta tenha um comporta-

mento adulto e que seja o contrário da mulher «tutelada».

Até nisto o francês se assemelha aos naturais de outros países...

Porque será porém que se recusa a aceitar a independência da mulher?

Medo?

O inquérito não esclarece este ponto mas dum coisa não há dúvida: as gerações novas de França continuam a encarar o casamento nos mesmos termos em que o faziam as «Vieilles Vagues». Tanto os homens como as mulheres já obtiveram uma vitória: a fidelidade aplica-se a ambos e o marido já não é o galo da capoeira. Ah, França! Como és diferente do que para aí se diz...

Uma jovem: «Quero um marido alegre, um pouco boémio, rico (é tão agradável...) que tenha um emprego semelhante ao meu e que me complete».

Outra jovem: «O amor é como os cogumelos. Há bons e maus. O que acontece, por vezes, é que só os distinguimos tarde demais...».

Outra ainda: «O amor é indispensável como sempre foi e sempre será...».

Um rapaz: «J'ai aimé une fille, une seule fille. Je ne me suis senti si prêt a conquérir le ciel».

Proporção das jovens que concedem ao marido o direito a «pequenas aventuras esporádicas»: 20%.

Os depoimentos continuam, claros insofismáveis, destruindo o que, nos países pequenos, se pensa sobre a França e a sua moral: «J'ai ma femme».

«Julgo que o amor entre duas pessoas é a única base possível...».

«Os jornalistas e o cinema falsificaram tudo. Fizeram de nós uma geração de escândalo e não somos nada disso...».

«Sem o amor de minha noiva nunca conseguiria nada...».

«Vivo com uma mulher há 6 anos. Espero viver toda a vida. Sem ela a vida seria como uma praia sem mar...».

Ah, França! (Qual é o valor das Bardots e dos Bardots? Qual é o valor das «verdades» inventadas por uns quantos e atribuídas, à força, aos restantes?).

«J'aime une femme. Une seul femme».

«Ser infiel à mulher que amo seria trair-me a mim próprio...».

«O meu homem é o meu mundo. O resto *c'est du cinema...*».

«Divirto-me ao ver os franceses inventados pelos realizadores de filmes. Onde viverão eles, que nunca os vi?».

Foram examinados 15.000 jovens. Deles 47% eram já casados e 36% já tinham filhos. Não se obtiveram 5 respostas em que o amor fosse tratado com cinismo ou com indiferença...

Ah, França! (França dos jovens a quem se atribuem todos os cinismos cosmopolitas do nosso tempo: onde estás tu?).

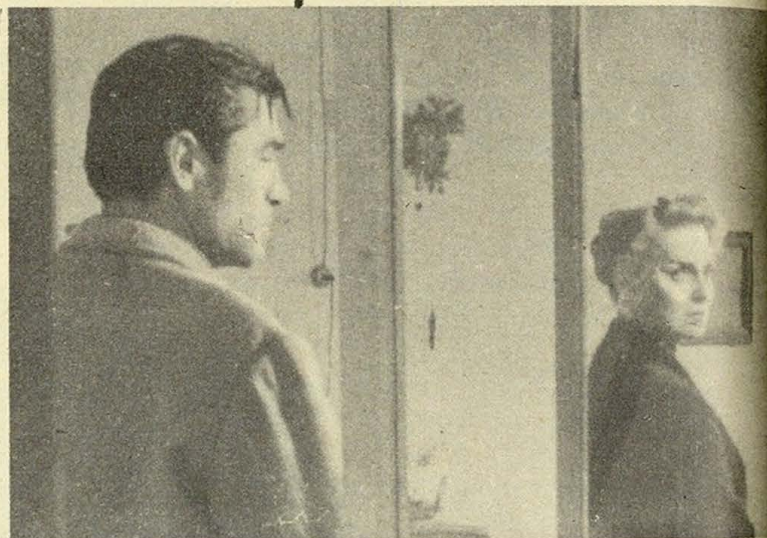
De todo o inquérito resulta uma só conclusão: A França verdadeira e jovem nada tem de comum com a França imaginária de que falam os nossos pais. Há qualquer coisa de novo em França mas não é o que se diz...



Aldo (Steve Cochran) operário de uma fábrica italiana, vive há anos com Irma (Alida Valli) de quem tem uma filha. O marido de Irma está ausente e Irma recebe a notícia da sua morte quando o filme se inicia. Dirige-se do Registo Civil, onde a informaram, para sua casa e encontra no caminho sua irmã Lina



Ao chegar depois a casa encontra Aldo. A sua expressão torna-se dura



Aldo, Irma e a filha de ambos Rosina vivem agora em difícil ambiente. Aldo procura reconquistar Irma, que decidiu abandoná-lo e alternam as cenas de violência e de ternura



O GRITO

«IL GRIDO»

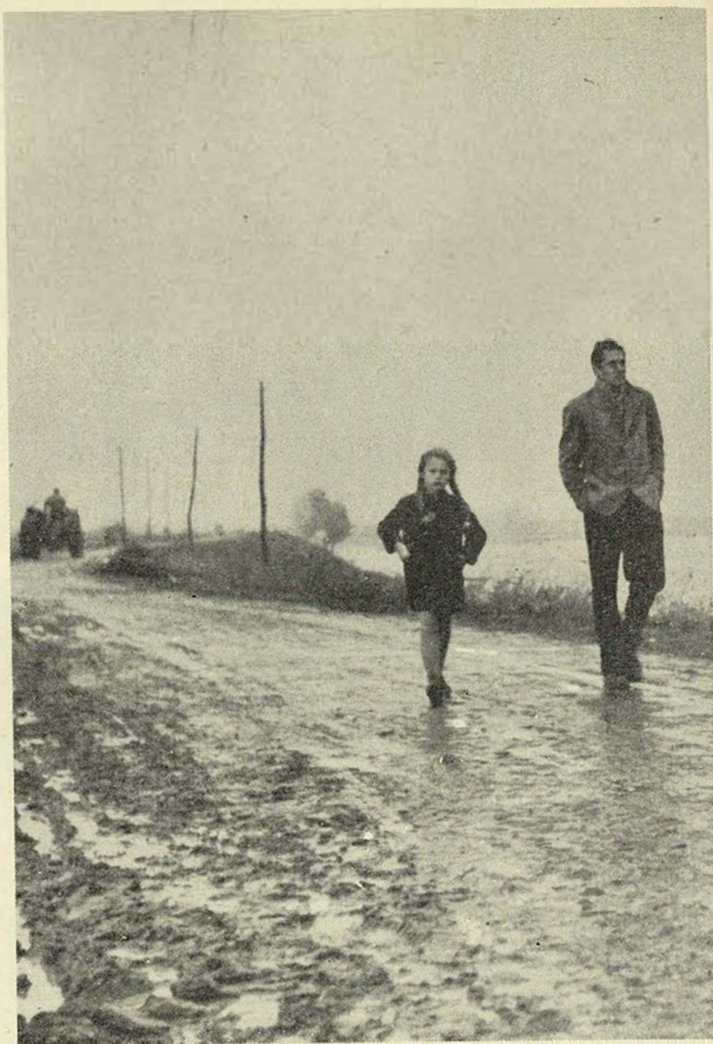
de Michelangelo Antonioni

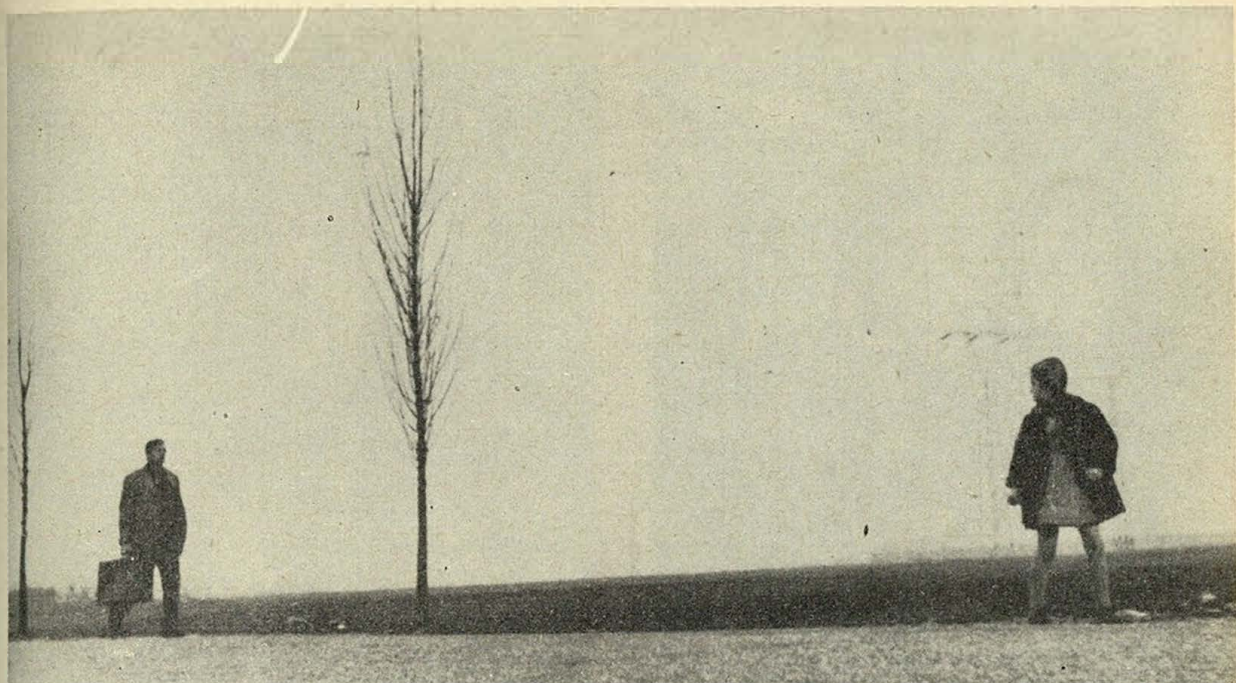
com

ALIDA VALLI
DORIAN GRAY
BETSY BLAIR
STEVE COCHRAN

Mas a rotura é definitiva. Depois de esbofetear Irma (que ama outro homem) em público, Aldo leva Rosina e abandona a casa e a vila, sem destino

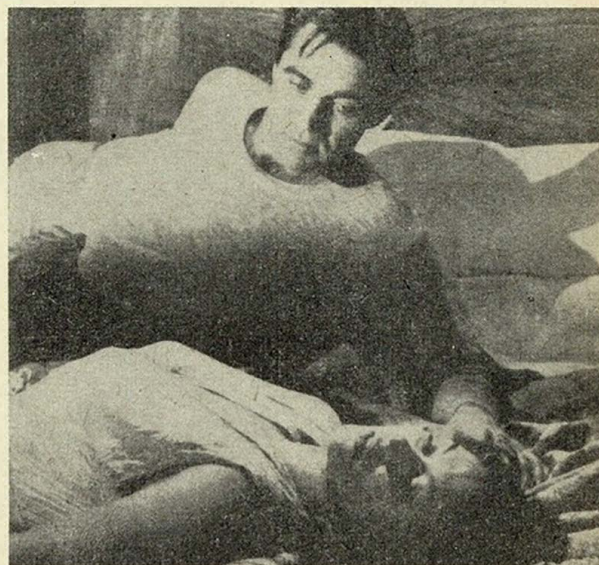
Numa povoação próxima Aldo encontra uma antiga namorada, Elvia, (Betsy Blair). Esta gosta ainda dele, mas Aldo não pode esquecer Irma. E, de novo, a situação é impossível





Rosina e Aldo seguem o seu caminho

Junto de uma bomba de gasolina onde o acaso o leva, Aldo encontra Virginia (Dorian Gray). Esta vive com seu velho pai e toma conta do posto. Aldo lá fica, ajudando-a no trabalho. Vivem juntos durante um tempo e parece que Aldo encontrou a sua estabilidade



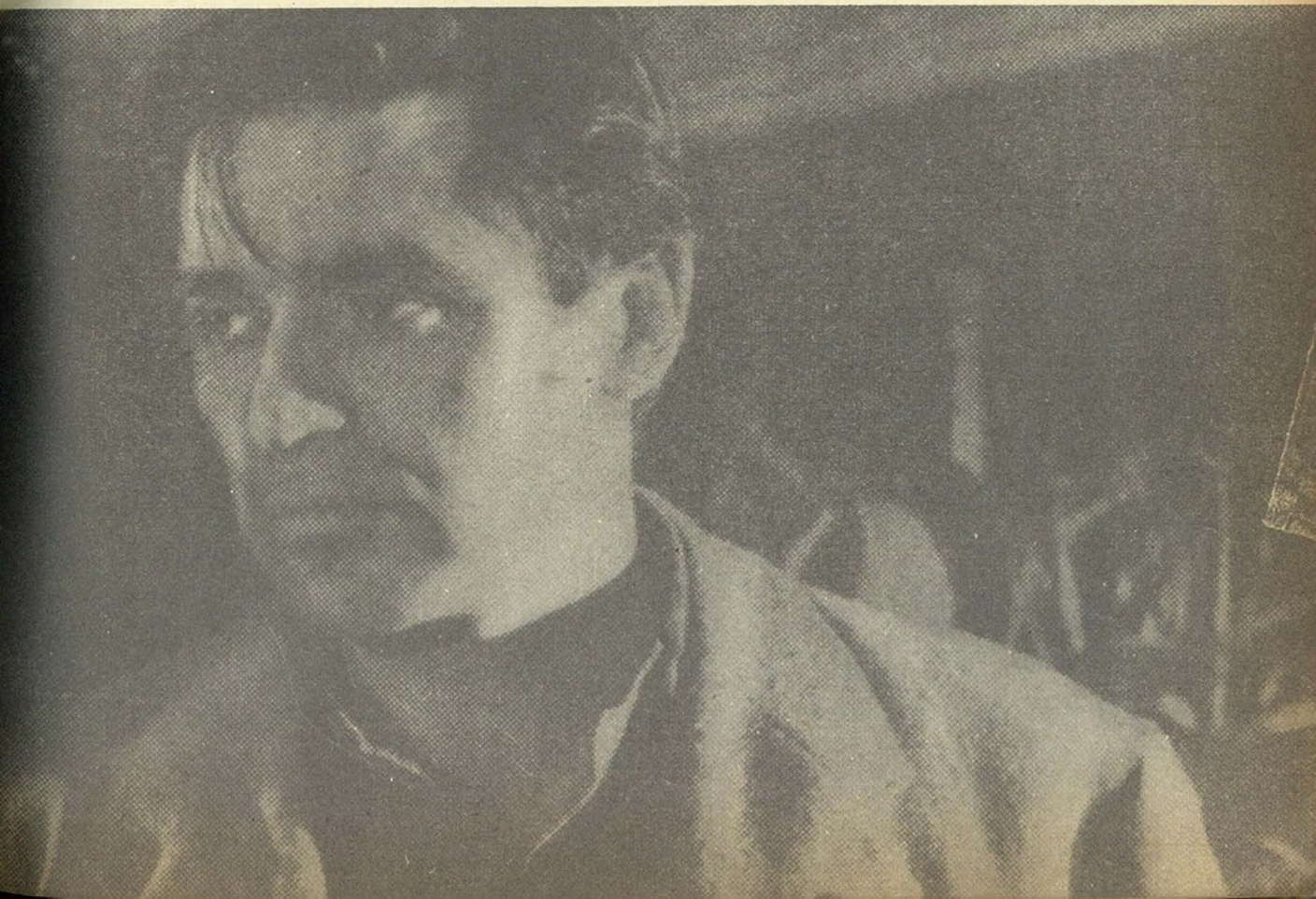


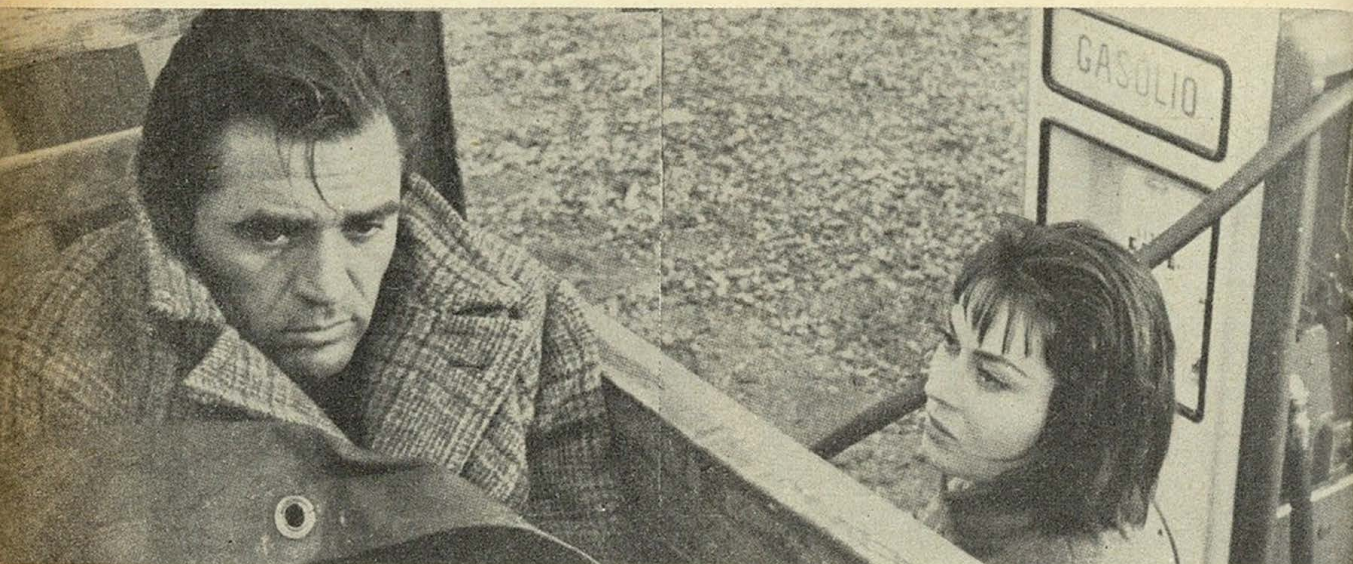
Mas é ilusória esta impressão.
Rosina descobre que o pai e
Virgínia são amantes. E quer
voltar para a mãe. Assim
acontece e Aldo fica de novo
só, pois deixa Virgínia





Junto dum pântano, Aldo encontra Andreína (Lyn Shaw). Será a sua última aventura. Esta leva vida fácil e miserável mas ama-o e mostra-se-lhe fiel. É Irma que Aldo ama todavia. E vai-se embora

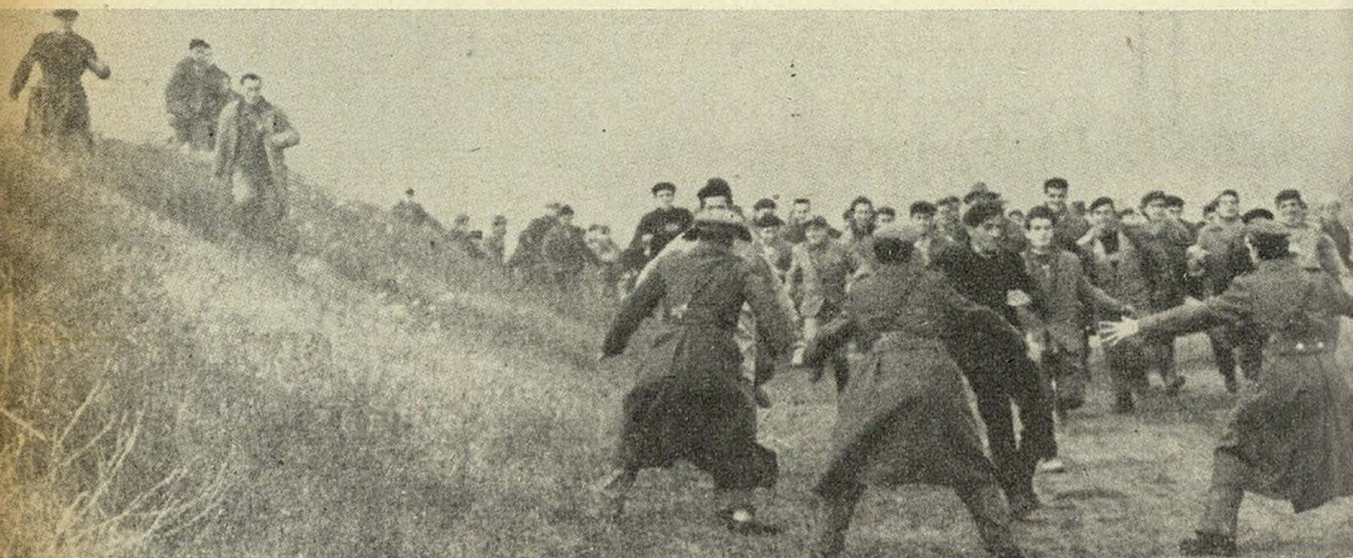




Ao regressar à terra Aldo passa por Virgínia. Mas ela é-lhe indiferente

Depois de por uma janela, ver Irma, tratando de um novo filho, Aldo dirigiu-se para a fábrica onde trabalhara. Cruza-se com uma greve: os dramas colectivos e o drama do homem só — dois elementos trágicamente estranhos

Subindo à mais alta torre da fábrica Aldo deixa-se cair e, estatela-se morto, no terreno. Irma que o vira e viera atrás dele, assiste à queda e solta um terrível grito





os grandes contistas

Georges Sarkozi

Suando e suspirando, os magros pedreiros de pele amarela, de um tom de ocre, arrasavam enormes pedras, que colocavam em seguida, umas em cima das outras. Os seus joelhos tremiam de fadiga, e a custo conseguiam erguer o busto. Na testa, banhada de suor, colava-se-lhes uma poeira calcárea; os seus braços nus e as suas pernas nuas estavam sujas de argamassa. Um avental enxovalhado cingia-lhes as ancas esgaldadas.

A cidade inteira não passava de uma massa informe de fossas de cal, andaimes, montes de pedras, muros, pilares de templos em construção, e os operários moviam-se, enegrecidos, no meio destes blocos imensos, como gafanhotos num arrozal.

Hori, o escriba obeso, sobre cujo ventre a carne fazia duas grossas pregas, já cansado de tomar notas, ditava ao seu pequeno aluno, Nuri, de doze anos de idade.

Cansado, também, o garoto inclinava-se para o papiro, e o seu braço magro movia-se com lassidão, no quente crepúsculo. Viam-se cintilar, debilmente, no pulso de Nuri, pequeninas bolas de argila ornamentando um bracelete que constituía o seu único vestuário.

«Poderoso senhor! — ditava Hori, com voz rouca — o trabalho prossegue sem parança e com a rapidez das águas azuis do Nilo. As pedras chegaram hoje das montanhas do Norte...».

Nuri, a quem o pescoço doía, ergueu, por um instante, os olhos para o céu de nácar: aves estranhas fendiam o ar brilhante, as aves do longínquo setentrião.

«Como seriam as crianças» — perguntava ele — «naquele outro mundo de onde vinham

os groux?». E o seu coração dilatava-se de vagos desejos. Ouvia os ruídos das florestas longínquas. Como seria bom ir para lá, num voo, como as aves! — e esqueceu-se de traçar algumas palavras.

Hori debruçou-se sobre o papiro. Purpurizou-se-lhe o rosto e apostrofou enraivecido o garoto.

— Meu grande pateta! Omitiste a mais bela imagem. Onde estão as águas azuis do Nilo? Sentaste-te em cima dos ouvidos?

E, erguendo a mão, deu um murro na cara do garoto. Nuri soltou um grito e caiu para trás. Partiu-se-lhe o bracelete e as pequeninas bolas coloridas rolaram pelo chão. Do seu nariz começou a correr um fio de sangue, e, quando se levantou do chão, tinha os olhos cheios de lágrimas.

Cessara de chorar, mas o rosto contraía-se-lhe dolorosamente. Um pouco arrependido, Hori olhou para o seu punho ensanguentado, terminou ele próprio, a resmungar, o relatório e dirigiu-se para casa.

Na rua estreita, as crianças acorriam ao seu encontro. Agarravam-se a ele, com grandes gritos, e procuravam beijar-lhe as mãos.

Mas o escriba, corando, retirou a mão e levou-a discretamente às narinas para verificar se ela conservava o cheiro do sangue. Em casa, a mulher pôs diante dele o jantar: carne de cabra, pão e alho. Mas não foi capaz de se decidir a tocar-lhe. Sentia o gosto do sangue na carne. Afastou, para longe dele, a comida. Nas fontes as artérias latejavam-lhe.

Durante a noite, não conseguiu dormir. No dia seguinte, estava tão fraco, que não lhe foi possível levantar-se. A mulher, alarmada,

A MORTE DE HORI

interrogou-o: não teria comido qualquer alimento em mau estado, ou não teria ele trabalhado demais?

Mas o doente limitou-se a mover a cabeça, numa negativa. Foi em vão que o médico lhe fez perguntas; inútil foi também obrigá-lo a comer ervas apanhadas ao luar. Se alguém lhe tivesse perguntado se batera numa criança, certamente que ele, rompendo a chorar, confessaria a sua falta e ficaria curado.

Mas Hori limitava-se a gemer. Uma grande vergonha queimava-o como o sol tórrido do deserto e, no outro dia, de madrugada, um suor de angústia perlava-lhe a testa. Sentia, no cérebro, uma dor aguda. Sangrava do nariz, como a criança a quem batera. Por fim, alguma coisa de enteiriçado e frio invadiu-lhe os membros, cerraram-se-lhe os olhos e a alma abandonou o corpo.

Ao vê-lo assim, a mulher, que o velava, pôs-lhe com vivacidade a mão na testa e, durante alguns minutos, contemplou tristemente o morto. Depois, rasgando o vestido e arrancando os cabelos, precipitou-se, com gritos estridentes, para fora de casa, nas ruas.

Abandonando o amassadouro doméstico, as mulheres acorreram, com as mãos enfarinadas; no mercado, os camponeses largaram os legumes, e as mãos dos barbeiros detiveram-se sobre os pontiagudos crânios ensaboados. E, à medida que viam a mulher, a notícia corria de boca em boca:

— Hori, o escriba, morreu... Era um homem honrado... Era uma pessoa séria que nunca fez mal a uma mosca...

O corpo de Hori foi confiado aos embalsamadores, que praticaram uma incisão nos

flancos, retiraram as vísceras, o coração, onde a cólera nascera, o cérebro que mandara a mão dar o murro. Mergulharam-no em água tépida, a fim de que a mão que dera o murro ficasse de toda a corrupção preservada para sempre. Depois a múmia amarelecida e dissecada foi rodeada de faixas e deitada num caixão de madeira ricamente pintado. O barco mortuário desceu o Nilo e o corpo foi enterrado a um metro de profundidade.

A viúva, os filhos, os parentes, as carpi-deiras, gemiam ainda e exaltavam, em grandes gritos, as virtudes do defunto, quando a alma abandonou o túmulo e, percorrendo o deserto, partiu para o reino dos mortos.

A multidão, movendo-se como uma comprida serpente, gemia: «Choremos, choremos, choremos! O nosso esposo, o nosso pai, o nosso irmão, abandonou-nos. E ele voga, lá em baixo, no mar estrelado, para as ilhas da eternidade. Voga esta alma inocente, que nunca ergueu a mão para ninguém!».

E a alma, fremebunda, inclinava a cabeça, e a serpente, que se distendia sobre a estrada, enrolava-se em torno do seu coração e mordida-o. Ela não se apercebeu de que chegara ao sicômoro trémulo e que, entre a folhagem florida, a deusa Noite lhe estendia pão numa bandeja de prata e água numa infusa de prata. E que ela comia pão da deusa, que era hóspede da Província eterna, donde nunca nenhum viajante voltara. Em frente dela, na noite, escancaravam-se os desertos do horror, os desertos negros e sombrios, onde flamejavam os olhos das serpentes.

— Pecador, confessa os teus pecados — si-

bilavam as serpentes enroscadas nas árvores selvagens, dardejando para ele as línguas fendidas.

Trémula, a alma de Hori ocultava os olhos. E gaguejava:

— Em cada nove luas embriaguei-me, até perder o conhecimento, em casa dos vendedores de cerveja, no mercado.

As serpentes desviaram as cabeças e, desta vez, regatos fumegantes verteram, aos pés de Hori, as suas espumas escaldantes.

— Pecador, confessa os teus pecados!

Vacilando as pernas, a alma clamava nas trevas:

— Espalhei calúnias a respeito do grande sacerdote de Amon.

A espuma de fogo recuou, mas do fundo do pântano, que cheirava a enxôfre, compridos braços de macacos se estenderam e formaram, sobre a sua cabeça, um círculo gigantesco. Uma voz insistiu:

— Pecador, confessa os teus pecados!

E Hori, sentindo os joelhos dobrarem-se, respondeu:

— Roubei, pouco a pouco, trinta dinheiros de prata dos salários dos trabalhadores...

O círculo desfez-se, as trevas dissiparam-se, e um maravilhoso lago de prata brilhou diante de Hori. Ele sabia que, para lá chegar, tinha de se purificar de todos os pecados... Mas aquele murro, aquele único murro, não se atrevia a confessá-lo... Como ele teria, com os seus lábios, estancado o sangue que corra da cara da criança! Com que alegria teria beijado a sua mãozita suja e os seus pequeninos pés enlameados!... Mas tudo aquilo já estava tão longe!... Um grande íbis o arrebatou e viu-se, de súbito, em frente do trono de Osíris...

Quarenta e dois juizes rodeavam o Deus resplandescente, e diante dele estava colocada a Balança da Justiça, onde foi posto

o coração de Hori. Um por um, os juizes disseram os nomes dos pecados que habitam no coração do homem, e o coração deitado na balança resistiu à prova. Cheia de esperança, a alma espiava todas as suas palavras. Sentia que não era culpada daqueles terríveis pecados, ou que, se houvesse sido culpada, os teria expiado no Deserto do Horror. Calara-se a voz do quadragésimo juiz. A voz do quadragésimo primeiro juiz fez-se ouvir, e calou-se. Já os pés de Hori se preparavam para pisar o solo encantado da ilha, quando a voz do quadragésimo segundo juiz soou:

— Lá em baixo, na Terra, maltrataste uma criança?

Hori sentiu os joelhos vergarem-se-lhe. Ajoelhou-se, mas não pôde responder...

No peito, no sítio do coração, sentiu uma dor atroz. Durante um minuto, num silêncio trágico, os quarenta e dois juizes esperaram. Depois, erguendo a mão, fizeram um gesto; a balança voltou-se, e a alma, transformada numa pequena e miserável ave, foi precipitada na Terra, para ali expiar, num novo corpo.

Nuri, o aprendiz de escriba, que, sob a direcção de um novo mestre, penava todo o dia, regressava a casa, extenuado, calcando com os pés as areias do Nilo. Ao passar sob as esbeltas palmeiras, viu, de repente, a seus pés, uma avezinha assustada. Julgando que ela havia caído do ninho pegou-lhe carinhosamente, beijou-lhe o bico e pôs-se a consolá-la:

— Fizeram-te mal!... coitadinho!...

A ave, trémula, olhava para ele, receosa, através da sua pupila transparente. E a criança, apertando-a contra o peito, levou-a através do deserto, erguendo os olhos para o céu crepuscular, onde a primeira estrela começava a cintilar, ao Norte...





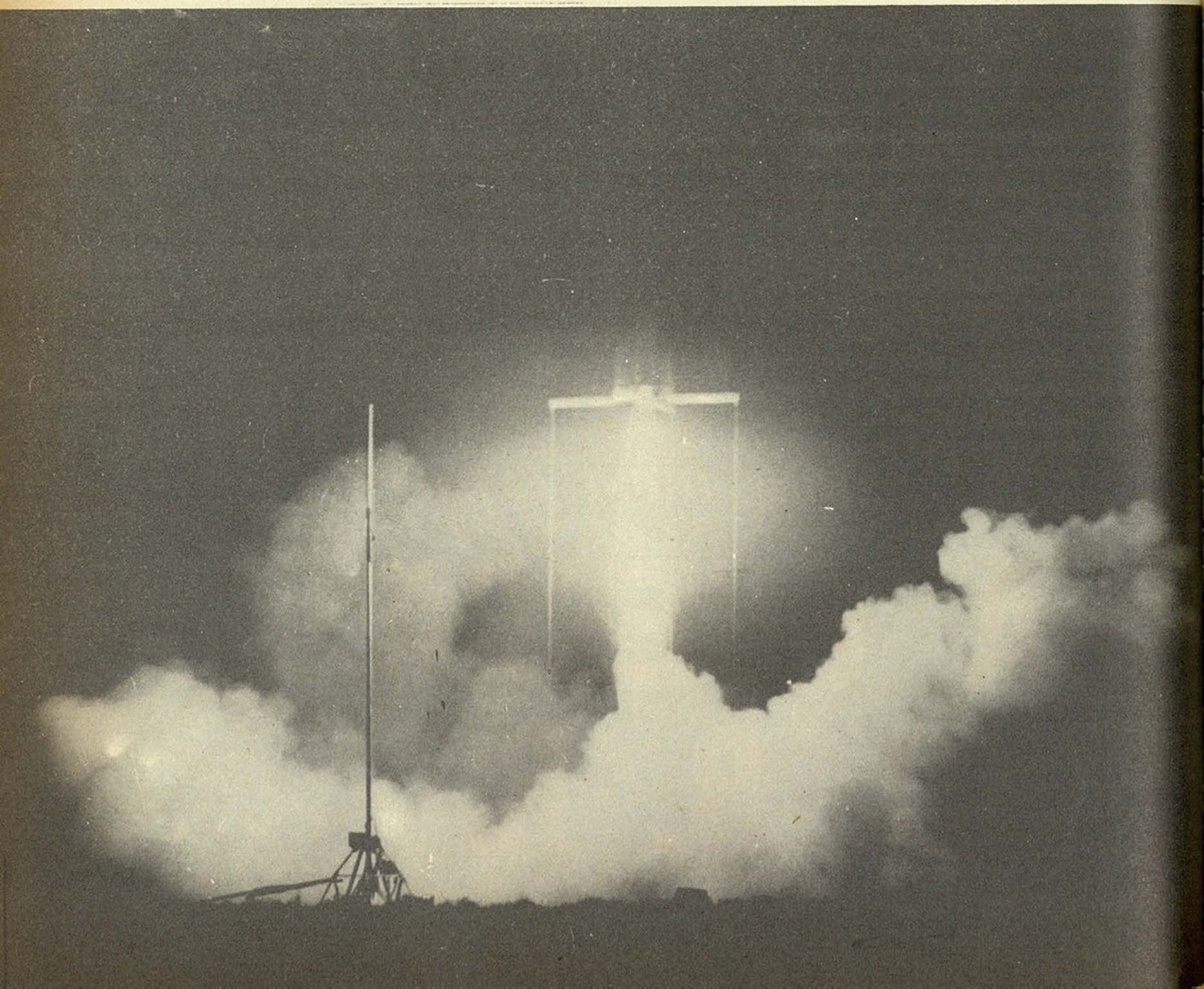
uma nova expressão

**A GUERRA
C. B. R.**

As guerras anteriores foram autênticas brincadeiras se as compararmos com o que poderá vir a ser uma guerra futura — eis a conclusão, bem modesta a que chegaram alguns especialistas. Uma nova expressão — C. B. R. warfare — foi criada e novas armas estão apontadas para a destruição em massa dos seres humanos, animais e plantas. Que armas são essas? Como actuam? Como nos poderemos defender delas?

Essas armas podem dizimar grandes nações tal como sucedeu com a peste negra na Idade-Média. A paralisia infantil, a varíola, a cólera e o tifo podem ser usados contra as populações civis. Que disposições estão a ser tomadas contra tais ameaças? Poderemos sobreviver a tais ataques?

Um frasco pode envenenar uma cidade, dois uma nação e três um continente. Um ataque em grande escala significaria o fim do homem e a destruição total da vida sobre a terra... No artigo que se segue Jacob Reynolds analisa as formas principais da «Guerra C.B.R.».



A BOMBA H

é uma brincadeira de crianças

É certo que ainda não se encontrou uma resposta adequada aos foguetões supersónicos capazes de transportarem bombas de hidrogénio. Mas estudam-se já as armas para combater uma ameaça bem pior: a guerra C.B.R. (Chemical-Biological-Radiological Warfare).

Para falar com franqueza trata-se de uma arma capaz de aniquilar em massa a humanidade: gases que atacam o sangue e os nervos, germes, materiais radioactivos que, usados cuidadosamente nos campos de batalha e contra os objectivos militares e industriais, podem destruir totalmente uma nação.

Ao contrário da bomba atómica que pode destruir uma área calculada previamente, uma arma C.B.R. tem a possibilidade de espalhar a morte para além das fronteiras, invadindo os continentes como sucedia antigamente com as pestes.

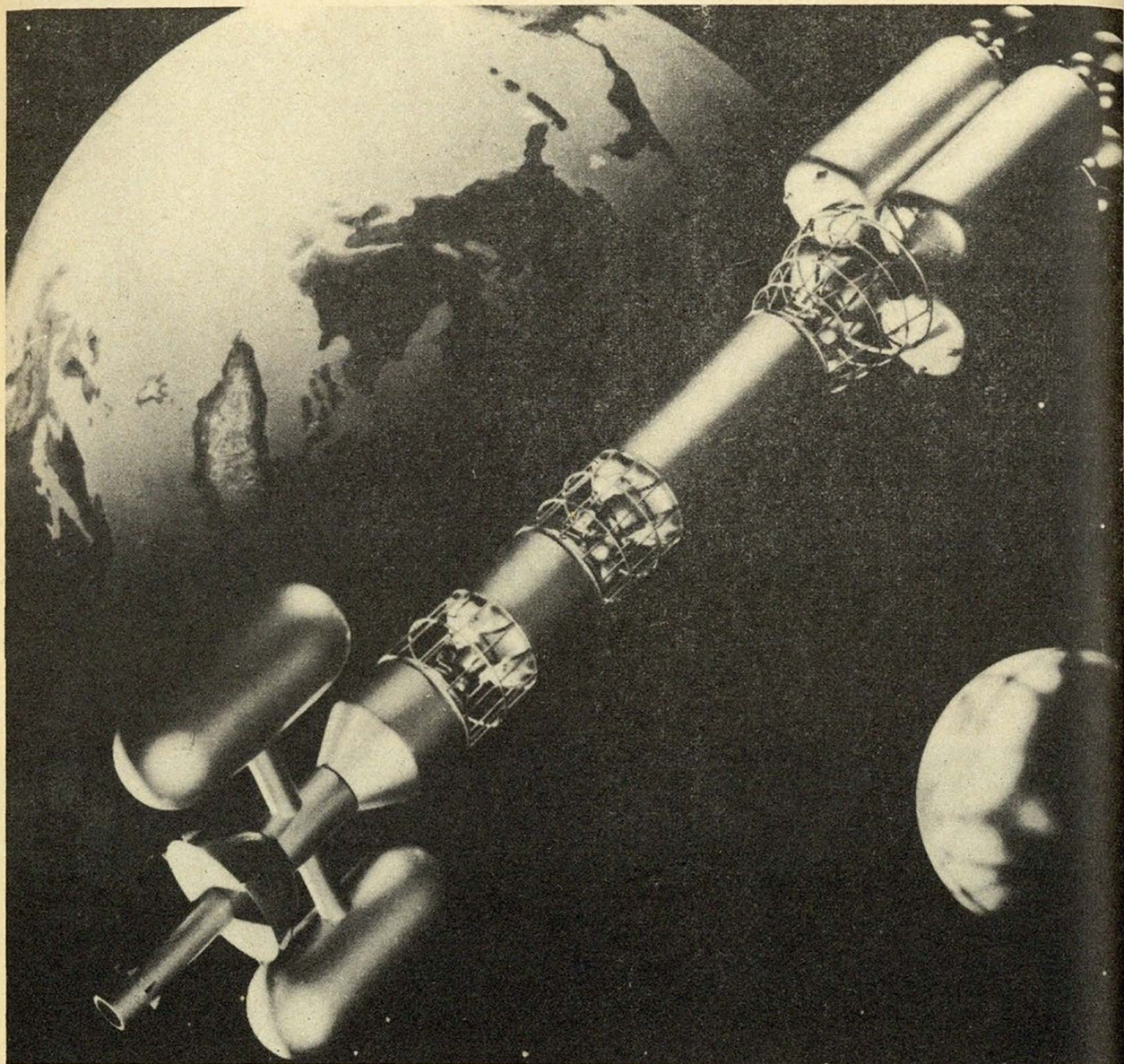
Os perigos da guerra química e biológica foram expostos recentemente perante o Congresso dos Estados Unidos pelo general William Creasy, chefe da secção química do Exército, o qual falou da existência de novas substâncias capazes de modificar o comportamento das tropas inimigas, causar cegueira temporária, paralisias e vômitos dolorosos.

SUBSTANCIAS DE EFEITO TEMPORÁRIO

Todas essas substâncias de que falou o general Creasy têm um efeito temporário e não permanente. Mas é evidente que as substâncias de efeito mais radical também existem. Isso explica que a Grã-Bretanha, a Rússia e os E. U. A. se tenham lançado numa corrida para descobrir novos métodos de destruição em massa. A União Soviética declarou abertamente que o seu sistema defensivo pressupõe o uso de armas desse tipo.

O organismo responsável nos E. U. A. pela produção e investigação das armas C.B.R. é o Centro Químico do Exército. Na Grã-Bretanha o Ministério das Finanças atribuiu a essas investigações 146 milhões de libras.

As armas C.B.R. têm certas vantagens que poderão levar os governos a usá-las em vez das armas nucleares. Grandes áreas de terrenos podem sofrer os efeitos de uma ofensiva C.B.R. graças à intervenção de um único soldado ou de um sabotador. Basta que este tenha consigo umas pequenas cápsulas previamente preparadas. E isto significa



que as grandes formações de combate se tornam desnecessárias e que basta um ataque discreto para provocar tempos depois a destruição de um povo.

Estas armas invisíveis podem ser a única alternativa para os países em luta, já que, sob o ponto de vista atômico, existe presentemente um empate entre os E. U. A. e a U. R. S. S. Tal foi a opinião do general Creasy. E os directores ingleses da C.B.R. concordaram com ela, embora com reticências.

A defesa, tanto civil como militar, baseia-

-se na vacinação em massa das populações, nos modernos tipos de máscaras antigás e nos fatos protectores. O Centro Químico Americano do Exército criou uma nova máscara — a E. 13 — para proteger a população civil contra os agentes químicos e biológicos e contra as poeiras radioactivas. Outros materiais de protecção estão a ser ensaiados na Inglaterra e nos E. U. A.

Por outro lado os serviços de vacinação do Estado que funcionam nos diversos países, poderão ser adoptados, em caso de perigo, contra uma ameaça biológica.

A GUERRA QUÍMICA, BIOLÓGICA E RADIOACTIVA

As três formas principais de guerra química-biológica-radiológica compreendem os seguintes aspectos:

1 — **Química:** Há seis tipos conhecidos de agentes tóxicos: gases lacrimogêneos, gases eméticos, gases asfixiantes, gases ulcerantes e gases que atacam os nervos e o sangue produzindo diversas formas de paralisia;

2 — **Biológica:** Eis a fórmula mais grave. Certos micro-organismos infectam, deformam ou matam os seres vivos (homens, animais ou plantas). Há muitas espécies de enfermidades neste arsenal tais como: agentes debilitadores — gripe, varicela — vírus que produzem enfermidades crônicas — paralisia infantil, tuberculose — e germes que desafiam todas as drogas conhecidas;

3 — **Radioactividade:** O uso de materiais radioactivos contra uma certa região significará: doenças transitórias, morte ou evacuação forçada dessa região.

Birmingham, Chicago, Milão, Omsk ou outro qualquer objectivo industrial podem ser destruídos em algumas horas. O general Creasy afirma que uma ofensiva desse tipo poderia ser levada a cabo por sabotadores, aviões, submarinos ou foguetões. Em poucos dias um país poderá ser inteiramente apagado da face da Terra.

A primeira medida defensiva consiste na determinação da natureza do ataque. Já hoje existem certos aparelhos que produzem um sinal visual ou auditivo quando localizam um gás. Outros instrumentos para averiguar rapidamente o tipo de produto químico usado no ataque estão presentemente a ser estudados.

MEIOS DE DEFESA

O aeroscópio é um mecanismo extremamente sensível que actua baseando-se no princípio da reflexão da luz e capta rapidamente qualquer matéria estranha contida no ar.

A localização no caso das armas biológicas é mais difícil. O ar está normalmente impregnado de bactérias não só daninhas mas neutras. A identificação dos germes contidos no ar demora vários dias, mas foi descoberto

um novo filtro graças ao qual é possível isolar e distinguir em poucas horas os elementos perigosos. Uma rápida identificação pode facilitar a protecção e a imunização de uma zona infectada antes que a epidemia se tenha declarado.

Vários tipos de dosímetros feitos de quartzo e de cristal estão a ser preparados para medir a quantidade de radioactividade absorvida por cada vítima. E assim, um simples dosímetro químico, baseado na mudança de cores, poderá ser distribuído pela população civil e pelas tropas para que possam sujeitar-se a um tratamento adequado na rua, no campo de batalha ou nos hospitais.

O tratamento adequado é, todavia, muito difícil. Embora se estudem várias drogas para as vítimas de uma guerra C.B.R. é muito provável que o êxito dessas drogas fosse bastante modesto. Assim, procura-se novos métodos de imunização, soros e vacinas que protejam toda a gente da maior parte das doenças com uma única injeção. O termo dessas investigações está longe, no entanto, de ser alcançado.

Um dos objectivos imediatos é suprimir o ambiente de mistério que rodeia as armas C.B.R. Muito pouco se sabe acerca do assunto fora dos laboratórios, uma espécie de cortina de fumo caiu sobre esse tema. No entanto, os governos começam hoje a pensar que as populações devem saber o que se passa e os perigos que as ameaçam.

Assim, na América, o general Creasy avisou o país dos riscos das armas C.B.R., bem maiores, afinal, do que os riscos da bomba H.

Desde que terminou a segunda guerra mundial já houve catorze guerras menores que não puderam ser evitadas mesmo quando os participantes possuíam a bomba atômica. Segundo o general Creasy algumas das armas C.B.R. poderiam ter contribuído para que essas guerras terminassem rapidamente sem necessidade de mutilar ou matar os combatentes. Se é certo que o perigo atômico já não basta para garantir a paz, é muito possível que as armas C.B.R. possam evitar a guerra. Mas se ao invés essas armas não forem submetidas a um «contrôle» universal o mundo poderá ver-se submergido num espantoso inferno de sofrimentos do qual haveria um único vencedor: a morte.

JACOB E. REYNOLDS

Portugal



Planta
Geografica
da Barra da Ci-
dade do Porto.

10

visto de fora

WILLIAM GRANVILLE ELIOT, CAPITÃO DE ARTILHARIA, DO EXÉRCITO DE WELLINGTON, DEPOE SOBRE O PORTUGAL DO SEU TEMPO

No seu «Treatise on the Defense of Portugal», Eliot faz numerosas referências aos hábitos e à maneira de ser dos portugueses, tal como os viu quando, como oficial do «Royal Regiment of Artillery» esteve em Portugal. O livro, cuja terceira edição é de 1811, não pretende estudar os costumes portugueses, por se tratar do estudo do país sob o ponto de vista militar, mas é possível, aqui e acolá, encontrar observações elucidativas acerca da vida desse tempo.

Demos a palavra a Eliot:

Falando da cidade do Porto: «Os efeitos do Terramoto de 1755 pouco sentiram aqui e a cidade é muito mais limpa do que Lisboa...».

«O palácio do Bispo é uma bela construção mas as paredes da entrada estão arruinadas por pinturas, que o pior dos pintores errantes de tabuletas duma aldeia inglesa, se recusaria a confessar serem da sua autoria...».

Falando de Elvas: «...é apenas justo referir que encontrei menos porcaria e indolência em Elvas do que em qualquer outro ponto de Portugal».

Falando da língua portuguesa: «A língua portuguesa está longe de ser difícil, especialmente para quem tenha razoáveis conhecimentos da língua latina com a qual tem grandes afinidades, mantendo, dessa língua, muitas palavras ainda puras.»

Falando das classes altas: «Os fidalgos ou nobres são, duma forma geral, indolentes; a sua educação foi descuidada e os seus conhecimentos referem-se às suas propriedades ou aos arredores de Lisboa: as suas casas são uma mistura estranha de palácios e currais, com caríssimos quartos pintados em estilo italiano enquanto os nossos nervos olfactivos são saudados pelo cheiro das cavaliças que normalmente ocupam o rés-do-chão.

Das conversas ao serão: «A conversa, como é de esperar, nesta altura, não é muito viva ou interessante e raras vezes passa da expressão «Está muito frio, Senhor...».

Do vestuário: «O vestuário da nobreza masculina e feminina ou segue a moda inglesa com alguns anos de atraso, ou a de Paris, ou uma moda que lhes é peculiar...».

Das pessoas informadas: «Em Lisboa, no Porto e na maioria das partes, os comerciantes são as pessoas mais bem informadas, muito embora se possam incluir neste número alguns (poucos) membros da nobreza e do clero.»

«O contacto necessário destes últimos (comerciantes) com estrangeiros de todas as qualidades tende a aumentar grandemente a sua cultura geral mas encontram-se, ainda, muito atrasados em relação à maioria das nações europeias. Pode atribuir-se isto a várias causas:

1.^a — As restrições que afectam a Imprensa;

2.^a — As superstições religiosas que dão origem à primeira causa indicada;

3.^a — O despotismo do governo combinado com a indolência natural do povo.»

Dos camponeses da Estremadura, parte da Beira e Alentejo: «são indolentes, preguiçosos e, desde que tenham pão para comer, só com grande dificuldade são persuadidos a trabalhar ou a sair de casa. Nas ocupações normais do campo, ou no trabalho manual, um inglês fará mais em 24 horas do que meia dúzia deles.»

Dos camponeses de Entre Douro e Minho, Trás-os-Montes e Beira Alta: São mais robustos e afeitos ao trabalho, principalmente nas zonas do vinho do Alto Douro...».

Do Clero: «Do Clero pouco há a dizer excepto que, se nele incluirmos as ordens religiosas, é excessivamente numeroso para a população do País. No interior as informações mais úteis e melhores obtêm-se, normalmente, dos seus membros...».

Das acomodações: «As estalagens e tabernas, mesmo nas melhores cidades, são miseráveis e sujas... **As Casas de Pasto** e as **Casas de Comer** são iguais no que se refere a porcaria, às estalagens... Resumindo: é difícil conceber casas menos confortáveis do que as descritas...».

Das Artes, das Ciências, da Agricultura e da Indústria: «As Artes e Ciências neste país são pouco fomentadas: a maioria dos seus habitantes são indolentes demais para as cultivarem.»

A escultura produz, apenas, imitações ruínas da escultura italiana.

A pintura está ainda mais atrasada; não há exposições nem academias onde se estude esta Arte útil e agradável.

Durante uma estadia de 4 meses, apesar de ter procedido a uma busca diligente, não consegui encontrar um só pintor de mérito...».

Dos livros: «As principais — e quase únicas — lojas de livros de Lisboa estão situadas na Rua dos Mártires; estão repletas de dissertações teológicas, biografias de peregrinos, relatos de sofrimentos de mártires, descrições de milagres ou daquele santo...».

Os proprietários da maioria das lojas de livros de Lisboa eram franceses. Pouco tempo depois da entrada do exército de Soult no Porto estas lojas foram fechadas e os seus proprietários presos...».

Da agricultura: «A agricultura neste país

encontra-se, praticamente, no seu estágio primitivo; mais dum terço da terra está por cultivar e o restante não produz metade do que deveria produzir...».

Os instrumentos agrícolas pouco progresso fizeram desde Noé...».

Das manufacturas: «As principais manufacturas portuguesas são a seda, o pano grosseiro e o linho. Todas são inferiores às fabricadas nos restantes estados europeus.»

Os únicos tecidos de qualidade que se encontram são de origem francesa ou inglesa e são caríssimos...».

Da vida na província: «Ainda mal nos instalámos e já uma turba de políticos — do barbeiro da terra ao mais elevado político — se é que existe algum, invadiram a nossa residência temporária. Com um olhar ansioso, tentam encontrar no nosso aspecto cansado o indício de qualquer conflito terrível ou desastre inesperado que tenha surgido.»

Se tivermos a felicidade de compreender a língua e de podermos responder aos intermináveis interrogatórios de que somos vítimas, teremos visitas até que os sinos convoquem o povo para as devoções da noite. Entretanto desejarão observar a nossa espada e a nossa sela; resumindo: tudo o que é de fabrico britânico, incluindo o que temos nos bolsos, será alvo dos seus exames.»

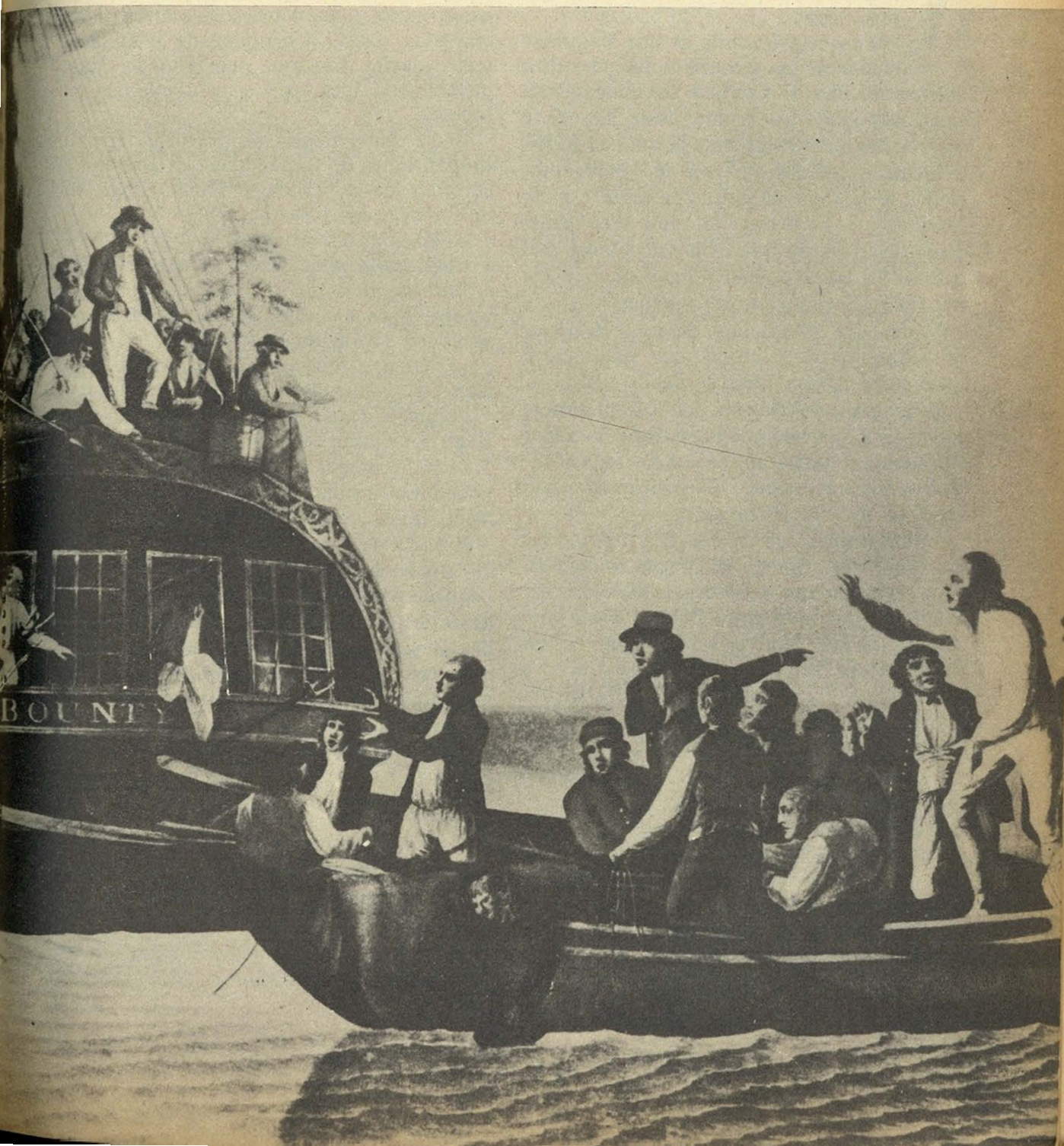
Dos ingleses em Lisboa: «Alguns casos tem havido, ultimamente, de assassinatos de cidadãos britânicos. A causa destes assassinatos pode, em grande parte, ser atribuída à embriaguez dos nossos cidadãos que, privados da sua bebida habitual, a cerveja, recorrem a outra muito mais forte, chamada aguardente ou **brandy**, obtida pela destilação do vinho...».

As vítimas, na sua maioria, são marinheiros vistos constantemente embriagados pelas ruas, às vezes em grupos, que insultam a população...».

Assim depôs W. G. Eliot, capitão de artilharia, que gostou de Portugal, sem que, todavia, esse amor pela nossa terra o impedisse de a ver tal como era.

Poderíamos, se a nós nos acontecesse o mesmo, fazer outras citações do autor porque muitas mais haveria a fazer... mas não vale a pena. Estas chegam para que saibamos como éramos vistos de fora no princípio do século XIX.

a revolta na-BOUNTY



NA origem da viagem da **Bounty** estava a árvore das patacas. Será mais rigoroso dizer: a árvore do pão.

Porque o Governo de Sua Majestade britânica fora informado de que os indígenas da ilha de Otaheite se alimentavam exclusivamente dos frutos dessa árvore e ocorreu-lhe que, transplantada para as Índias Ocidentais, poderia resolver um grave problema: o da alimentação dos escravos negros. Infelizmente — e essa era uma das razões demonstrativas de que o mundo estava mal feito — os escravos não se contentavam em trabalhar, queriam também comer!

George III enviou um navio — a **Bounty** — que partiu com os seus quarenta e cinco homens com rumo a Tahiti.

O que foi essa viagem, logo de princípio, não é fácil descrever. De Spithead a Tahiti oito meses se passaram em que o espírito tirânico do comandante Bligh provocara um clima de revolta permanente.

Tahiti com a sua beleza e a beleza das suas mulheres acalmou um pouco os ânimos, mas cerca de um mês depois de partirem houve um incidente entre Bligh e o seu imediato Christian. Motivos do incidente: Bligh comprara em Tahiti, a título pessoal, vários cocos. E no dia 27 de Abril de 1787 notou que lhe faltavam dois. Convocou imediatamente os oficiais e disse-lhes:

— Meus Senhores! Desejo saber quantos cocos comprou cada um de vocês.

Christian fazendo um esforço para não explodir, respondeu calmamente:

— Nenhum de nós o sabe... — E depois, com a voz um pouco alterada:

— Porquê? Essa pergunta exprime uma desconfiança em relação a algum de nós?

— Sim — respondeu o capitão.

Nesse instante a sorte estava lançada. Christian decidira agir e o problema foi debatido nessa noite com os seus amigos. Mas que iriam fazer? Uma jangada para deixarem o navio? Era uma possibilidade. Mas o melhor seria aparearem o comandante das suas funções.

Nessa noite, depois de porem a ferros os simpatizantes do comandante, os amotinados entraram na cabina onde William Bligh dormia o sono dos justos.

— Mãos ao ar, capitão!

Bligh nada pôde fazer. Charles Churchill e Burkett, dois dos conjurados, tinham-lhe amarrado as mãos atrás das costas. Depois prenderam-no a um mastro.

— Senhor Christian, dou-vos a minha palavra de honra de que vos farei enforcar.

Alguns marinheiros aproximaram-se de Bligh e tentaram agredi-lo.

— Meus amigos — disse Christian — tenho uma ideia melhor de nos desembaraçarmos dele. Vamos metê-lo num salva-vidas.

E assim se fez. Bligh e todos aqueles que lhe permaneciam fiéis tomaram lugar numa pequena embarcação de sete metros de comprimento. Christian deu-lhes uma caixa de biscoitos, carne salgada, água, remos, velas e armas e — o que era também muito importante — um sextante e um livro de marear.

Com uma bravata incrível, Bligh despediu-se deles:

— Far-vos-ei enforcar!

UMA DAS EMPRESAS MARÍTIMAS MAIS EXTRAORDINARIAS DO SÉCULO

Christian sorriu. Como admitir que aqueles homens, perdidos em pleno Pacífico pudessem

salvar-se? E no entanto salvar-se-iam e muitos dos amotinados da **Bounty** — aqueles que cometeram o erro de se refugiar em Tahiti — acabariam por ser enforcados em Portsmouth conforme mandavam as leis do mar.

Na verdade Bligh conseguiu levar a cabo uma das empresas marítimas mais extraordinárias daquele século. Percorreu cerca de quatro mil milhas no seu barco meio desmantelado e alcançou Timor. Daí seguiu para Londres donde mandou que uma fragata — a Pandora — fosse ao Pacífico procurar os revoltosos.

Christian sabia dos perigos a que estava sujeito. Era extremamente arriscado ir viver numa ilha frequentada pela marinha de Sua Majestade. E assim, quando os seus homens manifestaram o desejo de se acolherem a Tahiti, Christian procurou explicar-lhes quão louco era esse projecto. A verdade, porém, é que a grande maioria dos marinheiros se haviam revoltado com a mania no regresso à ilha encantada e às suas belas mulheres. Não houve processo de os convencer.

Christian deixou em Tahiti aqueles que aí desejavam ficar e partiu à procura duma ilha que não fosse frequentada por barcos europeus. Acompanhavam-no oito marinheiros e seis indígenas. Mas como era preciso levar mulheres, Christian organizou uma festa a bordo à qual compareceram nove tahitianas que foram raptadas sem a mais pequena cerimónia. Além destas havia mais três que de boa vontade seguiam três dos tripulantes: Christian, Young e Smith. Por outras palavras: partiam à procura da felicidade e do esquecimento quinze homens e doze mulheres.

QUINZE HOMENS E DOZE MULHERES

A felicidade: Pitcairn, uma das milhares de ilhas que se perdiam pelo Pacífico. E, efectivamente, dois anos se passaram de quase completa felicidade. As mulheres eram bonitas. Cada um dos brancos tinha a sua mulher. Quanto aos polinésios cada mulher tinha dois homens. Mas isso não impedia que tudo corresse na melhor das ordens.

Sòmente: certo dia em que a mulher de John andava à procura de ovos numa falésia caiu e morreu. Christian exigiu então que os polinésios lhe dessem uma das suas...

Foi a guerra. Em meia dúzia de dias ingleses e indígenas matavam-se uns aos outros.

Dez anos depois de terem aportado a Pitcairn só um marinheiro ainda vivia: John Adams. Foi ele que contou a história da vida que haviam levado ali quando finalmente um navio americano aportou a Pitcairn. Mas nem todos os mistérios ele pôde — ou quis — resolver.

Que havia acontecido a Christian? Adams deu várias respostas — sempre mais ou menos contraditórias — mas que se resumiam nisto: Christian morrera e estava enterrado. «Aonde?» Adams mostrou o sítio.

Mas Luís Marden — o americano que se interessava em saber a verdade — teve algumas dúvidas. Ele ouvira contar que um dos tripulantes da **Bounty** que havia permanecido fiel a Bligh vira de certa vez em Plymouth um desconhecido muito parecido com Christian. O desconhecido sentindo-se observado desapareceu rapidamente numa taberna e ninguém mais conseguiu vê-lo. Seria de facto Christian?

Marden, com o auxílio do filho de Christian, e munido de uma pá procurou o esqueleto do velho marinheiro. Não, nunca ali fora enterrado qualquer homem!

saiba ser feia

Fala-se muito da beleza. É ela que se vê nos jornais. E, todavia, a beleza é um privilégio raro, um sonho para a maioria das mulheres. A fealdade, essa sim, é uma realidade. Companheira-inimiga que espera todas as mulheres no fundo de cada espelho.

Cada mulher tem a sua, grande ou pequena, e sofre mais ou menos com isso. Todas lhe fazem uma guerra que nem sempre é vitoriosa e que como todas as guerras, deixa o vencido em mau estado. Algumas mulheres são destruídas pela sua fealdade.

Outras, bem mais feias, vivem felizes. Fazem boa carreira, são rodeadas por amigos e, para cúmulo, são felizes no amor. Deve existir uma arte de ser feia.

Estudá-la no vivo é uma tarefa delicada. Tanto quanto é fácil abordar, por exemplo, Martine Carol e dizer-lhe: «**Você que é a mulher mais bonita de França**» é difícil chegar-mo-nos ao pé da Senhora X e dizer-lhe: «**A Senhora, que é a mulher mais feia de Lisboa**».

E então para fotografá-la...

— De perfil, se faz favor, minha senhora, para se ver o seu nariz em gancho. Um grande plano agora, para as rugas dos olhos.

Impossível, portanto: mesmo aquelas que, graças aos conselhos de uma visagista venceram a própria fealdade recusar-se-iam certamente a revelar os seus segredos.

QUEM?... EU!

Onde encontrar este objecto de estudo? Uma fealdade corrente que nos comove por-



confidências de uma mulher inteligente

que podia ser a nossa! Uma fealdade indiscutível, sobre a qual toda a gente se ponha, à primeira vista, de acordo. Existe certamente: a dificuldade é haver alguém que engolindo a vergonha, aceite confessar-se e se preste à objectiva, ao adjectivo.

Só encontrei a minha. Graças a Deus tenho uma fealdade alegre!

Dizer que nunca sofri com isso seria mentir. A primeira vez que dei pelo meu perfil ao espelho (tinha 9 anos) sofri um choque: **«Aquilo» era meu? Tinha-me passeado com «aquilo» por este mundo durante nove anos sem ter dado por isso?**

Perturbada analisei em pormenor o nariz de duas bossas rematado súbitamente, como cortado à faca, o lábio superior demasiado curto descobrindo os dentes grandes e mal implantados; a testa acidentada, os olhos exorbitantes, o queixo brutal, tudo coberto por uma pele feia e poeirenta.

Esta descoberta não me «complexou», como se diria hoje em dia. A minha natureza era demasiado viva e a beleza, nesses tempos, tinha menos importância que hoje.

Não se transformara ainda numa indústria importante, numa carreira, numa ciência, nem num pretexto para concursos. O cinema não exercia ainda a sua ditadura sobre o físico dos humanos.

Não estando educada nem armada para se defender, nem obsecada pela imagem das vedetas, a feia de outros tempos não se sentia culpada de negligência nem vivia atormentada pela sua fealdade. Simplesmente azarenta. O seu físico não tinha ganho na lota-

ria. Era portanto com o espírito em paz que eu exhibia o meu focinho triste. Ninguém pensava em modificá-lo.

Mas não tardaria muito.

O NARIZ, ESSE CULPADO...

Tinha vinte anos quando uma vez, na rua, um homem grisalho, condecorado, me abordou:

Mademoiselle porque é que insiste em ter esse nariz? Pode facilmente modificá-lo. Sou cirurgião. Tem aqui o meu cartão de visita. Venha ver-me com os seus pais. Opero-a e não lhe levo dinheiro.

— É um louco — disse minha mãe quando soube da história.

Como acontecia aos seus contemporâneos, achava que devíamos aceitar o nariz que Deus nos tinha dado. E, todavia, não aceitava um dente careado ou um apêndice inflamado. Na verdade, os nossos pais aceitavam o seu nariz feio como aceitavam a iluminação por lâmparina — não se tinha ainda descoberto melhor.

Hoje em dia um nariz feio conserta-se tão facilmente como um dente partido. Uma pessoa que o conserve arrisca-se a ver-se acusada de negligência como se estivesse adiando uma necessária ida ao dentista.

E, todavia, conservei o meu nariz. Cá continuava, no meio da cara (não exactamente no meio, de resto). Fiz mal em ficar com ele? Ou fiz bem? Quem me lê que me julgue.

No dia seguinte ao encontro com o cirurgião, o meu noivo (tinha um, apesar do nariz) foi informado do assunto. Não se mostrou entusiasmado.

— Com certeza que o teu nariz poderia ser mais bonito, mas gosto de ti assim. Agradar-me-ias tanto com outro? Não sei — mas faz o que quiseres.

Fiquei com o nariz.

Uma mulher que não encontrou o amor e responsabiliza por isso o seu nariz — porque o conserva? Culpado ou não deve desaparecer. E se Cúpidos continuar a mostrar o caminho, a cirurgia, pelo menos, esclarecerá o problema tirando as culpas ao nariz e fazendo compreender à mulher em questão que as razões do insucesso se encontram em qualquer outro sítio.

DEFEITOS QUE PRENDEM

Pelo contrário, uma mulher que seja amada e deseje conservar esse amor não deve modificar a sua pessoa a não ser que o homem que ama o deseje... e fazê-lo prudentemente. Ele deseja-a mais magra? Emagreça mas nem demais nem demasiado depressa. Magra, fica outra. Quanto ao maravilhoso nariz pequeno que escolheu no catálogo do cirurgião — fará ele vibrar o seu marido como o seu antigo monco? É possível, mas não é certo. O amor é um fenómeno mal conhecido e Cúpidos um Deus que gosta de pregar partidas. Testemunha-o esta história verídica.

No tempo em que eu era empregada num banco, um homem esperava-me todos os dias à saída. Isto durou até que numa tarde uma bâtega de água nos reuniu debaixo de um portal.

— Desta vez apanhei-a, disse ele, rindo. Sabe que me agrada muito?

— ...

— Mas não calcula com certeza o que me agrada em si. É o seu nariz de palhaço! É divertidíssimo. Com um nariz desses, não se aborrece com certeza. Nem ninguém se deve aborrecer ao pé de si. Vá, venha beber um **grog** para aquecer. Não diga que não. O seu nariz já diz que sim. Está com ar guloso.

Ficámos amigos.

Esta história prova que a fealdade não é forçosamente um **handicap**. Para os olhos de alguns pode até ser um atractivo. O **charme** de muitas mulheres depende de uma

pequena imperfeição de que sabem tirar partido.

Valerá a pena dizer os nomes de duas grandes vedetas estrábicas? O seu olhar incerto que parece fugir, serve-as prodigiosamente.

Ou de duas outras cujos incisivos superiores estão à frente demais? Esta ligeiríssima sugestão de prognatismo torna-lhes o sorriso picante.

Conheço coxinhas encantadoras, que ondulam, ao andar, como uma barca nas ondas. Vendo-as não nos espantamos que Luís XIV tenha embarcado na doce La Vallière.

E um ligeiro toque de obesidade? Muitos homens lhe são sensíveis e se recusam a considerá-lo um defeito. Não há nada mais divertido, de resto, do que ver dois homens a discutir a mesma mulher:

— Bonita cara, mas é muito grande.

— Acho-lhe graça. Tenho horror às pernas curtas.

De outra:

— Que pena ser ruiva...

— Não gosta? Eu acho-as formidáveis. A pele branca, os olhos verdes...

E assim por diante. O que é feio aos olhos de um é bonito aos olhos de outro. Os gostos são tão variados que cada feia, ou quase, tem a sua possibilidade de encontrar aquele que não a achará feia.

A noção de fealdade não varia só de um homem para outro. Varia de uma época para outra. A feia de ontem é a bela de hoje e reciprocamente. Com toda a certeza. No meu tempo, uma mulher para ser bonita devia ser pequena e gordinha. O tipo da feia era alto e magro. Riam-se dela, metiam-se com ela com troça. Falo com conhecimento de causa. Era uma delas... As crianças na província perseguiam-me na rua com epítetos pouco agradáveis: «vassoura», «para-raios», etc... A modista detestava ter que me vestir: «magra como é nada lhe fica bem».

Em Paris, coisa curiosa, não era já tanto assim. A moda começara a mudar. Nessa época viajava ainda lentamente entre Paris e a província. Em Paris já eu não era completamente malfeita. Mas para voltar a sê-lo bastava-me tomar o comboio de regresso.

Quem destronara as gordinhas e pusera na moda as grandes magras? Ignoro-o. Sem dúvida um costureiro — mas quem inspirara o costureiro?

FEIO?... BONITO?...

Uma mulher com certeza — uma criatura grande e delgada que, pela primeira vez ousara erguer orgulhosamente a sua alta silhueta e sublinhar-lhe as curvas finas em vez das enchumaçar envergonhadamente.

Esta mulher, a quem achavam feia, não tinha procurado esconder a sua fealdade nem lutar contra ela. Tinha decidido defender a sua causa, obter a sua absolvição. Mais que isso: dar uma face nova à beleza: a sua. Trabalho de artistas: Van Gogh, Picasso, não fizeram outra coisa. Esta desconhecida, tinha com certeza, talento.

Não é de resto, única na sua espécie. Todos os anos a beleza muda de faces e de forma por causa de uma mulher. Procurai. Achareis os seus nomes. É um entretém divertido. Quem, no tempo das boquinhas em forma de coração, lançou a boca generosa? Quem lançou a face escavada? Quem baniu as sobranceiras? Quem as tornou a pôr na moda? Quem ousou lançar os óculos escuros? Os cabelos ruivos?

Com talento, lança-se seja o que for, mesmo uma enfermidade — o sedutor calvo, a **vamp** gigante, o cantor à-fono! Existem, vós conhecei-los. Como o conseguem? Uma feia que lhes conhecesse os segredos, não ficaria feia muito tempo.

UMA IDEIA FIXA

Porque as mais belas mulheres têm defeitos físicos, as feias têm grandes belezas — de tal maneira que se acaba perguntando: «**O que é a fealdade?**».

Estudêmo-la em Dominique. Esta pobre jovem sente-se tão feia que já nem tem coragem para sair. Começa a ficar neurasténica.

Causa principal: mede um metro e setenta e quatro.

— Menos que Ingrid Bergman, observei-lhe.

— Sim, mas Ingrid é muito bela. Eu sou feia.

À primeira vista poder-se-ia dar-lhe razão. Todavia, quanto mais observo Dominique mais me persuado que foi ela que construiu a sua fealdade.

Vejam-na andar muito curvada, dobrando os joelhos, arrastando os pés, com a cabeça curvada como se passasse debaixo de uma

porta baixa demais. Tudo isto na esperança de ficar mais pequena. Que ar lamentável, desajeitado, ridículo. Ingrid não, anda direita, e levanta a cabeça nobremente. Toda ela parece dizer: «**Sou grande e não coro por isso**».

O porte desengraçado de Dominique não é mais que o reflexo da sua vergonha.

A cara também, está marcada pela vergonha. Vejam o ar enfadado. Amolece o olhar, empalidece as cores do rosto, faz esmorecer todas as feições, envelhece-a dez anos.

— Dominique, experimenta sorrir...

Milagre! Tem uns dentes maravilhosos, perfeitamente ordenados. Não se viam. Viam-se sim, dois lábios moles, caídos, bezuntados à pressa por um **bâton** esborratado. Bem maquilhada esta boca seria linda.

Milagre número dois: o sorriso anima-lhe a tez que é de um cor-de-rosa requintado. Ilumina dois olhos amêndoa, sublinha que são lindamente fendidos. A estes olhos só faltam sobranceiras. Três pinceladas, cinco minutos para a depilação — pronto.

As feições estão agora no seu lugar, o olhar brilha, duas rosetas animam as bochechas. Ah! o poder de um sorriso.

Um cabeleireiro também consegue fazer milagres. Pode transformar uma inestética ganforina na mais bela cabeleira do mundo. Dominique, com efeito, tem cabelos ondulados, cendrados, de uma cor e de uma qualidade raras. Escovados, lustrosos, cortados à moda, bastariam para fazer de Dominique uma beleza.

E grande como é passaria a ser «aquela rapariga alta dos cabelos bonitos». Por agora são feios, tristes, ondulando ao acaso, sem respeitar a risca, parecendo abandonados, desencorajados, envergonhados. Lamentáveis como toda a sua pessoa.

A fealdade de Dominique é apenas o reflexo da sua obsessão. Envergonha-se dos seus 1,74 m e não pensa senão nisso. Em vez de aproveitar as suas riquezas naturais, diminui-as. Deixa, por usar, a sua beleza porque não a conhece. Apenas conhece a sua fealdade.

UMA «HERANÇA» A EXPLORAR

Esta história faz-me pensar naquelas pessoas que detestam a sua pobre mobília de

série mas deixam ao caruncho, ao bolor e aos ratos, no fundo da cave, uma herança esplêndida que consideram de velharias. Outros, das mesmas coisas, tirariam excelente partido. Questão de gosto, de saber e de sentido dos valores.

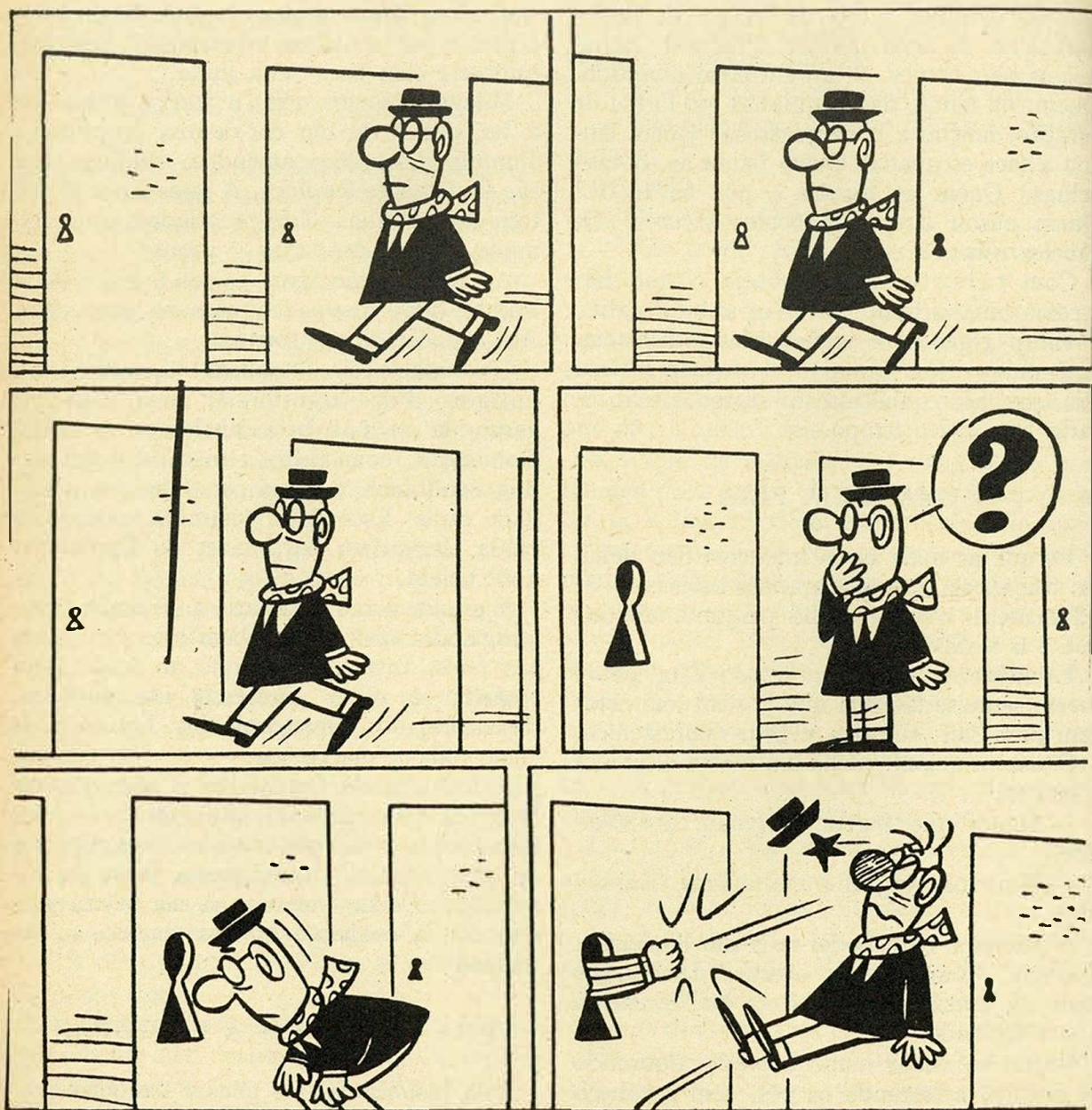
Uma feia é, apenas, uma mulher que não sabe discernir as suas belezas, obcecada como está com a sua fealdade. Esta ideia fixa tira-

-lhe os meios — e mesmo a vontade — de melhorar a sua aparência.

É uma obcecada, uma vencida.

Enquanto uma beldade não é talvez senão uma mulher de gosto, capaz de apreciar o seu justo valor, o seu capital físico, e de o explorar a fundo.

Será a fealdade mais psíquica que física? É bem possível.



OS CAFÉS DO SÉCULO PASSADO

por Lourenço Rodrigues

O lisboeta há muito que tem a tentação do café. Ali se tratam de variados negócios, se discute a vida alheia, se critica a política ou combina passeios.

Antigamente o chamado botequim era apenas reservado aos homens. Mais tarde, já no nosso tempo, uma senhora só lá podia entrar acompanhada. Com o rodar do progresso, hoje as senhoras já lá entram sós para beber a sua «bica».

Já que os cafés vão ser o nosso assunto de hoje, temos de recuar um pouco para irmos, na medida do que temos conhecimento, à origem em Portugal desses estabelecimentos, hoje tão popularizados.

Em França, sabemos que durante o primeiro Império, o café Tortoni era o ponto de reunião de toda a gente elegante. Os cafés do **Palais Royal** tornaram-se notáveis no tempo de Carlos X. Naqueles cafés se acendeu o rastilho de pólvora que iria provocar a sangrenta revolução de 1830. Gambetta e Floquet frequentaram o **Rat-Mort** o mais antigo dos cafés de Montmartre.

Mas regressemos à nossa terra. Antes do terramoto de 1755, os poucos botequins que existiam, não eram bem frequentados.

Só depois do terramoto apareceram lojas de bebidas com melhor aspecto. Em 1805, Lisboa viu com admiração o primeiro café de luxo que funcionou no Largo do Pelou-

rinho. Pertenceu a Marcos Filipe. Este café desempenhou um curioso papel histórico.

Numa madrugada de Setembro de 1838, reuniram-se à porta do Café, 400 homens de vários batalhões da Guarda Nacional com o fim de forçar a demissão do ministério de Sá da Bandeira e do Conde de Bonfim.

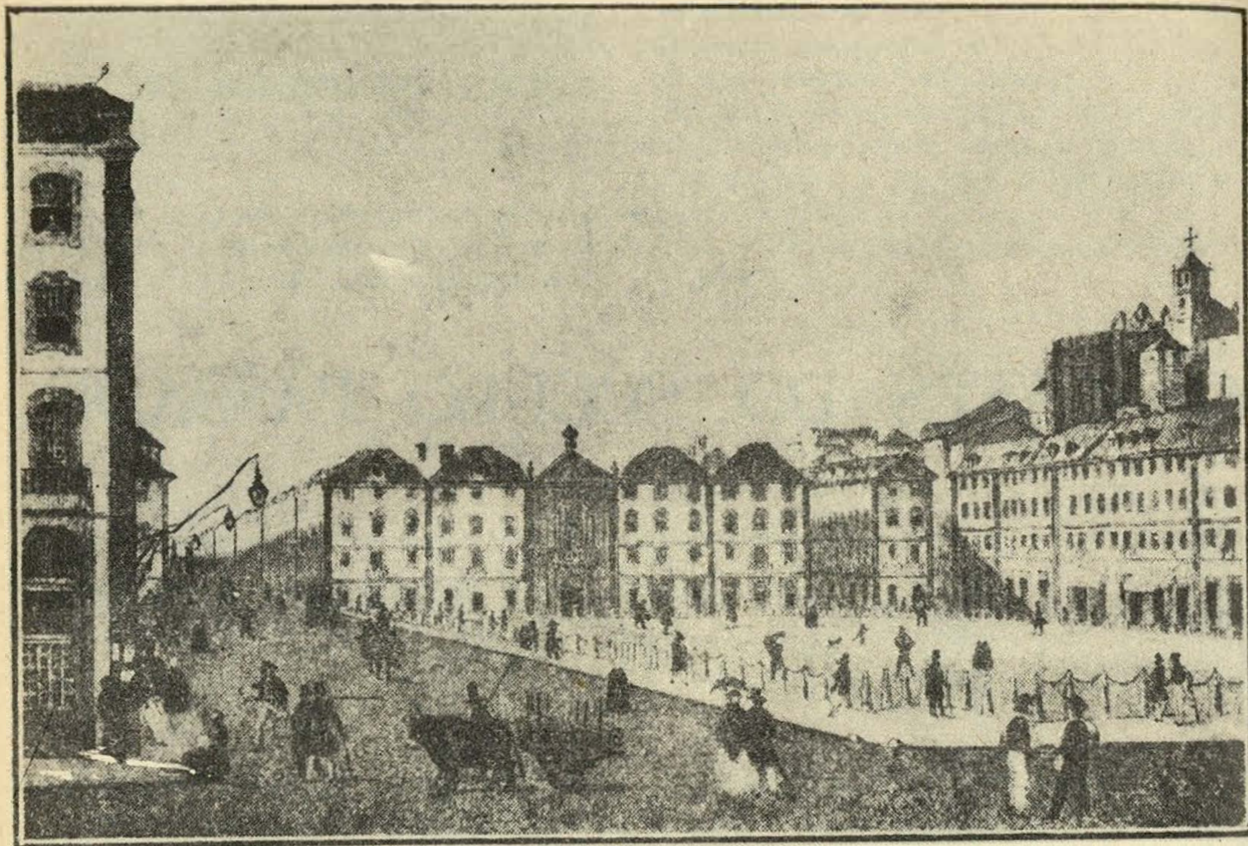
Mas a tropa fiel ao Governo cercou os amotinados. O batalhão do Arsenal que colaborava no movimento insurreccional foi dissolvido e tudo terminou num facto que ficou conhecido pela convenção do Marcos Filipe. Em 1860, o botequim fechou. Teve portanto, mais de meio século de existência.

Mais ou menos na altura da inauguração deste botequim, havia outro chamado o **Casaca**. Adquiriu esta alcunha porque o criado que servia à mesa andava sempre de casaca. Era na Rua dos Capelistas, junto à antiga sacristia da Igreja de S. Julião. Nada de interessante lá se passou.

Na história dos cafés antigos, figura **O Grego**, instalado no Cais do Sodré que era considerado um centro de propaganda das **ideias francesas** e portanto vítima de uma vigilância permanente.

Quando se festejou o juramento da «Carta» em 1826, os fregueses do Café quotizaram-se e o Cais do Sodré apareceu ornamentado a primor.

Na calçada da Ajuda, existia outro Café



O Rossio no tempo dos cafés Nicola e Parras

com o mesmo nome. À sua porta ocorreu um trágico acontecimento. Houve um duelo feroz entre dois oficiais que terminou pela morte de um deles.

O Café Nicola também tem história. Foi um italiano que o inaugurou. Como se sabe, ia ali a miúdo o poeta Bocage. É bem popular no anedotário do poeta setubalense a quadra em resposta a um guarda que lhe perguntava a identidade:

Sou o Bocage
Venho do Nicola.
Vou p'ró outro mundo
Se dispara a pistola...

No botequim do Parras, também no Rossio, Bocage e Nicolau Tolentino faziam espirituosos torneios poéticos para gáudio dos ouvintes.

Mas o incansável Pina Manique não deixava de vigiar os cafés do Rossio... O famoso botequim do Nicola, fechou em 1834. A viúva do proprietário, morreu na maior miséria, não se sabe porquê.

Conta Pinto de Carvalho que certa vez, numa enfermaria do hospital de S. José, um dos médicos contava a um seu colega, apontando uma cama:

«Aquela mulher que ali está, é a viúva do Nicola. Chegou a ter dezoito criados».

Reviravoltas da fortuna. Também o botequim do Pedro das Luminárias merece citação. O seu dono, homem bastante pitoresco, antes de construir a cozinha e de abastecer a garrafeira, mandou edificar um gabinete para as reuniões nocturnas dos seus amigos poetas.

Ali se planeavam obras e se improvisavam versos. Um jornal de então, dizia a respeito desse erudito gabinete: «Era ao mesmo tempo, o artigo de fundo, o folhetim e o noticiário da época».

José Pedro, patriota ferveroso, em todas as noites de festa, punha luminárias na fachada do Café. Daí a alcunha.

Foi ele quem bondosamente custeou as despesas do funeral do seu freguês e amigo Bocage. Aos 75 anos, ainda serviu como soldado num batalhão da Guarda. Desempe-

nhou o papel de ordenança e um dia em que o ajudante do Ministro da Marinha o censurou por andar vagarosamente, José Pedro respondeu com humildade:

— «Tem razão Senhor. É por isso que eu todas as noites peço ao Altíssimo...

— «O quê?».

— «Para que V. Ex.^a não chegue à minha idade...».

Surge então na vida pacata de Lisboa um italiano da Sicília que fundou nesta cidade, quatro botequins, sendo o mais importante o celebrizado **Marrare do Polimento** que foi, como se sabe, um centro de reunião dos boémios da época. Ali se juntava a fina flor do **dandysmo**. Era no Chiado, nos números 58 e 60.

O Chiado chamava-se na altura Rua das Portas de Santa Catarina.

O proprietário do café, que também ocupava a sobreloja e o primeiro andar, vivia com uma bailarina do Teatro de S. Carlos. Chegou mesmo, embora por pouco tempo, a empresário do teatro lírico.

Um café custava 30 réis e era servido aos fregueses em chávenas de pó de pedra, com açucareiros de vidro azul. Mas a sua popularidade foi tamanha e tão rápida que os seus clientes contavam-se entre os melhores de Lisboa.

O **Lima da Cardiga**, boémio de tantas façanhas, evocado em todos os livros que tratam dos estúrdios do século passado, o Duarte de Sá **calembourista** que brincava com as palavras, e outros, eram figuras certas no **Marrare**.

Este **Lima da Cardiga**, um estróina que conheceu em Paris Margarida Gautier, uma noite ofereceu um banquete em honra de Celeste Mogadoro, mulher de rara beleza e no fim do ágape quebrou, toldado pelo álcool, toda a preciosa baixela. Morreu pobremente em Cacilhas onde foi fixar residência.

Naquele café, as brigas eram constantes. Tinha duas tabuletas, uma: «Vinhos superiores e café». Outra: «Licores e outros objectos. Bilhares».

Entre as duas tabuletas existia um globo que tinha escrito a palavra **Marrare**. A razão de se chamar o **Marrare do Polimento** consistia no facto de ser forrado de madeira polida até mais de metade da altura. As bebidas

eram todas magníficas e lá se tomava um chocolate igual ao que se bebia em Madrid.

Esse esmero de serviço e a centralização do local, deram-lhe a fama.

Quando os liberais entraram em Lisboa, Marrare e a mulher fugiram da cidade.

Os janotas do Chiado chamavam-se então peraltas e se andavam de chapéu de aba direita, todos os conheciam por marialvas.

O Café Central, igualmente no Chiado, juntava da mesma forma a **jeunesse dorée** da época! O Marquês de Castelo Melhor, o Marquês de Belas, o Conde de Lumiares, D. Alexandre Saldanha, etc. De lá seguiam para a Praça de Touros do Campo de Santana, fiéis às touradas, que tinham em Ramalho e Fialho, grandes entusiastas e em Passos Manuel, Herculano, Castilho e Latino Coelho adversários constantes. Neste café — o Central — apareciam muitas vezes o **Carlos Bonito**, boleeiro afamado, sempre de jaqueta azul, chapéu alto e impecavelmente barbeado, o **Domingos Pingalho** que levava cinco mil réis por uma corrida do Rossio ao Campo de Santana e o **Zé Gordo**, um bonacheirão, cocheiro da confiança do rei D. Luís, cujas aventuras amorosas conhecia pormenorizadamente.

A fama do Chiado hoje passou e os cafés deixaram de ter a influência que tinham nesses tempos recuados.

Acabaram as palestras à porta da Havaniza, hoje restaurada, dispersaram-se os grupos junto da Bertrand e, nos cafés actuais, uma multidão indistinta e sem tradição, passa ociosamente as tardes a discutir cinema ou futebol.

Outro botequim concorridíssimo foi o do **Freitas** no Rossio, onde actualmente está o Café Gelo. Este botequim não tinha, como o seu sucessor, portas abertas para a Rua do Príncipe. Nas casas do fundo, bastante escuras, juntava-se gente suspeita a jogar o loto.

Lá também fazia quartel general o hercúleo Santana de Vasconcelos, mais tarde Visconde de Nogueiras, com grande prosápia da sua força que o obrigava a vários conflitos. Este brigão, numa época em que era fácil sê-lo, nunca chamava um criado. Dirigia-se a um freguês pacífico e pedia-lhe que o servisse.

É claro que com a presença desse doidivanas, era impossível o sossego.

Certo dia pediu o chapéu a um freguês e encheu-o de água. O freguês perdeu a cabeça e atirou-lhe a água à cara.

Então o Santana, furioso, agarrou numa mesa e começou a malhar indistintamente. Eis que aparece um sujeito de apelido Ascoly que teve a coragem de lhe tirar a mesa das mãos e atirou com o temível desordeiro para a rua.

Dizem que o mesmo fez a três guardas que pretendiam prender o Santana e o Ascoly. Claro que este episódio foi muito discutido em Lisboa pelo facto de um desconhecido ter destronado o terrível Visconde de Nogueiras. Nenhuma destas bravatas seriam possíveis na época actual.

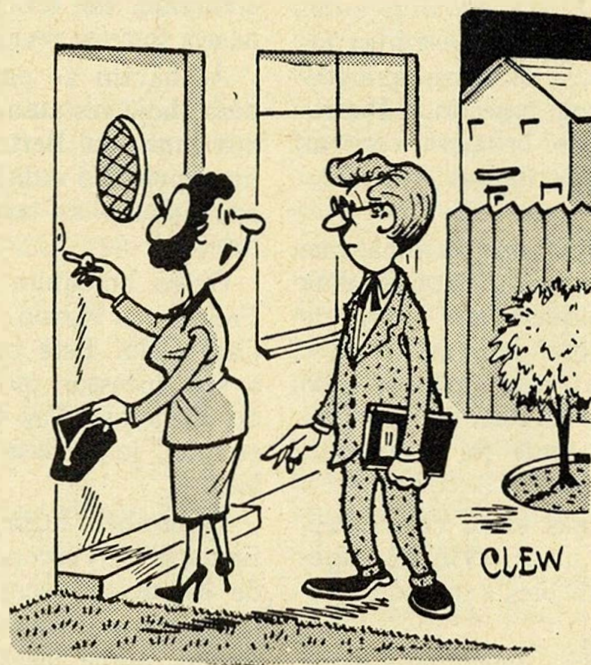
Falta-nos apenas falar no **Martinho** da Arcada do Terreiro do Paço, actualmente o café mais antigo de Lisboa. Ali se vendia neve vinda da Serra da Estrela.

Também na Rua dos Algibebeles existiu o café **Eléctrico** onde pela primeira vez surgiram as campainhas eléctricas. O povo não largava as portas, intrigado ao ouvir as cam-

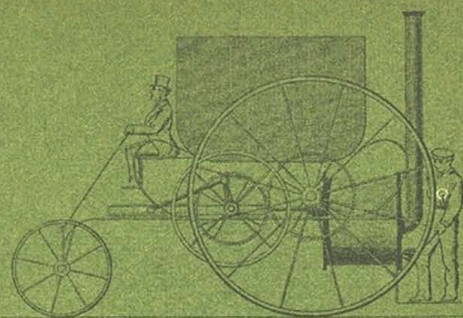
painhas tocarem sem que pessoa alguma lhes tivesse mexido.

No nosso tempo, e também já desaparecidos, existiu a caminho da Praça dos Restauradores, o **Café Suíço**, prato obrigatório dos toureiros e dos aficionados da festa brava; o **Itália**, na Rua do Príncipe onde se juntavam pessoas de teatro no tempo em que ainda não havia o Parque Mayer, e o velho café **Montanha** onde um cervejeiro consagrado fornecia à freguesia, óptimos copos de cerveja. O edifício foi demolido e hoje é propriedade de um Banco.

Tudo isto se sumiu nas brumas do tempo. As duas guerras deste século, modificaram a fisionomia e a psicologia da Humanidade. Pensa-se doutra forma e as atitudes são outras. A Avenida da Liberdade tem hoje um único café. A «Chic» a «Abadia» o «Moderno» e o «Cristal», desapareceram. Estes são os do nosso tempo, porque desta digressão pelos cafés do século passado só existem as recordações do Olissiponense Pinto de Carvalho, os estudos do paciente Eduardo de Noronha e as interessantes memórias de Bulhão Pato.



— O meu pai vai gostar de saber que és poeta, Roberto — o meu último namorado que ele tentou lançar pela porta fora era lutador de «catch».



A

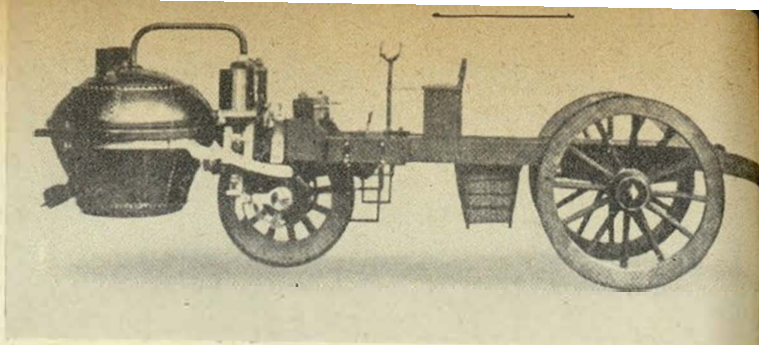
ÁRVORE GENEALÓGICA

DO AUTOMÓVEL

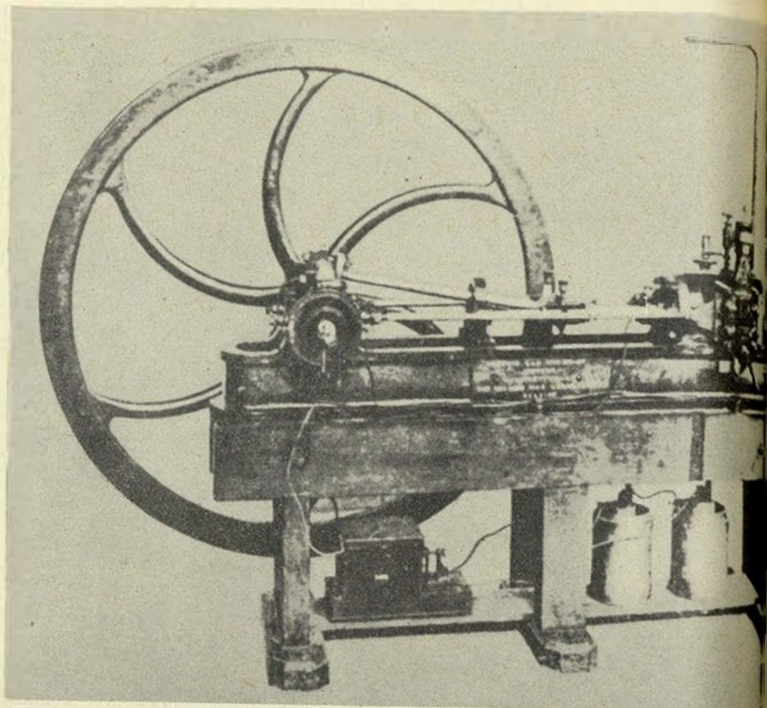
EM QUE O LEITOR

PASSEIA A FAMÍLIA

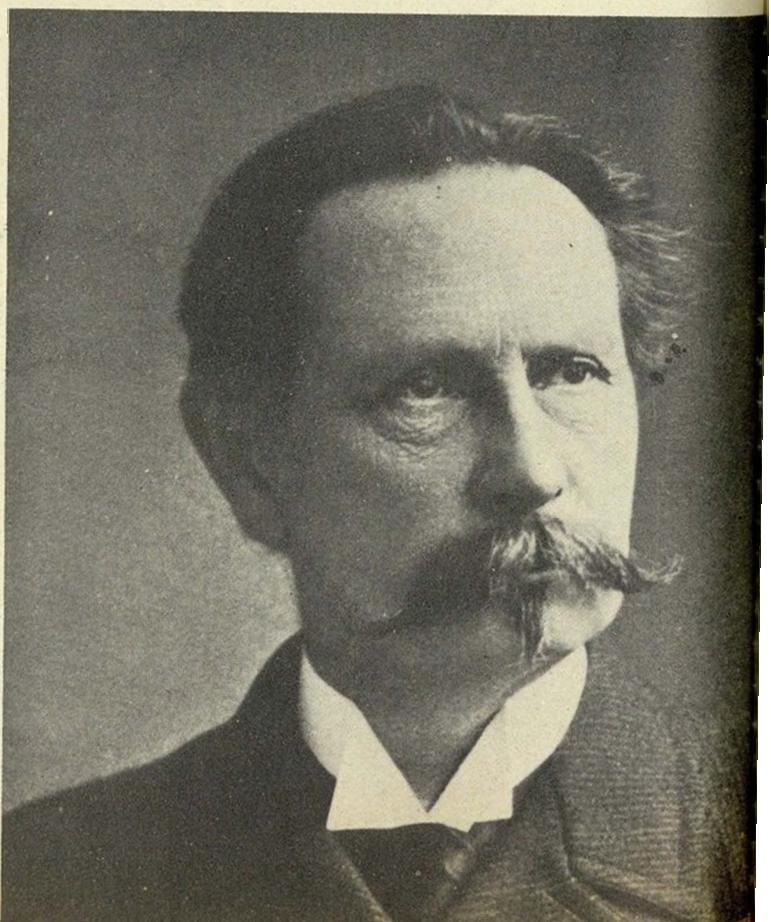
O primeiro louco das estradas parece ter sido um tal Joseph Gugnot que, em 1769, se deslocava num aparelho a que faltavam cavalos. O seu segundo aparelho, que se vê nesta fotografia, derrapou e virou-se em Paris o que levou as autoridades à aplicação duma eficaz medida de segurança: a apreensão do inventor e da máquina



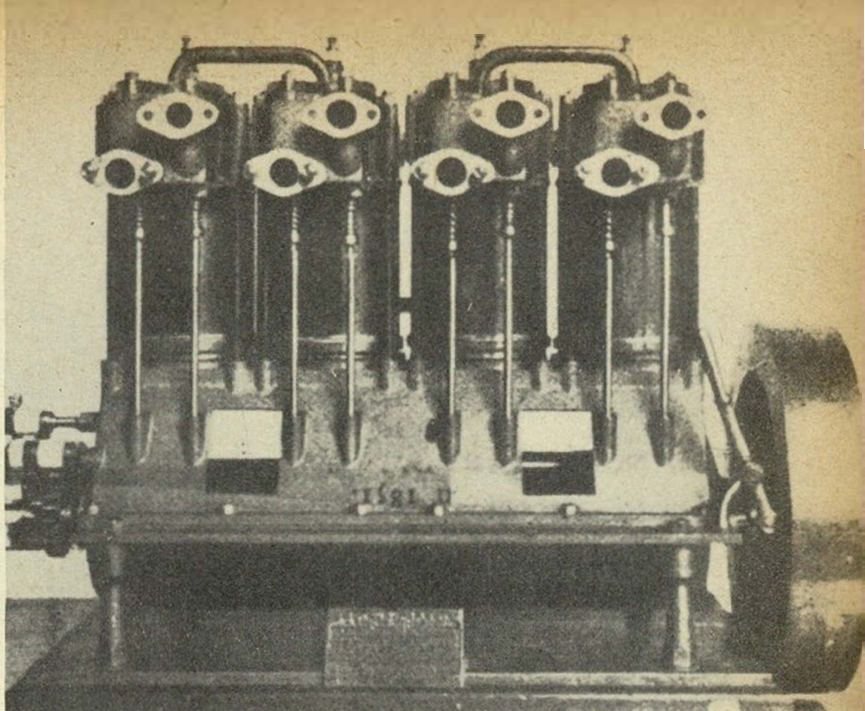
Em 1860 Etienne Lenoir patenteou «um motor accionado pela combustão de gás» e, dois anos mais tarde Beau de Rochas construiu o primeiro motor a 4 tempos



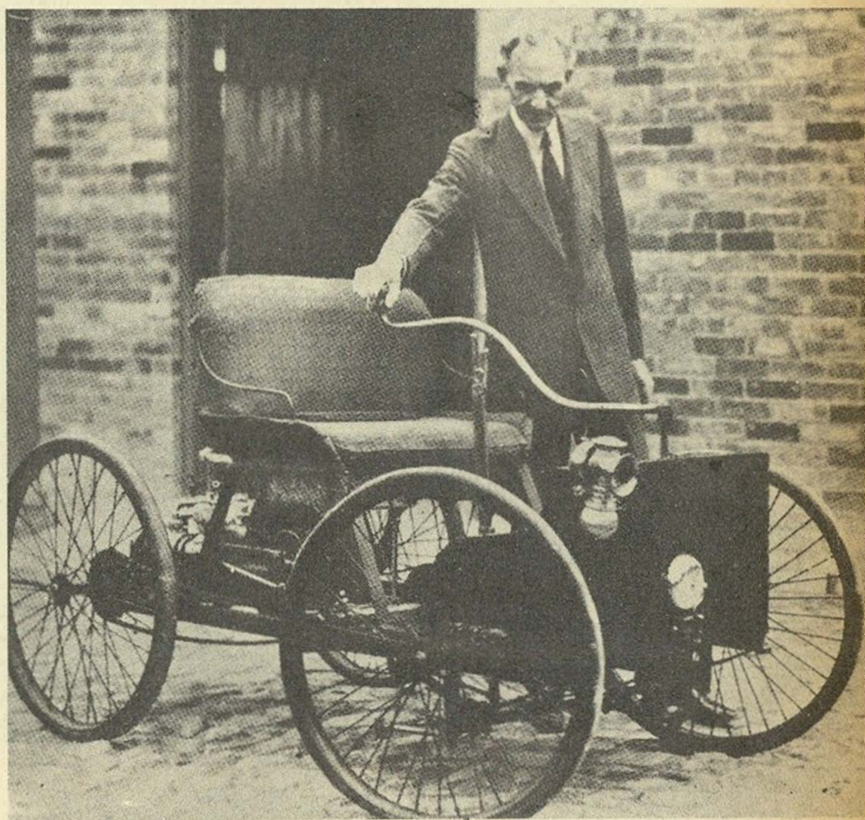
Carl Benz, este simpático cidadão de bigode em forma de pára-choques, iniciou a construção de veículos em escala comercial



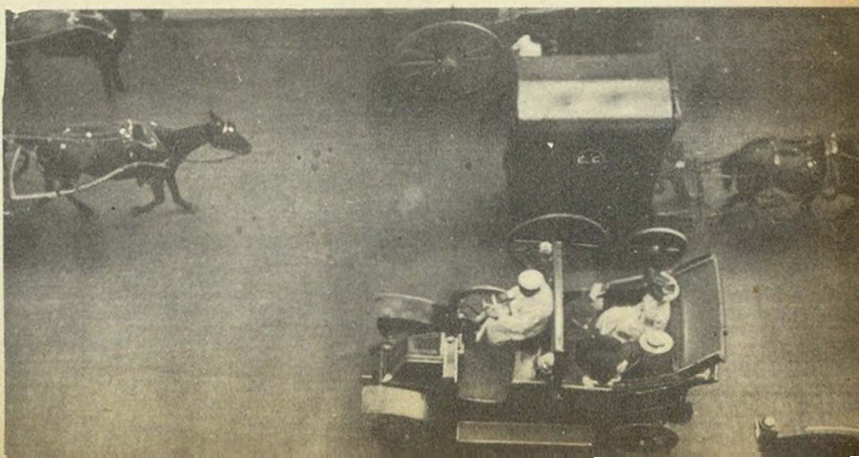
Em 1891 Fernand Forest de Clermont Ferrand construiu o primeiro motor a gasolina de 4 cilindros com ignição eléctrica



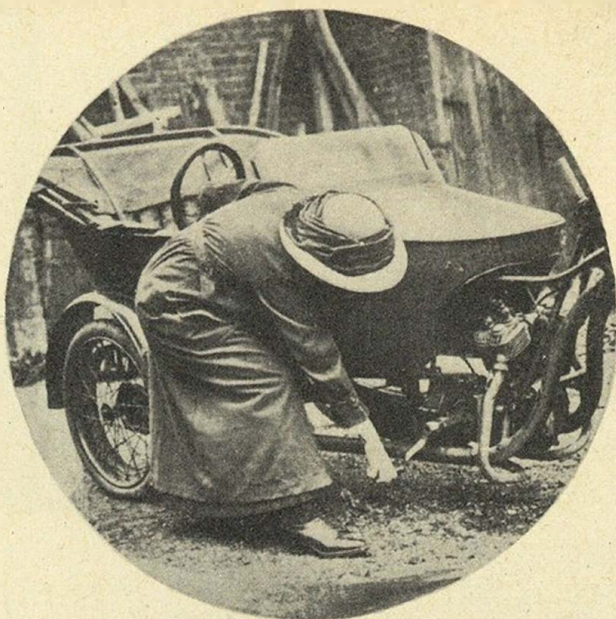
Henry Ford examina o seu primeiro automóvel. (1896)
Nota: este carro americano ainda não tem aquela «linha discreta e sóbria» que caracteriza os carros americanos do nosso tempo



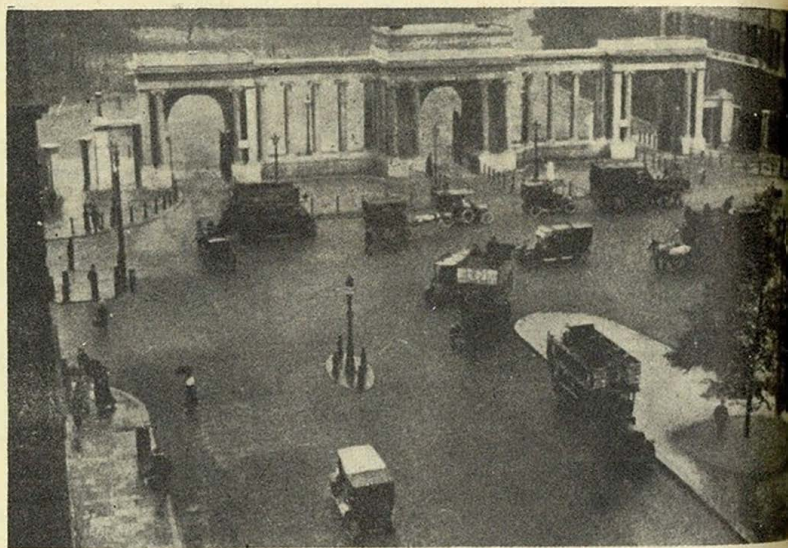
1915: o velho e o novo encontram-se nas ruas. Nota: os cavalos desta cidade estrangeira são tão civilizados que nem olham para os seus rivais! Ah! Como é diferente ser cavalo em Londres!



Há quem diga que o motor de arranque permitiu a emancipação das mulheres. Não sabemos se esta afirmação corresponde à verdade, mas sabemos que sem ele, as saias não poderiam ter sido encurtadas...

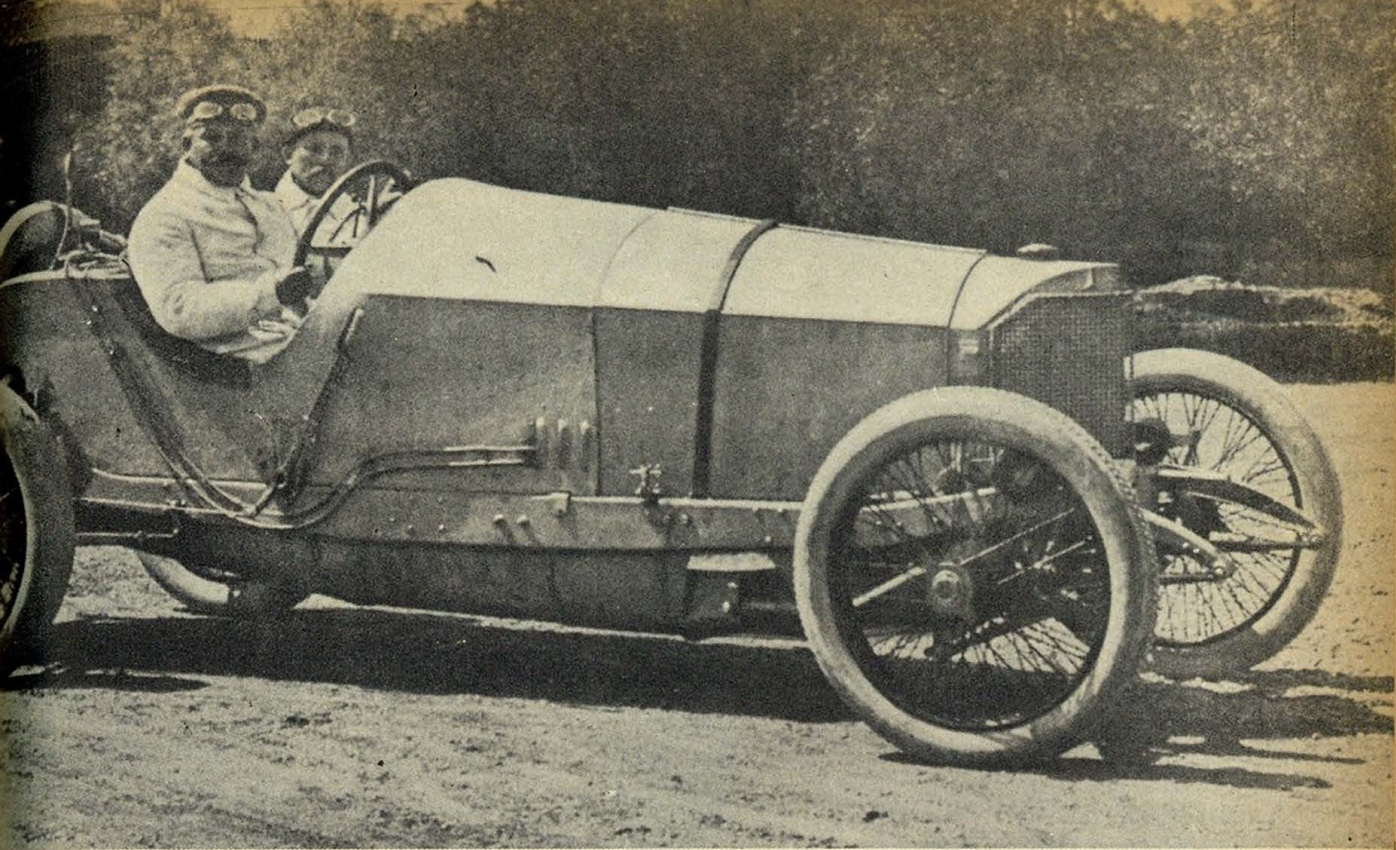


Esta fotografia foi publicada nos jornais com a seguinte legenda: «Perigosas ratoeiras do tráfico»

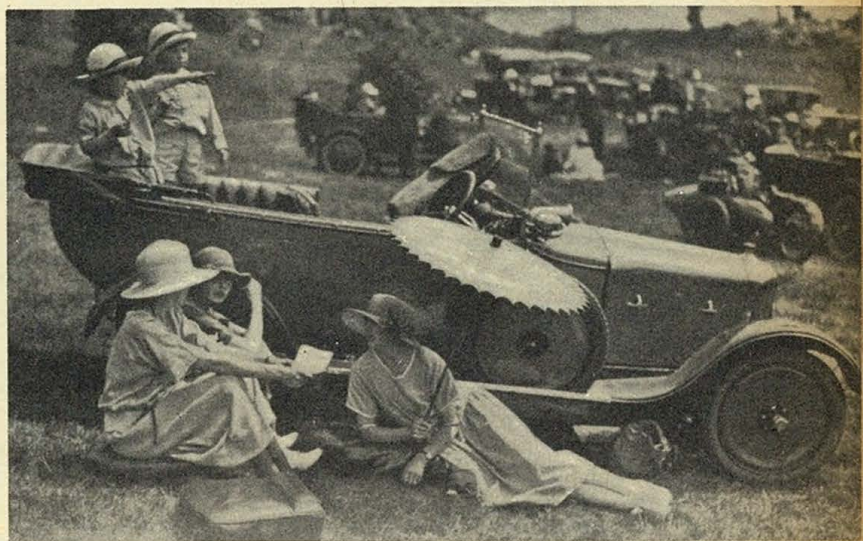


Já em 1909 a polícia recorria a processos curiosos para «caçar» os amantes da velocidade... esperamos que este tenha escorregado e partido uma costela!

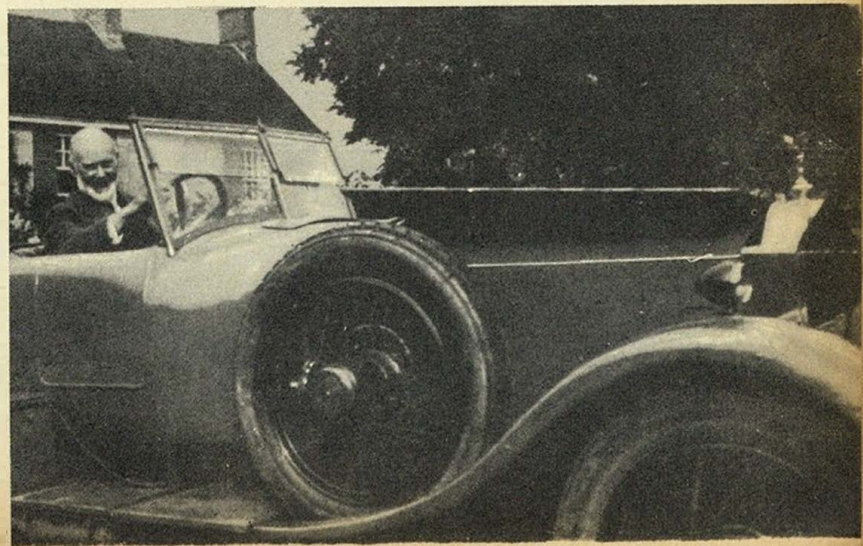




Lautenschlager (que nome!)
ao volante do Mercedes em
que venceu o Grande Prêmio
de Lyon de 1908. De então
para cá tanto os carros como
os nomes dos campeões foram
muito simplificados

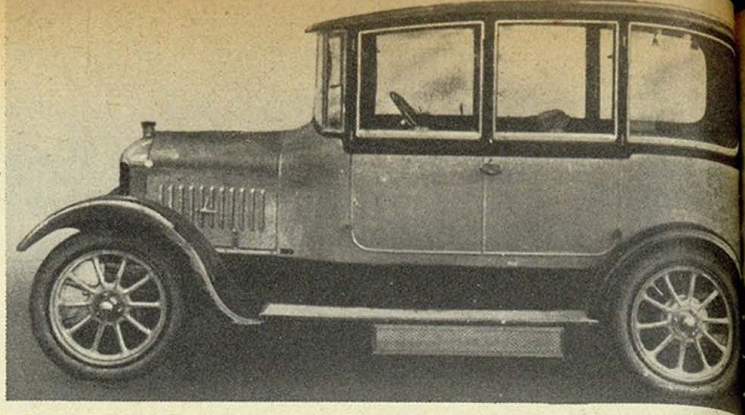


As elegâncias da época

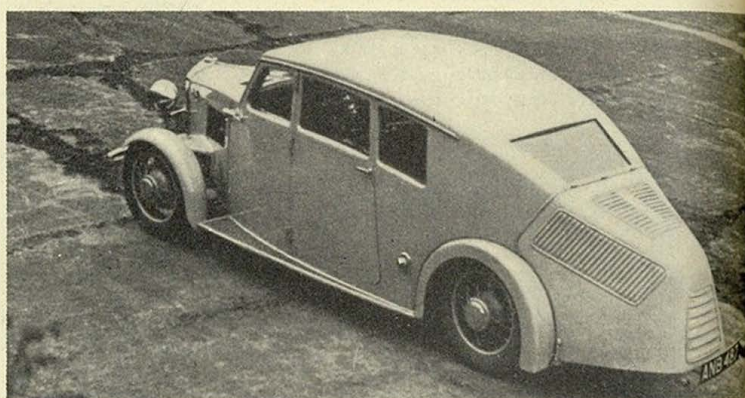
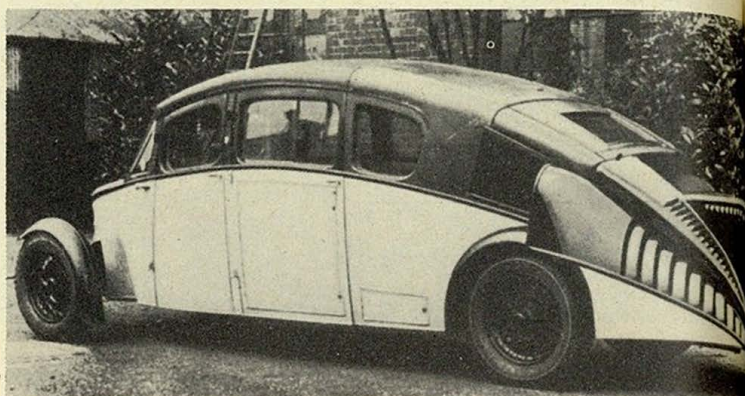


Sir Henry Royce ao volante
do Rolls de 1926

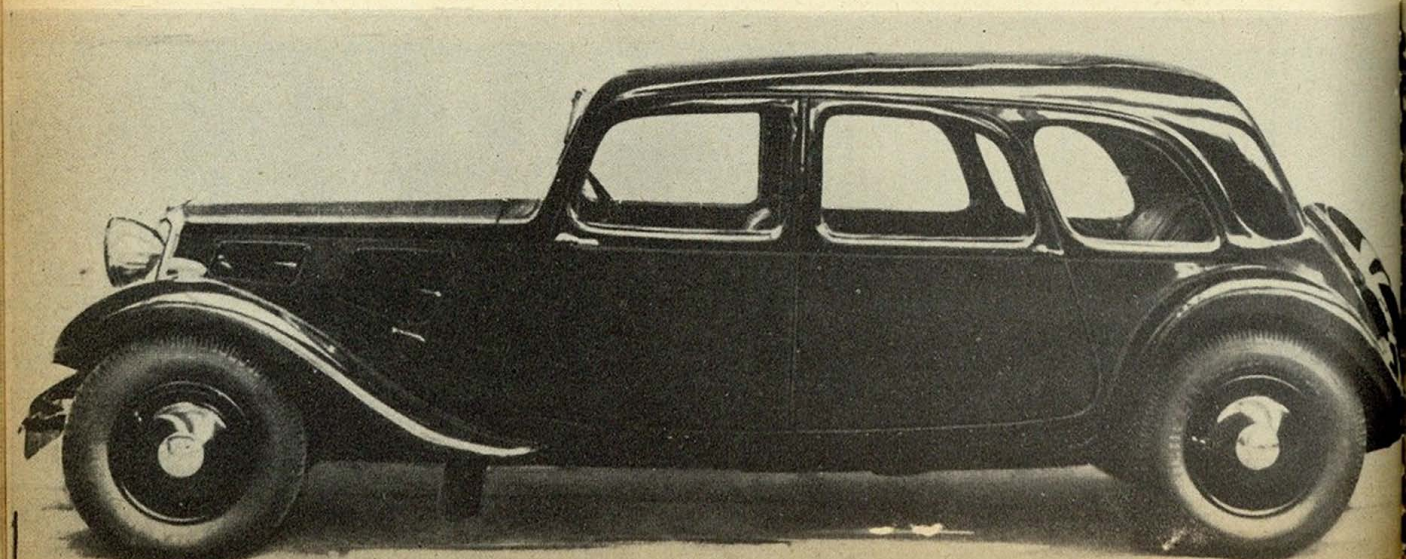
De 1920 a 1930 os carros li-
geiros popularizaram-se. Este
é o Morris Cowley



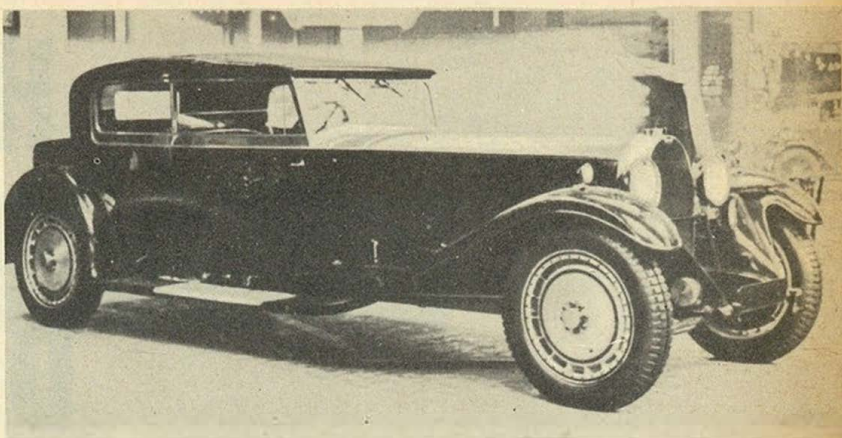
Antecessores do Volkswagen
do leitor: o Burney de 1921
e o Crosseley



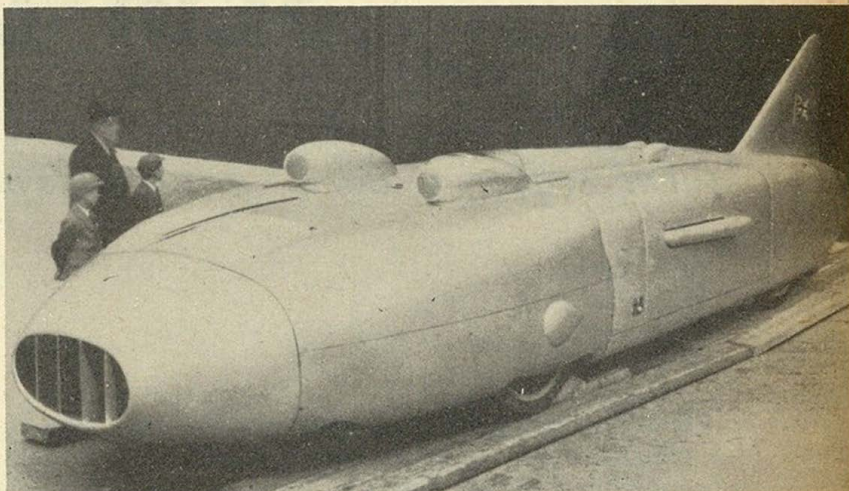
O Citroen de 1932...



O célebre Bugatti Royale que levou pessoas ao suicídio, meninas honradas à desonra e cavalheiros de bigode à cadeia...

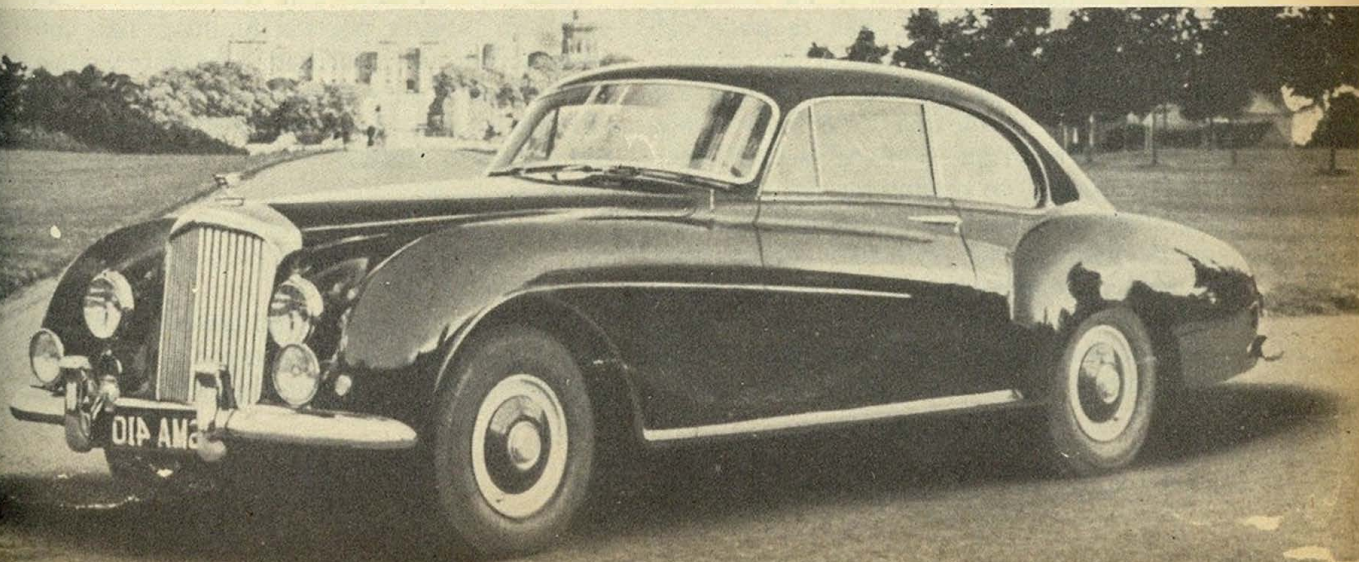


O Thunderbolt construído por George Eyston em 1938. Cilindrada? 73 litros! Potência? 6.000 H. P.!



Para quem gosta de carros luxuosos aqui está um modelo simpático do após-guerra: o Bentley Continental.

E pronto, caro leitor, o modelo que segue é o seu



HISTÓRIA TRÁGICA DUM INVENTOR SEM DIPLOMA

(nem sequer o do 2.º grau que perdeu

quando tinha 15 anos)

Em Portugal, o inventor, para o ser —, se é que ele existe como classe —, precisa de possuir um diploma, condição *sine qua non*, por muito honestas que sejam as suas intenções e valiosas as suas qualidades, pode alimentar a pretensão de fazer jus àquele título e à gratidão dos vindouros. Inventor com diploma é sábio, inventor sem diploma é aldrabão — diria M. de la Palisse.

Para prestígio de um curso, ou antes, do diploma que o simboliza, não se pode dispensar audiência a todo aquele que se lembre de descobrir ou inventar seja o que for. Um parêntesis: (está, aliás, por fazer, a história do progresso que podia ter-se verificado no nosso século, se os autores das descobertas e inventos que lhe dariam origem tivessem sido devidamente considerados, ou se estes não fossem de encontro aos particularíssimos interesses das forças dominantes).

Assim, entre nós, a «classe» está deveras desacreditada e, até, votada ao ostracismo,

não só no que se refere aos não-diplomados como a muitos dos que possuem o papel que é um «balanço indispensável na carreira de qualquer cidadão». Não têm hesitado alguns, de entre estes, em pôr os seus conhecimentos ao serviço de outros países que melhor os sabem aproveitar.

Saliente-se ainda que os seus elementos não se agrupam em sindicato ou corporação — facto que notamos com estranheza —, não se fazem presidir por um luminar, não confraternizam, não comemoram os vinte e cinco, os cinquenta ou os cem anos de existência em associação, nem organizam congressos para aplauso mútuo.

Esta é a história de um inventor. Mas a sério, que nasceu inventor como se pode nascer aborígene ou fenómeno teratológico, e



apesar das circunstâncias aperreantes, tais como o ambiente provinciano onde passou a infância e parte da adolescência, um pai tirano à moda antiga — personagem indispensável de todos os dramalhões —, ou a falta da educação mais elementar, jamais desistiu (não digo que conseguiu) de ser aquilo «para que nas-ce-ra».

É uma história absolutamente verídica, comprovada por «abundante documentação», e narrada sem quaisquer intenções humorísticas, sentimentais ou sociais — simplesmente a história de um homem (um ser humano cuja existência é tão valiosa e importante como a de qualquer outro), que se ofereceu para vítima de uma sociedade defeituosa e empedernida e tem a coragem de resistir até ao sacrifício para provar que está com a razão. Génio? Talento? Simples curioso? Não vem ao caso averiguá-lo. Apenas, a luta de um homem contra todos os homens, admirá-

vel por isso mesmo, e mesmo que o ideal que a alma seja chocho e irrealizável.

A TRAGÉDIA DAS PRECOCIDADES

Com pouca idade, entrado na adolescência, o Arménio M., natural e residente em Tomar, teve a **revelação** de um motor que trabalhasse por efeito da temperatura atmosférica.

— Não seria bem um moto-contínuo — como ele próprio explica —, mas algo de resultados muito semelhantes aos daquele.

Aos lábios dos leitores, estamos a vê-los, sobretudo daqueles que possuam um diploma, acorrerá uma simples exclamação: «É impossível!». Pois foi esta, também, a reflexão do pai do jovem visionário, que simultaneamente, para mostrar ao filho a sua razão, lhe foi ministrando uma conscienciosa e bem convincente sova.

Nada convencido, porém, o rapaz fugiu de casa e conseguiu tomar um comboio para o Porto, por onde deambulou um mês, lendo todos os livros que tinham qualquer relação com as suas ideias. Regressou quando se viu sem dinheiro, fazendo-se anunciar de forma insólita:

— Pai, vamos ficar ricos! Estamos ricos!

(Explique-se que é tradicional e bastante patriótica a ganância revelada por muitos daqueles que descobrem ou julgam descobrir alguma coisa. Daí, o argumento invocado pelo Arménio).

Ainda desta vez, porém, o pai não cedeu perante o que considerava imperdoáveis fantasias, indignas do filho de um homem trabalhador e honesto, e nem a agradável perspectiva que lhe era oferecida, a da fortuna imediata, o dissuadiu da decisão anteriormente tomada: chamou a Polícia e mandou prender o filho, acusando-o de lhe roubar o dinheiro necessário para a estadia no Porto.

Um mês depois, contudo, dobrou-se-lhe o coração e foi buscar o rapaz, embora não deixasse de o considerar um inútil. O chefe da esquadra recebeu-o com um sorriso irónico e, de certo modo fugindo à regra dos chefes de esquadra, disse-lhe repreensivamente:

— O seu rapaz merecia um prémio em vez de ser castigado.

E levando-o ao quarto onde se encontrava o Arménio, mostrou-lhe com um gesto eloquente as paredes cobertas de figuras e estranhos sinais. O pai franziu o sobrolho, mas levou o filho para casa.

E o Arménio continuou as suas «experiências», que pareciam não ter qualquer finalidade e só conseguia realizar a troca de sovas constantes. Espírito irrequieto e volúvel, recusava-se a adquirir os conhecimentos elementares que lhe faltavam e eram indispensáveis. A frequência de uma escola técnica ficou em meio, por não lhe ensinarem ali o que ele pretendia saber.

Um dia conseguiu chegar às boas com o pai e logrou convencê-lo, aparentemente, pelo menos, de que inventara um novo tipo de arma: uma «espingarda sem culatra». A pretexto de a experimentarem, dirigiram-se ambos para o campo, para os lados do Nabão. Não sabia ainda o jovem e ingénuo inventor que a maldade dos homens não conhece limites quando se trata de reagir contra tudo o que altera os hábitos estabelecidos. Quando

se apanhou de posse da arma, «a fim de a experimentar», o pai deu um impulso aos braços e aquela foi esconder-se para sempre nas águas do rio.

PERDIDO NAS MALHAS DE UM MUNDO CONTURBADO

É então que o Arménio solta o seu grito de revolta. Abandona a casa paterna pela segunda vez e foge para Espanha, onde viviam parentes — embora para tal tenha de obter de novo do pai um empréstimo forçado. Com dezassete anos, sem ideias definidas, pouco dinheiro, teve de sair de casa de um tio que o acolhera, para escapar à eventualidade, que previa, de ser recambiado para Portugal, passando a viver um pouco ao acaso. Foi então que se deixou prender nas malhas da guerra, que eclodira um ano atrás, em 1939.

Convidado — quase forçado — a ingressar na «Divisão Azul», aceitou a proposta, embora não soubesse muito bem de que se tratava nem que teria de combater, pois mal se apercebia do conflito armado em que o mundo se envolvera.

Dali foi para a Alemanha e, logo a seguir, para a frente russa. Não fazia perguntas, não pretendia explicações, não discutia, bastando-lhe, como fonte de congeminções sem fim, a bela espingarda que lhe tinham confiado. No intervalo dos tiroteios desmontava-a, analisava-a, afagava-a, amava-a, servindo-se dela para as suas experiências sobre a «arma sem culatra». Fazia muito frio, é certo, e a situação era de molde a causar medo, mas, por sinal, não sobrava tempo para sentir nem um nem outro. Vivia um sonho, o seu sonho, que justificava de sobejo o facto de ter de matar outros seres humanos.

Por sorte não foi morto, e uma grave deficiência cardíaca fez com que o enviassem para a Alemanha antes da grande derrota.

A habilidade que revelara para lidar com qualquer espécie de motores valeu-lhe ali a protecção de um coronel alemão, que o tomou ao seu serviço até ao dia em que um deslize o fez cair em desgraça.

O caso conta-se em duas palavras. Avisado para reparar um motor, ocupou-se dessa tarefa durante dois dias, mas sem conseguir descobrir de que avaria se tratava, embora encarasse todas as possibilidades. O motor não voltou a trabalhar e o mecânico con-

fessou-se vencido. Um outro localizou depois, rapidamente, a terrível avaria, que consistia num pequeno orifício em qualquer ponto vital da estrutura, provocado por causas desconhecidas. E o nosso inventor, preocupado com razões transcendentais, falhara estrondosamente num problema de simples solução.

O REGRESSO DO FILHO PRÓDIGO

O Arménio M. possuía já, largos conhecimentos práticos, adquiridos, segundo ele próprio nos diz, «estudando o mais possível no campo da física e da química, trabalhando em pleno período da guerra ao lado de técnicos alemães».

Com um complexo de inferioridade provocado pelo fracasso com o motor que tinha um buraco, e escorraçado da protecção dos superiores, cuja superioridade não diminuiria ainda mau grado as perspectivas do fim da guerra, resolveu regressar ao seu País.

Conseguiu chegar a Espanha — o que causa espanto e em circunstâncias que o autor deste artigo não conseguiu averiguar —, e, como tinha dinheiro, resolveu recomeçar ali, primeiro lugar onde, depois da guerra, encontrava um relativo sossego, as suas experiências. Em Sevilha, comprou um velho motor de motocicleta e levou-o para o quarto da pensão onde estava hospedado. Era ainda, a germinar-lhe no cérebro, a ideia do motor trabalhando por efeito do calor atmosférico.

Mas a experiência, empreendida em tão insólito local, não decorreu como ele esperava. «Enganei-me nas quantidades de líquido», explica com um sorriso de auto-complacência e a segurança de quem sabe o que vale.

— Que líquido? — pergunto.

— Um qualquer — responde —. Naquele caso era água, que eu podia arranjar com mais facilidade.

— E que aconteceu?...

— Explodiu!

E foi assim, com efeito. O motor rebentou com um estrondo atroz, o Arménio sofreu ferimentos diversos — ossos do ofício —, e o improvisado laboratório ficou razoavelmente danificado. Para fugir à fúria da dona da pensão e, o que era pior, às sanções da guarda civil, o fracassado inventor foi forçado a escapular-se por uma janela e a andar escondido durante alguns dias.

Mas a sorte, que já o impedira de morrer na frente de batalha, de ser preso como desertor, ou apanhado pelos aliados como prisioneiro de guerra, permitiu que ainda dessa vez saísse relativamente incólume da imprevisível aventura e chegasse finalmente à casa paterna onde, como é fácil de calcular, foi recebido de braços abertos e com grande gozijo.

CORRERAM OS ANOS...

O Arménio deixou-se comover e o seu ímpeto, talvez a sua maior qualidade, quebrou-se quase pela raiz. O fracasso de Sevilha não o auxiliara em nada, embora estivesse certo de não mais o repetir e dissesse conhecer perfeitamente as suas causas. Estava até pronto a recomeçar, desde que lhe tirassem por um momento os olhos de cima.

Foi então que casou, um acto de que ainda não se arrependeu. Foi fácil, reconhece. Ela, era a sua «namorada de infância», esquecida, é certo, mas agora lembrada com uma certa ternura. E além disso, era agradável pensar que o casamento podia ser uma forma de libertação. (Estranha liberdade para um homem que saltara de país para país quase sem dar por que o fazia).

Consequências de um casamento que ao princípio era a liberdade:

1.^a — Um emprego fixo com oito horas diárias de trabalho;

2.^a — Obediência a estranhos ainda mais inflexíveis que o seu próprio pai;

3.^a — Sedentarismo impossível de suportar;

4.^a — Cinco filhos.

Tudo foi mau, como, aliás, não deixara de ser até aí. Discutia com os «seus chefes» por causa de ideias tendentes a melhorar, descobrir ou inventar qualquer coisa; mudava de emprego (o que ainda hoje sucede) com uma frequência em que poucos acreditariam; e, o que era pior, nunca encontrou ninguém que o tomasse a sério, facto que continua a verificar-se.

Numa empresa americana de artigos eléctricos, instalada em Portugal por motivos bem compreensíveis, (a mão-de-obra nacional sempre foi muito habilidosa e... barata), adquiriu conhecimentos de electrónica e convenceu-se de que descobrira um processo de

transmitir imagens de televisão a longa distância, por meio, segundo a sua explicação, de um «sistema de fraccionamento de imagens». Os engenheiros riram-se da sua ideia e, como lhes tivesse pedido que se mostrassem um pouco mais inteligentes, foi despedido.

SEGREDOS VENDEM-SE

Ainda inspirado na mesma descoberta, inventou — sempre em teoria — um sistema de intercepção de foguetões balísticos a longa distância. Mas como o invento não se revelava de grande utilidade para o nosso país, o nosso homem foi oferecê-lo à representação diplomática de uma grande potência em Lisboa.

Semanas depois, recebeu uma carta da referida Embaixada, em que se lhe dizia ter a sua ideia sido já «objecto de cuidadoso estudo por parte dos Serviços de Telecomunicações das Forças Aéreas...», mas que era ainda necessário um diagrama-esquema dos seus planos. E o Arménio entregou o documento pedido, embora só com muita dificuldade pudesse pagar ao desenhador que o elaborou.

Passaram-se meses e, um dia, leu no «Diário de Notícias», em telegrama do estrangeiro, que os cientistas de determinado país tinham inventado um sistema de intercepção de foguetões a longa distância. Na Embaixada, onde se dirigiu a pedir explicações, afirmaram-lhe peremptoriamente que a sua ideia não possuía qualquer viabilidade, e que nem a sua carta nem os desenhos tinham sido alguma vez enviados para estudo dos técnicos... Não lhos devolveram, porém, embora o solicitasse com insistência.

Foi então que Arménio M., desanimado com o que considerava má vontade da sorte para consigo, pôs de parte todos os seus projectos e realizou o mais simples mas também o mais aplaudido — senão o único —, dos seus inventos: uma máquina — se este nome se lhe pode aplicar —, de lavar roupa.

Aborrecido com o trabalho que as lavagens de roupa davam à sua companheira, criou um sistema de tubos de matéria plástica com poucos centímetros de diâmetro, semeados de orifícios. Introduzido o conjunto num vulgar tanque com água, ligou ao tubo terminal, onde os restantes coincidiam, a parte de um aspirador de pó destinada a expelir o ar.

Este, percorrendo, velozmente os tubos, saía pelos vários orifícios, provocando na água uma série contínua de choques rítmicos, que iam libertar a roupa da sua sujidade.

— Quase o mesmo sistema das máquinas de lavar consagradas — explica Arménio M. —, mas sem a operação mecânica que estas possuem e que danifica os tecidos.

Com o conjunto de tubos podem ser lavados «nylons», lãs e rendas, que nas outras máquinas seriam irremediavelmente danificados.

O invento, que tem a patente n.º 36.457, teve aceitação imediata por parte das pessoas mais directamente nele interessadas: as donas de casa. E o inventor, sem capital que lhe permitisse comercializar a máquina revolucionária, começou a produzi-la laboriosamente para as vizinhas de sua mulher, pelo preço de setecentos escudos.

Divulgado o invento (isto ocorreu há pouco mais de um ano), dedicaram-lhe os jornais a atenção que merecia, contando a história do seu autor, «um humilde operário que não possuía qualquer curso mas que revelava, porém, grande habilidade»... Dizia-se ainda que, produzida em série, a nova máquina de lavar custaria apenas trezentos escudos. Mesmo que não se possuísse o aspirador de pó indispensável, era notável a economia, pois adquiriam-se dois aparelhos pelo preço de um.

As referidas notícias, contudo, em vez de beneficiarem o Arménio M. tiveram efeitos pouco menos que catastróficos. Para logo, as senhoras que tinham pedido a nova máquina, desistiram das suas encomendas, aguardando que ela fosse comercializada e lhes custasse apenas 300\$00...

No fim desse ano, ao pedir um aumento de ordenado na empresa onde se empregara havia pouco, foi-lhe respondido que, pelo contrário, o seu vencimento ia ser reduzido, por não possuir as habilitações que os patrões pensavam que tivesse (pormenor revelado pelas notícias dos jornais), embora desempenhasse satisfatoriamente o seu cargo. E o Arménio M. desceu de categoria — por não ter diplomas...

A IDEIA VELHA DE UM NOVO MOTOR

Apesar disto, porém, não desanimou o nosso homem, que até recomeçou as suas

tentativas para realizar o motor revolucionário que há muitos anos visionava. Quando lhe falámos, recentemente, disse-nos ter chegado já a resultados satisfatórios, estando apto a construir um motor de características absolutamente inéditas. Forneceu-nos então uma memória descritiva do seu invento, que se publica sem se lhe alterar seja o que for. Possam os que a lerem, cônscios da superioridade dos seus conhecimentos e dos seus diplomas, encarar o seu conteúdo com a atenção que merecem todas as tentativas, mesmo quando falhadas, desde que as guie uma boa intenção.

«Qualquer motor síncrono ou assíncrono funciona a uma velocidade síncrona ou quase, com a frequência da corrente de entrada dividida pelo número de pares de pólos em que o motor é bobinado. Por exemplo: com uma frequência de 50 ciclos/segundo de entrada, o máximo que se pode conseguir num motor a dois pólos síncrono são 50 r.p.s. ⁽¹⁾ ou 3.000 r.p.m. ⁽²⁾; no motor assíncrono, porque não há uma correspondência absoluta entre o campo magnetizante e o induzido no rotor, além de outras causas, como entre ferro, carga, etc., funciona a uma velocidade ligeiramente inferior à velocidade de sincronismo. Em qualquer dos casos, porém, nunca se consegue uma velocidade superior à da frequência da corrente de alimentação. Como a potência do motor é proporcional à sua velocidade, compreende-se que quanto mais lento for o motor mais volumoso e pesado terá de ser para uma potência semelhante. É este o grande obstáculo na aplicação do motor alterno em grande parte da utensilagem doméstica ou industrial — motores muito volumosos para igualdade de potência — o qual, aliado com o fraco binário de arranque, corta totalmente a sua aplicação em numerosos campos.

Salienta-se este facto nos transportes eléctricos, em que aqueles motores, por falta de rotação, falta de binário de arranque, e grande volume para uma carga igual, não são utilizáveis.

Se se conseguisse que um motor alterno assíncrono gozasse das mesmas propriedades do motor de corrente contínua, sem perder as

suas qualidades — simplicidade, fácil construção, e conseqüente robustez aliada a uma manutenção muito mais económica que a do motor D.C. —, isso traria enormes benefícios não só à construção de aparelhagem eléctrica como à própria indústria consumidora pela economia evidente que daí redundaria.

É isto, precisamente, que se pretende realizar: um motor que, gozando das propriedades do motor assíncrono, pode ter no entanto uma velocidade múltipla da de sincronismo, atingindo 15.000 r.p.m. com os 50 ciclos/segundo da entrada. A potência aumenta proporcionalmente à velocidade, mas o motor nunca «embla» em vazio como o motor «série» tipo D.C.; o factor de potência iguala o do vulgar motor assíncrono, mas o especial é que o binário de arranque é superior ao de qualquer tipo de corrente contínua, com a particularidade de poder arrancar em vazio estando em carga, sem nenhum acoplo ou desacoplo mecânico. Mais ainda, as relações volume/massa/potência são muito menores do que nos mais compactos tipos de motores que se conseguem executar actualmente.

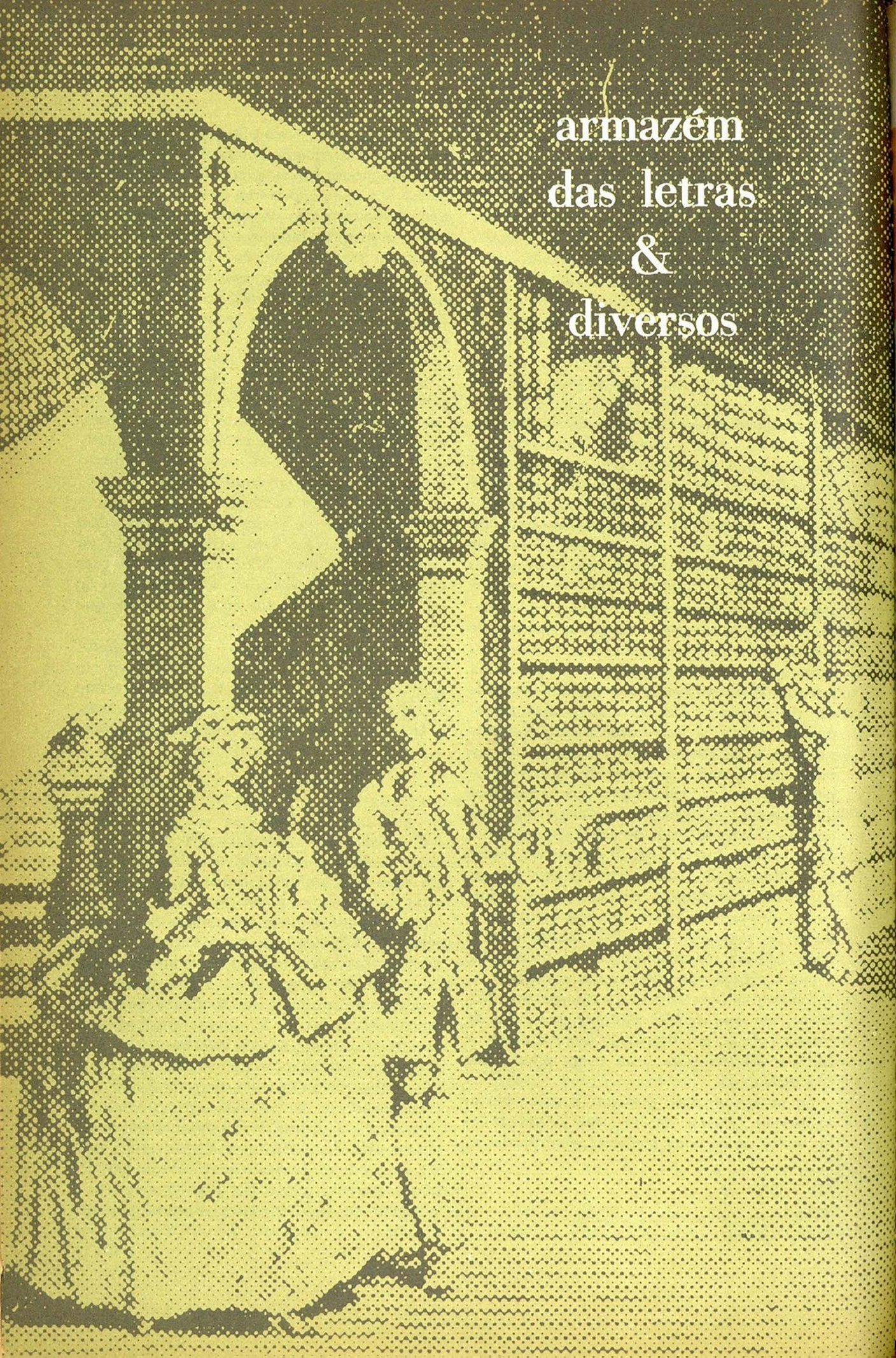
Foi isto que se conseguiu provar no motor executado. Falta agora resolver um aspecto que lhe dará mais valor. É o que se refere à aplicação do motor como gerador alterno a frequências industriais para acoplo directo a turbinas de alta velocidade».

Pode-se, talvez, compreender um pouco o valor deste homem se se disser que, apesar de tudo, ele continua a teimar, persistindo num trabalho que todos desdenham e dizem loucura — e nem nós afirmamos que o não seja. Indubitavelmente, ele possui aquele fogo de fé — ou não o exprimissem intensamente os seus olhos —, que em todas as épocas fez mártires e heróis, iluminados e profetas, loucos e bárbaros. E, como em todas as épocas, também, o seu espírito é dos que provocam uma reacção dos valores estabelecidos, pelo que representa de ameaça ao que está parado e se pretende que permaneça inalterável. Um louco? Os manicómios estão cheios dele. Um génio desprezado? Não seria o primeiro nem, porventura, o último. Quanto a nós, porém, apenas um homem que tem a coragem de tudo afrontar na luta por um sonho.

⁽¹⁾ r.p.s.: rotações por segundo.

⁽²⁾ r.p.m.: rotações por minuto.

armazém
das letras
&
diversos



o conto do mês



por Matilde Rosa Araújo

Matilde Rosa Araújo nasceu em Lisboa, licenciou-se em Filologia Românica e exerce o professorado numa das Escolas Técnicas da capital. Desde cedo revelou o seu amor pelas belas-letas e conquistou o primeiro prémio no concurso «Procura-se um novelista», promovido pelo jornal *O Século*. «Estrada Sem Nome» (pequenas histórias) recebeu o primeiro prémio dos Jogos Florais Universitários e criou em torno de Matilde Rosa Araújo uma curiosidade que a publicação de «Desenhos e Poemas» (álbum de colaboração com o arquitecto Raul Coelho) e «O Livro da Tila» (poemas ilustrados para crianças) não podia inteiramente compensar. Era no conto que Matilde Rosa Araújo revelara a sua total originalidade. Por isso é com alegria que se prevê para breve a publicação de «Silêncio Amargo» (Contos). Matilde Rosa Araújo pensa também publicar «CADERNOS DE VIAGEM» (diário). Colaborou em: «Aqui e Além», «Litoral Mundo Literário», «Portucale», «Vértice», etc.

JANTAR DE FESTA

TODO o dia tinha sido de entusiasmo e de desânimo. Batia os ovos automaticamente no prato cheio de mossas. Se ao menos o pão-de-ló ficasse bem! Sabem lá o que é um pão-de-ló numa casa de pobres... A mão avermelhada já estava cheia de bolhinhas de espuma. Os pequenos andavam à roda com os olhos arregalados de sábio que espera o fenómeno.

- Mamã depois podemos rapar, podemos?
- Mamã fica grande, fica?
- Mamã deixa rapále pimeilo, deixa?
- Saíam, filhos, saíam, que confusão!

Eles iam de cabecinha baixa até à porta e voltavam aos saltinhos como se o pão-de-ló fosse um íman que os atraísse.

Coitadinhos sempre a comerem este pão que não presta! — pensava a mãe enquanto lhes ia ralhando zangada:

— Vão-se embora, senão bato-vos. Eu bato-vos, ouviram?

Eles nunca comiam bolos e o pão-de-ló alastrava loiro e doirado, mais loiro e doirado que os olhos luminosos dos meninos.

O mais velho, menos persistente, foi esborrachar o narizito no vidro da janela.

— Tá a chover e o papá não vem...

Ela estremeceu, encontrou o ritmo do bater dos ovos com o bater do coração. Só um desastre o impedia de vir. No dia em que faziam anos de casados... Sorriu com amargura. Anos de casados! Sempre tão pobres a puxarem os cordéis à bolsa, nem tempo tinham para o amor. Amor? Uma lágrima quente fez tem-tem na própria alma. Morreram-lhe a Mimi, fizera-lhe tudo e não a pudera salvar. Tanta dívida para a morte lhe visitar a casa com passos de lâ. Morreram-lhe a Mimi e nada parara no mundo, tudo continuava na roda sem se importar com quem caíra. Com a menina que estava na roda... Até agora ela, a mãe, fazia pão-de-ló para o jantar daquele dia: para o tornar diferente porque

tinha mais filhos meninos. Mas estes pareciam de menos conta desde que morrera a Mimi. Agora tudo era superstição, medos sem nexos. Se o marido não viesse escorregasse na rua com a chuva, caísse dum carro, fosse atropelado, morresse?

— Joaninha não mexas no fogão, que te queimas!

— Quando metes o pão-ne-ló no fôno mamã?

— Já vai, tá quieta.

— Chove tanto. O papá não vem?

— Há-de vir. Mas cala-te Zèzinho.

— Tá calado Zé, que a mamã não dá pão-ne-ló a nós, não...

Guardara cada mês desde o Outono, uma chávena pequenina de açúcar. Tudo era contado. O dinheiro nem chegava para os filhos comerem bem, quanto mais para o pão-de-ló. Ser pobre custa. E então pobreza que se esconde é uma pobreza desgraçada. Cai chuva lá fora na noite como que assustada. E a sua Mimi... Meningite, que nome! Ficara assim com as mãozinhas na cabeça a pedir socorro... Deita o pão-de-ló na forma que já não servia há um par de anos.

— Quanto tempo leva, mamã?

— Quando sai?

— Ó mamã o Jézinho qué comê tudo!

— Ó menino, juízo, senão...

A mão vermelha avança, mas cai já cansada. Ela que gosta tanto dos filhos, que tinha tão bons projectos de educadora, levantar a mão assim... Que vergonha! A chuva desliza. O bibe da Joaninha já tem pingos de ovo.

— Vês Joaninha, vês? Que feia...

Começa a pôr a mesa.

— Quando tilas o pão-ne-ló?

Dantes tantos lugares à mesa, tudo a luzir, a brilhar. Tanta fartura para quê? Para ter agora pena da outra que ela foi, que ela viveu. Talvez nem fosse ela que vivesse, uma

outra. Estende a toalha que cheira a barreira pobrezinha, põe os pratos um a um, com movimentos de cansaço. O relógio lança lúgubre as sete horas. A chuva continua a correr.

— Mamã tila o bolo, tila.

Espeta um palito em cerimónia de ritual.

— Ainda não está.

Acaba de pôr a mesa que lhe parece mais feia do que nunca. Se pusesse o retrato da Mimi num lugar? Pieguice, o marido não gostava com certeza. Até a Mimi lhe apareceu ridícula, Deus lhe perdoe. Põe antes o solitário alto com flores de papel. Flores está bem, artificiais, já que as outras... Estremeceu. Tal e qual como as palavras.

— Mamã o pão-de-ló chia? O pão-de-ló chia?

— Chia? Que disparate! Olha já está.

— E agola, agola, mamã?

— Agola, agola! Pronuncia os erres! Tu sabes Joaninha!

Meteu a faca nervosa, despegou o bolo dos lados e pô-lo num dos pratos mais jeitosos.

— Que cheilinho! Que cheilinho!

— Não lhe toquem, ouviram? Senão não comem!

— Mamã o papá não vem? Não?

— Ó meninos calem-se. Há-de vir.

Tirou o avental.

— Não meçam em nada, que me vou pentear.

O peito arfava-lhe na blusa de malha, sumia-se-lhe cansado. Porque não viria o marido? Molhou o pente em água fria e arrepiou-se. O jantar era o mesmo do costume, demais a mais nesta altura do ano tudo tão caro... Mas tinha bolo e vinho doce, uma garrafinha que lhe deram de presente, nos tempos em que ainda eram felizes. Só se dá presentes a quem pode. Pôs muito pó de arroz nas ãces já enrugadas.

— Mamã não jantamos? O papá não vem?

— Ó meninos, vão para dentro! Nem aqui me deixam!

Bateu pesada a meia hora das sete. Sim, ele porque não vinha e o relógio...

Ao menos porque não empenhara aquele traste? Ainda se fosse de cuco era mais alegre.

— Faz falta, vai outra coisa. Aquela caixa, que dizes?

A caixa que já fora das luvas de sua mãe, naquele tempo em que se usavam luvas até cotovelo, tempo feliz em que se podia esquecer as mãos. Feliz, feliz?... Com tanto movimento, a chuva, que aconteceria ao Manuel?

— Mamã o pão-ne-ló tá tão baixinho...

— Tá quieta, não mexas.

A chave rangeu e as botas molhadas gemeram pelo corredor.

— Tão tarde! Já estava em cuidados. Nem hoje ao menos...

— Que queres? Não me despacharam mais cedo.

— Vamos ao jantar que já são horas. Os pequenos estão com fome.

Os pequenos agarrados às pernas do pai gargalhavam contentes.

— Papá, Papá, a mamã fez pão-ne-ló!

— Coitados, foi para diferenciar, disse ela como a desculpar-se da extravagância. Mas diferenciar o quê? Eles lembravam-se lá de que os pais se tinham casado, quanto mais do dia...

— Mas tu vens todo encharcado... vais apanhar alguma... nem me lembrava já que estava a chover... (Que receios! Se adoecesse sabe-se lá...).

E sacudiu-o com extremos de cuidado.

Ele pegou na Joaninha ao colo e beijou-a nas faces macias. Lembrou-se da Mimi e sobressaltou-se fustigado. A vida é qualquer coisa sempre pronta a fugir-nos das mãos, a fazer-nos sofrer. Só não tem este sobressalto

quem já morreu ou não nasceu nunca. Mas há gente que tem a mania de filosofar com todas as coisas. Gente pretenciosa, afinal.

— Vamos, vamos ao jantar.

Lembraram-se ambos, pai e mãe, do copo-de-água do casamento. Isto é, do casamento com um bolo muito branco, muito grande e um véu muito branco, muito comprido. A «corbeille» que era mesma uma mesa de bugangas bonitinhas. Os convidados com ar de quem pagou o bilhete de entrada. Mas num instante.

— Tira, tira estas flores da mesa. Que raio! Cheira a cemitério.

Arrependeu-se. Para que dissera aquilo? Fora para dissipar pensamentos tristes, talvez. Ela pegou no solitário com as mãos trêmulas, as rosas de papel fizeram palpitar o pó invisível, mas patente. Era como se um bocadinho da Mimi fosse posto de lado. Lágrimas quentes picaram-lhe os olhos. Ele arrependeu-se e provou a sopa numa sagrada monotonia. Os filhos levavam tempos infinitos com a colher na boca, espantados a pensarem no pão-de-ló, mas já sem pressa de o comerem. Ela foi lá dentro buscar o cozido.

— Despachem-se meninos.

O pai fazia riscos com o garfo na toalha. As flores no aparador, na garganta do solitário eram como soluços de nada.

— Ai! Ai! Um rato!

A mãe na cozinha gritava e ria nervosa. Correram todos para lá. Todos gritavam e riam com o espectáculo inesperado.

— A mamã tem medo! A mamã tem medo!

Pegou numa vassoura e não viu nos moaisicos rato nenhum. Então sentiu por um momento a ternura dos velhos tempos de ca-

sados perante aquela fraqueza mesmo feminina.

— Hás-de ser sempre assim!

Ao pão-de-ló nem pai nem mãe tinham vontade. Como podiam ter se aquilo era mesmo, mesmo para a boca dos filhos?

Uma fatia chegou para os dois, só para provar aquela macieza estranha.

— Bebes? Dás um dedalzinho a cada um?

Ambos trocaram os copos assim como quem diz adeus a um navio onde não vá ninguém conhecido. Vinho doce! Que bom! O relógio bateu agora num tom alegre, descansado. Deixara de chover, percebia-se quenturas nos vidros embaciados da janela. A Jozinha com a boca cheia de migalhas tinha já nos olhos o sono que a tomava toda. O Zêzinho lambia o copo, consolado pelo vinho doce, tão bom.

O pai e a mãe olharam-se.

Passava lá fora gente na rua, certamente mais desgraçada, que nem tinha dívidas e a esperança de as pagar, nem dois filhos à mesa a comerem pão-de-ló. Agora já não havia um pão-de-ló para se entreter, nem um marido que não vinha, nem rato para se assustar. Nada... Nada... A não ser... Ah! a louça para lavar! Mas talvez a deixasse para amanhã. Ou talvez não. Uma pessoa sabe como se deita, não sabe como se levanta. O que haviam de dizer?

O relógio deu as nove. Pesado o tempo corria.

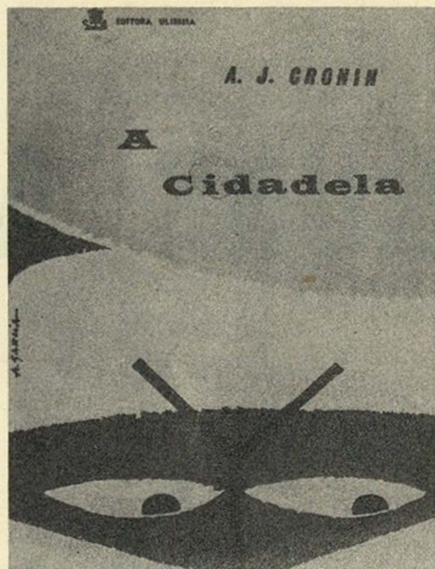
— O relógio precisa de óleo. Se o fôssemos olear, Cecília?

— Hoje? Oh!...

Riram imenso sem saberem bem porquê. E os pequenos olharam-nos em silêncio com aqueles olhos que os adultos não entendem.



o livro do mês



A. J. Cronin

A CIDADELA

A. J. Cronin é um escritor inglês consagrado. Decerto nunca o Prémio Nobel o visitou ou a alta intelectualidade das *élites* europeias o considerou entre os génios do nosso tempo. Mas o grande público preocupado mais com os grandes problemas humanos que com as particularidades técnicas da arte literária, há muito o colocou entre os seus autores predilectos. Debruçado sobre a humanidade sofredora das pequenas cidades e aldeias da sua terra, ou abordando assuntos referentes a países estrangeiros — como a sua inolvidável China de «As Chaves do Reino» — sempre Cronin mantém através da teia de intriga e das características psicológicas dos personagens, aquele calor humano que o distingue e impõe.

A Editora Ulisseia que já nos deu na sua colecção Sucessos Literários, «Sob a Luz das Estrelas», apresentou agora ao público a obra-prima de Cronin: «A Cidadela». Histó-

ria de um jovem médico perdido nas regiões mais primitivas do País de Gales, aborda o tema, perene de interesse, das relações entre a medicina e a doença, entre os que tratam e os que sofrem. Como Shaw no «Doctor's Dilema» Cronin através do seu romance vai apontando as iniquidades de que por vezes se reveste o exercício da medicina, o combate entre as tradições rotineiras e os progressos que uma ciência em constante evolução põe ao alcance da humanidade.

Decerto, desde que a «Cidadela» foi escrita, passaram alguns decénios e, em Inglaterra, muito se modificou no que diz respeito aos serviços de saúde; mas a intriga humana permanece viva, os caracteres mantêm-se e o interesse que as sucessivas edições em várias línguas vem despertando é disso a confirmação cabal. Capa pouco feliz de António Garcia — tanto mais de estranhar quanto nos deu já, certamente, as melhores capas portuguesas.

ALGUNS AMERICANOS EM

PARIS

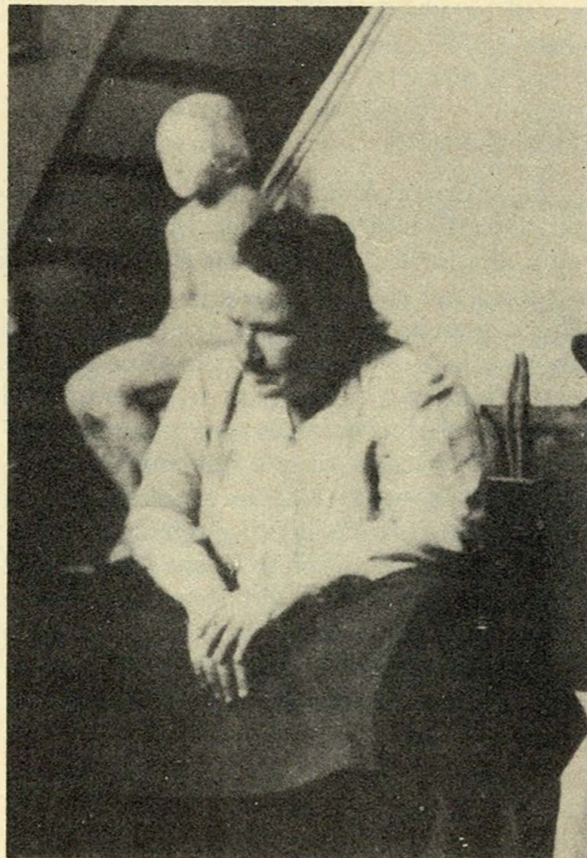
Certo dia — corria então o ano de 1922 — Gertrude Stein, americana que tomara o caminho de Paris muito antes da primeira guerra mundial, viu entrar no seu apartamento da Rua de Fleurus um jovem «extraordinariamente belo», portador de uma carta de apresentação de Sherwood Anderson: tratava-se de Ernest Hemingway.

A visita a Gertrude Stein, grande amiga de Picasso, de Apollinaire, de Jean Cocteau e Max Jacob era o ritual necessário a que tinha de submeter-se todo e qualquer americano desejoso de ser escritor. Vestida de veludo, pesadamente apoiada nas suas grossas pernas, tal como a pintou Picasso, ela dizia os seus oráculos, aconselhava e censurava os jovens. Vindo de Londres, um outro futuro mestre acabava de chegar: Ezra Pound, hirsuto e ruivo, conhecedor do dialecto provençal e do chinês, orgulhoso por descender dum bandido do Far-West e por ter atravessado o Atlântico num barco de gado.

Depois de mostrar os seus primeiros ensaios a Gertrude Stein, Hemingway mostrou-os a Ezra Pound. Este suprimiu-lhe todos os adjectivos do texto com um lápis azul. «Ezra tinha quase sempre razão — escreveu Hemingway — e quando a não tinha isso era de tal modo evidente que não podíamos ter a mínima dúvida. Gertrude, essa, tinha sempre razão».

O jovem Hemingway vivia com a sua mulher na Rua Notre-Dame-des-Champs. Muito pobres, eles alimentavam-se de «alho e de vinho». Ele escrevia em cadernos escolares os contos que depois os jornais americanos lhe devolviam sem os publicar.

A GERAÇÃO PERDIDA

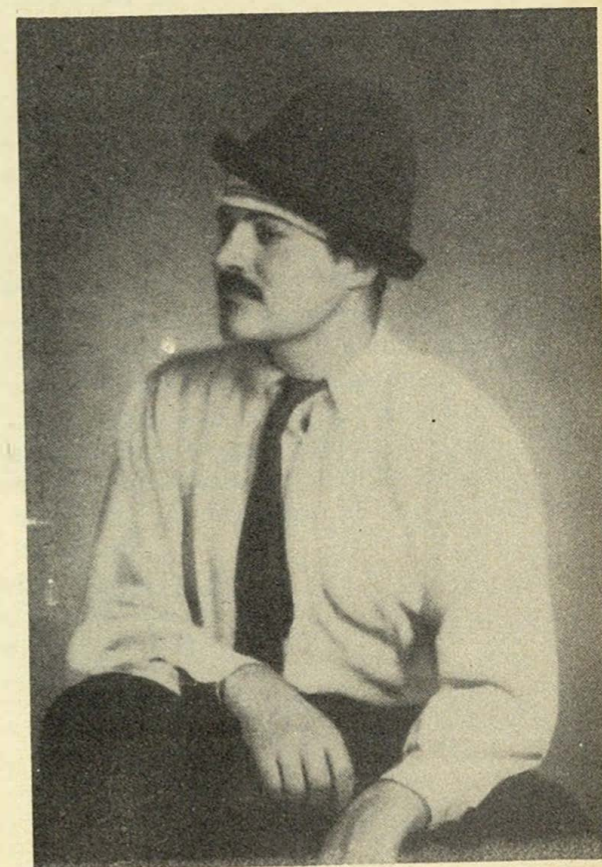


«QUEM ERA LA FAYETTE?»

Entre os americanos que viviam em Paris achava-se Ford Madox Ford que escrevia romances no tom dum velho *gentleman* inglês que no seu clube murmurava uma história ao ouvido de outro velho *gentleman* inglês. Outro americano: William Carlos William, médico em Nova Jersey, que abandonava os seus doentes durante meses para descansar na *Rive Gauche*. Hart Crane que acabaria por se suicidar atirando-se ao mar no Golfo do México. E. E. Cummings que fora vítima dum aventura extraordinária: chegado a França para se bater na guerra em nome do Direito e da Civilização fora preso pelas autoridades francesas e mandado para um campo de concentração (já nessa época existiam!) na companhia de alemães.

A grande maioria desses homens tinham feito a guerra: Hemingway na Itália, Dos Passos na Flandres. Assistira à chegada de Pershing ao Havre e à sua frase famosa: «La Fayette, aqui estamos!».

Mas quem era La Fayette? Quem era o marechal Foch? Quem era Woodrow Wilson? E que vinha a ser a guerra? Para que servia? Eis algumas das perguntas formuladas por esses antigos combatentes. A resposta dava-a E. E. Cummings no seu livro «The Enormous Room»: «C'est de la blague». Uma enorme blague, uma blague monstruosa pela qual acabavam de morrer milhões e milhões de homens. E diziam: esses milhões morreram por Walt Street, pela lei seca, pela ausência dos E. U. A. na S. D. N. A blague triunfava além-Atlântico e o único refúgio contra



ela consistia numa vida irónica e estudiosa, na arte, no amor, nas corridas de toiros... **Fiesta**, o título de um dos mais prodigiosos livros de Hemingway pode servir de símbolo à época tumultosa e louca de 1920.

O que esses jovens encontravam em França era a liberdade, o álcool e a vida barata. «A cidade onde o dólar vale mais, eis a minha pátria», dizia um deles. O único que era célebre e que ganhava dinheiro com a sua caneta era Scott Fitzgerald. O seu romance «**THE SIDE OF PARADISE**», aparecido em 1920, fora o manifesto da geração. «A vida americana é tão ridiculamente inexistente e estúpida — dizia um dos seus heróis — que, muitas vezes, eu desejo ser inglês». Mas Scott Fitzgerald fugira à boémia parisiense. A França que nós vemos nos seus romances é a França dos grandes hotéis da Costa Azul, a França que prolongava a América de Madison Avenue e das propriedades de Long Island.

À parte as lições de Ezra e de Gertrude, à parte a descoberta dos livros de Joyce, conhecido e apreciado na América e na França muito antes de o ser na Inglaterra, à parte o vinho de Cahors e a possibilidade de escrever nas pequenas revistas de língua inglesa impressas em França qual foi a contribuição de Paris a esses emigrados de 1920?

A FRANÇA E NÃO OS FRANCESES...

Os contactos com os escritores franceses da mesma geração foram raríssimos. Em primeiro lugar havia o obstáculo da língua. Depois — quem sabe? — um certo complexo de inferioridade por parte dos Americanos, párias no seu próprio país, e que viam a dignidade que os franceses atribuíam aos seus concidadãos que se dedicavam às artes e às

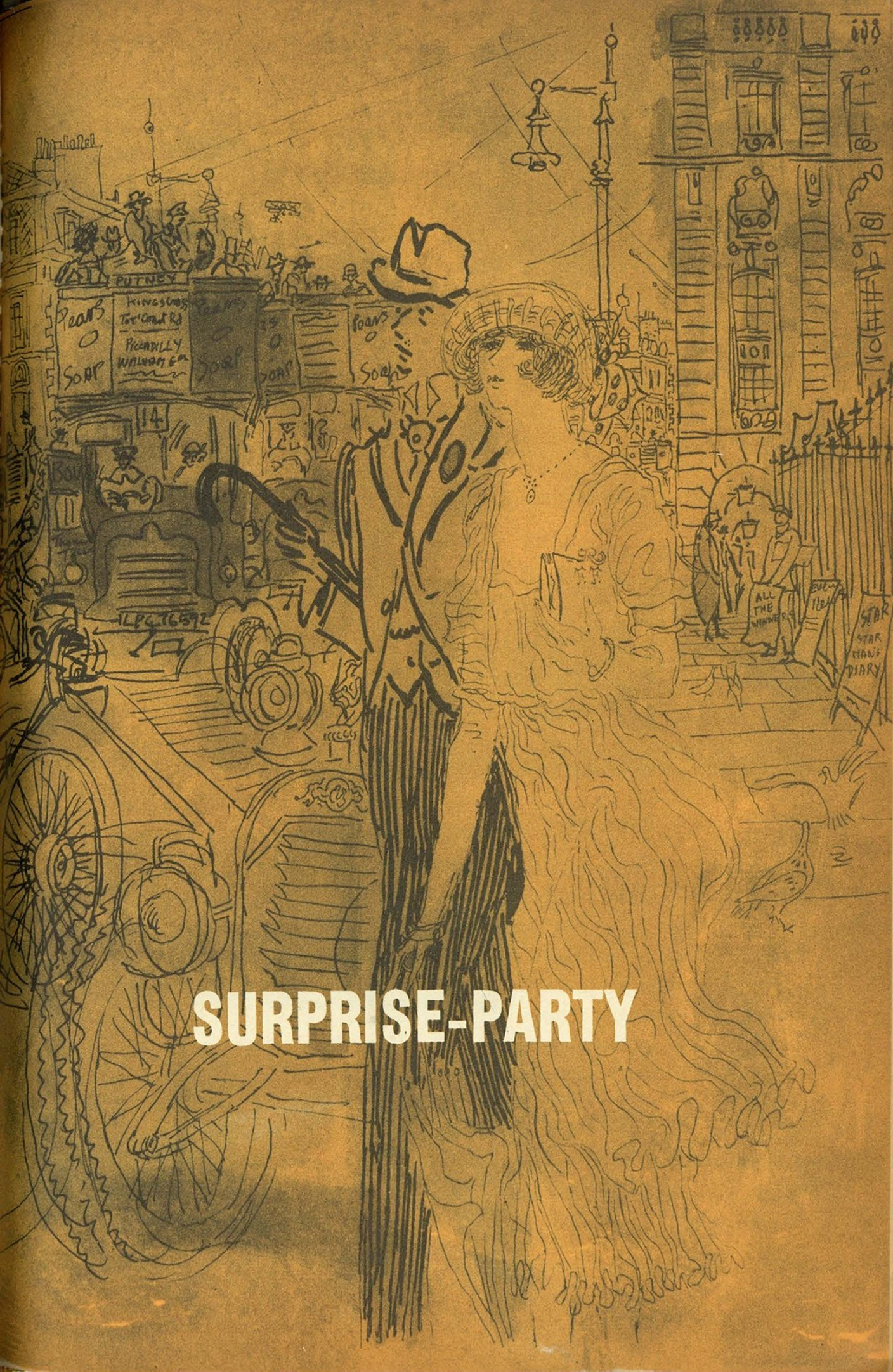
letras. Em todo o caso houve algumas relações: André Chamson, Philippe Soupault, por exemplo. Os americanos davam-se mais com os pintores (muitos dos quais eram estrangeiros como eles). De facto, eles viviam dobrados sobre si mesmos, formavam uma comunidade fechada que permanecia em contacto com a América — graças aos jornais, aos editores, aos turistas ricos e generosos. Os porteiros, os criados de café, os donos dos restaurantes eram os grandes amigos destes americanos. Além deles: M. Flaubert e M. Baudelaire: Quanto a M. Gide e a M. Valéry, Hemingway considerava-os demasiado «aristocráticos».

Na verdade era a França, era Paris, e não os franceses que eles amavam. E quando mais tarde, em 1940, um jornalista perguntou a Hemingway o que pensava de Paris — Paris revisitada — ele limitou-se a responder: «Vivam Paris e as batatas fritas!».

Má vontade? «Aprendi a fazer uma paisagem à maneira de Cézanne percorrendo o museu de Luxemburgo um milhar de vezes com a barriga vazia...». Esta frase do autor do «Adeus às Armas» resume provavelmente os anos de aprendizagem desses homens em Paris. Eles devem grande parte da sua arte à luz e ao céu de Paris e da Provença, aos impressionistas de quem eles procuraram reencontrar o segredo. Também lhes foi muito útil o conhecimento de Picasso e de Stravinsky, de Cendrars e de Apollinaire...

Essa grande festa viria a terminar com o Krach de Wall Street em 1929. Os cheques mensais enviados pelas famílias, pelos editores, deixaram de chegar e os nossos amigos tiveram de fazer as malas. Alguns ficaram, apesar de tudo: Henry Miller, para citar um exemplo. Mas a maior parte recolheu-se à terra natal. Era uma geração perdida, sem dúvida. Mas valeu a pena sê-lo!



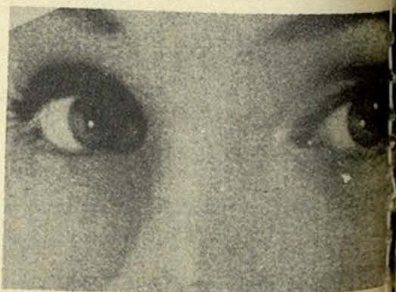
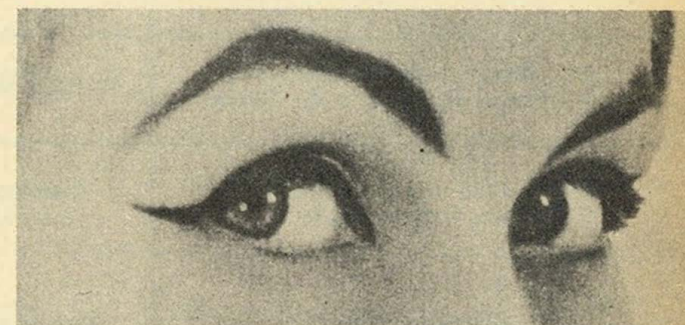
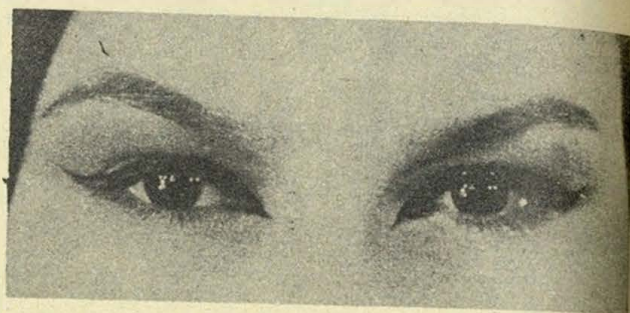


SURPRISE-PARTY



aperitivos
para todos
os gostos

SAIBA O QUE LHE DEVE OFERECER



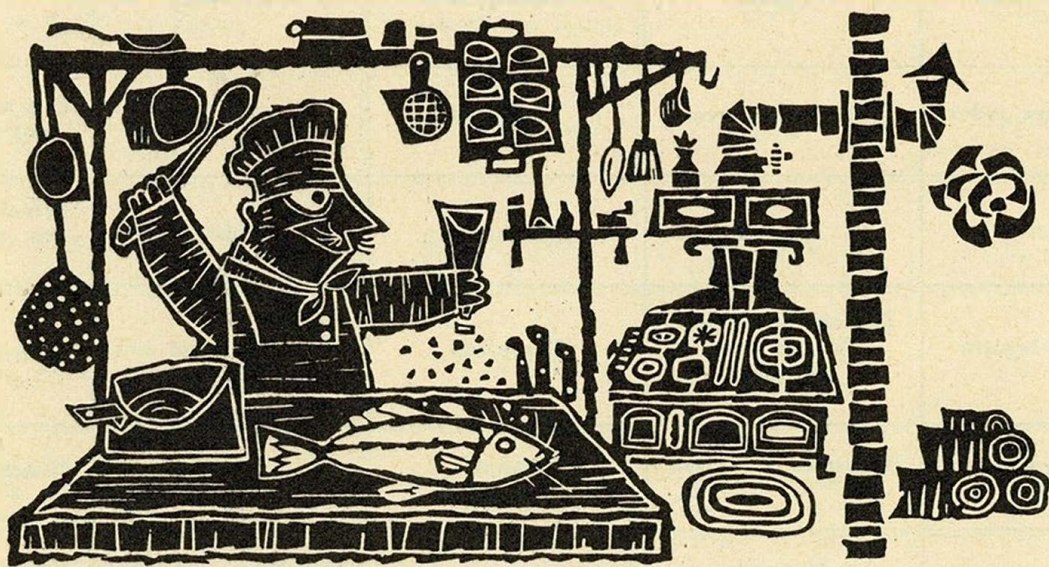
As mulheres, segundo fontes geralmente bem informadas, são imprevisíveis. É claro que esta afirmação não nos deve levar a aceitar a imprevisibilidade das mulheres mas, apenas, a duvidar das fontes geralmente bem informadas. É que as mulheres, ao contrário do que se diz, pensam e actuam sempre da mesma forma e dentro de moldes seguros e estáveis. Basicamente a regra a aplicar é esta: as mulheres nunca são o que são mas representam sempre o papel das mulheres que desejariam ser. Normalmente representam mal.

Basta-nos, portanto, em qualquer ocasião, saber qual o papel que a mulher em que estamos interessados está representando para lhe satisfazermos todas as vontades.

Em matéria de aperitivos — e até de alimentação — é fácil saber o que uma mulher pretende e, como as mulheres são mulheres (o que até certo ponto as justifica) é preferível satisfazê-las a aturá-las.

A MULHER COM QUEM VAMOS SAIR É	E, CONSEQUENTEMENTE PENSA QUE É	CERTAMENTE GOSTA DE VINHOS:	E FINGIRA QUE GOSTA DE VINHOS:	PREFERIRIA COMER	MAS DIRA QUE PREFERE:	O SEU APERITIVO IDEAL SERIA:	MAS VAI PEDIR:	RECOMENDE-SE:
Morena e gorda	A Brigitte Bardot	Doces	Secos	Iscas	Du fois de porc aux champignons	Laranjada	Vermute	Água do Luso e dieta
Viajada (foi ao Porto e a Viseu)	Aquela actriz que viu no cinema Roma	Doces	Espumante	Mão de vaca	Lagosta	Laranjada	Porto Seco	Umas viagens e dieta
Solteira Nunca teve namoro Tem borbulhas	Uma mulher fatal	Doces	Franceses (de que ouviu falar)	Pescada com todos	Uma coisa leve	Laranjada	Vermute	Que a não convidemos para almoçar
Tem o curso do liceu	A Eva Curie	De todos	De todos	Cachorros	Lagosta	Laranjada	Whisky	Whisky duplo para ver se não fala e dieta
Jeune femme demi monde (Em francês por causa das crianças)	A Soraya	De nada	De nada	Salada de lagosta	Lagosta ao natural só com sumo de limão	Laranjada	Gin Tonic	Ácido Prússico
Rapariga do Areeiro com leituras de Sagan e do Match	Culta e civilizada	Com «agulha»	Secos	Um beef grelhado	Beefsteak à inglesa	Laranjada	Pernod	Ácido Prússico
Não é nada mas foi a França e fala francês (mal)	Cosmopolita e europeia	Não gosta	Tipo «bordeaux»	Lagosta	Homard à l'americaine	Laranjada	Dubonnet com soda (1)	Que vá aprender francês
Menina «bem»	Menina «bem»	De garrafão	Do que lhe derem	Numa tasca	Um restaurante «onde se possa ir»	Capilé	O que lhe derem	Não há nada a fazer
Jovem evoluída, moderna e progressista	O que todas deveriam ser	Doces	Tinto	Omelette de camarão	Feijão guisado (para ser camarada)	Laranjada	Um copo de «branco»	Um copo de branco É mais barato
Viúva Entre os 30 e os 40 Desesperada	Uma jovem cheia de oportunidades	Todos	Champanhe	Fosse o que fosse	Uma coisa «que não pese»	Laranjada	Gin Tonic Champagne cocktail	Capilé e calmantes
Uma tia da província	Uma senhora que resistiu à imoralidade do mundo moderno	Com água	Com água do Luso	Em casa, a ler o Daniel Rops	A nossa companhia	Água	Nada	Um copo vazio
A nossa avó	A única avó de toda a gente	Velhos	De água	Caldeirada	Peixe cozido	Um bom Gerez ou um bom Madeira	Uma bebida «fraca»	Um ou dois bons Gerezes
A noiva dum amigo	A mãe do citado amigo	Doces	Doces	Com o noivo	Comer qualquer coisa	Laranjada	Vermute	Cuidado!
Uma rapariga em «crise»	Um caso único de angústia	Fracos	Fortes	Chispe	Uma salada	Laranjada	Uma bebida forte	Uma bebida fortíssima

Culinária a ronda



Durante o mês passado o Inspector Gourmet jantou no «Folclore» e almoçou no «Munchacho», o restaurante abarracado do Guincho. Deve, desde já, dizer-se, que o Inspector Gourmet detesta espectáculos «folclóricos» na medida em que, na maioria dos casos, são falsos, abonitados e muito — mas, mesmo muito — monótonos. Verifica ainda o Inspector Gourmet que nos restaurantes do chamado tipo «típico» se come muito — mas, mesmo muito —, mal. Com a possível excepção dum único restaurante, esta regra aplica-se a todas as casas do Bairro Alto onde se entende que a comida mal confeccionada se torna «portuguesa» pela adição de 10 ou 12 azeitonas linfáticas.

Foi, por isso, com o maior prazer que o Inspector «redescobriu» o «Folclore». Começamos, porém, pelo princípio.

O «Folclore» não é um «restaurante típico» no sentido que normalmente atribuímos a essa palavra, porque:

- Os clientes têm a felicidade de não serem compelidos a travar conhecimento com a «esposa do patrão...»;
- A sala não cheira a refogado (!!!);
- As toalhas não estão manchadas de vinho tinto (!);
- Os empregados não se passeiam em mangas de camisa...;
- É possível provar-se comida portuguesa!

Tudo isto o Inspector Gourmet viu com os seus próprios olhos e de tudo isto o mesmo inspector se admirou. É na verdade, extraordinário, que o restaurante «Folclore» exista

dos restaurantes

numa terra onde as pessoas vão aos restaurantes, não para jantar, mas com o objectivo único de fazerem desenhos nas toalhas.

Depois de estudada a lista, o inspector escolheu, para o jantar:

Sopa de peixe
Salmonetes à setubalense
Vão de porco à alentejana

A sopa não estava, diga-se em abono da verdade, uma delícia, mas os salmonetes não podiam estar melhores e o vão de porco — magnificamente apresentado e generosamente servido — obteve os elogios de todos os presentes. Num restaurante como o «Folclore», turístico por natureza, não é fácil cozinhar, porque é necessário ter em linha de conta os gostos dos fregueses e todos sabemos que a comida portuguesa, gordurosa e temperada com alho, não agrada aos nórdicos. É certamente por isso que o «Folclore» inclui na sua lista pratos simples, adequados a quem não gosta da nossa comida que, digamos de passagem, parece resultar dum cruzamento da cozinha «francesa» com a cozinha mediterrânica.

O espectáculo do «Folclore» cheio de interesse e com a duração necessária para manter a atenção dos presentes, tem uma característica rara, espantosa, única: é alegre e tem vida! Os dançarinos dão a impressão que dançar não é um frete e que continuariam a dançar mesmo que lhes não pagassem. Ainda bem que assim é. Os estrangeiros podem constatar, no «Folclore», que nem todos os portugueses são tão graves e incolores como os lisboetas que vêm nas ruas...

Outro detalhe: o serviço do «Folclore» é perfeito. Sem nunca nos incomodarem, os empregados não permitem que nos falte seja o que for e (estará o país em vias de refor-

ma?!) chegam a curvar-se para que não percamos o espectáculo.

Parabéns ao gerente e ao chefe de mesa, o simpático Joaquim António Janeiro que tanto contribuem para o que acabamos de dizer.

Defeitos? Apenas três:

- a) A comida vem toda ao mesmo tempo, da cozinha, para as mesas grandes e arrefece enquanto o chefe de mesa prepara os pratos. Os salmonetes estavam frios...;
- b) É pena que os clientes não possam provar pão saloio ou, pelo menos, pão semelhante ao que viram, à entrada nos cestos das oferendas;
- c) As batatas cozidas são descascadas à faca.

Os defeitos apresentados são, todavia, pequenos em relação às qualidades que constatamos e o Inspector Gourmet envia, daqui, os seus parabéns ao «Folclore» e a todos os que contribuem para que ele seja o que é.

O almoço do «Muchacho» deliciosamente confeccionado, agradou a todos os presentes. Compunha-se de:

Sopa de lagosta
Gambas ao natural
Frango grelhado com molho de piripiri
e
Salada mista

Estava tudo bem apresentado e, no dia em que as barracas exteriores do restaurante forem redecoradas e desapareça o «mapa turístico» da zona, que alguém (inadvertidamente?) pendurou na parede, o «Muchacho» passará a ser um dos três únicos restaurantes possíveis da costa. Vale sempre a pena almoçar lá.

BRENDA

LEE

*15 anos e dois mil
contos anuais*

(A CANTAR COISAS QUE MUITA GENTE PREFERIA NÃO OUVIR...)

Ditosa época que permite às crianças prodígio ganhar fortunas que os pais se encarregam de gastar a seu bel-prazer. Porque, na realidade, a época dos filhos pródigos parece ter acabado definitivamente.

Isto pode ser (ou não) a propósito de Brenda Lee, uma rapariguinha cheio de juízo que ganha qualquer coisa parecida com dois mil contos por ano, cantando meia dúzia de canções que muitos detestam e muitos outros adoram como qualquer egípcio adorava Isis na antiguidade.

Brenda Lee, tem hoje quinze anos e há quatro que é um grande cartaz da América em qualquer parte do mundo. A sua popularidade entre os seus compatriotas, é apenas comparável à que goza no mesmo meio um

rapazinho chamado Elvis Presley ou aquele outro que dá pelo nome de Paul Anka.

Em todo o caso há nas suas carreiras qualquer coisa que os distingue, bem como nas suas personalidades: enquanto os ídolos gritantes do «rock» parecem ter feito das suas canções uma espécie de religião que uns milhares de jovens treloucados seguem em todos os cantos do mundo, Brenda, na idade em que há vinte anos, as meninas brincavam com bonecas, já é capaz de atirar cá para fora com coisas desta natureza:

«A minha carreira, serve-me de momento para ganhar bastante dinheiro.

É possível que daqui a dez anos já não tenha voz ou que ninguém se lembre de mim. Mas nessa altura já eu serei médica e talvez com uma boa clientela...».

E o facto é que ela estuda quatro horas por dia, coisa de que não se pode gabar qualquer dos muitos senhores que se formaram em Matemáticas, Direito, ou Economia...



O maior comediante do Mundo — na opinião de Charlot — é (depois de Manolete) o único artista capaz de fazer encher a Monumental do México (60.000 lugares)

«Pepe», o próximo filme com «Cantinflas», trará ao seu público uma novidade: a de uma nova criação de Mário Moreno que, deixando de lado os seus andrajos, a sua estranha dialéctica e as suas pulgas, se transforma numa personagem de tremenda humanidade, no bom estilo de Charlot.

«Pepe» será a sua nova criação, aquela em que poderá esclarecer o porquê de uma das poucas afirmações de Charlie Chaplin que não foram levadas muito a sério. É a afirmação em questão era esta:

— «Cantinflas», é o maior comediante vivo que conheço».

«Pepe» — será este o título do seu próximo filme — é a história de um pobre «peão», mexicano que fez umas pobres economias durante muitos anos de árduo trabalho e que, um dia, resolve jogá-las no paraíso artificial de Las Vegas, numa tentativa de se tornar rico de um dia para o outro —

quimera que parece esmagar-se constantemente contra a sua própria personalidade, excessivamente ingénua para que o mundo que o rodeia a aceite normalmente.

Para Mário Moreno, o filme reveste-se entretanto de um interesse muito especial: o de desempenhar uma figura estranhamente aparentada consigo mesmo antes de se transformar naquilo que é hoje: um artista de invulgar projecção e um dos homens mais ricos do México.

UMA VIDA DE NOVELA

Na realidade, quando «Cantinflas» já não possuir nem o seu talento, nem o seu incomensurável prestígio, poderá fazer dinheiro com outra coisa: a movimentada e romântica história da sua vida. Hoje mesmo, qualquer produtor americano ofereceria uma fortuna pelos direitos da sua adaptação ao cinema, enquanto que a sua biografia talvez desse prosperidade a quem possuísse os seus direitos.

Quem é afinal esse Mário Moreno que o mundo conhece pelo ápodio de «Cantinflas»

e aplaude quando veste a andrajosa figura em que o cinema o transforma?

Mário é filho de um pobre funcionário dos Correios que passou parte da sua vida em constante sacrifício, para que um filho estroina alcançasse um dia na escala social uma posição mais elevada que a sua. Querria-o médico, ainda que Mário não se interessasse positivamente nada por semelhante carreira.

A única coisa susceptível de ocupar o seu espírito, era indiscutivelmente a arte de representar para que encontrava em si acentuada tendência. Era frequente faltar a aulas e até a exames, para seguir grupos de ciganos que, no México, se dedicam muitas vezes a representações nas ruas e nas praças de qualquer cidade, para angariar uns poucos meios de subsistência.

Os seus processos são evidentemente primitivos, mas estão de tal modo impregnados de tradição que apaixonam aqueles que têm pelo teatro uma veneração sólida. Era o que sucedia com Mário Moreno, um estudante de Medicina interessado por uma arte que cada

o que pouca gente sabe de

CANTINFLAS



dia lhe parecia mais ao alcance dos seus desejos.

Até que resolveu finalmente desiludir a sua família a respeito de um futuro que não podia aceitar, dado que em nada contribuiria para ele. E desapareceu pura e simplesmente de sua casa e da sua terra, partindo com um grupo de saltimbancos que percorria o México divertindo quem, nas praças públicas, fazia roda para assistir às suas exhibições.

Para «Cantinflas» essa etapa da sua vida, se foi uma das mais duras, talvez tenha sido, apesar de tudo, uma das mais felizes.

Vivia a existência dos saltimbancos, nómade, difícil e apaixonante no seu conteúdo e nas suas emoções.

Para que a sua contribuição fosse eficaz naqueles espectáculos itinerantes, Mário Moreno teve que aprender a cantar, a dançar, a executar as mais difíceis sortes de acrobacia e de prestidigitação.

Mas acabou por ser o palhaço da Companhia, depois de se ter exibido como «boxeur». Entre aquela gente que vivia mais do prazer daquela vida que propriamente dos magros proventos que auferia, Mário transformou-se em «Cantinflas», sem suspeitar que vestia assim a figura do grande triunfo da sua vida.

Para que os seus pais não tivessem que envergonhar-se dele, ocultava o nome escolhendo o ápodo que o tornaria célebre. Um nome que nada representava então, valeria milhões, anos depois.

Em 1940, Mário Moreno deixou os seus companheiros para se fixar na cidade do México, representando sucessivamente em vários teatros. Pouco depois, caía no cinema quase por acidente... Inicialmente, começou por desempenhar papéis insignificantes, para depois filmar numerosas curtas metragens cujo sucesso crescente animava os seus produtores a um trabalho cada vez mais ritmado. «Cantinflas», ia lentamente adquirindo forma, enquanto que o público mexicano fixava o seu nome e ria da sua exótica figura e maneiras.

Pouco tempo depois, aquilo que começara por ser um pequeno negócio, transformava-se num rico filão: «Cantinflas», tornando-se independente, largava as curtas metragens, formava a sua própria companhia produtora — a «Posa Filmes» — e lançava-se à grande produção, com o pensamento fixo nas vantagens da exportação. Para tal, conseguia utilizar a distribuição de uma das maiores e

mais categorizadas empresas cinematográficas dos Estados Unidos — a «Columbia» — e os seus filmes, passavam de um dia para o outro a valer milhões. «Cantinflas», o filho pouco sensato de um modesto funcionário, ganhava fortunas e começava a tornar-se num dos homens mais ricos da sua pátria.

GANHARIA FORTUNAS COMO MATADOR DE TOUROS

Hoje, Mário Moreno, «Cantinflas», vive numa luxuosa vivenda no aristocrático bairro de Lomas, na cidade do México.

A sua conta bancária é uma recta em constante ascensão, mas a verdade é que a fortuna não o transformou nem lhe fez esquecer a sua infância triste e cheia de dificuldades. Como também não esqueceu os saltimbancos de cuja aventureira existência participou, nem os pobres de cuja legião fez parte durante muitos anos. Diz-se que é um dos maiores senão o maior filantropo do seu país e que a sua bolsa se abre constantemente para socorrer problemas materiais de pessoas que nem sequer conhece.

Uma das suas ocupações favoritas: a lide de toiros bravos, que pratica com conhecimento profundo e com arte de eleição. Os críticos tauromáquicos mexicanos, não se cansam de afirmar que ele poderia ter sido se o quisesse o maior toureiro mexicano dos últimos tempos.

Frequentemente, participa em espectáculos de beneficência nas maiores praças de toiros mexicanas, e o seu toureio não só entusiasma pela sua valentia e facilidade, como faz rir a bandeiras despregadas pelo carácter burlesco que imprime a muitas sortes.

Na sua herdade perto de Guadalajara onde cria toiros de lide, toureia todas as semanas no seu «tentadero» e aí, sem público para divertir, entrega-se à pura essência da arte de Montez deliciando os bons aficionados que têm a felicidade de assistir a essas faenas quase clandestinas...

«Cantinflas», amigo íntimo de «diestros» como Arruza, Luís Miguel Dominguin e Procuna, tem hoje sobre esses deuses das arenas a vantagem de ser, depois do fabuloso Manolete, o único toureiro com prestígio suficiente para levar à Praça de Toiros Monumental do México as sessenta mil pessoas necessárias para esgotar a sua lotação.



os maleficios do tabaco



o ABC do fumador

«O tabaco mata. O tabaco provoca o cancro do pulmão, a angina de peito, doenças de estômago e dos intestinos, abrevia a vida dos fumadores, tira a memória e paralisa muitas das qualidades intelectuais do homem».

Eis, em síntese, aquilo que se tem dito do tabaco, sempre com muitas estatísticas à mistura. A verdade, porém, é que a campanha-monstro feita contra o tabaco desde há dez anos para cá, parece não ter feito senão bem à indústria tabaqueira, visto que o consumo de cigarros — a mais perigosa modalidade de queimar a odorosa planta — aumenta progressivamente de ano para ano...

Pensar que sucede o contrário, seria pelo menos ignorar o que é o homem na sua teimosia e incredulidade. E o que é certo, é que jamais se viu alguém acender um cigarro e cair para o lado irredutivelmente morto. Quando tal sucedesse, então sim, a indústria passaria por um mau bocado. Mas, evidentemente, tal, tem todo o aspecto de nunca vir a suceder mas ainda que viesse a verificar-se um tão espantoso caso, os homens que fizeram do tabaco uma fortuna colossal arranjariam maneira de provar que o cigarro, nesse caso fatídico, mais não fizera que adoçar os últimos momentos da desgraçada vítima...

PORQUE FUMA O HOMEM?

Tem-se dito tanto e desde há tanto tempo sobre os malefícios do tabaco que nos dispensamos de tocar uma vez mais a tecla de um assunto esgotado.

Debrucemo-nos pois sobre as razões geralmente apontadas para justificar um hábito que tem tanto de expansão como de espantoso.

Para tal, reportemo-nos a dois inquéritos feitos em França e nos Estados Unidos — países que adoram a estatística e a opinião alheia — tentando explicar um acto para que o fumador mais inveterado não encontrará à primeira uma razão excessivamente convincente.

Conclusões dos citados inquéritos:

As pessoas fumam para: sair de uma tensão nervosa ou tentar a sua diminuição; para se recomporem depois de um esforço físico ou intelectual; para diminuir a timidez; para melhor manter a calma; para pôr à prova a sua audácia, por hábito, por conformismo, ou — opinião americana — «para afirmar virilidade e por pensar que esse acto agrada às mulheres»...

Claro está que o inquérito americano, neste pormenor, esquece-se de explicar porque fuma o sexo fraco.

O francês, não apresenta no entanto esta lacuna e aponta para o acto feminino as seguintes razões:

Por pura fantasia; para se sentirem mais ao nível do homem; por necessidade física e finalmente... pelas mesmas razões por que fuma o seu companheiro.

Mais dados à especulação científica, alguns médicos que não são contra o uso do tabaco, apontam para o fumar as seguintes razões:

Para acalmar a fome, estimular o funcionamento dos intestinos e por ser antisséptico.

Por puro vício, respondeu a maioria de indivíduos de menor potência intelectual.

ABC DO FUMADOR

Depois de muito se ter lido sobre os males do uso do tabaco e da verdadeira calamidade que representa o acto, duas atitudes podem ser tomadas: ou deixar de fumar definitivamente — o que não é nada mau, ou continuar a fumar, mas tomando algumas precauções que se revelam indiscutivelmente úteis. Para uso dos fumadores modestos ou inveterados, aqui ficam alguns princípios a que, um pouco mais pomposamente, se poderia chamar «Guia do Bom Fumador» ou «O ABC do Lúcido Viciado».

— Nunca fume cigarros para além de metade, medida que se não brilha pelo aspecto económico, é no entanto essencial para evitar intoxicações extremamente incómodas e frequentes.

— Não fume em jejum.

— Fume muito menos na primeira metade do dia que durante a tarde.

— Não fume imediatamente antes de comer, nem imediatamente depois. MUITÍSSIMO menos no meio das refeições. Sabe MUTÍSSIMO bem (a quem sabe) mas faz muito mais mal (a todos).

— Prefira cigarros com filtro, mas, se puder, use boquilha com filtro mineral.

— Atendendo aos efeitos nocivos de semelhante hábito sobre a saúde do fumador, adopte um regime alimentar que possa atenuar esse inconveniente. Portanto, como o tabaco destrói grandes quantidades de vitamina C, coma laranjas e limões, ricos dessa indispensável matéria.

— Beba muito leite para eliminar intoxicações e lutar contra a queimadura progressiva das paredes estomacais.

— Coma cenouras para reduzir os perniciosos efeitos do fumo sobre a vista; fígado e espinafres para lutar contra a anemia provocada pelo óxido de carbono, um dos produtos da combustão do tabaco.

No campo da higiene:

— O tabaco amarelece os dentes. Para apresentar uma dentadura menos causticada

por esse vício, lave os seus dentes duas vezes por semana com bicarbonato de sódio e duas vezes por dia com um dentífrico de reconhecida qualidade.

— De três em três meses vá ao dentista para que lhe seja retirado o tártaro provocado pelo fumo.

— Para evitar o mau hálito, use pastilhas de clorofila.

— Com água de Javel, oxigenada, ou com limão, poderá restituir a cor normal aos seus dedos, em vez de os apresentar lamentavelmente acastanhados.

A elegância de maneiras é uma coisa maravilhosa que fica bem até a quem fuma quarenta cigarros por dia. Homem ou mulher, tome portanto as suas precauções, respeitando escrupulosamente os seguintes pormenores:

— Não fume sem pedir licença a quem estiver presente (princípio deveras conhecido e... pouco respeitado).

— Não lance fumo para cima dos outros.

— Antes de tirar do pacote um cigarro para si, ofereça a quem estiver presente.

— Não fale com o cigarro entre os lábios.

— Uma mulher não acende nunca um cigarro a um homem, limitando-se em caso de necessidade a passar-lhe fósforos ou um isqueiro.

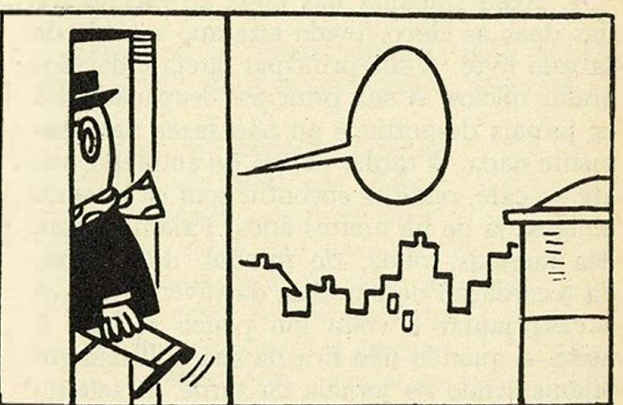
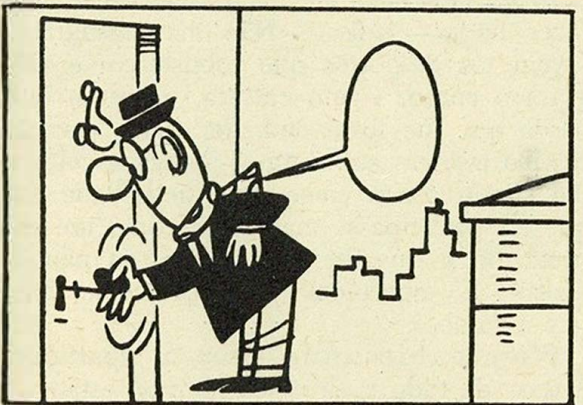
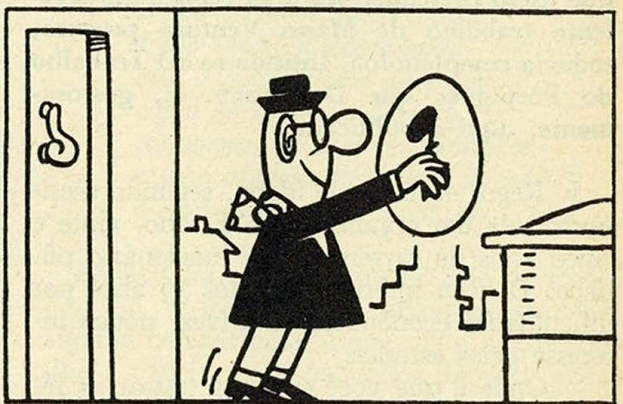
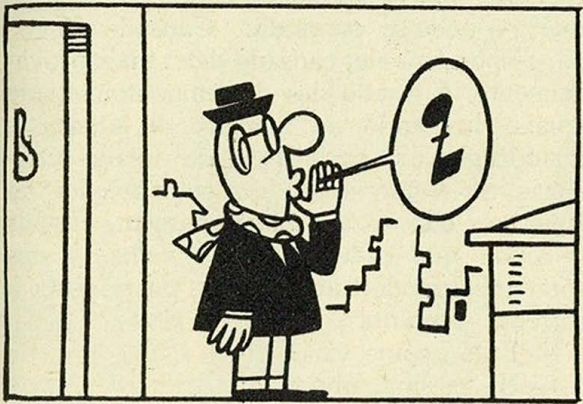
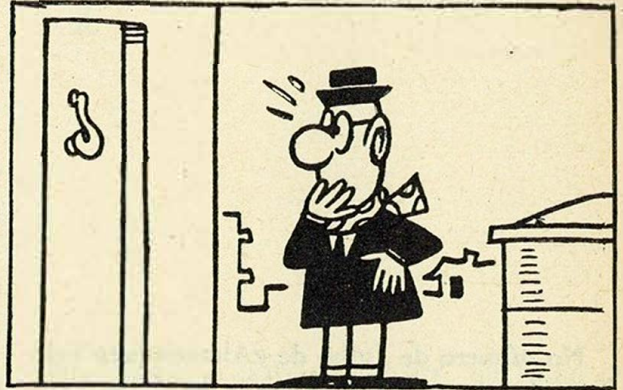
— Não acenda três cigarros com o mesmo fósforo. É possível que na realidade «não dê azar», mas pode com isso incomodar terceiros.

— Não use pratos, chávenas ou pires como cinzeiros. Nem atire cinzas para o chão.

— Se em sua casa receber convidados e eles recusaram fumar, não o faça sozinho pois que pecará por indelicadeza.

Se não quiser dar atenção a nenhum destes princípios, paciência.

Esta vida são dois dias e mais vale um gosto que três vinténs...



O TRABALHO

No número de Julho de «Almanaque» veio inserido um artigo da autoria de Mário Ventura, intitulado: «As Férias do Português que Trabalha». De um leitor que se assina Alfredo Lopes recebemos pelo correio um outro artigo que «sem pretender ser uma réplica ao excelente trabalho de Mário Ventura procura, todavia completá-lo». Intitula-se «O Trabalho do Português que Descansa». E, gostosamente, aqui o publicamos.

J. Rego, 43 anos de idade, segundo escrivão de um organismo do Estado, vinte e cinco anos de carreira como funcionário público. O liceu interrompido aos 15 anos por dificuldades económicas e, talvez, pouco interesse pelos estudos.

— Onde é que você costuma passar as férias?

— Há vinte anos que não tiro férias. Não vale a pena. Não podia sair de Lisboa e assim por cá fico.

J. Rego trabalha das nove ao meio-dia e das duas às cinco, tendo este ano a tarde de sábado livre. A sua principal tarefa é dactilografar officios. A sua principal ocupação é ler os jornais desportivos ou não fazer rigorosamente nada. À tarde, depois do emprego, vai até ao café, onde se encontra com os mesmos amigos, já de há muitos anos. Falam sempre das mesmas coisas, do futebol, do cinema, da recordação de paródias da juventude. Vai à casa jantar e volta um pouco ao café à noite — quando não fica na sua poltrona em pijama lendo os jornais da tarde. É solteiro e vive com a mãe, vetusta senhora de setenta anos de idade, de voz tonitroante, porte imperial, sugerindo imediatamente a Cibele de Madrid ou o coche em que o senhor D. Fi-

lipe se deslocou a Lisboa. Domina-o completamente e desde sempre ele tem por ela uma mistura de temor e ternura, e, desde a morte do pai, a noção firme de que a deve ajudar e proteger.

Assim vai vivendo — cansado. Cansado de quê? — pode-se perguntar. Cansado da vida, responderá ele; cansado dele, mais provavelmente. Cansado dos dias monotonamente iguais, lustrando as mangas de alpaca e criando gordura na barriga, da pesada sonolência no Verão e do frio entorpecedor do Inverno, das caras monotonamente iguais — ainda que cada vez mais velhas — dos companheiros de trabalho (?), da resposta à corrente pergunta:

— Então como vais?

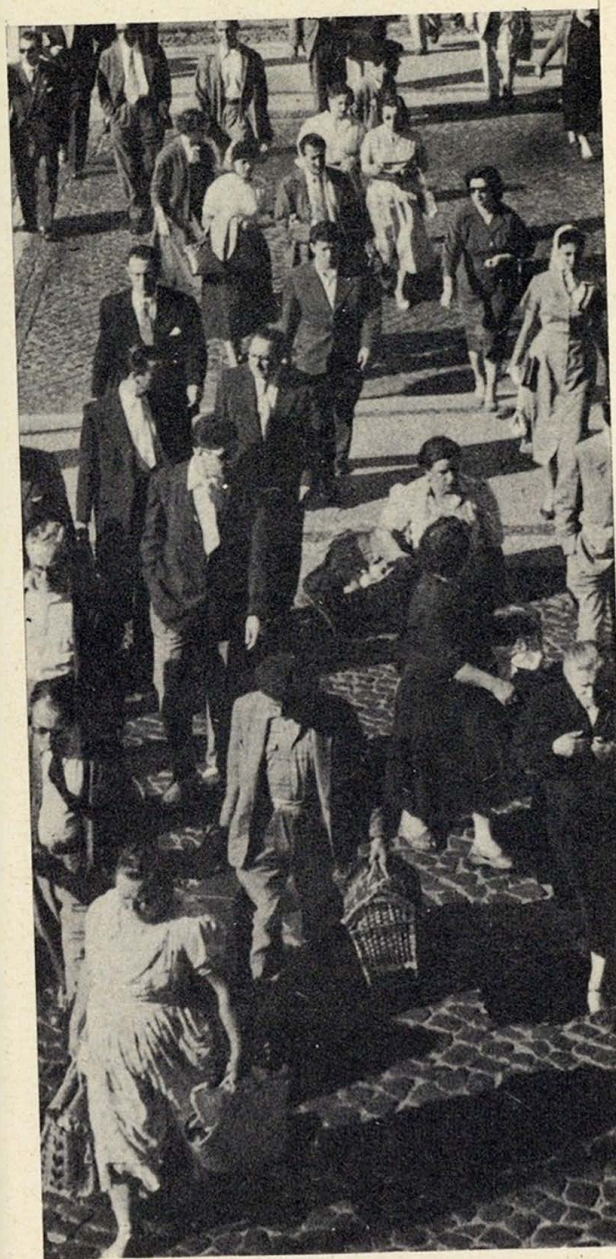
— Na mesma, obrigada.

(E ele soube que estão «na mesma» é a maneira mais triste de estar pior).

Mas não tira férias, podia fazê-lo se quisesse, mas não o faz. Férias para quê, aonde, porquê? Que sabe ele mais fazer senão não fazer nada — «ali». — Não lhe ensinaram, jovem, os desportos que robustecem e alegam o corpo. Como cultura, acharam que desde que lhe fosse dado ler livros e ir ao cinema isso era suficiente — nunca a cultura lhe surgiu assim como uma actividade em que ele participasse mas antes como um espectáculo a que lhe era dado — ou não — assistir. E, espectáculo por espectáculo, preferiu o futebol.

Foi-se habituando assim à repartição. Apesar de tudo é ali o seu mundo, estão ali os seus companheiros, detestáveis por vezes, mas certos — pobres diabos também e cruéis como as crianças, mas certos. A cara do Lopes à sua frente tem dias que só vê-la mete

do português que descansa



no corpo a náusea da fartura, ou bicho de conta roído da revolta — mas que outra presença humana, que outro calor fraterno lhe restam, noutros dias, senão a cara do Lopes?

*É tão vazia a nossa vida
é tão inútil a nossa vida
que a gente veste de escuro
como se andasse de luto.
Ao menos se alguém morresse
e esse alguém fosse um de nós
e esse um de nós fosse eu... (1)*

Férias? Para quê? Aonde? Na repartição é o Sr. Rego, tem de qualquer maneira, alguma consideração à sua volta, conhecem-lhe a cadeira e os pequenos hábitos, «Bom dia, Sr. Rego» diz-lhe respeitoso apesar de tudo o porteiro pela manhã. Privado dos objectos feios e familiares que lhe povoam a secretária, que resta dele J. Rego — senão uma solidão que nada, nem ninguém, respeitará?

Férias só as finais, quando uma carreta preta levar, entre gente vestida de preto, J.

*...O sol andando lá fora
fazendo lume nos vidros,
chegando carros ao largo
com gente que vem de fora
(quem será que vem de fora?)
e a gente praqui fechados
na penumbra das paredes
curvados prás secretárias
fazendo letra bonita.*

(1) Manuel da Fonseca, coro dos empregados da Câmara.

Rego, muito hirto, até ao cemitério Oriental, e outro J. Rego, mais novo, ainda tímido, lhe vier ocupar — «a vaga».

Poderá objectar-se que o que disse até aqui é um caso particular. Será? Quantos milhares de portugueses não vivem exactamente assim, acrescentados ainda de mulheres e de filhos, toda uma multidão girando à volta de um ordenado baixo, de um trabalho desinteressante, de uma incapacidade de viver, com intensidade, com gosto — ao menos com tranquilidade.

Não é apenas por concreta e imediata falta de dinheiro que muitos deles não descansam — é também porque não sabem trabalhar. Porque durante o trabalho descansam e durante o descanso conservam má consciência. Porque se gastam nos cafés. Porque acham que nada vale a pena, porque a vida lhes corre entre dois bocejos e um Director-Geral — ou sentados pacatamente atrás do balcão da pequena loja onde se empregaram. Porque gastam o sono da noite dormitando durante o dia. Porque lhes ensinaram que os sapos são amigos dos homens que perdido numa floresta o musgo nas árvores indica o lado Norte, que o Benfica foi fundado antes do Sporting, que o Infante D. Henrique vivia em Sagres, que D. Manuel II foi o último rei de Portugal — mas ninguém os ensinou a ser felizes.

E porque, no fundo, no fundo, sabem que se não lhes pode acontecer grande bem, não lhes acontecerá também grande mal.

Vivem entre a casa de penhores, o café, o emprego e a renda limitada — em banho-maria. Acima deles paira, pousam, uma complexa mitologia de ricos, de licenciados, de portugueses de primeira. Têm talvez o que merecem.

*Fazendo letra bonita
e o vento andando lá fora,
rumorejando nas árvores,
levando nuvens pelo céu,
trazendo um grito da rua
(¿quem seria que gritou?)
e a gente praqui fechados
na penumbra das paredes,
curvados prás secretárias
fazendo letra bonita,
enchendo impressos, impressos,
livros, livros, folhas soltas,
carimbando, pondo selos,
bocejando, bocejando,
bocejando.*

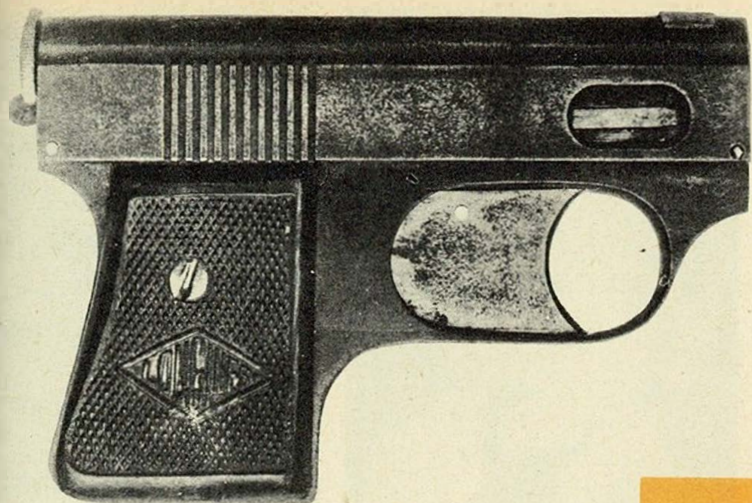
Tenho diante dos olhos a imagem dum pequeno funcionário da província com que o acaso me fez contactar um dia. Baixo, magrinho, peludo, com ar triste, óculos muito fortes, ocupava-se ele a preencher folhas de despesa e a colar selos fiscais em recibos. Tinha um olhar resignado e doce com um pequeno brilho furtivo de inteligência. Muito miope curvava-se sobre o trabalho quase roçando o nariz nos papéis e colava os selos com cola que cuidadosamente tirava de um tubo. A sua caligrafia era miúda e correcta. Um ritual exacta e brando presidia aos seus gestos.

Os burocratas sempre me fascinaram e, fiquei-o contemplando. Uma janela à esquerda deixava entrar a luz do Verão e as cores de um jardim esplêndido onde floresciam dalias e magnólias.

E, de repente, um vento súbito passou agitando os papéis na secretária. Com a mão esquerda o meu burocrata fê-los assentar de novo e disse baixo, numa reprovação muito resignada e muito doce:

— Ah, Dr. Vento...





O CRIME

ao alcance de todos

O GRUPO DOS QUATROS

Durante mais de duas semanas, um bando de quatro díscolos aterrorizou determinada região, roubando e ameaçando algumas das suas vítimas. Durante a perseguição policial o meu amigo, detective Bil Richards, foi assassinado brutalmente por um membro do bando que o matou a tiro.

Finalmente o trabalho da Polícia viu-se coroado de êxito, ao serem presos os quatro homens e, apesar da dificuldade em vencer o mutismo de criminosos tão empedernidos, consegui reunir estas informações.

Os seus nomes são Cliff Munson, Ike Hale, Hank Crawford e George Beatty. Um dos quatro costuma usar sempre faca e desdenha o uso de armas de fogo. O tio de Hale é jogador profissional e está casado com a irmã do assassino do detective Bil Richards. Hale e o faquista são ruivos. Cliff Munson e o faquista insistem em que George Beatty se ocupara exclusivamente na condução do

carro do bando, apesar da suave objecção do assassino.

O assassino e o faquista eram, há anos, amigos. Há uma semana, George Beatty e o assassino, às escondidas dos outros **gangsters**, levaram a cabo um roubo por sua própria conta.

Agora, depois de estudadas estas informações, poderá indicar-se qual dos quatro homens matou o detective Bil Richards.

SOLUÇÃO

O assassino não é o faquista, pois Bil Richards foi morto a tiro. Hale não é o faquista nem o assassino. Cliff Munson não é faquista nem o assassino. George Beatty não é o faquista nem o assassino. O faquista e o assassino são bons amigos. Portanto, dado que Beatty e Hale não são nem o faquista nem o assassino e dado que Munson não é o faquista, Cliff Munson deve ser o assassino.

BRIGITTE BARDOT

vista ao microscópio



Houve uma época em que, quando um escritor ou um jornalista estavam sem assunto, escreviam sobre a inevitável «Dama das Camélias».

Hoje, para tal, tem Brigitte Bardot...

De há três anos para cá, ela é um assunto diário. Qualquer dos seus costumes, dos seus gestos ou das suas palavras é transformável em notícia avidamente publicada por qualquer jornal, do mais categorizado e circunspeto ao mais brejeiro e especulador.

Quem é no entanto essa rapariga de que pouco se sabe, apesar dos quilómetros de crónicas que quotidianamente se escrevem em todo o Mundo a seu respeito?

DO ANONIMATO A GLÓRIA

Brigitte Bardot tem hoje vinte e cinco anos e a sua carreira começou aos dezassete, depois de uma vida tão burguesa como a da maioria das raparigas francesas da sua idade. Trinta filmes em oito anos, deram-lhe no entanto uma celebridade sem paralelo na história do cinema ou de outra Arte qualquer.

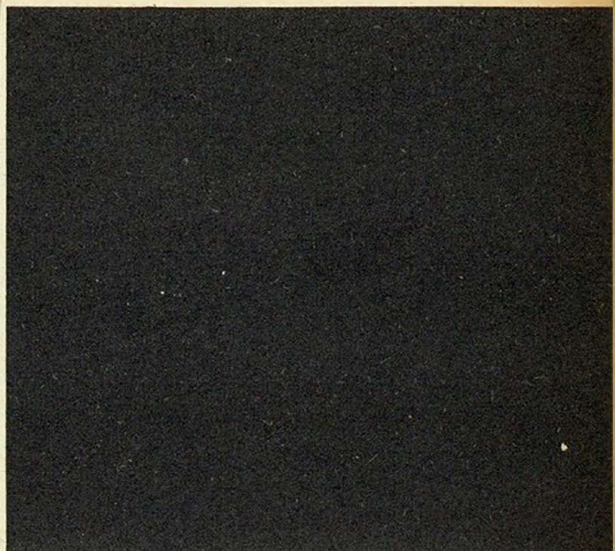
Antes do cinema, estudara dança clássica e pisara os palcos no desempenho de «Invitation au chateau» de Anouilh, uma coisa que se não é extraordinária, não está no entanto ao alcance de qualquer «bicho careta de saias...». Serve isto para nos dizer que, além de se despir, Brigitte sabe fazer qualquer coisa de mais edificante.

Se quisermos usar de certa precisão, diremos que a sua carreira cinematográfica começou em Roma com «Helena de Tróia», um filme de produção americana em que teve um pequeno papel. Para tal teve que suportar os inevitáveis e sinuosos testes americanos que mais tem contribuído para perder verdadeiras revelações que para descobrir bons actores...

Quando esta aventura romana começou a dar os seus frutos e os jornais passaram a ocupar-se dela, foi a altura dos homens de cinema da França descobrirem que tinham em Itália uma possível vedeta. Deram-lhe uma oportunidade em «Caroline Chérie», em que a vedeta era no entanto Martine Carol, a «coqueluche» das plateias francesas ou não francesas desse tempo. Marc Allegret dava-lhe pouco depois uma «chance» bastante mais considerável entregando-lhe um papel bem razoável em «Futures Vedettes» enquanto que René Clair lhe oferecia outro em «As Grandes Manobras» ao lado de um monstro sagrado do teatro e do cinema da França — o malogrado Gérard Phillipe — ídolo da juventude de todo o Mundo.

Entra-se na época em que um homem que está hoje na moda (ainda que a esse tempo fosse um ilustre desconhecido) manobra toda a actividade de Brigitte Bardot: Roger Vadim.

Dessa tutela sai «Cette Sacrée Gamine». «Et Dieu crea la femme»: o início de uma



carreira deslumbrante e de uma fortuna prodigiosa.

A CARREIRA E A VIDA DE TODOS OS DIAS

Falar do que foi a carreira de Brigitte, não interessa. Já foi contada e comentada em todos os tons e com todas as intenções. Debucemo-nos antes sobre a sua vida.

Aos dezoito anos, Brigitte está casada com Roger Vadim, um homem que come, respira e pensa cinema. De Brigitte faz uma vedeta «sexy» e secretamente, conta com ela para triunfar.

Mas a sua vida conjugal não é aquilo que pudesse considerar-se um céu aberto e límpido. A alimentação é frequentemente qualquer coisa de muito teórico e é a própria Brigitte quem cozinha ou lava a roupa. A casa em que viviam, era uma máquina de fazer desespero, de tal forma era desconfortável e fria. As dificuldades de dinheiro eram frequentes e não era positivamente nesse ambiente que poderiam criar-se condições para a felicidade. Mas trabalhavam. Muito, duramente, por um futuro que acreditavam próximo e ridente.

Qual é o balanço desses anos de dificuldade e de vida em comum?

Uma nova vedeta e um novo realizador.

Vadim é um cavalheiro excessivamente orgulhoso para o reconhecer e sempre pronto

a dizer que «inventou o maior fenómeno cinematográfico do século» (BB), mas Brigitte, mais razoável, afirma que lhe deve muito na sua formação de artista, mas que em contrapartida, o lançou na sua carreira. E isto é verdade. Foi Brigitte Bardot quem, arriscando uma oportunidade vital para a sua carreira, impôs ou empurrou o nome de Vadim para a glória.

BRIGITTE — UMA MULHER GENEROSA

E isto diz-nos de uma virtude de Brigitte de que os jornais não costumam falar: uma generosidade ilimitada que usa constantemente para com todos os seus amigos ou mesmo para quem a serve.

Na realidade, o pessoal contratado por Brigitte e que trabalha em sua casa ou guia os seus carros, é tratado como se fossem «coppains» da rapariga mais célebre da actualidade.

Voltando a Vadim, é evidente que ele não era de forma o homem que poderia apaixonar a loira Brigitte para todo o sempre. A vida comum entre estes dois pequenos génios da cinematografia francesa começava a ter o aspecto de uma tortura chinesa e muito nobremente concordaram em separar-se.

O resto da sua vida amorosa está também excessivamente documentado nos jornais para que tenha para nós o mínimo interesse.

UMA MULHER TÍMIDA E CAPRICHOSA

Quem esteve junto de Brigitte Bardot quando da sua estadia em Lisboa e estudou o seu comportamento e as suas reacções aos jornalistas e à multidão, teve ocasião de passar a conhecer melhor a mulher mais caluniada do cinema.

Brigitte, habituada a aturar jornalistas de todas as categorias e das mais diversas tendências, nunca está à vontade diante dos seus interrogatórios e dá muitas vezes a impressão de se sentir desamparada diante daqueles que querem avidamente saber as coisas mais disparatadas sobre a sua vida e a sua carreira.

Incrivelmente tímida diante de duas pessoas que não conheça, ela sente-se no entanto perfeitamente no meio da multidão, desde que não se veja na iminência de ser incomodada fisicamente.

Ela mesma nos declarou então, que todas estas manifestações de «Bardolatria» representavam um papel importantíssimo na sua vida e que era sempre com enorme satisfação que as enfrentava. «Dou-lhes mais valor ainda que ao dinheiro que ganho» (sic).

E é caprichosa. Ninguém dos da sua roda ou da sua família, conseguiu demover Brigitte Bardot de qualquer coisa que ela decida fazer.

Esse é aliás um dos mais graves problemas que afectam a sua vida com Jacques Charrier.

Quando em viagem, compra os objectos mais incríveis como recordação, como seja um velho cachimbo ou uma garrafa de forma pouco comum.

UMA CRIANÇA MUITO DESENVOLVIDA PARA A SUA IDADE

O que mais espanta os íntimos de Brigitte e os seus colegas, é o facto de ela não ser uma actriz como outra qualquer.

Na realidade, ela não representa em qualquer dos filmes que faz.

Na tela ou na vida, os seus gestos e a sua personalidade identificam-se e em nenhum papel ela deixou de lado aquilo que a caracteriza na sua maneira de ser.

No fundo, é uma rapariga confiante, uma criança demasiado desenvolvida para a idade, que escreve aos seus cães e ao seu gato (Monsieur Trotte) postais e cartas quando está muito tempo fora de casa...

Brigitte adora animais e tem neste momento nada menos que cinco cães: «Clown», um cocker negro oferecido por Vadim, «Guapa», uma cadela sem raça que recolheu numa rua de Madrid e os três filhos de «Guapa» a que chama respectivamente: «Ding», «Deng», «Dong»...

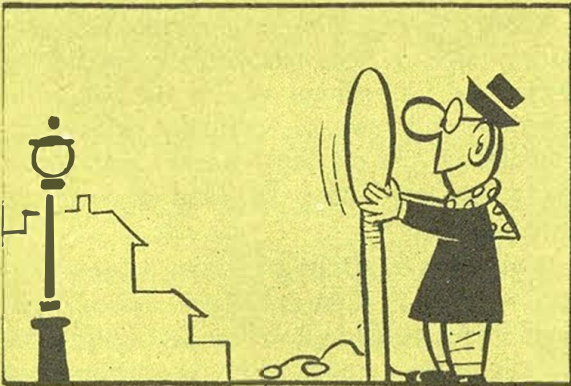
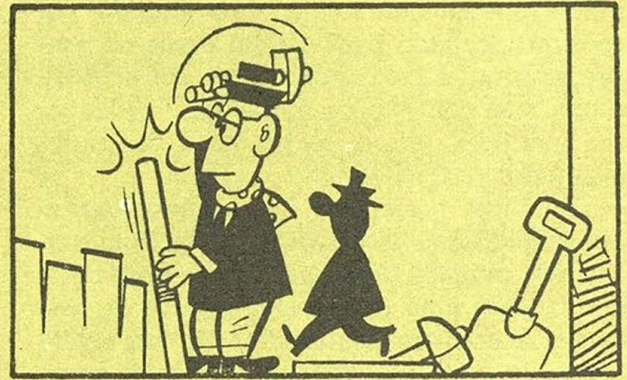
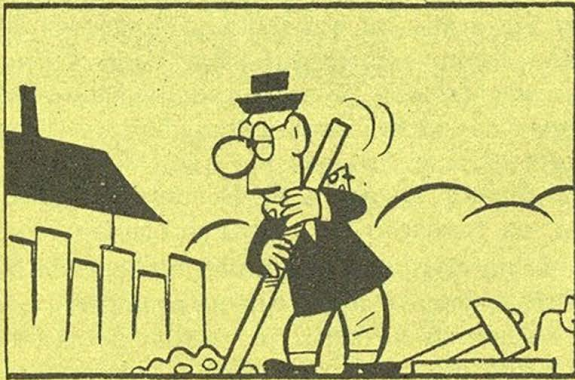
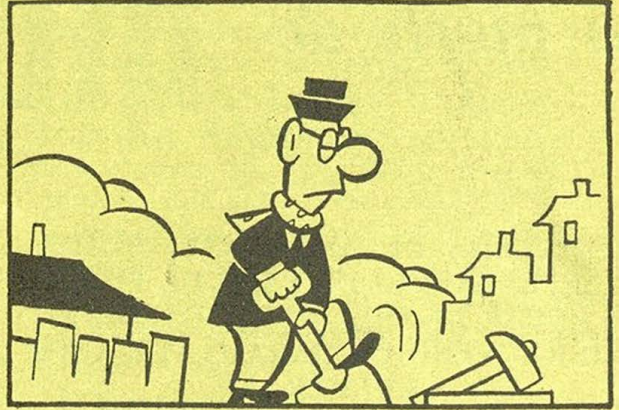
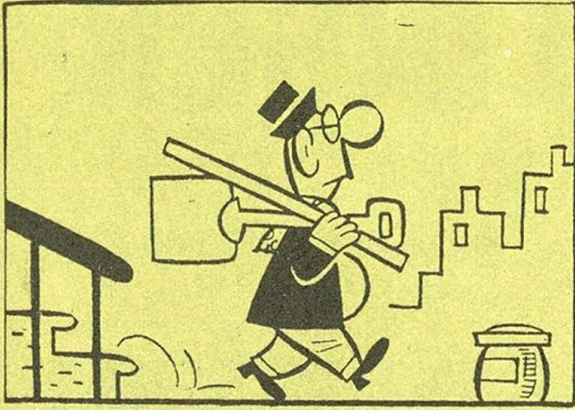
Esta história de cães e esta nomenclatura, são suficientes para nos esclarecer sobre o carácter de Brigitte e sobre a sua adorável simplicidade de mulher que nunca aprendeu a pentear-se.

A VERDADE EM PRIMEIRA MÃO

Brigitte adora por um par de calças, vestir uma camisola qualquer e sair para a rua despreocupadamente. Nunca se importou com aparências nem tentou disfarçar fosse o que fosse. Se não é uma mulher extremamente inteligente, é pelo menos muitíssimo corajosa e que ama a verdade acima de tudo. Quando era pequena, desgostava-se por se pensar feia e ainda hoje à laia de brincadeira (ou a sério) diz que «não compreende como agrada tanto a tanta gente». Mas a verdadinha é que agrada mesmo.

Só ela, faz entrar em França divisas no valor de muitos milhões e daí que possa considerar-se com as modas e os vinhos, o melhor e mais rendoso produto de exportação do seu país.





a morte de DILLINGER

UMA CENA DE AMOR (COM CLARK GABLE) SERVIU DE PANO DE FUNDO À MORTE DE DILLINGER (GANGSTER LÍRICO VENDIDO BARATO POR UMA MULHER...)

Chicago, 1930. Uma cidade interessante povoada de «gangsters» que fizeram história, de homens e de mulheres com um sistema de vida que definiria perfeitamente uma época muito especial numa cidade que o crime parece ter escolhido para capital desde os tempos em que as casas eram feitas em madeira e um hotel com bar de portas de dois batentes giratórios era o centro da vida e dos acontecimentos citadinos.

Terminara o empório dos «gangs» chefiados por italianos e, de certo modo, os encontros em estilo de «vendeta» (que povoavam a cidade de uma permanente música de descargas e enchem a atmosfera de um cheiro áspero a pólvora queimada), eram agora mais espaçados, mais rápidos, melhor resolvidos.

Dillinger era o rei de uma cidade em que os polícias eram considerados gente estranha, uma espécie de forasteiros que se toleravam na cidade apenas para dar um pouco mais de interesse e de emoção aos cometimentos dos seus senhores, ocupando o seu tempo a recolher os «impostos de protecção» ou embalados na magia do «snouker».

Bebia-se álcool do melhor, fumava-se tabaco de La Habana. Noutros tempos, poucos anos atrás, ninguém da igualha de Dillinger teria tolerado semelhante monopólio e ter-se-ia organizado um grupo rival que acabaria por abater o «patrão». Mas os homens do crime, fartos de se balearem mutuamente, davam agora outro valor à tranquilidade e estavam dispostos a deixar andar as coisas precisamente como estavam.

DILLINGER — UM LÍRICO
CONFIANTE

Jack Lait o seu melhor biógrafo, retrata o famoso «gangster» como o tipo clássico e romântico do pistoleiro «far-westino».

Uma solidão implacável abatia-se sobre um homem para quem seria extremamente perigoso confiar em qualquer outra coisa mais que no tiro incrivelmente rápido e certo da sua arma, ou nos reflexos espantosos de um cérebro privilegiado. Era dado a frequentes estados de melancolia e então era capaz de entregar-se à leitura durante horas seguidas. Lait assegura-nos que Dillinger era um amante da poesia de Baudelaire, apesar da sua formação e dos seus princípios.

A um estado de melancolia ninbado de lirismo, seguia-se aquilo que no «gangster» era o reverso da medalha: um estado de excitabilidade que era quase sempre o dealbar de uma das suas surtidas.

E Chicago sentia súbitamente a presença de um homem que era ali um impiedoso tirano.

A desconfiança que era obrigado a manter mesmo entre os seus pistoleiros e associados, desfazia-se no entanto diante de uma mulher que o interessasse. Confiava nelas abertamente, já que era um homem amado, cortejado, um verdadeiro D. Juan de arma no suspensório...

Lógicamente, Dillinger tinha o seu destino marcado e, com um pouco menos de lirismo, teria chegado à conclusão de que talvez não fosse mau de todo (ao menos para a sua segurança), guardar um pouco mais de circunspeção diante das suas amantes. Não o fez e procedeu mal. Porque a última mulher que o interessou foi Ana Sage...

UMA AVENTUREIRA NO MELHOR ESTILO

Quem era esta mulher que — quando viva — podia gabar-se de ter conseguido aquilo que o próprio e orgulhoso FBI falhara sistematicamente durante anos?

...Apenas uma refugiada romena chegada aos Estados Unidos no ano de 1924. Ao contrário do que se poderá pensar depois de se conhecerem os pormenores da sua aventura com John Dillinger, não era bem aquilo a que possa chamar-se uma mulher fascinante. Mas tinha interesse suficiente para interessar o «gangster», mesmo depois de ter estado casada com três homens, ter sido conhecida como mulher fácil e movendo-se em meios extremamente obscuros, com uma experiência que chegava, portanto, para pôr o notável criminoso de sobreaviso.

A forma como Ana Sage (Cumpassi era o seu apelido de origen) aparece à frente de uma luxuosa pensão em que Dillinger instalou o seu quartel-general nos anos de depressão em que era procurado já por todas as autoridades do país, ninguém ou poucos o poderiam explicar. O que é certo é que, ninguém conseguia deitar a mão ao inimigo público, nem sequer aventurar com certa exactidão do seu paradeiro.

Dillinger tomara as suas precauções diante dos perigos que estava habituado a enfrentar, mas esquecera as que se tomam por uma questão de instinto, de previsão sumária.

Por seu lado, Ana Sage, enfrentava igualmente problemas de carácter mais ou menos à margem da lei. A Polícia não se mostrava demasiado satisfeita com a sua conduta e mostrava-se bastante disposta a proceder em conformidade com o necessário para a sua deportação.

UM MISTÉRIO PARA ESCLARECER

Começa aqui o mistério daquilo que determinou a morte de John Dillinger um homem que, entre os seus, era considerado como «um tipo de estirpe» e disfrutou de um prestígio só alcançado por um senhor conhecido pelo sugestivo nome Al Capone.

Três razões podem ter determinado a denúncia que Ana Sage fez à Polícia para que esta surpreendesse John: o ciúme, a ganância, ou o medo.

Se Ana Sage amava Dillinger, então é possível que tenha sido o ciúme que fez com que a Cumpassi deitasse a perder a sorte do seu amante.

O «gangster» era dado a caprichos, tão depressa adorando uma mulher como votando-a ostensivamente a um desprezo cortante.

Por ganância, dado que se oferecia uma confortável recompensa a quem contribuisse decisivamente para a prisão do mais temido criminoso de Chicago. Por medo, finalmente, já que Dillinger costumava desembaraçar-se de quem se lhe tornava pesado de uma maneira singularmente simples. Bastava carregar no gatilho, e tinha o problema resolvido a contento dos seus desejos...

Seja como for, quando a Polícia soube que Ana Sage a poderia pôr na pista do homem que era necessário caçar, ofereceu-lhe não só a regularização da sua estadia nos Estados Unidos, como ainda uma recompensa e uma protecção que chegariam para um cómodo fim de vida.

Ligando o telefone para o inspector Purvis, e dizendo-lhe o nome do cinema onde Dillinger estaria nessa tarde, Ana resolveu uma quantidade de problemas.

CLARK GABLE, JEAN HARLOW E DILLINGER

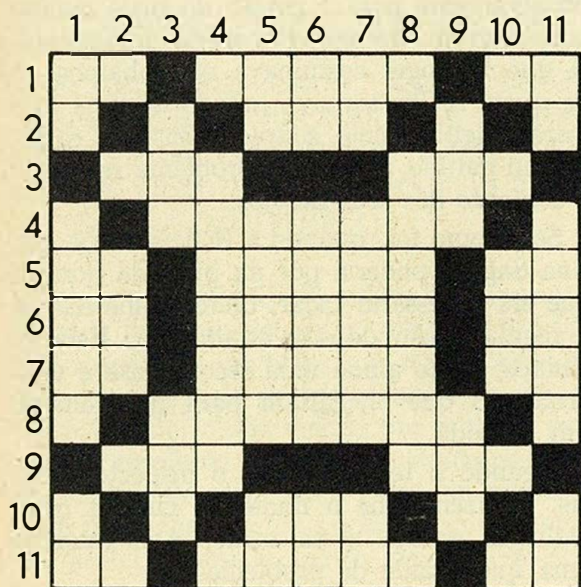
No «Biograph Theatre» de Chicago, exhibia-se nesse dia o filme «Manhattan Melodrame» com Jean Harlow e Clark Gable, dois actores que arrastavam multidões às salas onde eram exibidos os seus filmes. Numa cadeira das últimas filas, estava sentado o «gangster» John Dillinger entre duas belas raparigas que convidara para a ocasião.

Na altura em que Clark Gable dava início a uma cena de amor com a platinada Jean, uma voz chegou aos ouvidos do melancólico delinquente. Chamavam-no pelo nome num sítio em que NINGUÉM PODIA SABER QUEM ELE ERA.

Quando a mão de Dillinger chegou à pistola, já o seu peito estava crivado de balas e o seu corpo rolava entre as cadeiras.

Clark Gable beijava a sua heroína e o dono de Chicago fora vendido por cinco mil dólares — uma soma irrisória que não justificaria dois tiros da sua arma...

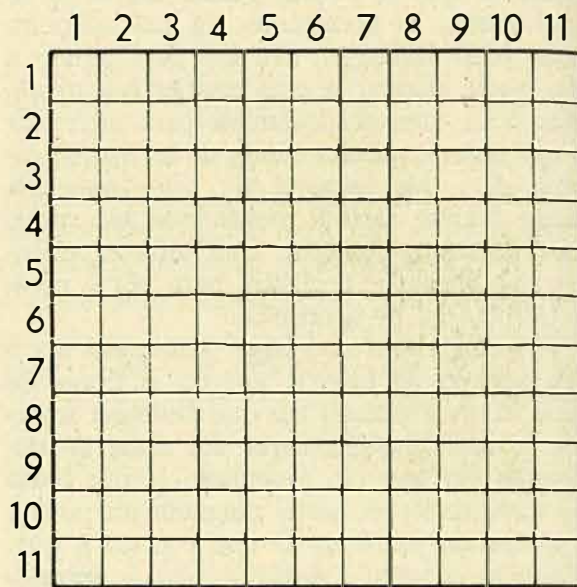
passatempos



PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTALAIS: 1 — Catedral; simples; letra grega. 2 — Suavidade. 3 — Exatamente; gemidos. 4 — Distribuir proporcionalmente. 5 — Também; prevenir; pron. pess. 6 — Medida japonesa de extensão; ancoradouro; galhardia. 7 — Pref. desig. em torno; cederas; saudável. 8 — Proferiras. 9 — Porcos; pron. poss. 10 — Fora. 11 — Certo; alas; letra grega.

VERTICAIS: 1 — Livro de António Nobre; inumanos; mulo. 2 — Instrumento para encurvar as calhas das vias férreas. 3 — Advir; forma do verbo ser. 4 — Demãos. 5 — Preposição; galeria subterrânea; nota mús. 6 — Acusada; esquina; art. ant. 7 — Suf.º desig. aumento; encolerizar-se; cânhamo de Manila. 8 — Tapeçaria afamada. 9 — Diminutivo de nome próp. fem.; coragem. 10 — Dificuldade. 11 — Entrada (ant.); instrumento mus. ant go (pl.); pref. desig. reunião.



PALAVRAS CRUZADAS

(NOVA MODALIDADE)

HORIZONTALAIS: 1 — Gelo (pl.). 2 — Nome próp. masc.; ponto cardeal. 3 — Suf.º desig. agente; a parte detrás duma embarcação. 5 — Bosque; questão. 6 — Torpe; compareço; tília. 7 — Transfira; cuidas. 9 — Pron. pess.; entrega. 10 — O mesmo que âmio; suf.º desig. pequenez. 11 — Severidade.

VERTICAIS: 1 — Mealheiro; norma. 2 — Solta mios. 3 — Aspecto; xarope; paralisia. 4 — Populacho; certa. 5 — Nesse ponto; sochão (pl.). 7 — Existes; lagarta da hortaliça; idem (abrev.). 8 — Claridade; ligue. 9 — Suf.º desig. origem; interj. desig. arreda (pl.); pref. desig. proximidade. 10 — Anéis delgadoísimos. 11 — Amargor; baixio.

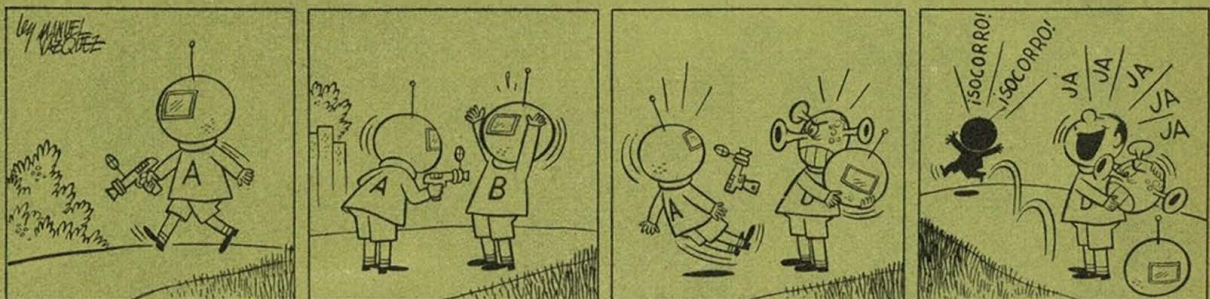
ga	us	ser	são	se	de	não	de
bo	ver	dos	De	que	rres	is	dos
que	afo	mar	e	do	gre	mo	mo
bo	Ver	dos	Por	lha	não	mo	cra
rem	eu	bem	tro	ra	hos	te	res
tam	des	do	-O	na	que	va	na
qui	mor	dar	os	ces	nos	ol	us
ven	res	sera	da	de	bons	dos	dos

SALTO DE CAVALO

Partindo das casas marcadas + e terminando nas marcadas ++, encontraremos duas quadras do poeta Silva Tavares.



O meu marido queixa-se de que eu sou incapaz de guardar um segredo. E no entanto nunca lhe disse a minha verdadeira idade!



soluções dos passatempos

PALAVRAS CRUZADAS

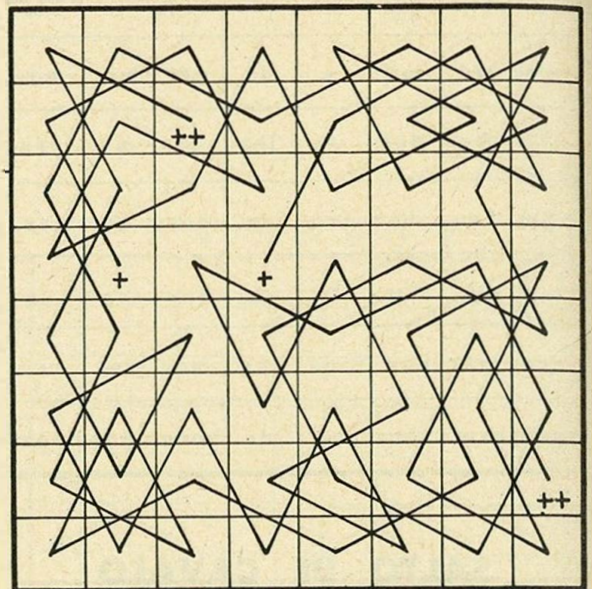
1	S	E		M	E	R	O	S		R	O
2	O		V		M	E	L		B		S
3		S	I	C				A	I	S	
4	F		R	A	T	E	A	R	A		L
5	E	R		M	U	N	I	R		M	I
6	R	I		A	N	G	R	A		A	R
7	A	M		D	E	R	A	S		S	A
8	S		F	A	L	A	R	A	S		S
9		T	O	S				S	U	A	
10	M		R		S	E	M		S		C
11	U	M		F	I	L	A	S		R	O

PALAVRAS CRUZADAS

(NOVA MODALIDADE)

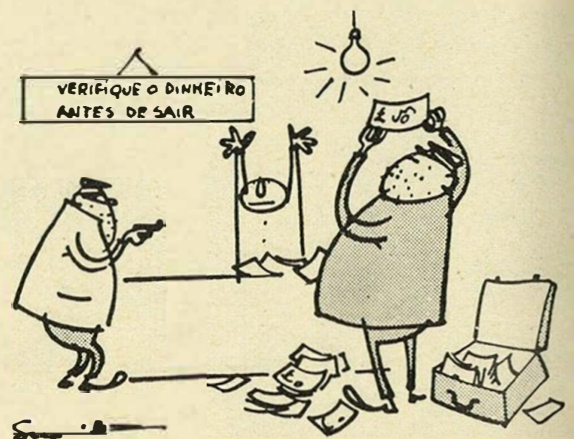
1		C	A	R	A	M	E	L	O	S	
2	C		R	U	I		S	U	L		F
3	O	R		A			Z		R	E	
4	S		C		C		E		U		L
5		M	A	T	A		R	I	X	A	
6	V	I	L		V	O	U		T	I	L
7		A	D	I	E		C	R	E	S	
8	L		A		S		A		S		V
9	E	U		U				U		D	A
10	I		A	M	I		I	N	A		U
11		G	R	A	V	I	D	A	D	E	

SALTO DE CAVALO



Verbo ser e verbo amar são dois segredos de Deus que eu quisera desvendar de olhos cravados nos teus.

Porque não morres de amores, não troces dos namorados: — Olha que os bons nadadores também morrem afogados.



Sem legenda

RICHARD LLEWELLYN

O VALE ERA VERDE



ALMANAQUE

TITULO ORIGINAL
HOW GREEN WAS MY VALLEY

Copyright 1960 by
RICHARD LLEWELLYN



1960

GRUPO DE PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
LISBOA

bolinhas de miolo de pão com os olhos presos na manteigueira. Algumas vezes minha mãe pegara na manteigueira para se servir dela e os olhares dele não se deslocavam do mesmo sitio. Meu pai falava de negócios com o Sr. Parry mas não cessava de o olhar de soslaio.

Como se despertasse de um sonho, de repente o Sr. Gruffydd estremeceu e pigarreou, o que despertou a atenção da assistência. Angharad, que, vinda do quintal, trazia uma rima de pratos, ficou parada um momento e depois, a um sinal inperioso de minha mãe, retirou-se.

— Ianto — pronunciou solenemente o Sr. Gruffydd —, em qualquer outra casa e em qualquer outra ocasião eu não procuraria levantar esta questão. Mas as suas palavras merecem discussão. Por que sou eu um parasita da sociedade?

— Porque o seu trabalho é inútil — respondeu Ianto sem demora.

— Ianto — disse meu pai encolerizado com a mão de minha mãe no braço dele a contê-lo, o Sr. Gruffydd curou Huw.

— Sr. Morgan — retorquiu o Sr. Gruffydd. — Huw curou-se por si próprio. Ianto, por que é o meu trabalho inútil?

— Porque — explodiu Ianto com os olhos a fuzilar — são os senhores mesmos quem se arroga a qualidade de pastores do rebanho e consentem que as suas ovelhas vivam na miséria e na podridão e se abrem a boca é só para dizer que essa é a vontade do Senhor. Sim, os homens são realmente ovelhas. O homem foi feito à imagem de Deus. Deus também é uma ovelha? Então se realmente é assim compreendo porque somos tão supinamente estúpidos.

— Não posso tolerar semelhantes palavras — disse um pregador que ainda não havia pronunciado uma palavra e estava sempre a tossir.

— É verdade — lembrou o Sr. Gruffydd. — Talvez, Ianto, se não importe de ir amanhã a minha casa para trocarmos impressões. Há qualquer coisa nas suas palavras que não é destituída de interesse para mim.

— Sr. Gruffydd — preveniu o pregador que tossia —, parece-lhe compatível a sua dignidade com qualquer conversa que possa ter com esse senhor?

— Ponha-se na rua — gritou Ianto, com os olhos chamejantes, para o pregador — antes que eu agerre em si e na sua dignidade e o atire lá para fora. — Voltando-se para o Sr. Gruffydd: — Estarei em sua casa amanhã de manhã, pelas oito horas.

— Muito bem — respondeu o Sr. Gruffydd. — Que Deus abençoe quantos se encontram nesta casa.

— Amen — respondemos em uníssono.

13

NO dia seguinte, pelas oito horas da manhã, acompanhado de Ianto, desci a colina para continuar as minhas lições na casa da Sr.^a Tom Jenkins.

Havia mais de dois anos que eu não entrava na sala da frente, mas nada estava mudado. Até as cortinas eram as mesmas. Considerei, ao entrar, ser este um grande dia para mim.

Eunice e Eiluned estavam tão crescidas que já podiam usar os vestidos da mãe sem qualquer alteração de comprimento, mas, no propósito de pouparem meias e calçado, ainda andavam descalças por casa. O quadro de ardósia continuava com a mesma fenda ao alto, mais cinzento que nunca, de tal forma que o alfabeto escrito à noite pela Sr.^a Jenkins para os alunos o copiarem de manhã, estava quase imperceptível.

Até o cheiro a toucinho frito, a pão quente, a ervas queimadas para aliviar Tom Jenkins, a livros velhos, a roupa lavada e a ratos era o mesmo.

Aquele cheiro fazia-me lembrar a cabeça vermelha de Tom Jenkins e de todos os seus males, e impressionava-me, tão diferente era do cheiro da nossa casa.

Aquando da entrada da Sr.^a Jenkins rezámos uma oração especial em acção de graças pela minha reentrada na escola sem outro prejuízo que umas pernas mais magras e, como conclusão, entoámos: *Que a Minha Vida Seja Toda uma Acção de Graças.*

Ao começar a lição dei-me conta de que nada havia que a Sr.^a Jenkins me pudesse ensinar que eu não soubesse já.

Durante a minha doença passara o tempo na cama a ler livros ou a ouvi-los ler ou a conversar com o Sr. Gruffydd horas e horas.

A Sr.^a Jenkins perguntou-me os nomes dos reis de Canuto em diante e eu podia mencionar os que centenas de anos antes, os nomes dos reis bretões, que reinaram antes que Roma nos combatesse. Tudo quanto me perguntou acerca de mares, continentes, ilhas, rios, cidades eu sabia.

Despeitada bandonou o ponteiro e disse-me:

— Tenho de falar com o teu pai, Huw. Estás a perder o teu tempo aqui comigo. Só nas contas é que não estás forte, mas isso posso praticar contigo depois do chá, à noite. Vai jantar e não venhas depois.

Tal observação deu origem a que quando eu subia a colina acompanhado dos meus condiscípulos, rapazes e raparigas, eles me olhassem como um ente superior.

Quando cheguei a casa encontrei Ianto com ar abstracto a olhar vagamente; Angharad descascava batatas e Owen, no barracão, limava qualquer peça e a mãe estava toda arrepiada com o ruído da lima sobre o ferro. Ao entrar, Angharad piscou-me um olho, dando-me a entender que qualquer coisa anormal se passava ou iria acontecer.

Dirigi-me para junto de Owen.

— Oh! — disse ele. — És tu?

— Sim, sou eu. Queres alguma ajuda?

— Lima-me aí a cabeça desse parafuso. Estás disposto?

— Dá cá a lima.

Owen ajustava umas peças, para a montagem definitiva, todas brilhantes, com ar de coisas acabadas, prometendo um belo conjunto.

— Que é isso que estás a fazer, Owen?

— Uma máquina para transporte de pessoas. Mas não digas a alguém.

— Não, descansa. Sabes o que preocupa Ianto, que está lá dentro a olhar para o vago?

— Está farto de aturar gente doida. Por que vieste tão cedo para casa?

Contei-lhe o que se passava com a Sr.^a Tom Jenkins e ele achou graça.

— Ótimo. Devias ir para uma escola boa. De resto, acho que é indispensável. Os homens nada aprendem com as mulheres.

— A Sr.^a Jenkins ensinou-me muitas coisas.

— Ela nada te ensinou. Transmitiu-te informações: números e nomes. Mas tens uma boa memória e aproveitaste. Quando começares a estudar a sério eu te ajudarei.

Quando fomos jantar contei a minha mãe o que se passava com a Sr.^a Jenkins. Tão surpreendida ficou que suspendeu o que estava a fazer ficando com a colher com que tirava a sopa parada em cima do prato.

— O quê? — exclamou, com os olhos espantados. — Mais complicações. Uma escola para Huw? E onde a vamos arranjar?

— Umã escola profissional — lembrou Davy.

— Ou um internato — propôs Owen.

— Os conhecimentos que adquirirá num internato serão olhar superiormente a família.

— O pai é que terá de resolver — disse minha mãe. — Talvez o Sr. Gruffydd o ajude a tomar qualquer resolução.

— Talvez — replicou Davy — a nossa família consiga um dia libertar-se da protecção do Sr. Gruffydd. Mas não por enquanto... talvez um dia.

— Vê se começa a comer — disse minha mãe apontando o prato de Davy. — Se temos pessoas que nos estimem, uma delas é o Sr. Gruffydd. Não admito que nesta casa seja quem for diga qualquer coisa em seu desabono.

— Ele é uma excelente pessoa — admitiu Ianto —, mas eu gostaria que ele não pertencesse à capela.

— Deu-te hoje um raspanete, creio? — perguntou Davy.

— Não — respondeu Ianto. — Eu é que descobri quanto sou ignorante.

— Sobre que assunto? — inquiriu Owen.

— A respeito da Humanidade — respondeu Ianto —, da maneira como vivemos e nos damos uns com os outros.

— Oh! — exclamou Davy. — Gostaria de ter assistido. Que pensa a esse respeito o Sr. Gruffydd?

— O Sermão da Montanha — retorquiu Ianto. — A última interpretação, pregado com voz tonitruante e com os punhos no ar.

— Quando começou? — perguntou Davy. — Se continuar, lá me terá para o ouvir.

— Começou comigo como auditório às oito da manhã de hoje — redarguiu Ianto —, e tê-lo-ei à perna outra vez no sábado à tarde.

— Ficaste vencido? — perguntou Davy com ironia.

— Sim — respondeu Ianto. — Estivemos de acordo com tudo; apenas discordámos na maneira de proceder. Eu sou de opinião de que é indispensável agir desde já. Ele acha que se deve esperar. O momento oportuno ainda não chegou.

— A verdade é que essas palavras para mim não são novas — disse Owen. — Por que devemos esperar? Por qualquer sinal? Perguntaste-lhe?

— Não — respondeu Ianto. — Eu prestei atenção e nada ouvi a tal respeito. Mas fiquei com interesse em também fazer parte da capela.

— Esqueces-te, Ianto — atalhou minha mãe, e ficámos todos com os olhos fixos nela —, de que desde o teu nascimento fazes parte da capela.

— Mas eu queria referir-me a ser ministro, minha mãe — redarguiu Ianto, que se levantou da mesa, pediu desculpa e saiu.

— Abençoado seja Deus! — murmurou minha mãe e ainda se ouvia o ruído dos seus passos nas pedras da estrada. — Como é consolador ouvir tais palavras.

— Seria mais consolador se houvesse sensatez no seu procedimento futuro — disse Davy pondo de lado a faca e o garfo apesar de não ter acabado de jantar.

— Há muito trabalho a fazer fora da capela — disse Owen, e parou também de comer.

— Se Ianto julga que a sua acção pode ser eficiente na capela tentá-lo-ei e ajudá-lo-ei com toda a minha boa vontade. Temos necessidade de mais pessoas como o Sr. Gruffydd.

— Sr. Gruffydd, Sr. Gruffydd, sempre este nome — volveu Davy levantando-se e empurrando a cadeira. — Estou cansado de ouvir este nome. Há por esse vale fora homens descalços e que passam fome. Há crianças sem abrigo e mães com a energia esgotada. Que lhes pode dar o Sr. Gruffydd? O sermão da montanha? Os santos desígnios de Deus?

— Tem moderação nessa língua, Davy — aconselhou minha mãe. — O Sr. Gruffydd fez mais por eles do que vocês todos. Se não queres comer mais sai daqui.

— Lamento não levar o seu pudim até ao fim, minha mãe — disse Owen fazendo causa comum com Davy.

— Agora só me falta também ouvir umas palavras tuas — disse-me minha mãe.

— Di-las-ei depois do jantar, mãezinha — retorqui eu.

— Sim? Mas eu aviso-te já: à primeira inconveniência levavas logo duas bofetadas. Pensa bem.

— Minha mãe — interveio Angharad —, a Sr.^a Beynon vai ter um bebé no barracão velho ao pé da fundição.

— Que bebé? — inquiriu minha mãe.

— Ela estava grávida quando a expulsaram de casa — esclareceu Angharad regando as batatas com molho.

— Ilem? — perguntou minha mãe. — Como sabes disso?

— Acabo agora mesmo de saber pela Tegwen — disse Angharad comendo apressadamente. — Dei-lhe um lençol para fazer paños e os dois cobertores encarnados velhos.

Minha mãe largou a colher e, com os lábios cerrados e os olhos fitos na minha irmã, observou-lhe:

— E quem te deu autorização — disse ela pausadamente — de dar esse lençol e os dois bons cobertores?

— Elas estavam desprévenidas de tudo, minha mãe — disse Angharad sem qualquer sinal de temor. — O senhorio pô-la na rua sem um fio e a criança deve nascer hoje. Só há palha no barracão. E as outras sete crianças...

— Calda agora — interrompeu minha mãe. — Já sei o suficiente. Vou dar um jeito nisso. Mas nunca mais faças dessas sem o meu conhecimento. A dona da casa ainda sou eu.

— Sim, minha mãe — disse Angharad, e piscou um olho para mim, a que eu corripondi.

— Creio — disse minha mãe tão abstracta como se o seu pensamento andasse longe — que o lençol e os cobertores não foram acompanhados de outras coisas. Ou terás levado a tua generosidade a esse ponto?

— Bom... minha mãe — hesitou Angharad corando, o que lhe valeu ficar mais bonita — dei-lhe também umas panelas velhas que estavam já fora de uso.

— E que mais? — disse minha mãe. — Panelas velhas...

— ...E umas roupas velhas dos rapazes — contou Angharad — e também do pai...

— ...E algumas minhas também naturalmente — murmurou minha mãe.

— Sim, minha mãe — continuou Angharad — e ainda algumas minhas. Ah!, e também a minha capa...

— A tua melhor capa, se calhar — interrompeu minha mãe com o mesmo tom e traços rígidos na fisionomia.

— Sim, minha mãe — respondeu Angharad. — Eu também só a usava aos domingos e o Inverno já passou. No barracão faz muito frio e o telhado está esburacado. Apenas têm a palha a cobrir o chão.

— Olha bem por toda a casa — disse minha mãe já com a voz costumada — porque me parece que há muitas coisas que não mandaste para a Sr.^a Beynon. Mas talvez a omissão se remedeie se mandares vir uma carroça. Que te parece?

— Oh, minha mãe — balbuciou Angharad — e os seus olhos, habitualmente grandes, pareciam agora maiores banhados pelas lágrimas —, a pobre Beynon só tinha um vestido. Nem mais um fio. E almoço para esta manhã, nada. Estava tão pálida.

— Angharad, minha filha — disse minha mãe dirigindo-se-lhe de braços abertos, pois havia afastado o seu jantar durante esta conversa —, não digas mais nada. Eu irritei-me porque não pediste a minha opinião. Para a outra vez consulta-me. Compreendeste?

— Sim, minha mãe — respondeu Angharad e pediu-me o lenço. — Que faremos pela criança?

— Vai a casa de Bron e pede-lhe algumas coisitas que já não sirvam ao Gareth. Vou preparar alguma coisa de comida. Huw, vai também aí pelas vizinhas com um cesto e pede algumas sobras de comida.

— Sim, minha mãe — respondi.

É inacreditável o que se conseguiu arranjar. Roupas interiores e vestuário exterior teriam suprido as necessidades de um turno de mineiros. A comida chegaria para todos os habitantes da Vila. Os trastes de casa mobilariam duas habitações. Tudo ali estava e abundavam os oferecimentos de préstimos para levar todas as ofertas para o barracão.

Fui lá com o primeiro cesto de comida e de facto era um lugar miserável. A Sr.^a Beynon estava deitada numa cama miserável sobre um dos nossos velhos cobertores e tapada com o outro para impedir que a água que caía do tecto a trespassasse. Num velho balde fervia a água em cima do fogo que Evan Beynon conseguira partindo uma tábua aos bocados. Peças de ferro enferrujadas amontoavam-se a um canto misturadas com molhos de palha. Havia no chão charcos de água e o ambiente era frio e húmido. As três crianças mais novas dormiam aos pés da Sr.^a Beynon e duas outras um pouco maiores, mas ainda muito pequenas, brincavam com pedras na janela. Tegwen e um outro irmão metiam palha em sacos para se deitarem sobre eles.

— Olá, Huw — respondeu a pequena a modos que envergonhada. — Estamos a tinha porta.

— Olá, Huw — respondeu a pequena a modos que envergonhada. — Estamos a meter palha nos sacos. Quando, ao dormir, nos viramos, a palha foge debaixo de nós — acrescentou ela pretendendo levar o caso para a brincadeira. — É verdade — afirmei eu como se estivesse acostumado a dormir sobre sacos de palha. — Trago-vos aqui uma torta.

— Muito obrigada — respondeu ela. — A minha mãe vai ficar deliciada quando a comer.

— Olha, também te trago chá.

— Chá?! Abençoado seja Deus. Vou pô-lo já na chaleira.

— Como está a tua mãe? — perguntei-lhe, pois que a ouvia gemer, via-lhe a espuma da boca, o rosto tumefacto e o suor a empastar-lhe os cabelos na testa, donde deduzia que ela estava a sentir fortíssimas dores.

— A minha mãe melhorará quando chegar a Sr.^a Price, que não deve tardar — disse Tegwen entretida a avivar o fogo.

— Mas que tem a Sr.^a Price a ver com a doença da tua mãe?

— É que então teremos o bebé à vista, rapazinho — disse Tegwen a rir. — Foi precisamente para isso que a tua irmã me deu o lençol.

— Mas é a Sr.^a Price quem traz o bebé? — perguntei, com a surpresa no rosto. Tegwen, sentou-se, riu alto e pôs uma mão na boca ao mesmo tempo que olhava para a mãe.

— Como és anjinho, meu pequeno — sussurrou ela com os olhos a brilhar. — A minha mãe é quem traz o bebé, mas a Sr.^a Price é a pessoa indicada para o fazer vir cá para fora. Dá-me as xícaras depressa, por favor.

Eu teria repugnância de beber pelas únicas xícaras que encontrei mas a Sr.^a Beynon tomou o chá por uma delas, embora dando-me a impressão de que não sabia onde se encontrava ou o que bebia.

— Onde está então a criança? — perguntei a Tegwen, pois que não via o bebé em parte alguma.

— Morde aqui, meu menino — disse Tegwen mostrando o dedo. — Então queres vencer-me de que nada sabes a respeito de bebés? — E olhou para mim duma forma que queria indicar que estava cheia de dúvidas acerca da minha sinceridade.

— Não sei, não. Houve bebês lá em casa e na de Bron, mas eu supunha que era o Dr. Richards quem os trazia dentro da maleta.

— Quem te meteu essa na cabeça?

— Minha mãe e Bron.

— Enfiaram-te o barrete.

— Por que dizes isso? Tu tens só doze anos e precisas ainda de alguns anos de escola.

— Larachas. Espera e verás.

— Que queres tu dizer com isso?

— Quando a Sr.^a Price chegar vais ver que nos manda afastar daqui, mas nós damos a volta pelas traseiras e espreitamos por aquele buraco, aquele que está lá em cima.

Segui a direcção do seu dedo e vi um pedaço de madeira podre que estava pendurado.

— Pois sim — disse eu.

Pouco depois começaram a chegar as dádivas e as mulheres manifestavam-se com ohs de admiração ao ver aquele tugúrio e apressavam-se a tirar as capas para ajudarem a limpar a choupana arrumando o ferro e arrancando as ervas do solo. Depois também apareceram homens que também começaram a prestar serviços; armaram lonas nos lugares mais castigados pela chuva, taparam os buracos das janelas com tábuas e fizeram uma porta. A verdade é que num abrir e fechar de olhos o barracão ficou arrumado e com um relativo conforto de forma que pensei que naquelas condições eu mesmo poderia ali viver. Quando o Sr. Beynon entrou, ao ver o que se havia feito, ficou tão impressionado que saiu a chorar. A seguir chegou a Sr.^a Price com uma trouxa e uma elegante maleta de lona.

— Agora — disse ela assim que transpôs a porta — os dois meninos saiam daqui.

— Vem comigo — sussurrou Tegwen ao meu ouvido; saímos, subimos os degraus que levavam às oficinas e atingimos o telhado, onde os morcegos se apinhavam e voaram ao ver-se surpreendidos.

Aproximámo-nos do buraco e espreitámos.

As crianças mais pequenas estavam agora deitadas ao lado e uma mulher despia-as. A Sr.^a Beynon chorava em tom alto como uma criança que tivesse caído e ficasse maltratada. Afastava o cobertor com os pés e o seu rosto continuava tumefacto.

— Pobre mãe — disse Tegwen baixinho. — É sempre o mesmo sofrimento todas as vezes que tem um bebê.

Tive vontade de perguntar a razão do sofrimento, mas acanhei-me. Sentia que alguma coisa havia de feio e de repugnante no que presenciava mas não saberia dizer porquê. A Sr.^a Beynon era uma mulher gorda e avantajada, sempre muito bem disposta, por isso custava a acreditar vê-la naquele estado. Comecei a sentir-me incomodado e com a respiração opressa.

Vinha também até nós um cheiro estranho: Algumas vezes o sentira próximo de casas onde tinha nascido uma criança. É um cheiro intenso, no qual parece conterem-se os mistérios do sangue e do leite.

A Sr.^a Price trouxe o balde de água quente para o pé da parturiente. A outra mulher, depois de ter deitado as crianças, viera colocar-se junto da cabeceira da Sr.^a Beynon. A Sr.^a Price afastou o cobertor e logo a doente começou a gritar; nesse momento a Sr.^a Penry tomou-lhe as mãos e dirigiu-lhas para a barra de madeira da cabeceira da cama. As crianças acordaram e puseram-se a chorar mas as duas mulheres não se incomodaram com isso. As pernas da Sr.^a Beynon agitavam-se, os dedos dos pés moviam-se e os calcanhares batiam na cama. Da sua boca escancarada saíam gritos e com os olhos esbugalhados era horrível de ver-se de cima de onde eu a contemplava.

As Sr.^{as} Price e Penry acompanhavam-na em quaisquer movimentos de que eu me não apercebia pois apenas lhes via as costas, dobradas como estavam, e os morcegos,

desassossegados pela nossa presença, pelo choro e pelos gritos, arremetiam contra nós como se nos julgassem a causa da quebra da sua tranquilidade.

— Já está — disse Tegwen junto do meu ouvido puxando-me para si para eu ficar mais perto do buraco. — Vê! Já lá está o bebé.

Na obscuridade eu apenas consegui ver uma coisa avermelhada, roupas manchadas de sangue nas mãos da S.^a Price e agora os sossegados dedos dos pés da Sr.^a Beynon. Voltei-me com desgosto e envergonhado pois que compreendi que tinha permanecido num lugar impróprio de pessoas sentadas.

— Vou-me embora — disse eu.

— Espera — respondeu-me Tegwen. — Ainda tens muita coisa para ver.

— Vou-me embora — repeti —, e é já — e arrastei-me direito à escada.

— Mas já vais esclarecido? — perguntou Tegwen com ar trocista.

— Sim — respondi, aborrecido, olhando para os degraus.

— Agora vê lá, não vás contar o que viste. Se contas temos sarilho.

— Está bem, adeus — rematei eu, e atravessei o terrado em frente do barracão o mais apressadamente que me foi possível. Uma louca alegria me tomou ao encontrar-me fora daquele pesadelo, e ao sentir-me arrepiar fui de opinião que eu merecia mais do que um arrepio de frio. Como castigo deveria lançar-me para dentro de um poço da mina ou para debaixo de um carro, tão digno de castigo me julgava.

Mas nada disso fiz. Limitei-me a correr para casa de Bron e sentar-me na cadeira habitual. Bron borrifava a roupa branca, cuspiam no ferro e passava-a carregando muito no ferro para dar brilho em algumas peças de roupa, encanudando os folhos de outras.

— Então — começou ela —, como passa esta noite o Grande-Homem?

— Acabo de assistir ao nascimento do bebé da Sr.^a Beynon.

Como se não tivesse ouvido a minha resposta, Bronwen continuou na sua tarefa, mas a sua cara estava mais vermelha agora e as pálpebras estremeciam como que incomodadas pelo calor do ferro.

— Como foi que isso aconteceu? — perguntou-me então mais serena e olhando com demasiada atenção para a roupa que passava a ferro.

— Subi ao telhado e vi tudo por um buraco do tecto.

— E agora, estás contente? — continuou Bronwen fitando-me.

— É verdade, Bron? — perguntei-lhe esperando uma negativa sua.

— Se viste, por que duvidas?

— Haverá algum inconveniente por eu ter conhecimento disso?

— O único inconveniente é o de ficares a pensar nisso. Quem vai aonde não deve ir arranjar sempre complicações. O mesmo acontece aos que metem o bedelho onde não são chamados.

— Ficaste aborrecida comigo, Bron?

— Aborrecida, não. Apenas admirada. Pensava que tinhas o germe de pessoa digna. Mas as pessoas dignas nunca cometem inconveniências. Ou se alguma vez prevaricam conservam consigo os segredos que violam.

— Já me fizeste arrepender de ter dado com a língua nos dentes. Mas precisava de desabafar com alguém. Foi uma coisa terrível, Bron.

— Pronto, acabou-se. Agora caluda. Vai comer. Estás com fome?

— Estou, estou.

— Então põe a mesa. Estava precisamente a pensar em ir lá acima a tua casa buscar um prato com comida.

Mas depois vim a saber que ela fora a nossa casa para contar a minha mãe o que eu tinha feito.

É uma impressão estranha a que se apodera de nós quando sabemos que dentro em breve se vão manifestar as consequências de uma complicação provocada por nós. É como se por um buraco aberto no nosso corpo entrassem à vontade todos os receios não para nos causar dores, mas desconfortos.

— A mãe quer falar contigo — disse Bron quando voltou sem o prato da comida.

— Foste contar-lhe tudo.

— Fui, sim. A tua mãe ficou a saber. Devias ter-lhe ido contar primeiro a ela do que a mim.

— Nunca pensei que fosses fazer queixa de mim. Eu nunca procederia assim para contigo.

— Vai indo, meu rapaz — disse Bron, com um misto de sorriso e careta. — Não fiz queixa de ti. Essa tua cabeça trabalha muito e eu não tenho capacidade para te elucidar. Esclarecimentos dessa natureza competem à tua mãe. Come alguma coisa e segue para casa..

— Não. Se há algum sarilho parece-me ser melhor seguir agora mesmo.

E dito isto saí sem lhe dar as boas-noites e dirigi-me directamente para casa, onde encontrei minha mãe na cozinha, sôzinha, a coser meias.

— Olá! — disse minha mãe preocupada nesse momento a puxar um fio.

— Cá estou, minha mãe.

Quando olhou para mim com a agulha, que brilhava, na mão erguida os seus olhos cinzentos tinham um fulgor insólito. Nada neles havia que me metesse medo mas eu tremia. No silêncio que reinava em casa apenas se distinguia o tique-taque do relógio e por vezes o fogo lançando centelhas.

— Tive conhecimento de que tinhas ido a qualquer parte.

— Fui sim, minha mãe.

— E que tinhas visto alguma coisa de estranho.

— Vi, sim, minha mãe.

— Porquê? — e a sua voz parecia de gelo.

Há perguntas a que se não pode responder, por isso limitei-me a olhar para as suas chinelas.

— Sentes-te bem? — inquiriu minha mãe com a voz um pouco trémula, o que aumentou o meu mal-estar.

— Sim, minha mãe.

— O teu pai dir-te-á qualquer coisa. Agora vai deitar-te.

— Sim, minha mãe — concluí eu, e ela aproximou do meu o seu rosto para que a beijasse. Fui deitar-me, no quarto das traseiras, satisfeito por encontrar-me no escuro. Não posso calcular quanto tempo dormi quando acordei e vi meu pai com o candeeiro na mão junto de mim.

— Lamento ter de acordar-te, meu rapaz — disse-me. — Informaram-me de que esta noite se passou alguma coisa para a qual não estavas preparado.

— Sim, meu pai. Quer que tire a camisa?

— Não. Deixa-te estar como estás — disse meu pai, e esboçou um sorriso. — Não vou bater-te. Só pretendo conversar. Estás bem acordado e consciente?

— Estou sim, meu pai.

— Muito bem. Então está atento. Esquece o que observaste. Que isso não ocupe o teu pensamento. Não são coisas que te digam respeito. Mas que isso te sirva de experiência. Agora pelo menos já sabes o que as mulheres sofrem com a vinda de novos seres ao mundo. Lembra-te disso apenas como motivo de respeito para com tua mãe e todas as mulheres.

— Sim, paizinho.

— Outra coisa ainda. Nenhum homem tem motivos para ter orgulho, falta de bondade ou para se julgar esperto em relação a outro qualquer. Todos nasceram iguais e da mesma maneira. Os sapateiros e os reis, os alfaiates ou capitães da indústria. Que a recordação disto que te digo seja a base das tuas relações com quaisquer homens

ou mulheres com quem contactes. E sobretudo nunca te esqueças de ter o máximo respeito e preocupação com tua mãe.

— Sim, paizinho.

— Fica com Deus, meu filho. Dorme tranquilo.

— Obrigado, meu pai.

E foi o que fiz.

O caso dos perús brancos, porque foi o começo da guerra do velho Elias, o lojista, contra a nossa família, e precisamente aconteceu quando o Sr. Gruffydd iniciou as reuniões evangélicas, está gravado em caracteres inesquecíveis no meu espírito.

Na capoeira das traseiras da nossa casa criávamos belos galináceos. De diversas cores, boas poedeiras, que a irmã de meu pai nos tinha dado. Que rica vida a das galinhas! Duas vezes por dia a sua ração de milho, todo o dia bicando no chão à procura do que gostam e de manhã a cacarejar chamando a nossa atenção para que lhes vão buscar os ovos. Vida sem complicações. Só o que lhes interessa as preocupa e por vezes dão-se ares de janotas e elegantes.

Pouco mais ou menos no mês de Junho de cada ano o irmão de minha mãe mandava-nos perus pequeninos que criávamos para o Natal. Naquele ano o tio Maldwym surpreendeu-nos com a remessa de exemplares de uma nova espécie, em vez dos habituais, brancos, com lindas caudas em leque, pernas de um amarelo-claro e cristas vermelhas muito brilhantes. Eram animais cuja espécie era de nós desconhecida.

Todos os habitantes da aldeia vieram ver os animais e o quintal parecia uma feira. Durante alguns dias quinteiros dos arredores subiram a colina para se certificarem com os seus próprios olhos da veracidade do que lhes contavam. Acostumados como estávamos à frequência de gente, qualquer pessoa podia entrar e contemplá-los o tempo que quisesse retirando-se quando lhe aprouvesse.

Esta liberdade de acção ocasionou que uma noite os perus tivessem desaparecido.

Anteriormente não teria isso sido possível porque as galinhas teriam feito um banzé dos diabos à aproximação de estranhos. Depois de uma frequência tão numerosa de povo as galinhas consideraram o caso normal e não deram sinal de si.

Foi Angharad quem deu pelo desaparecimento, de manhã, ao ir buscar os ovos para o almoço. Entrou em casa a correr, com o rosto vermelho e os olhos esbugalhados; ficou parada, apoiada na porta olhando para meu pai, que apertava o cinto que segurava as calças.

— Paizinho — gaguejou ela —, os perus desapareceram.

— Desapareceram? — perguntou meu pai. — Mas como?

— Arrombaram a porta e há penas espalhadas pelo chão.

— Bem, bem — respondeu meu pai —, vamos almoçar primeiro. Depois trataremos disso.

— Vamos participar à polícia? — perguntou Davy.

Participar à polícia? — repetiu meu pai. — Não, não participarei. Enquanto tiver possibilidades físicas farei eu a minha própria polícia.

O almoço decorreu em silêncio, pois meu pai estava com uma cara tão severa que eu preferiria ver à minha frente uma esquadra inteira de polícia que fitá-lo com aquele ar.

Assim, respirei de alívio quando Ivor o chamou para o turno da manhã. Lá fora clareava e eu saí com os meus irmãos e dirigimo-nos à capoeira.

De diferente apenas a porta do galinheiro quebrada e penas brancas dos perus

pelo chão. Ficámo-nos por ali, de mãos nas algibeiras, olhando para a montanha e vendo os faisões.

— Quem os poderia ter roubado? — perguntou Davy. — Está claro que ninguém da colina. Temos de ir de granja em granja, no vale.

Enquanto os meus irmãos se dispunham a tão longa caminhada eu desci a colina como um homem que passou o seu estabelecimento e tem as horas todas suas. O que eu tinha a fazer era saudar as crianças da minha idade que iam para a escola e passar o tempo de qualquer maneira até à hora do jantar.

Comprei uns rebuçados na loja de Tossall e sentei-me depois na ponte para observar a passagem de Ellis, o carteiro, com a correspondência. As águas do rio corriam lentamente e era-me possível ver as trutas pequenas no fundo, perto dos rochedos. A fim de ver se conseguia apanhar algumas, desci ao baixio. Junto do jardim do Dr. Richard via-se o jardim da parte traseira da casa de Tossall e do outro lado do rio via-se a taberna Os Três Sinos, contígua à loja de Elias.

Eu observava os homens que transportavam a água suja de Os Três Sinos e também o velho Elias; agora via-o a carregar os seus próprios baldes da porta traseira da sua casa para a esquina. Do pequeno beco que dava para a margem do rio; ia e vinha fechando a porta com bastante ruído porque era velha e arrastava pelo chão.

Aquilo que via era estranho porque os homens diziam muitas vezes que o velho Elias nunca pegava num balde e arranjava sempre complicações quando eles os iam buscar. Estava a perguntar a mim mesmo a razão daquele facto anormal quando notei que os homens faziam troça do velho Elias pela mesma razão.

As pequenas trutas estavam quase mortas e fiquei triste por ter de deixá-las morrer em paz se paz poderia haver naquela água suja entre as rochas emporcalhadas. Subi então novamente à ponte e atravessei-a para a outra margem, passei pelos Três Sinos e dirigi-me para o beco no fundo do qual se via a porta traseira da casa do velho Elias.

No pavimento do beco vi duas peninhas brancas que poderiam ser provenientes de uma galinha. Mas quem conhece as duas espécies de galináceos sabe que as penas das galinhas e dos perus não são iguais.

Aquela penazinha branca havia pertencido a um peru branco e provinha da parte inferior do leque da cauda.

Se as minhas pernas não estivessem tão fracas talvez saltasse o muro do quintal embora ele fosse bastante alto. Assim, reconhecendo a impossibilidade em que estava de o fazer voltei para trás e dirigi-me à loja do velho Elias.

A loja era bastante espaçosa e tinha uma montra de cada lado da porta, que era dupla e ao abrir-se fazia soar uma série de campainhas. Nas montras viam-se em monte roupas de homem e criança, calçado, roupas interiores, sabão, bibes, fatos de mulher, chapéus, couves, presunto, picaretas, pás, alimentação para animais de capoeira, cartões de pentes, atacadores de sapatos e molduras penduradas há anos.

Quando entrei fiz soar as campainhas por cima da minha cabeça e o velho Elias apareceu vindo do interior da loja. Era alto, muito magro e cúrvado; tinha barba à volta de toda a cara mas não usava bigode; como usava gordura no cabelo, este permanecia mais negro do que a barba. Os seus olhos tinham uma cor indefinida, nem azuis nem cinzentos e ficavam de lado quando o seu proprietário falava com alguém.

Usava um casaco no fio e umas calças estreitas presas por cima das botas. Numa destas via-se uma pequena tomba redonda muito bem posta no sítio a que correspondia a unha do dedo grande do pé, a qual abrira o buraco na biqueira. As suas mãos eram vermelhas com laivos arrochados e tinha as unhas compridas aparadas a canivete, fazendo lembrar garras, com uma orla negra.

— Que deseja? — disse ele com um olhar distante.

— Um *peny* de alcaçuz, Sr. Elias, por favor.

— Vi-o há pouco perto da ponte a chupar rebuçados. Comprou-os na casa do Tossall?

— Sim, senhor, comprei.

— E agora quer chupar alcaçuz? — perguntou-me com o mesmo olhar distante, ainda sem olhar para mim.

— Sim, senhor.

— Mas antes preciso de conversar com o seu pai. Esse burburinho que se produziu à sua volta subiu-lhe à cabeça. Dois *pence* logo de manhã gastos em porcarias para chupar é demasiado. Ponha-se na rua.

— Está bem. Mas vai vender-me antes um *peny* de alcaçuz, não vai?

— Não — respondeu com voz grossa e batendo com o punho fechado sobre o balcão. — Ponha-se daqui para fora, seu garoto.

— Muito agradecido, Sr. Elias — disse eu e sai.

Subi ligeiro a colina para dar a novidade a minha mãe que, quando entrei em casa, temperava um bocado de carneiro, enchendo a casa de um agradável cheiro a tominho.

— Mãezinha, já sei quem roubou os nossos perus.

— Oh! — exclamou ela. — Onde estão?

— No quintal do velho Elias.

— Ora essa! — disse ela. — Que bicho te mordeu, rapaz?

Tirei as duas penas do bolso.

Achei isto no beco atrás da casa dele, e são penas da cauda de um dos perus, mãezinha.

— Foram levadas pelo vento — disse ela olhando para as penas.

— Vi também um bocado de caca de peru no salto da bota dele.

— E como viste isso?

— Porque entrei na loja.

— Para quê.

— Para comprar alcaçuz.

— Com que dinheiro? E onde o arranjaste? — perguntou minha mãe voltando a interessar-se pelo pedaço de carneiro.

— Foi o Ianto quem mo deu.

— E compraste o alcaçuz — quis saber minha mãe e ao mesmo tempo picava salsa.

— Não senhor. O velho Elias não mo quis vender. Disse que era demasiado dinheiro gasto a comprar porcarias.

— Disse muito bem. Vai pôr a moeda na caixa.

Subi a uma cadeira e pus o dinheiro na lata, mas de má vontade.

— Põe as penas na jarra para que teu pai as veja quando entrar. Agora vai para o barracão e limpa a porcária que o Owen lá deixou com as ferramentas e as rodas. Hei-de também recomendar ao Ianto o emprego que deve dar ao seu dinheiro. Vai-te embora, vai fazer o que te disse. Também me interessa saber desde quando é que o velho Elias começou a incutir a ideia da economia no espírito dos outros.

Os meus irmãos regressaram isoladamente sem terem conseguido qualquer indício sobre o paradeiro dos perús. Eu não pronunciei palavra. Quando meu pai entrou, disposto a tomar banho, estava eu no barracão acompanhado de Owen. Pouco depois minha mãe chamou-nos para cear.

— Depois de comer vamos dar uma passeata — disse meu pai com uma inflexão particular e uma expressão especial no rosto.

— Pois sim, paizinho — respondi.

— Também seremos precisos, pai? — perguntou-lhe Davy.

— Talvez... sim, todos os que quiserem ir.

— Aonde vamos? — perguntou Ianto.

— A loja do Elias — respondeu meu pai duma maneira que nos obrigou a suspender toda a conversa.

— Sobre que assunto vai o pai falar com o velho... — Davy suspendeu o resto da frase e fez um trejeito para Ianto — o velho Elias?

— A respeito dos nossos perus — respondeu meu pai.

— Dos nossos perus? — admirou-se Ianto. — Que tem ele a ver com isso?

— Veremos — rematou meu pai. — Ianto e Davy deverão ir por trás da casa pelo lado do rio. Deve haver uma porta nos fundos da casa. Owen permanecerá junto da porta lateral. Tu, Huw, vens comigo; entramos pela porta da frente.

A loja estava parcamente iluminada por duas velas e um par de lamparinas de azeite, que davam à cara do velho Elias uma cor diferente. Não o achei admirado com a nossa presença; pelo contrário, pareceu estremecer de alegria à vista de meu pai, embora seja convicção minha de que nunca olhara o meu pai de frente.

— Oh, Sr. Morgan — disse ele com expressão radiante —, vem cá por causa do caso do *penny* esta manhã, não é verdade? Julgo que o menino Huw lhe contou como as coisas se passaram. Eu vi-o na ponte, feliz como um passarinho, a balouçar as suas perninhas, e confesso que fiquei cheio de pena dele. Chupava rebuçados e eu comentei de mim para mim que ele estava a saborear uma das coisas doces da vida. Um pouco depois entrou pela minha casa dentro e pediu-me alcaçuz: um *penny* dele. Bem, disse-lhe, o meu menino acabou agora mesmo de chupar rebuçados. Agora quer alcaçuz? Não pense nisso, ficará doente, meu querido menino. A sua mamã zangar-se-á e o menino terá gasto só num dia dois *pence* com gulosices. Vá-se embora, vá para junto da sua mamãzinha.

Tudo isto lhe saía da porca boca como leite azedo que jorrasse de uma bilha, a esparrinhar. Os seus olhos brilhavam num sorriso que era um esgar e a boca abria-se para mostrar uns dentes escuros, intervalados, pontiagudos e com os interstícios a esvurmar saliva. Olhava para o espaço entre meu pai e eu mas apontava na minha direcção.

— Estou aqui apenas pelos meus perus — observou meu pai.

O velho Elias deu uma passada para trás e a careta que queria ser sorriso desapareceu-lhe do rosto como as primeiras chuvas que caem na terra.

— Os seus perus, Sr. Morgan? — disse ele elevando a voz.

— Os meus perus — repetiu meu pai. — Estas penas foram encontradas no beco que está por trás da sua casa. No salto da sua bota vê-se ainda caca seca de peru.

Pela primeira vez na sua vida o velho Elias olhou directamente para alguma coisa: o salto da sua bota; depois escondeu o pé debaixo do balcão.

— É de galinha — pretendeu explicar olhando desta vez por cima de mim e de meu pai.

— Então o senhor vai autorizar-me a entrada no seu quintal.

O velho Elias deslizou para a abertura do balcão obstruindo a entrada com o seu corpo, mesmo assim ainda a olhar para cima e apontando para o tecto.

— Ninguém passará por aqui — como se estivesse na capela a rezar as suas orações. — Sòmente eu.

— Deixe passar — avisou meu pai. — Huw, fica aqui.

— Sim, meu pai.

— Hei-de invocar a lei inglesa — gritou o velho com voz esganiçada como uma mulher lacrimante.

— Vá para o Inferno e mais a lei inglesa — disse meu pai; agarrou o velho pela gola do casaco, atirou com ele para dentro da barreira das maçãs e dirigiu-se para o quintal.

O velho Elias esperneava e esforçava-se por sair da barrica, mas não conseguia. Não podia falar, e a sua ira era tão violenta e o esforço que fazia para recuperar a voz era tão grande que os seus movimentos eram fracos. A barrica estava colocada a um canto da casa sobre uns cepos, mas os movimentos desordenados que o velho fazia dentro dela obrigaram-na a escorregar, depois deslizou mais depressa e o último movimento do velho Elias com o traseiro preso dentro dela obrigou-a a tombar dos seus suportes e rolou pela loja com as maçãs a rebolarem lá dentro e algumas a escaparem-se por entre as pernas e por cima dos ombros enquanto ele guinchava como um coelho a ser morto e ia cair junto de uma caixa de biscoitos, sentando-se no chão sujo, de punhos fechados e a arquejar.

É de admirar que não se tolere uma pessoa num momento e no instante seguinte se vá em auxílio dela pronto a socorrê-la.

Foi o que ia a acontecer com o velho Elias. Mas não tive oportunidade de o auxiliar porque num movimento súbito pôs-se de pé e dirigiu-se para o quintal, agarrando de passagem num cabo de machado. Ocultei-me atrás de uns fardos de fazendas até ele sair da casa e depois corri à porta a gritar por Davy e Ianto. Ouvi a resposta deles num berro e corri depois para ver onde estava meu pai.

Segui pelo corredor, cheio de sacos e caixas, passei para outra casa, esta atafuhlada de mais caixas e sacos, papéis e mobília velha, entrei na pequena *marquise* também cheia de sacos, caixotes e de coisas partidas, saí para o quintal e encontrei lá o velho Elias com a mão no nariz e o sangue a correr-lhe por entre os dedos, o cabo do machado feito em dois no chão, e meu pai com um peru debaixo de cada braço e as mãos segurando-os pelas pernas.

No crepúsculo, com o céu muito azul e a luz das velas que passava pelos vidros da janelinha central a incidir sobre eles, os perus pareciam ainda mais brancos contrastando com o fato preto de meu pai. Mas se o seu rosto estava sombrio os olhos fuzilavam. Olhou o velho Elias por uns momentos sem lhe dirigir a palavra.

Mas também o velho Elias estava demasiadamente desorientado para falar. Efectivamente ser desmascarado de diácono respeitável e descoberto como ladrão, rolado com o traseiro metido numa barrica de maçãs e depois de tudo isso ser atingido com um bom murro no nariz eram motivos que bastavam para tirar a qualquer homem a vontade de falar. Da *marquise*, onde nos encontrávamos, desprendia-se um agradável aroma de frutas cristalizadas, de groselhas, de passas, de hortelã-pimenta e de especiarias.

Os meus irmãos entraram então a correr pela loja dentro fazendo um barulho dos diabos e ladearam-nos.

— Fique sabendo, seu Elias — disse meu pai —, que esta é a última noite que o senhor passa no vale.

O velho Elias tirou as mãos do nariz e fez salpicar gotas de sangue quando bateu uma na outra.

— Havemos de liquidar as nossas contas — gritou com voz esganiçada. Chamei a mim os vossos perus para vos punir. Estavam tão inchados de orgulho por lhes pertencerem que tinham as suas almas em perigo. Tencionava entregar-lhos oportunamente. Mas agora terá de se fazer um ajuste de contas.

— As minhas contas já estão liquidadas — respondeu meu pai —, mas continuo a dizer que esta será a última noite em que a sua loja estará aberta. Se você a abrir amanhã eu deitar-lhe-ei fogo consigo cá dentro.

— Oh! — exclamou o velho Elias apoiando-se ora num pé ora noutro agitando os punhos acima da cabeça com os olhos fechados. — Oh, oh, oh!

— Vamos embora, rapazes — acrescentou meu pai. — Se olho mais para ele durante muito tempo não poderei comer de agoniado que estou.

— Eu vou para a outra loja que tenho do lado de lá da montanha — vociferou o miserável Elias num grito rouco voltando-se precipitadamente a um movimento de meu pai. O seu rosto estava agora em plena luz. Os seus olhos congestionados de cólera fixavam-nos alternadamente, o nariz estava inchado devido ao murro que levara e a sua boca espumava e expelia saliva ensanguentada. — Vou para a outra loja no vale vizinho, ou para outra qualquer. Tenho mais. Tenho muitas mais lojas. Vou abandonar este covil de gatunos, de bandidos, de assassinos. Vou para longe daqui.

— Pois desande — retorquiu meu pai um tanto surpreendido perante aquela fúria e por contraste tão calmo como eu nunca o vira. O homem parecia louco e impressionava vê-lo. A raiva pode ser válvula de escape, mas aquela faria o mais calmo perguntar a si se haveria alguma coisa que a justificasse tão repelente ela era.

— E pode contar que farei o que disse — sibilou o velho Elias quando seguiu para o interior da casa. — Você vai ver como a lei inglesa lhe cai em cima das costas.

— Está bem — concluiu meu pai. — Como compensação terá de se haver esta noite com a lei galesa. Verei depois como se porta a lei inglesa. E lembre-se: amanhã portas fechadas.

Depois de sairmos da loja ouvimo-lo bater de punhos fechados na forte porta das traseiras e soltando gritos roucos que parecia lhe arranhavam a garganta.

— Santo Deus! — suspirou meu pai quando subíamos a colina. — É impressionante realmente. Eu ter-lhe-ia dado os perus se me tivesse manifestado o desejo de os possuir.

— Eu levo um, meu pai — pediu Ianto.

— Não — respondeu meu pai. — Quero que todos os vizinhos me vejam com eles. Se houver complicações quero ser o único a arcar com as consequências da tal lei inglesa.

Pelo caminho de regresso a casa toda a gente nos olhava e saudava meu pai sem lhe fazer perguntas. Por enquanto apenas verificavam que os perus voltavam para casa. Mais tarde saberiam onde tinham sido encontrados.

Ficámos chocados quando, ao entrar em casa, vimos que o Sr. Gruffydd estava lá de visita. Meu pai foi pôr os perus na capoeira e regressou de rosto fechado.

— Boas-noites, Sr. Gruffydd — cumprimentou ele e dirigiu-se para a prateleira da chaminé pelo cachimbo.

— Boas-noites, Sr. Morgan — retribuiu o Sr. Gruffydd. — Tive conhecimento da questão que o senhor teve com o velho Elias.

— As más notícias caminham depressa.

— Toda a gente no vale fala nisso.

— O caso está arrumado.

— Foi ele afinal quem roubou os seus perus? — perguntou o Sr. Gruffydd ao mesmo tempo que olhava para o fumo que saía do cachimbo que meu pai tinha na boca.

— Os perus já estão na capoeira — disse meu pai. — Não vejo necessidade de comentários.

O Sr. Gruffydd esteve um momento calado e depois começou a rir. Primeiro foi um sorriso depois foi acentuando-se até rebentar em franca gargalhada. Nós também, logo que o efeito surpresa foi vencido, sorrimos a princípio depois as nossas caras incharam com o riso prestes a explodir e no fim fizemos coro com o Sr. Gruffydd. Já nos doía a barriga. E nem sequer sabíamos porque ríamos. O Sr. Gruffydd fazia esforços para falar mas não lhe era possível, o riso não lho permitia.

Ianto, com os olhos inundados de água, indicou meu pai, apontou para o nariz e esboçou o gesto de dar um soco. Isto provocou nova explosão de gargalhadas.

— Sr. Gruffydd, toma alguma coisa? — perguntou minha mãe.

— Sim — respondeu o Sr. Gruffydd. — Tomarei com prazer. Amanhã à noite irei falar no terreno da capela junto do rio. Espero que o Sr. Morgan lá estará.

— Sim, senhor, não faltarei — disse meu pai, muito agradado. — Agradecido Sr. Gruffydd. Qual o assunto?

— Os homens e a sua aproximação do espírito de Deus — disse o Sr. Gruffydd.

— Dei um soco num homem esta noite — respondeu meu pai.

— Conheço outros narizes que precisariam do mesmo tratamento — comentou o Sr. Gruffydd —, e se as coisas continuarem como estão julgo que terei de me desviar da minha conduta habitual e usar a mesma receita.

— Muito bem — concluiu meu pai. — Estarei junto de si amanhã à noite. Agora trate-se. Coma quanto quiser.

O terreno da capela em questão, que era aquele onde o Sr. Gruffydd costumava proceder aos batismos, estendia-se, fora da aldeia, ao longo do rio. Naquele dia estava um encanto, com o rio prateado ao pé das rochas e muito verde na parte restante, os salgueiros a beijar a água, abundante de caniços para as rãs, peixe para as garças e tranquilidade para os patos e outros animais.

No sábado toda a gente para lá se dirigiu a fim de ouvir as palavras do Sr. Gruffydd. Muita gente ia à nossa frente e uma multidão nos seguia. Tomámos a ladeira da montanha e depois descemos a encosta oposta com o fim de atravessar a cancela que dava para o campo. Densa multidão estacionava no lado exterior e o seu vozear chegava até nós como o ruído do vento norte.

Ao aproximarmo-nos compreendemos a razão. Pregado numa tábua havia um dístico onde se lia que o proprietário se tinha ausentado e anulava a autorização, até então concedida, para que se efectuassem no terreno reuniões de qualquer espécie. O dístico estava assinado com o nome do proprietário: Abishai Elias. A multidão pretendia ignorar o dístico mas o Sr. Gruffydd não quis violentar a vontade do velho Elias. Assim seguimos um pouco mais acima e encontrou-se um local apropriado, onde podia ser visto e ouvido por todos. Falou até ficar escuro e começar a esfriar. Mas se exteriormente o frio nos enregelava, por dentro o fogo das palavras do Sr. Gruffydd aquecia-nos a alma e viemos para casa o mais depressa possível para conservar esse calor nos nossos corações.

Teria querido começar a batalha naquele lugar onde costumava baptisar porque lhe parecia o lugar mais adequado para uma cruzada. Os maus sentimentos campeavam no vale sem embaraço nem repressão. Os ladrões, vagabundos e até mesmo mulheres de má nota estavam na região como em terreno conquistado.

— Não tardará — e a sua voz soava estrondosamente — que tenhamos aqui permanentemente um posto de polícia; depois virá um juiz, talvez mesmo se instale aqui uma cadeia. É natural que após tudo isso nos vejamos a braços com a miséria e o desemprego. A noite já chegou. Velai e orai.

— Amén — murmurou a multidão fervorosamente.

— Como faremos? — continuou o Sr. Gruffydd. — Como? É simples. Os homens só vendem os seus direitos por um prato de lentilhas quando desprezam as possibilidades que Deus lhes concedeu para o seu progresso. O remédio é a oração. Esse é o maior de todos os dons. Utilizai-o. Pedi a Deus força de espírito e límpida visão. Depois juízo claro. Utilizai-o. Nem todos foram fadados para representar grandes papéis na vida mas todos nós fomos dotados de senso. Utilizai-o. Pensai. Muito e bem. Pela prece e pelo recto pensamento ultrapassareis todos os obstáculos, vencereis todos os vossos inimigos. O vosso maior inimigo agora é o carvão. Devereis tornar-vos mais fortes do que ele. O carvão é matéria inerte, mas para os astuciosos ele tem a possibilidade de tornar-se em ouro. Para vós representa tantas vagonetas a tanto a tonelada. Para alguns é tantos carregamentos de navio, tantas contas de crédito, tantos empréstimos, juros e todas as operações de capital. O vosso inimigo é a usura. E o agiota não se importa com as pessoas, com as suas vidas ou com as do seu agregado familiar. Acautelai-vos. Preparai-vos porque o momento chegou.

Prosseguiu analisando a história do vale, e aludiu às frequentes baixas de salário e à isenção da população em receber cada vez menos pela paga do seu esforço em arrancar da terra o carvão, fonte permanente de benefícios de outros que nenhum

esforço faziam e se limitavam a ganhar cada vez mais apenas porque estavam de posse de acções ou de terras sob as quais jazia o minério.

— Tendes que lutar, que começar a luta.

— Indique-nos o caminho — gritaram os homens. — Diga qual deve ser a nossa acção.

— Elegei representantes para o Parlamento — alvitrou o Sr. Gruffydd. — Procurai obter representação directa. Organizai um grupo de delegados vossos que redija as reivindicações e concedei-lhes autoridade para que se dirijam aos grandes do negócio do carvão e ao Governo. Mas mantenham-se dentro dos limites da ordem.

— Sr. Gruffydd — gritou o Sr. Rhys, que era apontador —, o senhor está a ultrapassar os limites da sua posição. O seu campo é espiritual.

— O meu campo — declarou o Sr. Gruffydd em voz estentórea — compreende tudo o que se interponha entre os homens e o espirito de Deus.

— Amen — afirmou a multidão.

— Devemos lembrar-nos — continuou o Sr. Gruffydd no mesmo diapasão e fazendo sinal à assistência que se mantivesse em silêncio — de que Jesus Cristo expulsou os vendilhões do Templo não só pela profanação que a sua presença representava para aquele lugar sagrado mas também porque corrompia o povo que, simples como era, via como o enganavam e envenenavam moralmente; era lícito supor que com aquela escola progressivamente se degradaria como os seus senhores.

— Muito bem — disse Ianto a Davy, e Bronwen tocou em minha mãe. — Palavras sensatas. É assim que se lhes deve falar.

Já estava muito frio e o Sr. Gruffydd entendeu que a permanência poderia prejudicar a saúde, principalmente das mulheres, e terminou a reunião depois de se rezar uma oração e de se cantar um hino.

A multidão debandou gritando e cantando.

Agora até mesmo meu pai e Ivor estavam dispostos a comungar nas ideias dos meus outros irmãos. A que ponto se havia chegado!

Gwilym, quando chegou, depois do chá, ficou tão surpreendido que parou no limiar da porta mudo de admiração.

— Entra, meu rapaz — disse meu pai. — Senta-te aqui junto de nós. Talvez te queiras encarregar de levar a mensagem aos camaradas do outro lado do vale.

— Que se passa? — inquiriu Gwilym fixando sucessivamente Ianto, Davy e Owen, que tinham caneta e tinta, meu pai uma ardósia e Ivor uma régua.

Minha mãe, Angharad e Ceridwen estavam em casa de Bron a provar um vestido para a minha irmã mais nova.

Owen contou-lhe o que se havia passado enquanto meu pai escrevia uma convocação para um comício que deveria efectuar-se nos Três Sinos duas noites depois.

Ianto, Davy e Owen escreviam convites, para serem afixados em todas as minas de carvão, para que os mineiros se aprantassem para a nova actividade que se desenhava. Pusemo-nos todos a copiar os convites para serem levados aos poços que tinhamos previamente escolhido; depois meu pai tirou da estante a *Vida do Dr. Johnson*, de Boswel, e leu dois capitulos para todos nós, passando-a seguidamente aos filhos para que cada qual lesse também uns períodos.

Recordo hoje saudosamente aquelas noites.

TÍNHAMOS então boa casa, boa comida e trabalho; não admirava que nos sentíssemos felizes. Fora de casa, à noite, nada havia a fazer a não ser irmos à capela, ao coro e, por vezes, a conferências. No entanto em casa estávamos sempre ocupados;

quando não liamos ou estudávamos fazíamos qualquer coisa no barracão. Lembro-me de que nunca estávamos inactivos.

Tenho muitas vezes matutado tentando encontrar a razão da mudança de tudo isto. Só se foi nas mortes; em nenhuma outra coisa posso basear a razão da volta que a vida por aqui levou. Quando se começou a usar a luz do gás pareceu que as pessoas ficaram com menos interesse na leitura; a luz eléctrica fez com que as pessoas fossem para a cama mais cedo para poupar na luz, que era mais cara do que outro processo de iluminação. Mas em que altura os filhos deixaram de ser amigos dos pais e foram dominados pela ânsia de abandonarem a casa onde sempre tinham vivido é que não consigo situar. Faz lembrar uma doença que toma posse de nós traiçoeiramente sem darmos por isso. Só quando se instalou no nosso íntimo definitivamente é que damos por ela, quando estamos inibidos de a expulsar.

Casa querida onde vivi, quanta ventura encerraste dentro de ti, mesmo antes do meu nascimento!

A minha vida fica dentro de ti e todos a quem amei fazem parte de ti; abandonar-te representa o abandono de mim mesmo.

O cruel e negro déspota que te cerca com tamanho impeto dentro em pouco cobrir-te-á. A escória penetrará pelas tuas portas e janelas. O teu telhado talvez caia e este quarto e os demais ficarão inundados de escória. Mas por dentro ficarás erecta com a escória por baixo, por cima, por trás, mas não cairás. Serás submersa mas de pé.

Ceridwen, com o seu vestido novo apertado nos ombros, estava entre os umbrais daquela porta, de rosto sorridente, os longos cabelos caídos, curvando-se para se poder abotoar nas costas com bastante custo.

— Chega aqui, Huw — disse ela a fingir que estava quase a chorar —, vem ajudar-me a abotoar. Repara como me está apertado.

Que macia, quente e alva era a sua pele, batida pela luz, não ardente nem brilhante, mas discretamente polida!

— Ceridwen — ouviu-se a voz de minha mãe —, olha que estás atrasada, filha!

— A mãe está irritada! — comentou minha irmã. — Depressa, rapaz, não sejas azelha!

— Está quieta, então — disse-lhe eu, pois que quando se mexia desabotoava tudo. — Pareces uma enguia num bolso.

— Ah, ele é isso? — respondeu ela. — Eu sou enguia? Pois fica sabendo que não te trarei nada da cidade. Tencionava fazê-lo mas assim não levas nenhum.

— Encantado! — disse eu, e suspendi a minha tarefa. — Não há presente não há vestido abotoado. Pronto, estamos quites.

— Huw, meu amor — tornou ela, toda meiguice e olhos ternos —, como és mau para a tua manazinha! Vais fazer-me chegar atrasada, e então nem cidade nem enxoval, o pai fica zangado e Blethyn arranja outra noiva. Anda-me com isso, meu querido!

— Virá então para mim um mimo da cidade?

— Meu Deus, que açorda! — disse Ceridwen mostrando outra vez as garras. — Trago-te vinte ou trinta mimos mas abotoa-me este maldito vestido antes que eu salte por aquela janela.

Depois do vestido em condições descemos a escada para a vermos sair com os meus pais. Iam no carro de Tomás, o cocheiro, a caminho da estação para seguir no comboio para a cidade.

— Mais uma que desanda — disse Davy quando estávamos a acenar em jeito de despedida do cimo da colina.

— Quando serás tu? — perguntou-lhe Owen.

— Sim — respondeu Ianto —, enquanto a lata não ficar completamente vazia...

— Oh! — disse Davy. — Não faltará muito!

— Por que esperas, homem? — voltou Ianto. — Tens receio de que algum de nós ta roube?

— Quem, algum de vocês? — respondeu Davy, e atirou o chapéu para a nuca, a rir. — Pois por isso aceito o desafio e trá-la-ei aqui, a casa, no próximo sábado.

— Safa! — exclamou Ianto. — Olha como eu adivinhei que havia mouro na costa! Um rato pelado a armar em sonso! Vamos atirá-lo ao ar, rapazes!

Mas Davy foi suficientemente ágil para impedir que os irmãos o agarrassem. E foi assim que pela primeira vez soube que Davy tinha também um derriço.

Mas não nos admirámos quando a vimos.

Quando, na tarde de sábado, Ceridwen voltou para casa acompanhada dos nossos pais, vinha carregada de embrulhos; falou na cidade, do caminho de ferro e do mar, mas sem a atenção dos circunstantes, que falavam todos ao mesmo tempo dando a impressão de que amontoavam palavras sem nenhum nexos.

Blethyn Llywarch era alto e de bom aspecto; o seu nariz era achatado em resultado de uma luta e uma madeixa de cabelos negros caía-lhe para a testa quando se exaltava. A princípio mostrou-se tímido e quando se encontrava junto de Ceridwen corava porque ela nunca estava quieta, ajeitando-lhe a gravata, mexendo-lhe no lenço do bolso ao endireitar-lhe as pontas. No cabelo é que não lhe tocava por estar fora do seu alcance.

Meu pai diligenciava fazê-lo sentar bem no centro da cadeira, porque ele conservava-se à beirinha, e minha mãe oferecia-lhe uma xícara de chá tomando-lhe a colher que ele já havia deixado cair por duas vezes ficando as suas calças salpicadas de chá. Todos nós procurávamos dizer alguma coisa para aligeirar o ambiente e mostrar nos nossos rostos sorrisos que mais pareciam caretas.

A entrada nesse comento de Davy e Ethelwyn foi considerada por nós como um favor do Céu.

Desde o primeiro instante que tínhamos começado a chamar Wyn à pequena de Davy. Tinha de ser assim tratando-se de uma jovem como aquela. Com os seus grandes olhos castanhos, de compridas pestanas, e uma voz cantante, olhava para Davy como quem olha uma divindade.

Naquela noite representávamos uma família verdadeiramente numerosa. Meu pai e minha mãe, Ivor e Bronwen, Ianto, Davy e Wyn, Owen, Gwilym, Ceridwen e Blethyn, Angharad e eu, a pequena Olwen, a dormir naquele momento lá em cima. O Sr. Gruffydd, a velha Sr.^a Rorolands, a dona da casa onde ele estava hospedado, o Sr. Evans, da mina, também estavam presentes e outras pessoas com pouca demora que entravam e saíam.

Como Ceridwen estava lá para o quintal com o noivo, lavei tanta louça naquela noite que durante muito tempo nem queria ouvir falar em passar um prato por água.

— Jesus! — exclamava Angharad, indignada, batendo com o pé no chão. — Sujarão seis pratos por cada bocado com que se empanturram?

— Ponho esta louça no chão — disse Gwilym, pois o lava-louça estava cheio. — Eles já estão a acabar. Tem coragem, menina.

— Ter coragem? — respondeu Angharad, quase a chorar de revoltada que estava. — Cem mãos, mais um lava-louça e não ter os pés molhados era do que precisava para me dar coragem. O melhor é ir dizer a esses comilões que tirem os focinhos da gamela antes que eu me veja forçada a lá ir para lhes meter os restos pela boca dentro.

E lavar e enxugar, e enxugar e arrumar pratos, travessas, talheres, xícaras e pires. Mais cafeteiras para aquecer água. Mais lenha, mais soda, mais lavagem e mais água no chão. Lavar e enxugar. Oh, meu Deus! Como me sentia satisfeito por ser rapaz! Só se conhece uma mulher quando se observa o seu trabalho. Lavar e enxugar, água quente e potassa, panelas e frigideiras, calor e fumo.

Quando acabámos, Angharad atirou o pano molhado para cima da corda.

— Vamos passear para a montanha, Huw — disse-me ela, o que me espantou.

— Para quê? — respondi. — Não seria melhor ir lá para dentro a fim de ouvir o que eles estão a dizer?

— O que eles estão a dizer? — perguntou minha irmã com os olhos a fuzilar de indignação. — Já basta o que tenho ouvido. Vamos para a montanha. Ao menos lá estamos tranquilos. Ao ouvi-los conversar ficaria a olhar para a boca deles a pensar no que eles tinham comido. Anda comigo.

Acompanhei-a e subimos à montanha. Sentámo-nos num grosso tronco de carvalho que a tempestade tinha derrubado. É impressionante contemplar uma montanha adormecida e ver ao longe outras montanhas nos outros vales como bocados de veludo azul do qual podemos cortar um pedaço e fazer dele uma peça de vestuário e com ele dançarmos por cima das grossas nuvens.

Estávamos ali apenas há instantes quando sentimos alguém a subir na nossa direcção; tratava-se de um homem que vinha a assobiar talvez com a ideia de encontrar qualquer pessoa. E de facto assim era, pois que Angharad levantou-se apressadamente e correu ao seu encontro.

Tratava-se do jovem Iestyn Evans, filho do negociante de carvão Christmas Evans. Chegara há pouco da Universidade de Oxford. Ajudava o pai no seu trabalho e apresentava-se como um *dandy*. Eu fiquei estupefacto.

— Iestyn — apresentou Angharad —, este é o meu irmão Huw.

— Como está, Huw? — disse Iestyn com o acento de Oxford. — É gentileza da sua parte acompanhar sua irmã para vir conversar comigo.

— Não me agradeça, porque eu vim ao engano. Se soubesse que era para falar consigo teria ficado em casa — respondi. — E oxalá que meu pai não saiba que foi para isto que ela veio à montanha porque é capaz de a matar.

— Que termos são esses, Huw Morgan? — disse Angharad, indignada, mas apoiada no braço de Iestyn. — É só um bocadinho que eu estou aqui.

— O bocadinho já está a tornar-se em bocadão — disse eu. — Vamos embora para casa.

— Espere — atalhou Iestyn. — Eu também vou com vocês.

— Se vier connosco meu pai ficará a saber que nos encontrámos. É melhor amanhã depois de voltarmos da capela.

— Este Daniel quantos anos tem?

— A volta de catorze anos — respondeu Angharad. — Muito novo ainda para dar ordens. Vamos para o alto da montanha.

— E eu sigo já, já, para casa tornei eu.

— Espere — disse Iestyn.

— Sou talvez muito novo para dar ordens — volvi eu —, mas tenho idade suficiente para as não receber de si.

— És muito desagradável — disse Angharad, agora quase a chorar. — Só mais um bocadinho.

— Fica, se quiseres. Eu vou para casa — respondi, e comecei a descer a montanha.

— Huw — gritou minha irmã. Espera, vou contigo.

Esperei um momento e apercebi-me de que se beijavam. Depois Angharad veio ter comigo e descemos juntos a caminho de casa.

— Que necessidade tens tu de ser assim? — perguntou-me, e notava-se raiva na sua voz. — Parece que te tenho ódio. Cinco minutos prejudicariam alguém?

— Seria a mesma coisa que diria Meilyn Lewis — respondi-lhe.

— Huw — replicou Angharad, muito pálida, com o cabelo a esvoaçar, os olhos pretos a brilhar sombriamente e a capa batida pelo vento fazendo lembrar uma bruxa —, tens coragem de me dizer isso?

— Acho preferível dizer agora a dizê-lo depois. Por que quer ele estar contigo no alto da montanha? Por que não vai ele a nossa casa?

— Tenho-te ódio — rematou ela, e envolveu-se mais na capa fazendo lembrar uma colnna negra. O seu rosto continuava pálido e os seus olhos fuzilavam.

—Vê se consegues que ele peça licença ao pai amanhã, depois de irmos à capela. Então terás liberdade para namorar.

Ela porém já ia lançada pela montanha abaixo com um ímpeto tal que a não pude alcançar, e quando cheguei a casa já a encontrei a fazer chá para os outros com um completo domínio de si própria como se nada tivesse acontecido.

Conversavam todos a respeito do movimento dos trabalhadores quando entrei e o Sr. Evans parecia indignado.

—Pago bem ao meu pessoal—dizia.—Sempre paguei melhor do que todos os outros aqui e em todos os vales.

—Mas a sua mina é uma das menos importantes—dizia o Sr. Gruffydd—e os outros proprietários não pensam como o senhor. E pagam também diferentemente. O mal é este: o senhor dirige e administra em pessoa a sua mina; mas as outras são dirigidas por mercenários e os proprietários estão apenas interessados em receber os lucros. Os nossos adversários são os absentistas ricos e mandriões e os accionistas gananciosos.

—E os intermediários também—acrescentou Davy.

—Keir Ilardie ⁽¹⁾ disse que as minas deveriam ser nacionalizadas. Um serviço público como os correios.

—Marx foi sempre da mesma opinião—apoiou Owen.

—Não me interessa a opinião de estrangeiros—disse meu pai.—Há muitos e muitos anos que Owain Glyndwr disse o que poderia ter-se dito: o país de Gallès para os galeses. Marx nada vem acrescentar a tudo o que está contido nesta frase.

—Em todos os países os povos deviam ser os senhores das terras—afirmou o Sr. Gruffydd.—Este mundo pertence a toda a Humanidade e não apenas a uma parte dela.

—Já não é pouco que alguns tenham feito qualquer coisa na parte da terra que lhes coube—disse o Sr. Evans em tom azedo.—A iniciativa está na pessoa e não na população.

—Então que as pessoas de iniciativa paguem renda à população—comentou o Sr. Gruffydd—, e a população ficará de melhor partido. É o dinheiro que proporciona possibilidades aos homens de sair da população pela cultura permitindo-lhes comprar livros e pagar a professores. Quando a população estiver instruída será mais gente respeitável e menos população.

—Acabamos justamente de abandonar as Uniões—afirmou o Sr. Evans.

—As Uniões são apenas parte de um todo—continuou o Sr. Gruffydd.—Fazemos das Uniões organismos nas quais os trabalhadores se apoiem para obter justiça às suas reclamações e não sociedades de benemerência. Organizemos as Uniões como exércitos que lutem pela causa do operário.

—Estamos a envidar esforços para nos unirmos à Federação Social Democrática—esclareceu Davy.

—Há já sócios para a União neste vale?—perguntou o Sr. Gruffydd sem olhar para Davy.

—Uns poucos apenas—respondeu Davy, e corou.

—Procure primeiro organizar uma União própria poderosa—aconselhou o Sr. Gruffydd—e pense depois em alianças a títulos e nomes sonoros e pomposos.

—Os salários em proporção têm prejudicado as nossas intenções—informou Owen.—O pessoal daqui nem mesmo quer ligar-se à Federação dos Mineiros por causa disso.

(1) *Leader* trabalhista escocês no Parlamento (1856-1915).

—São doidos—disse o Sr. Gruffydd.—Convença-os a trilhar o bom caminho.

—Diga-lhes o senhor também qualquer coisa—disse Ianto.—Estou farto de os tentar convencer.

—O meu trabalho é outro. Insista, e quando tiver obtido bons resultados compreenderá que o meu trabalho se encontrou com o vosso como duas estradas num cruzamento. Então auxiliar-nos-emos mutuamente.

—Aquela reunião da semana passada bem o provou—disse meu pai, e nesse momento ajudava o Sr. Gruffydd a vestir o sobretudo.—Com os salários em proporção os trabalhadores sabem quanto ganham com o seu trabalho. As mulheres apoiam-nos e é essa a sua força.

—Se o preço do carvão descer—continuou o Sr. Gruffydd—os salários baixarão também. Quanto mais baixo for o preço da venda mais baixos serão os salários; quanto mais elevado, mais ganhará também o trabalhador. É esta a mecânica do salário proporcional, não é? Estando ao par do fraco do inimigo, lembrem-se de que com um pequeno estratagema a mecânica pode modificar-se. O carvão subiu de preço? Não. E naturalmente o facto não acontecerá até que o salário proporcional seja adaptado um padrão de vida justo como base de um salário razoável. Mas isto não deve aplicar-se só ao minério mas também a qualquer outro trabalhador. Boa-noite, Sr. Morgan, e boa-noite a todos.

Depois de todos saírem, os rapazes vieram para junto do pai e ficaram de pé ao pé do fogo.

E agora, meu pai, que devemos fazer?—disse Ivor.—Estive sempre calado mas não foi porque me faltasse vontade de desmascarar o velho Evans, aquele hipócrita.

—Querias matar o homem?—disse Owen com ironia olhando para ele e fingindo que estava com medo.—Não é possível que o nosso Ivor seja tão feroz.

—Quem te acendeu o rastilho?—perguntou Davy.

—Ninguém, homem—respondeu Ivor.—Mas vocês pensam que não tenho olhos na cara para observar o que se passa? O velho Evans paga uns míseros centavos mais porque sabe que se o não fizesse os trabalhadores procurariam uma mina menos difícil. O que ele tem é língua!

—E se nós organizássemos uma cruzada?—propôs Davy.—Depois do serviço cada um de nós tomaria por sua conta um vale.

—Depois de que serviço?—perguntou Ivor.—Tanto tu como Ianto e Owen são polidores de calçadas.

—Na segunda-feira vamos começar a trabalhar na mina—afirmou Davy.—Estivemos lá esta tarde. Pagaremos a nossa parte para a casa, meu pai.

—Quem está a falar em pagamento? Não há necessidade disso. Esta casa também é vossa—respondeu meu pai.

—E a latinha é que nos sustentará?—interrogou Owen.—Ná, não queremos isso. Eu posso fazer qualquer trabalho depois de sair da mina.

—E a respeito da cruzada?—inquiriu Davy.

—Amanhã é domingo—respondeu meu pai.—Na segunda-feira ventilaremos a questão. Agora tratem de ir para a cama, mas não façam barulho para não acordarem a vossa mãe.

Que satisfeitos nos sentíamos quando, de manhã, num domingo de sol, nos dirigíamos para a capela!

Toda a população da colina, com os seus fatos domingueiros e o calçado engraxado, seguia quase simultaneamente e só se ouviam cumprimentos e saudações: «Como está?»; «Muito bom-dia»; «Como passou a noite?» por todo o caminho, os homens tirando os chapéus, as mulheres baixando as cabeças e as crianças cumprimentando à sua maneira.

Naquele dia acompanhei a minha família com a pequena Olwen, que já andava, pela minha mão, com ar importante, atrás de nós Owen e Angharad, depois

Davy e Ceridwen, seguidos por Ianto com o pequeno Gareth acompanhados de Ivor e Bron, e, a fechar, meu pai e minha mãe. Meu pai chamava-nos o clã dos Morgan, mas havia famílias tão numerosas como a nossa e até mais e que conhecíamos muito bem.

Era hábito nosso seguirmos em silêncio até nos afastarmos das casas da aldeia. Depois os meus pais começavam a cantar em tom grave um hino, que as raparigas acompanhavam, com vozes de contralto Angharad e Bron, e Ceridwen de soprano. Logo a seguir os rapazes também começavam a cantar e o eco das suas vozes soava por todo o vale.

Eram belos esses dias e quem dera que outros semelhantes voltassem! A montanha podia orgulhar-se do seu rico manto verde de carvalhos e freixos com os seus pés mergulhados nas águas claras e fluentes do rio. O vento enchia-nos de doçura o nosso olfato arrastando os aromas das ervas e das flores dos campos.

Quando chegávamos ao cimo da encosta donde avistávamos a capela lá víamos o Sr. Gruffydd, negro e forte com a sua barba preta tornada dourada com a luz do sol, à nossa espera, e então todos começavam a cantar o mesmo hino, tanto os que estavam já próximo da capela como os que ainda vinham lá em baixo na base da montanha, e era então caso para pensar se a montanha acompanharia também o canto das pessoas.

O cheiro da capela era imutável; sempre o misto de cera, da madeira da galeria, dos bancos e dos assentos reservados, de sabão, de tinta, dos livros, da cânfora das roupas guardadas toda a semana, das pessoas e da lenha queimada no aquecimento.

Mas ao pé de Bron só se sentia o seu particular cheiro de alfazema. Com as rosas silvestres da montanha minha mãe sempre tivera o hábito de fabricar água de rosas e perfumava-se com ela. As pequenas também dela faziam um largo consumo e a pequena Olwen não queria outra coisa. Mas o cheiro da alfazema de Bron superava tudo e com três pessoas a separá-la de nós podíamos reconhecê-la pelo perfume de que andava impregnada.

Era suave, tão suave como o hálito de uma criança, mas não havia possibilidade de confusão.

Os nossos dois bancos reservados estavam situados um atrás do outro; como o meu lugar ficava mesmo em frente do de Bron eu sentia sempre o cheiro de alfazema dela e o facto encantava-me. O cheiro de cânfora foi sempre para mim insuportável e por mal dos meus pecados tinha precisamente sempre na minha frente a velha senhora John que com certeza tomava banho em cânfora de tal forma se achava impregnada do seu cheiro característico.

O lugar de meu pai era na bancada junto dos outros diáconos; um deles escolhia um hino enquanto a força do povo entrava com o Sr. Gruffydd à frente.

Iniciavam-se então os cânticos. Cantava-se forte, a plenos pulmões, as cabeças inclinadas para trás e os olhos fixos no tecto da capela como se se pretendesse que as vozes atingissem o Céu. Volumes e volumes de som rico de qualidade e de elevado registo como um tapete colorido tecido com as vozes de baixo profundo, baixo, barítono, tenor, soprano, meio-soprano e contralto cantando com toda a alma até que tudo o que vive, a própria vida, se transmudasse em coração.

Voz humana, órgão da mais admirável harmonia!

Era hábito do Sr. Gruffydd, ao começar o seu sermão, pôr algumas folhas de papel sobre a borda do púlpito, junto da Bíblia, mas nunca foi visto a utilizar-se delas. Principiava a falar calmamente, como se estivesse a dirigir-se apenas a uma família, num tom de voz normal. De repente qualquer alteração se notava no tom da voz, uma nota que provocava um arrepio nos ouvintes. Gradualmente a intensidade da nota diminuía até que quase só o movimento dos lábios exprimia o que ele queria

dizer; de repente um mundo de som irrompia daquele silêncio, fazendo gelar o sangue nas veias da assistência; e mantinha-se durante algum tempo trovejante a proclamar o reino de Deus e o principado de Cristo, do Redentor.

Por isso regressávamos da capela todos os domingos munidos de novas armas e redobradas forças contra o mundo, cheios de fé e de coragem combativa.

Assim voltávamos para casa, mas alguns dos assistentes, tanto velhos como novos, especialmente os que viviam mais longe, ficavam alegremente a conversar no exterior da capela com acompanhamento de risadas, cumprimentos com os chapéus dos homens e os das senhoras agitando-se naquele aglomerado de fatos pretos e vestidos de linho muito brancos a destacar-se no fundo verde da montanha e no cinzento das paredes da capela.

No regresso jantávamos em nossa casa ou na de Bron e voltávamos novamente para a capela, Angharad, Ceridwen, Owen, Davy, Ianto e eu, para irmos à escola dominical. Para esse efeito não era mister tanto respeito; por isso os rapazes e as raparigas podiam juntar-se pelo caminho, às vezes ligados pelo namoro, apanhar flores e bagas e comê-las às escondidas na escola. Eu não tinha namorada então com quem partilhar as coisas doces que levava no bolso. A escola dominical, enquanto o professor tinha a cabeça inclinada sobre o livro, seria monótona sem qualquer coisa doce para mastigar.

Uma vez, quando entrávamos na capela, encontrámos Iestyn Evans, na parte de fora do edifício, muito elegante de flor na lapela. Naquele momento achei a ideia de mau gosto, mas mais tarde usei a flor centenas de vezes. Habituei-me a elas porque achei agradável ter uma flor junto de nós com uma bonita cor e um bom cheiro.

— Olá, Angharad — disse o parvo, com Owen, Davy e Ianto por trás da rapariga.

— A quem está a dirigir-se — perguntou Ianto, que estacou, pálido, uma expressão no olhar fora da habitual e um leve tremor na voz, o que significava perigo para qualquer pessoal sensata.

— A Angharad — respondeu Iestyn. — É sua irmã?

— Eu fixara nesse momento Angharad mas de lado vi a mão de Ianto com o sol a reflectir-se nela e vi o ruído surdo quando ela se abateu sobre o queixo de Iestyn, o qual caiu de costas redondamente.

— Malandro — gritou Angharad, disposta a esgatanhá-lo, mas Owen e Davy agararam-na e arrastaram-na para o interior da capela, para a sala de espera e fecharam-na.

— Que lhe fazemos? — perguntou Davy. — Lançamo-lo ao rio?

— Não estamos em Londres — respondeu Ianto fixando os nós dos dedos. — Foi uma ensinadela. Deixa-o aí para que todos o vejam.

— O pior é se o pai sabe... — acrescentou Owen. — Naturalmente Angharad vai contar-lhe.

— Não conta. Ela sabe o que lhe aconteceria se divulgasse o que se passou — disse Ianto.

Passámos pelo meio dos circunstantes silenciosos e de olhos espantados e Owen abriu a porta. Angharad estava a chorar sob o quadro do jornal de parede e Ceridwen diligenciava acalmá-la.

— Não consentirei que minha irmã seja tratada como uma mulher qualquer — disse Ianto a Angharad, mas tão baixinho que só os que as rodeavam podiam ouvi-lo. — Se repetir a gracinha matá-lo-ei. Se quer falar contigo que se dirija ao pai e peça-lhe autorização. Tens casa e ele sabe onde está situada. Agora vamos para a escola.

O tema da lição daquele dia era: «Amai-vos uns aos outros», e após o seu enunciado olhavam todos para Ianto por cima dos livros mas só quando ele estava de cabeça baixa. A senhora Talfan deve ter tido uma intenção quando escolheu o tema porque quando o enunciou fez uma pausa, olhou directamente para Ianto e depois para cada um de nós individualmente. Mas como todos erguemos a vista para ela como se nada tivesse acontecido, a sua intenção, se a houve, foi baldada.

Depois da escola dominical costumávamos brincar na montanha, os rapazes perseguindo as raparigas e vice-versa, ou então, se não havia adultos nas proximidades, fazendo uns de índios peles-vermelhas e outros de rostos-pálidos, mas naquela tarde seguimos directamente para casa.

Encontrámos lá o senhor Evans e Iestyn com os nossos pais. Iestyn, com o queixo inchado esta pálido.

— Bateste em Iestyn Evans? — dirigiu-se meu pai a Ianto.

— Bati, sim, meu pai — respondeu Ianto cruzando as mãos nas costas.

— Em frente da capela e num dia como o de hoje? — observou meu pai.

— Era precisamente onde ele estava — respondeu Ianto — com flor na lapela e o resto.

— Meu rapaz, vou metê-lo num processo — declarou o senhor Evans, mas quando ia levantar-se Iestyn deteve-o com um gesto.

— Sem qualquer dúvida, o senhor tinha razão para isso — dirigiu-se ele a Ianto, mas falando num tom de grande superioridade.

— Sem qualquer dúvida — respondeu Ianto. — E sem qualquer dúvida também lhe partirei os ossos se houver motivo para isso.

— Ianto — perguntou meu pai —, porque lhe bateste?

— Pergunte-lhe, meu pai — respondeu Ianto.

— Foi por eu me dirigir a sua filha Angharad — apressou-se a dizer Iestyn.

— O quê? — admirou-se meu pai. — Que o levou a dirigir-se a minha filha?

— É que eu — respondeu Iestyn perante a grande surpresa de meu pai — já a tinha visto muitas vezes.

— E o facto de a ter visto concedia-lhe o direito de se lhe dirigir? — interrogou meu pai.

— Estamos aqui entre pessoas civilizadas — disse Iestyn —, não entre animais selvagens.

— É por esse motivo que há pessoas que usam os seus punhos — disse meu pai. — Se fosse na minha presença que o facto se tivesse passado o senhor neste momento talvez nem falar pudesse.

— Gwilym — exclamou minha mãe olhando para a cara do senhor Evans e mordendo os lábios.

— Caluda, menina — retorquiu meu pai. — Nada de conversa fiada.

— Eu tencionava acompanhar Angharad a casa depois da escola dominical.

— Que amabilidade! — ironizou meu pai. — Ficaríamos reconhecidíssimos.

— Meu caro Gwilym — disse o senhor Evans. — Eu nada sabia dos fundamentos da questão. Apenas sabia que o seu filho tinha batido no meu. Agora retiro o que disse a Ianto, pois que se qualquer homem se dirigisse à irmã de Iestyn a coisa ficaria muito feia porque haveria decerto uma morte. Ianto, meu rapaz, estende a tua mão, que a quero apertar.

— Muito obrigado, senhor Evans — agradeceu Ianto.

— E agora, onde está a pequena? — perguntou o senhor Evans. — Gostava de ver o bocado pelo qual estes dois cachorros arrancaram o, pelo um ao outro.

— Ela está lá em cima — explicou minha mãe —, e não descera antes de amanhã pela manhã.

— Muito bem — concordou o velho Evans levantando-se para se retirar. — Então, sem reserva de qualquer espécie, não é verdade?

— Nenhuma — concordou meu pai.

— Virei cá amanhã pedir autorização, senhor Morgan — disse Iestyn.

— Muito bem — concluiu meu pai. — Esperarei por si.

O senhor Evans piscou um olho a meu pai e bateu-lhe uma palmada nas costas quando se preparava para sair. Iestyn apertou desajeitadamente a mão a Ianto como se a apertasse a um *boxeur*.

— Iestyn Evans e Angharad — disse sonhadoramente minha mãe a olhar para o fogo — são demasiadamente jovens.

— Que idade tinhas quando nos casámos? — interrogou meu pai com a mão na boca como que a impedir de soltar uma risada.

— Era muito mais velha, meu menino — respondeu minha mãe.

— Ora, não digas tolices, rapariga. Eras muito mais nova que Angharad. O melhor é dares-me agora uma boa xícara de chá, e depressinha. Ninguém é demasiadamente jovem para casar. É a lei da vida. E o chá, que é feito dele?

Depois de tudo isto passado nenhum sítio da casa havia onde se não desse de caras com os olhos hostis de Angharad e Iestyn, de Ceridwen e Blettyn, e às vezes também com os de Davy e Wyn quando ele a trazia a nossa casa; por esse motivo eu passava muitas horas com Owen no barracão do quintal nas experiências da máquina para a pôr a funcionar. E que barulho ela fazia! Afinal conseguiu pô-la a trabalhar e foi realmente uma grande noite aquela em que o facto aconteceu.

Embora saísse de longe em longe, minha mãe tinha uma tarefa pesada a desempenhar com o comer a fazer para tanta gente e a horas desencontradas.

Uma certa tarde, extremamente fatigada, pediu-me que levasse o cesto da comida para a mina a casa de Gwilym. Desci a colina, dei a volta pela parte de baixo do vale e segui pelo caminho da beira do rio; o que vi tirou-me a vontade de passar outra vez por lá.

Seguindo por aquele caminho tive de passar pelos montes de escórias, que tinham aumentado tanto que pareciam do tamanho de metade da montanha. Mesmo assim ainda se via vegetação nalguns lugares como se pretendesse esconder à nossa vista o aspecto lúgubre daqueles sítios. O rio estava quase seco como se se considerasse derrotado na luta para conservar-se limpo e antes quisesse morrer.

Mais longe, passada a última casa, a erva crescia novamente com abundância e fiquei muito contente ao ver uma flor desabrochada após toda aquela fealdade confrangedora, embora as águas do rio ainda corressem escuras e as plantas aquáticas ainda estivessem mortas e secas em ambas as margens.

Em cima da montanha a vista era mais atraente. Quando se chegava ao cume era agradável verificar que os montes de escória ficavam ocultos pelas árvores e pelas moitas de silvas, muito embora soubéssemos que eles ainda lá se encontravam.

A casa de Gwilym era a última de uma correnteza, no outro lado da montanha, uma casinha asseada mas exposta a todos os ventos, os quais, em determinadas ocasiões entoavam um coro a toda a volta dela. Quando cheguei junto da casa vi roupa lavada e pendurada a secar. Apalpei-a e vi que estava em condições. Apanhei-a e levei-a para dentro.

Na casa reinava a confusão. A água suja do banho de Gwilym da noite anterior, em frente do fogo, ainda não fora despejada. Em cima da mesa via-se a louça suja de três refeições pelo menos. O pó de carvão das botas e do fato de trabalho de Gwilym estava debaixo dos pés e a mobília estava toda fora dos seus lugares.

Atirei-me ao trabalho: despejei a tina e enchi-a de água novamente, lavei o soalho e a louça, acendi o lume, descasquei batatas, fui buscar couves ao quintal para preparar qualquer coisa para a ceia de Gwilym.

A vizinha do lado era muito amável; deu-me um grande pedaço de uma pá de carneiro ao mesmo tempo que me ensinava a cozinhá-lo como se de nada me tivesse servido a minha prática de observar durante mais de dois anos Bron e minha mãe nas suas lides culinárias. A senhora não me fez perguntas e eu também nada lhe contei, embora compreendesse que ela estava ansiosa por confidências.

Pus o carneiro no forno e subi as escadas para ver se também era preciso fazer as camas. O aspecto do andar superior era precisamente o mesmo do que em baixo. Comecei a fazer a cama de casal e estava a abrir a janela para deixar entrar o ar quando ouvi qualquer ruído no segundo quarto.

Era quase noite, não havia uma luz acesa em casa e eu fui sempre timorato ao ouvir ruídos na escuridão. Ansioso, escutei novamente. Era uma risada, num tom baixo, mas bastante nítida.

No vale, lá em baixo, viam-se agora as luzes amareladas dos candeeiros: no céu via-se uma névoa azulada com as árvores em negro a sobressair, e o vento começava a ensaiar o coro das suas vozes, por enquanto em tom baixo mas preparando-se para o elevar.

É curiosa a impressão que se sente ao grudarem-se-nos os pés ao chão quando a sensação do medo se apodera de nós. Vemos, ouvimos e pensamos normalmente, mas não podemos mover-nos. Uma força estranha impede-nos também de falar e revoltamo-nos contra ela de lágrimas nos olhos e os dentes cerrados.

Com passos lentos fui direito à porta do segundo quarto, situado no péqueno patamar, mas custa-me a compreender como lá consegui chegar.

Há qualquer coisa indefinível que só se manifesta em nós quando o nosso próprio espírito se considera perdido e chama em seu auxilio numa linguagem que não se entende mas apenas se sente. Mas nem mesmo isso se passava comigo, pois que apenas sentia surpresa por me encontrar impulsionado por uma força desconhecida. Achei-me a bater à porta sem compreender como estava ali. Depois abri-a e deparou-se-me Marged sentada a um canto perto da janela a olhar para mim com a luz exterior a reflectir-se nos seus olhos e na sua boca.

O quarto era uma reprodução fiel do nosso barracão: a mesma bancada e o mesmo torno; todas as ferramentas nas prateleiras, uma foice a um lado e sacos de batatas e de sementes ao longo da parede e, pendentes de pregos, cebolas, alhos e presuntos. Até fusos de tear, em número e cores iguais aos nossos, estavam pregados na parede. Como ali não havia necessidade deles parecia que obedeciam apenas à preocupação de tornar o aspecto do quarto precisamente igual ao do nosso barracão.

Marged estava calada olhando para o vago com as mãos no colo e os pés em contacto com o soalho, cada vez mais e mais abstracta enquanto o vento soprava em volta da casa.

— Owen — pronunciou ela lá do canto e riu novamente —, sempre vieste?

— Não, Marged — disse eu, e a minha voz soou mais elevada do que eu pretendia. — Sou eu, Huw. Olha, preparei o banho de Gwil e tenho um bocado de carne de carneiro a assar no forno. Agora siga para casa.

— Não — respondeu ela ao mesmo tempo que se movia. — Nunca mais te separarás de mim. Há muito tempo que te esperava.

— Mas não, Marged; é já muito noite e é longo o caminho pela montanha.

— Tens de ficar — disse ela, e levantou-se. Vi a sua silhueta escura destacada de encontro à janela á procura de alguma coisa na prateleira onde estavam as ferramentas. — Tens de ficar comigo, far-te-ei em bocados, que pendurarei em ganchos.

A claridade do exterior reflectiu-se na lâmina de uma ferramenta que conservava na mão.

— Vem cá — continuou num sussurro. — Esperei por ti muito tempo neste canto, onde passei frio, e agora vou aquecer-me. Vem beijar-me, Owen, vem beijar a tua Marged. Não me abandones mais, querido.

E as suas palavras tão depressa eram sussurradas como gritadas. Quando ela se chegou tão próximo de mim que senti o seu hálito no meu rosto fechei a porta rapidamente com um empurrão. Ainda ouvi os gritos e os pontapés dela de encontro à porta e os golpes da ferramenta que tinha na mão. Desci a escada a correr, fui buscar à cozinha o meu boné, que lá deixara, e saí pela porta das traseiras a caminho da montanha.

Quando me virei para trás avistei a mancha clara do seu avental; ela corria pela estrada em minha perseguição, mas tão silenciosamente que ouvia nitidamente o rumorejar das árvores. Estaquei paralisado pelo terror, as pernas como cepos fin-

cados no chão. Marged então gritou qualquer coisa e o seu grito libertou-me e segui a correr.

Foi uma corrida louca sobre moitas e rochas, atravessando prados e terras de cultura, pulei sebes, saltei sarças sem parar, quase sem alento, até que as minhas pernas se recusaram a continuar, a minha boca se abriu e o ar se avermelhou à minha volta sentindo-me exausto de energia, até que no alto da montanha caí redondo com a cara de encontro ao mato rasteiro no meio de carneiros que repousavam e ergueram os focinhos quando caí e logo voltaram à primeira posição.

Logo a seguir os carneiros levantaram novamente os focinhos mas então pusem-se em correria pela encosta abaixo. Marged acabava de surgir por cima da sebe comprimindo o peito com as mãos e uma respiração que chegava até mim como um rasgar de panos. Procedia como se estivesse embriagada. Encostou-se a uma rocha batendo com a cabeça na pedra. O vento trazia até mim o ruído das pancadas continuadas e o seu choro.

Dirigi-me a ela a tremer de cansaço e procurei afastá-la do rochedo. Toda dobrada batia com a cabeça na pedra com violência; quando a puxei caiu a meu lado arrastando-me com ela.

— Owen — dizia, Owen.

— Está calada. Dorme. Faz por dormir. Owen não demora nada, ouviste? — apressei-me eu a dizer.

— Se ele vier, durmo, sim — concordou ela, e de facto adormeceu, não num sono normal, mas como o de uma pesosa morta.

No vale reinava uma escuridão espessa, apenas com uma luz na granja. A Lua ainda não estava suficientemente alta para inundar a montanha com o seu clarão. Não tinha dúvidas de que morreríamos de frio se nos demorássemos ali mais tempo; por isso acendi uma fogueira com uns gravetos e cobri Marged o melhor que pude. Em poucos minutos a fogueira estava a irradiar um bom calor. Coloquei Marged num sítio em que pudesse beneficiar do agradável calor e dirigi-me a casa de Gwil à procura de auxílio.

Quando eu descia a encosta no escuro ouvi novamente os seus gritos, que tiveram o poder de acelerar mais a minha marcha. Mais abaixo, vi Gwilym, com alguns homens, todos munidos de lanternas, que batiam as moitas e metiam as lanternas por baixo das sebes. Gritei, mas o vento levava a minha voz para o lado oposto e só me ouviram quando cheguei quase ao pé deles e Gwilym deixou cair a sua lanterna para correr para junto de mim.

Ele e quase todos os companheiros começaram a subir a montanha por dois lados; um deles levava-me aos ombros, um grande mineiro que devia ter vindo directamente da mina pois que estava negro e cheirava fortemente a carvão e a fumo. Chegámos lá acima quase ao mesmo tempo que o outro grupo porque eu conhecia o caminho e Gwil e os restantes subiram pelo pior caminho e tiveram de o percorrer quase todo a correr rodeando o local onde a fogueira ardia.

Para além da sebe, na direcção do fogo, pusemo-nos todos a correr. Os dois homens que primeiro lá chegaram lançavam gritos e procuravam apagar a fogueira pisando-a e afastando os gravetos com os bonés. Quando Gwil chegou, ao ver o que se passava, começou a gritar e correu a lançar-se nas chamas, no que foi impedido por outros homens que o procuraram afastar e lutaram com ele para o manterem subjugado.

Outros homens rodeavam a fogueira embargando-me o passo e procurando apagá-la. Num momento em que procuraram defender-se do calor e se afastaram um pouco, pude vê-la.

Marged jazia sobre a fogueira e ardia desfazendo-se em fumo.

Desci dos ombros do mineiro e, virando-me, olhei o que me rodeava, para a escuridão do vale e depois ergui os olhos ao céu. Por trás de mim ouvia o choro

e as exclamações de dor de Gwil, um reclamar misturado com o estalido dos gravetos que ardiam, o som de calçado forte repercutindo-se no chão e sobre tudo o ruído do vento.

Afastei-me a caminho de casa num andamento normal ladeira abaixo em nada pensando e vendo pouco. Quando cheguei a casa entrei pelo quintal e no silêncio que reinava vi luz no barracão e compreendi que Owen estava a trabalhar. Fui ter com ele. O suor inundava-lhe a cara, mas os seus olhos brilhavam alegremente quando me viu e dirigiu os seus olhares depois para a máquina.

— Chega aqui, rapazinho — disse ele. — Estás a perder bocadinhos de ouro. Dá-me cá a número três.

Retirei a ferramenta marcada com o número três da prateleira e dei-lha, mas ao pensar na desgraçada Marged comecei a chorar. Owen, porém, estava demasiadamente ocupado com a máquina para reparar nas minhas lágrimas.

— Agora — recomendou ele — excita o motor, que eu vou pô-lo a trabalhar. Huw, meu velho, estás a participar num momento histórico. Atenção agora.

Introduziu a manivela e eu fiquei atento com a lata do álcool em acção de o derramar.

— Muita atenção agora — preveniu ele.

Derramei o álcool misturado com as minhas lágrimas, mas Owen movia nesse momento a manivela fazendo a máquina trepidar a cada volta. Ela agora trepidava cada vez mais rapidamente apesar de ele ter cessado de dar à manivela, pois que a tinha puxado desembaraçadamente; olhava-a agora fixamente como se pretendesse fazê-la mover apenas pela sua força de vontade. Rapidamente as explosões foram tornando-se mais frequentes até que no barracão parecia rugir uma tremenda tempestade tudo estremecendo e dando motivo a que os meus maxilares se entrechocassem.

A máquina trabalhava. Resultado de esforços de alguns anos, a máquina por fim funcionava.

Owen não se cansava de olhar. Depois atirou a manivela para um canto do barracão e começou uma dança fantástica, com os joelhos muito elevados, acompanhada de gritos que de resto mal ouvíamos.

Nisto abriu-se a porta de empurrão e meu pai entrou de olhos escancarados de Owen para a máquina. Bron e minha mãe entraram a seguir e bem assim alguns vizinhos, muito surpreendidos com o barulho que a máquina fazia, e alguns também cheios de receio, mudos de espanto. Meu pai olhou para mim a sorrir mas eu continuava a chorar e nada extinguiu as minhas lágrimas porque no meu espírito mantinha-se a imagem de Marged sobre a fogueira.

Minha mãe correu para mim afastando Owen para o lado ao mesmo tempo que lhe dizia que fizesse parar a máquina e meu pai levou-me para a cozinha, mas minha mãe tomou-me nos seus braços e pôs-me ao colo e sentou-se junto do fogão. Senti então os seus braços apertarem-me e o calor dos seus beijos enquanto dizia amorosamente:

— Não chores, meu filho. Eu fui a culpada. O cesto era muito grande e o caminho muito longo. O teu pai preparava-se para sair à tua procura. E afinal estavas no barracão, no meio daquele chinfrim infernal, enquanto eu estava cheia de aflicção ao pensar que te tivesses perdido na montanha.

— Minha mãe — disse eu através das lágrimas, que não paravam. — Marged está queimada.

Os meus pais fitaram-se e os olhos deles velaram-se.

— Que estás a dizer, meu filho? — dirigiu-se a mim e ajoelhou-se a meu lado.

— Marged está queimada — repeti — e os companheiros de Gwil, que não faz senão chorar, subjugaram-no no chão.

— Oh, meu Deus — exclamou minha mãe. — Vai tu, Gwil, vai depressa. Owen, vai dizer aos teus irmãos para acompanharem o pai, Angharad, vai chamar o médico.

Deram-me um caldo e caí logo no sono.

Durante semanas o silêncio reinou na nossa casa. Owen e Gwil estavam ausentes, não se sabia para onde tinham ido, e minha mãe vivia numa aflição permanente por esse motivo. O doutor veio a nossa casa, ouviu-me acerca de tudo o que se tinha passado naquela noite, fez um relatório, e foi a última vez que se falou no caso. Nunca mais se pronunciou em casa o nome da pobre Marged mas conservei-a muita vez no pensamento.

A minha ida para a escola foi uma decisão tomada numa noite em que meu pai tinha regressado do barracão onde estivera a ver a máquina, limpa e brilhante devido aos meus esforços.

— Se fosses capaz de ir à cidade todos os dias começarias a frequentar a escola amanhã — afirmou ele pensativamente. — Estás a desperdiçar o teu tempo com esta máquina.

— Há já semanas que te pergunto para onde queres mandar a criança — atalhou minha mãe.

— Para a escola nacional, no outro lado da montanha — informou meu pai —, até que se resolvam a construir uma aqui. Afinal não é muito longe para ele, e anda a perder tempo aqui pela casa.

— Escola nacional? — duvidou minha mãe. — Não penses nisso. Nenhum filho meu se sentará nos bancos de qualquer escola nacional. Conheço alguma coisa a respeito delas.

— Então onde poremos o pequeno? — redarguiu meu pai. — Os outros tinham capacidade física para tratar de si próprios sem grandes complicações.

— Não me digas que o pretendes censurar pela sua fraqueza — observou minha mãe. — Se pensas assim melhor seria que particularmente mo tivesses dito.

— Que ideia é essa? — reagiu meu pai. — Que estás a pensar? Não pretendo nada disso. Mas se ele não for para a escola do lado de lá da montanha, para onde irá?

— Mas é indispensável que ele frequente a escola?

— Absolutamente indispensável, Beth — respondeu meu pai levantando-se como se quisesse encerrar a questão. — Como terá possibilidade de fazer uma carreira na vida se não frequentar uma escola capaz?

— A escola nacional tem uma coisa de que nunca gostarei — concluiu minha mãe. — Mas enfim, se não pode deixar de ser, está bem. Seja a escola nacional.

E na manhã seguinte, acompanhado de Bron, transpusemos a montanha e dirigimo-nos à escola nacional. O caminho que seguimos não era o que habitualmente tomávamos; antes somente duas vezes estivera naquele vale, onde estavam instaladas as forjas, tudo com um aspecto ainda mais sujo do que no nosso lado.

A cidade crescia um pouco todos os dias. Filas e filas de casas eram edificadas, e eram imediatamente ocupadas, sem o cuidado de se construir uma estrada ou mesmo um caminho que lhes desse acesso. Quase em cada esquina instalava-se uma taberna, qualquer delas com bastantes fregueses àquela hora matinal, mas também se viam algumas capelinhas brancas e também àquela hora com fiéis lá dentro. Tanto eu como Bron gostávamos do aspecto das lojas, pois eram maiores e mais bem fornecidas de artigos do que as duas que existiam na nossa vila; por isso, antes de seguirmos para a escola, perdemos um certo tempo a observá-las.

ENTRAR numa escola pela primeira vez para a frequentar é como ir ao dentista para arrancar um dente. Naquela manhã teria dado tudo para ser mosca ou outro insecto qualquer, uma coisa sem língua nem mãos. Mas Bron acompanhava-me e eu não tinha outro remédio senão segui-la. Passámos pela frente do

grande edificio amarelo comprido, de janelas estreitas, que era a escola e entrámos. Dentro fazia escuro e cheirava a giz.

O senhor Motshill era um inglês de grande estatura, pernas delgadas, colarinho de goma alto; tinha umas fartas suíças louras, não usava bigode e a sua cabeça era calva.

Precisamente quando entrávamos saía ele do seu gabinete.

— Procura alguém? — perguntou em inglês como se estivesse a ser estrangulado.

— Não precisamente — respondeu Bron. — Este pequeno é meu cunhado e os seus pais querem que ele frequente esta escola.

O senhor Motshill interessou-se então por saber quem era meu pai, o que fazia, quanto podia pagar e coisas afins. Bron respondia com correcção; o seu rosto alvo estava mais branco ainda que habitualmente, mas eu sabia que se ela olhasse para mim começaríamos a rir como loucos e o caso da escola seria um fracasso.

— Muito bem, pequeno Morgan — concluiu o senhor Motshill, apertando-me a cara entre os seus dedos, todo curvado sobre mim, de forma que eu sentia em cheio o cheiro de rapé que dele se desprendia —, queres então ficar connosco, não é verdade?

— É sim senhor — respondi.

— Então amanhã de manhã traz dinheiro para a mensalidade, para comprar livros assim como lápis e penas. Examinar-te-ão para se saber quais são os teus conhecimentos e por aí se deduzir qual a classe que frequentarás. Quantos são catorze vezes dezoito?

Inclinou-se para mim e a sua voz irrompeu pelos meus ouvidos. Os óculos tornavam os seus olhos ainda maiores tão perto da minha cara. Teve graça porque notei neles uma série de riscos vermelhos.

Para mim não fazia sentido uma pergunta como aquela porque eu tinha uma grande prática de números em que me exercitara desde a época em que comecei a andar.

Dei uma resposta acertada e ele endireitou-se mas relutantemente.

— Sim — disse ele. — Está bem, mas devias dizê-lo em inglês. A senhora deve comunicar aos pais que aqui, na escola, só se fala inglês. É absolutamente interdito o uso de qualquer dialecto. Inglês, por favor, sempre inglês. Até amanhã.

Retirou-se e eu e Bron ficámos no vestibulo. Ouviam-se crianças, numa cadência monótona, a entoar a tabuada. Bron seguiu com os olhos o senhor Motshill até ele desaparecer num cotovelo que fazia o vestibulo e voltou-se bruscamente tomando o caminho da saída batendo com as portas numa potente manifestação de ira.

— Que tens, Bron? — perguntei-lhe.

— Não ouviste o que ele disse? Tens de falar inglês. Que dirá o teu pai? Nunca consentirá que venhas para esta escola. Vais ver.

— Então isso originará complicações lá em casa.

— Que complicações, rapaz? — perguntou Bron, em plena rua enquanto as pessoas que passavam a olhavam porque ela era muito bonita.

— Entre o pai e a mãe. Estarão sempre em desacordo acerca desse assunto e eu continuarei a andar ali por casa o dia inteiro. Mas se tu nada contares lá em casa a respeito dessa exigência da escola todos a ignorarão e eu poderei frequentar a escola e reinará a paz entre o pai e a mãe.

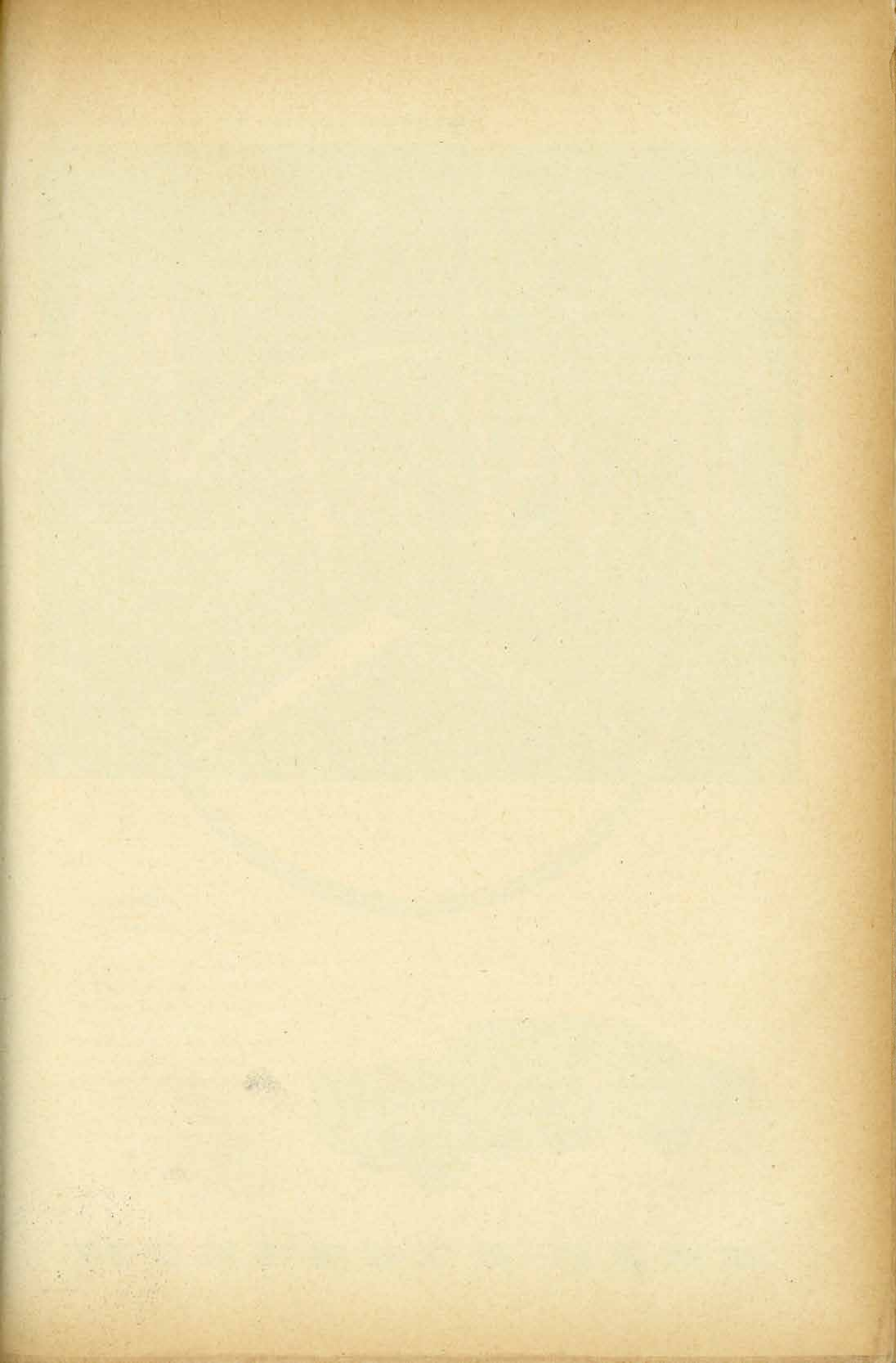
Bron, com as mãos na cintura, olhou para mim, depois para a biqueira do sapato e outra vez para mim.

— Tens razão, grande homem — observou ela, e deu-me um beijo. — Então para a escola. Mas se esse velho cabeçudo te obrigar a falar inglês quando quiseses falar galês não deixes de mo contar.

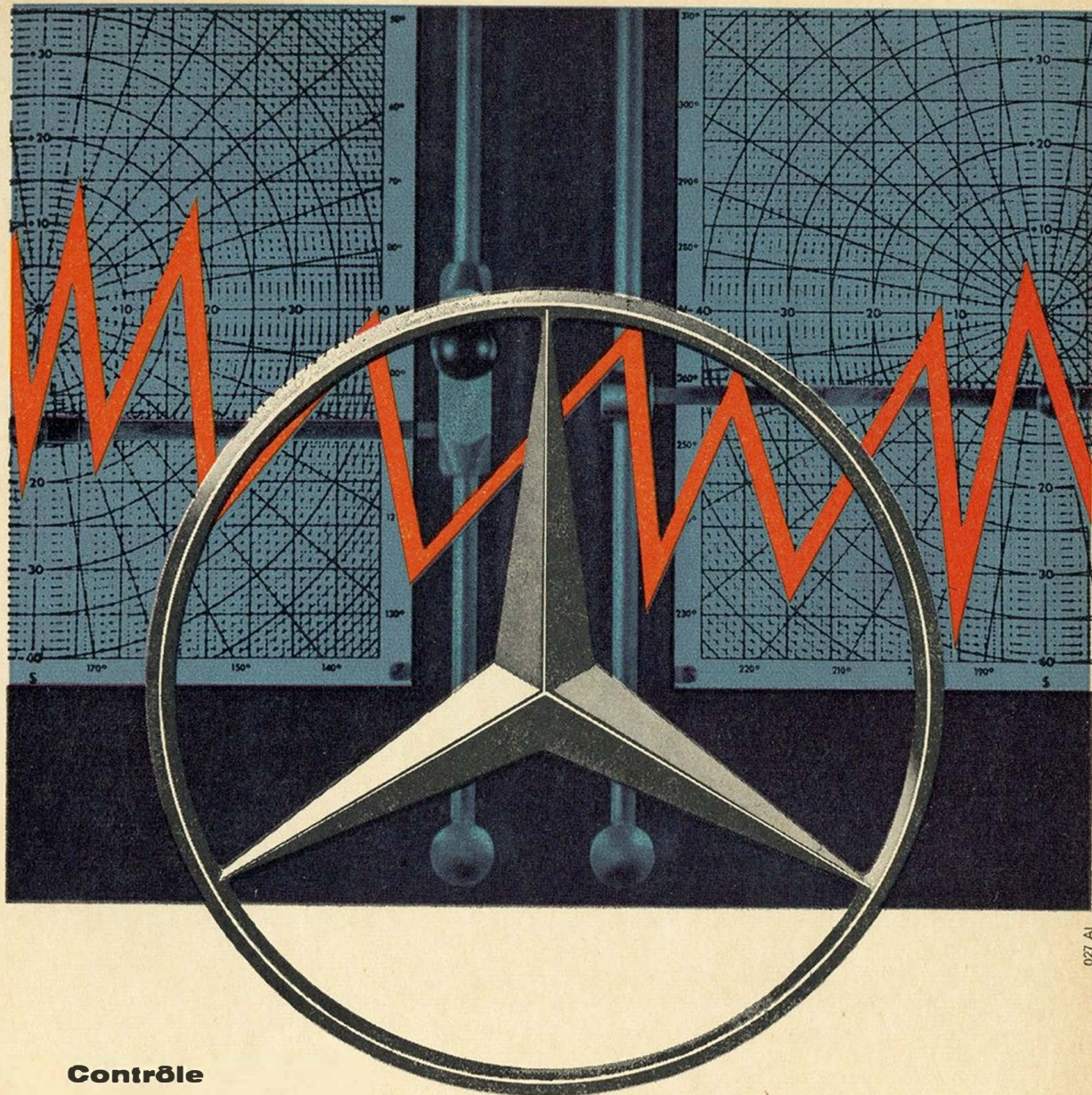
— Que farás tu depois? — perguntei olhando bem para a sua cara.

— Que farei? — perguntou Bron apertando a boca e cerrando os olhos. — Atirá-lo-ei da mesa dele abaixo e dar-lhe-ei uma palmada naquela reles careca.





Qualidade - e o que está por detrás dela



027 AI

**Contrôle
consciencioso**

Um milímetro é demasiado quando a sua segurança está em jogo. Todos os componentes importantes de cada Mercedes-Benz são controlados ao centésimo de milímetro. Sômente aquilo que, depois de um contrôle consciencioso, funciona com perfeita precisão pode ser considerado como bom para um Mercedes-Benz. Eis a razão por que podem ter confiança nele - durante anos.



M E R C E D E S - B E N Z

**EXCURSÃO
DE LUXO
DE FREDERIC
WAKEMAN**

**ONDE
OS GRANDES
DA TERRA,
CONTRÀRIAMENTE
AO QUE
SE SUPÕE,
SE DIVERTEM
LARGAMENTE,**

**EDITORA
ULISSEIA**